



Yi Esaikāp

Plano de Gestão
Territorial e Ambiental
da Terra Indígena
Andirá-Marau
Povo Sateré-Mawé

Yi Esaikāp

Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Andirá-Marau Povo Sateré-Mawé

Centro de Trabalho Indigenista

2023

Sumário

Lista de mapas	5
Apresentação	6
Os Sateré-Mawé.....	9
Como foi feito o PGTA	19
Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Andirá-Marau	34
Nosso território	37
Cultura	71
Política	93
A mata e a roça	111
A caça	157
A pesca	171
Comercialização da produção	187
O atendimento à saúde	207
Educação escolar	229
Como vamos implementar o PGTA	253
Anexo 1 – Histórico da demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau	258
Anexo 2 – Lista de agentes ambientais sateré-mawé.....	270
Anexo 3 – Lista de plantas e animais registrados no contexto de elaboração do PGTA.....	273
Crédito das imagens	279
Lista de siglas	287
Referências bibliográficas.....	291

Lista de mapas

Comunidades Pólo Base de Saúde.....	21
TI Andirá-Marau – Infraestrutura e dinâmica territorial	48
TI Andirá-Marau – Títulos minerários	50
TI Andirá-Marau – Ordenamento territorial.....	52
TI Andirá-Marau – Limites e marcadores	52
Pressões e ameaças	57
TI Andirá-Marau – Religiões e rituais	80
Focos de queimadas	138
TI Andirá-Marau – Waicurapá	142
TI Andirá-Marau – Baixo e Médio Andirá.....	144
TI Andirá-Marau – Alto Andirá	146
TI Andirá-Marau – Cabeceira do Andirá	148
TI Andirá-Marau – Alto Marau e Miriti.....	150
TI Andirá-Marau – Baixo e Médio Marau	152
TI Andirá-Marau – Urupadi e Manjuru	154
TI Andirá-Marau – Comunidades com produtores do CPSM.....	200

Apresentação

O povo Sateré-Mawé sempre respeita a Mãe Terra. Foram construídos procedimentos para não destruir os solos, os rios, as florestas, os animais, o ar. Essas regras nunca foram escritas no papel, porém foram gravadas na nossa memória. Antes o povo Sateré-Mawé habitava numa extensão muito grande de terra, sem limites demarcados, por isso os não indígenas invadiam nossas terras com muita facilidade, aproveitando-se das riquezas materiais do solo e dos rios, não respeitando a vida e a cultura do povo Sateré-Mawé.

Foi a partir daí que o povo Sateré-Mawé lutou pela demarcação de sua terra e, a partir da demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau, o povo Sateré-Mawé passou a habitar dentro de uma terra delimitada. Com mais segurança, a população começou a crescer, porém a extensão da terra continua do mesmo tamanho. E se não houver bastante cuidado com essa terra demarcada os recursos podem ir acabando. Para cuidar bem do solo, da água, do ar, da fauna e da flora, é necessário que os habitantes do território façam um planejamento bem elaborado, que chamamos de “Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)”.

Para elaborar o PGTA da Terra Indígena Andirá-Marau foram realizadas reuniões de mobilização em toda Terra Indígena, como também cursos de formação para os agentes ambientais Sateré-Mawé, seis expedições de mapeamento e diagnóstico e duas reuniões devolutivas, uma na região do Marau e outro na região do Andirá. Nesse processo, nós desenvolvemos os trabalhos, e o papel do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) foi o de organizar e sistematizar todo material produzido pelos Sateré-Mawé. Durante todo esse processo foram encontrados muitos recursos naturais intactos, mas também descobrimos a destruição das matas, a invasão da terra pelos regatões e barcos de linha poluindo as águas dos rios, e a nossa cultura muitas vezes desrespeitada. Por isso que elaboramos o PGTA, porque seguimos defendendo a TI Andirá-Marau e a qualidade de vida do nosso povo.

Tuxaua Bernardo Alves e Jeferson Santos dos Santos

Henoi Hap

Satere-Mawe Ywania ti sa'awy'ite pyi ti ra'yn tuwe'yi erohik hamuat seko ko'i toi'atu'ama'am, aikotan ta'atu'e pote yt te'eromikyry'i wo'i torania ĵeiġ ne'en haria ete ma'ato ti mi'i toiġne'en yt popera pe'i, i'atu pyhu pe sese ne'i. l'ewyte meke turan yt mipopy kyryp yi pe'i Satere-Maweria tukupte'en mi'i turan sēse ahiaġpot'uria tuwehyt'ok- wehyt'ok Maweria kupte'en hap yi pe, yt ta'atu montypot ira'yn Satere-Mawe Ywania e'yi wuat, iwat iwepotpāp hamuat yn. Yi tek piat ne'i ra'yn urutukupte'en hawyi urutemontypy'i kuap wen ma'ato urue'yi aikotan me kuap'i



Casal perto da comunidade Livramento, Alto Marau, 2019.

ra'yn temowato, yi pyhyp wiat kat ko'i-kat ko'i mōt pe kahuro kuap i'atu kahato ra'yn mi'itan hap ko'i ewaka hamo Satere-Maweria tunuḡ ta'atue Yi Andira- Marau erohik kuap po'oḡ hamuat popera PGTA. Meikowat popera Yi esaikāp nuḡ hamo ti minuḡ Satere-Maweria porekuaria atunuḡ hap ko'i motpāp ehay enoi hot'ok wuat hamo, Yi ewapy epiok hat wuaria atumū'e hap, 6 sok Yi Andira-Marau ewapy epiok hap Yi ĵa'aḡkap sat hap, kotā ti sio toiḡne'en ahe'yi ehamuat. Yi Andira-Marau miewapy epiok yne ra'yn hawyi minuḡ typy we'atunuḡ wato hap ko'i, Satere-maweria porekuaria atunuḡ hap aikotā-aikotā mesuwat ahe'yi piat hap ko'i atumoherep hamo, mi'i ko'i etiat enoi-enoi hamo, wentup Vila Nova II Marau hy tote, wentup tawa Simão Andirá hy tote. Torania motpāp ko'i ti Satere-Maweria tira'yn inuḡ mi'itā tupono ti CTI, Satere- Maweria powyra hat wo sēse toiḡne'en, katupono Satere-Maweria yt minuḡ kuap'i ko'i nuḡ hat wo toiḡne'en meḡewat motpāp esaikāp we.

Satere-Mawe ywania e'yi Andira-Marau ewapy epiok hap kaipyi mi'atu puenti-puenti ḡa'apy koro ko'i, yahiḡ ko'i, miat kupte'en hap ko'i, piraria kupte'en hap ko'i i'ewyte mipuenti yi tek hap anam hap, karaiwa'in weroky kahato hap, Satere Mawe ywania mierut rī ko'i yt atu montypōt'i ra'yn hap, iwato kahato karaiwa'in piat Satere-Mawe ywania e'yi, seko ko'i yt montypōt'i hap ko'i. Mi'itā tupono meiko popera aiwat aheine'en hap ahe'yi kawiano kuap po'oḡ hamo waku rakat.

O primeiro contato com os brancos deu-se em 1669 quando os jesuítas portugueses fundaram a Missão dos Tupinambaranas. Há notícias de que em 1698 seus ancestrais viviam entre os rios Abacaxis e Andirá, na região do rio Maués-Açu³. Posteriormente, em 1762, eles se encontravam abaixo das cachoeiras do rio Tapajós. Em 1796 instalou-se um núcleo nas ilhas Tupinambaranas com os Maués e Sapupés, que originou a cidade de Parintins⁴. Em 1798 foi fundada a Vila de Luseia, hoje cidade de Maués, onde moravam os Maués⁵, e em 1823 foi fundada a Vila de Itaituba, com a presença dos Maués⁶. Os viajantes europeus relatam que a partir do século XVIII houve grande redução do território ocupado pelos antepassados dos Sateré-Mawé, coincidindo com passagens da história oral desse povo.

Também há notícias de que desde tempos imemoriais os Mawé e os Munduruku viviam no Tapajós como inimigos de guerra, tendo feito a paz no início do século XIX⁷. Posteriormente, de 1835 a 1839, na insurreição nativista Cabanagem, os cabanos contaram com a aliança dos Sateré-Mawé, dos Munduruku, dos Mura e de povos indígenas do rio Negro.



Retrato de Mauhé, entre 1817 e 1820.

Vale informar os inúmeros nomes do povo Sateré-Mawé registrados em documentos da Coroa Portuguesa, dos jesuítas sediados na Amazônia, de viajantes europeus, de cronistas expedicionários e pelos exploradores das drogas do sertão. São eles: Maooz, Mabué, Mangués, Manguês, Jaquezes, Maguases, Mahués, Magués, Mauris, Mawé, Maraguá, Mahué, Magueses, Andirazes⁸.

Os Sateré-Mawé referem-se a seu lugar de origem como *Nusoken*, lugar da morada dos seus heróis míticos, localizado na margem esquerda do Tapajós, numa região de floresta densa e pedregosa, “lá onde as pedras falam”. Segundo o Mito do Guaraná, nessa região encontravam-se as plantas e os animais que deram origem aos clãs

³ Bettendorf, 1910, p. 36.

⁴ Arthur C. F. Reis, 1967, p. 9.

⁵ Octaviano Mello, 1967, p. 85.

⁶ Curt Nimuendaju, 1948, p. 246.

⁷ Idem.

⁸ Nunes Pereira, 1954, p. 15-16.

e que forneciam recursos naturais em abundância para o bem viver, devendo corresponder ao território dos antepassados dos Sateré-Mawé.

Este povo organiza-se socialmente em clãs, os *ywanias*. Os Sateré-Mawé traduzem os *ywanias* como nações, que orientam os casamentos entre indivíduos de diferentes clãs. São eles: *sateré*: lagarta-de-fogo; *waraná*: guaraná; *akuri*: cotia; *waça'i*: açai; *mói*: cobra; *hywi*: gavião; *gap*: caba; entre outros. Os diferentes clãs se unificam no *Womat*, que os Sateré-Mawé traduzem como Festa da Tucandeira, ritual que marca a passagem dos meninos para homens, em que são entoados cantos que relatam os mitos com as *sehay pot'iria*, ou seja, as belas palavras.

A história remota dos Sateré-Mawé está escrita no *Puratig* (traduzido como Porantim), um objeto sagrado que se assemelha a uma clava de guerra ou remo, onde os antigos gravaram com símbolos em baixo-relevo recobertos por tabatinga, de um lado, o Mito da Origem e, de outro, o Mito da Guerra.



Tuxaua Manoelzinho Michiles
com o Porantim, Cristina e
Colombo, rio Marau, início
década de 1980.



Cachos de guaraná, rio Marau, 2017.

Os Sateré-Mawé são inventores da cultura do guaraná: transformaram uma trepadeira silvestre da família das Sapindáceas, nativa das terras altas da bacia do rio Maués – a *Paullinia cupana Kunth var. sorbilis (Mart.) Ducke* –, em arbusto cultivado, introduzindo seu plantio e beneficiamento. O evento da domesticação da planta, com a criação da agricultura, tem sua autoimagem sustentada no Mito da Origem, segundo o qual os Sateré-Mawé são filhos do guaraná, o *warana*. No ritual do *Wará* bebe-se o

çapó, bebida feita com o *warana*, seguindo um conjunto de preceitos, propiciando que o *Wará* – o princípio do conhecimento – abra as mentes, transmitindo as belas palavras, os bons conselhos e os conhecimentos dos antigos. A leitura do *Puratig*, os rituais do *Womat* e do *Wará* formam uma tríade que distingue os Sateré-Mawé, fundamentalmente, dos outros grupos Tupi.

Os Sateré-Mawé consideram-se indígenas do “centro”, como eles próprios falam. Até as primeiras décadas do século XX, escolhiam lugares preferencialmente nas regiões centrais da mata, próximos às nascentes dos rios, para implantarem suas aldeias e sítios. Nessas regiões os mais velhos contam que a caça era abundante, encontravam grande quantidade dos “filhos do *warana*” e de palmeiras como açaí, tucumã, pupunha e bacaba, que sazonalmente compõem em sua dieta alimentar.

O *warana*, invenção por excelência da cultura sateré-mawé, é também o produto comercial que obtém o melhor preço no mercado. É possível pensar que a vocação para o comércio demonstrada pelos Sateré-Mawé se relaciona com a grande importância do *warana* em sua organização socioeconômica e política. A primeira descrição do guaraná e de sua importância para os Sateré-Mawé data de 1669, ano que coincide com o primeiro contato com os brancos: “têm os Andirazes em seus matos uma frutinha que chamam de guaraná, a qual secam e depois pisam, fazendo dela umas bolas, que estimam como os brancos o seu ouro, e desfeitas em uma pedrinha, com que vão roçando, e em uma cuia de água bebida, dá tão

grandes forças, que indo os índios à caça, um dia até o outro não tem fome, além do que faz urinar, tira febres e dores de cabeça e câibras”⁹.

A partir do século XIX, a região onde habitavam os Sateré-Mawé vive o ciclo das drogas do sertão, seguido pela extração da seringa. Já no século XX, a expansão econômica das cidades de Maués, Barreirinha, Parintins e Itaituba ocorre a partir da abertura de fazendas, garimpos, e da extração de madeiras nobres e do pau-rosa, pressionando o território tradicional dos Sateré-Mawé. A partir da década de 1950, o excedente da produção indígena composta basicamente de farinha de mandioca e bastão de guaraná é dominado pelo sistema econômico dos regatões.

Historicamente, o comércio do *warana* sempre foi intenso na região de Maués, devido às suas propriedades medicinais como estimulante, regulador intestinal, antiblenorrágico, tônico cardiovascular e afrodisíaco.

Na década de 1970, o *warana* era conhecido por sua excelência e era chamado de “guaraná das terras”, e, no início da década de 1980, impulsionado pelo processo de demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau, os Sateré-Mawé do rio Marau juntamente com o CTI instalaram “cantinas” para comercialização autônoma dos bastões de *warana*. A experiência de comercialização regional (Maués e Manaus) foi positiva e surtiu resultados na quebra do sistema econômico dos regatões como a única alternativa da comercialização dos produtos indígenas. No entanto, passados seis anos de funcionamento observou-se que as cantinas não se autossustentavam, sendo necessário buscar parceiros no mercado internacional, capazes de pagar o valor agregado do *warana*, *copyright* dos Sateré-Mawé, diferenciando-o da produção do guaraná dos não indígenas na região do Médio Amazonas. Os Sateré-Mawé manejam as matrizes e beneficiam os frutos de acordo com um conjunto de práticas e saberes que são passados de geração em geração, garantindo assim a excelência do *warana*.

A demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau

Em 1978, no início do processo de demarcação da TI Andirá-Marau, as aldeias, roças, cemitérios, territórios de caça, pesca e coleta situavam-se na região banhada pelos rios Andirá, Urupadi, Marau, Manjuru e Miriti e seus igarapés. Esse território é considerado pelos Sateré-Mawé como seu, apesar de compreenderem que essa extensão territorial abarca uma pequena parcela do que havia sido seu

⁹ Padre João Felipe Betendorf S. J., 1669.

território tradicional. Os mais velhos tinham conhecimento de que, apesar dos sucessivos confrontos com os brancos, os Sateré-Mawé souberam manter parte privilegiada de seu território – a área das terras altas onde floresce o *warana*.

Em 1981, durante o processo de demarcação da TI Andirá-Marau, resguardada por um contrato de risco com a Petrobras e sem autorização dos Sateré-Mawé, a empresa estatal francesa Elf-Aquitaine realizou levantamento sismográfico nesse território indígena, abrindo 200 km de picadas e clareiras para pouso de helicópteros. Em 1982, após convênio com a Petrobras e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a empresa retornou à área sateré-mawé. Os Sateré-Mawé, junto com o advogado Dr. Dalmo Dallari, e auxiliados pelo CTI, entraram com uma ação de Interdito Proibitório contra a Elf-Aquitaine, além de cobrar indenização pelos danos causados, processo ganho pelos Sateré-Mawé em 1984¹⁰.

Foi devido à luta incansável do Tuxaua¹¹ Geral do Andirá Donato Lopes da Paz, do Tuxaua Geral do Marau Emílio Tibúrcio, do Tuxaua Manoelzinho Michiles do Marau e de Raimundo Ferreira da Silva, o Dico, que a TI Andirá-Marau teve seu processo de demarcação concluído. A TI Andirá-Marau foi homologada em 1986, registrada no Cartório de Registro de Imóveis (CRI) e na Secretaria de Patrimônio da União (SPU), tendo 788.528,393 ha, nos municípios de Barreirinha e Maués, no estado do Amazonas, e nos municípios de Parintins, Aveiro e Itaituba, no estado do Pará. Cabe destacar que a TI Andirá-Marau tem áreas de sobreposição com o Parque Nacional da Amazônia (11%) e com a Floresta Nacional de Pau-Rosa (3%). (**Anexo 1** – Histórico da Demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau).

Histórico do processo organizativo sateré-mawé para a gestão territorial e ambiental

Em 15 de setembro de 1987 foi fundado o Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGTSM), sob a liderança do Tuxaua José Miquiles (Zuzu), com o propósito de organizar a saúde e a educação diferenciadas, e a produção dos Sateré-Mawé. A partir de então os Sateré-Mawé criaram suas organizações: Organização dos Professores Indígenas (OPISM), Organização dos Agentes de Saúde Indígenas Sateré-Mawé (OASISM), Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (AMISM), voltadas para desenvolver o “Projeto Integrado de

¹⁰ Lorenz, Sônia da Silva, 1992.

¹¹ Tuxauas é como os Sateré-Mawé definem os chefes políticos.

Etnodesenvolvimento do Povo Sateré-Mawé – Projeto Waraná”¹². O CGTSM faz parte da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) desde sua criação, em 1989.

A partir de 1993, o CGTSM e a Associação de Consultoria Indianista da Amazônia (ACOPIAMA) passam a buscar canais para exportar o guaraná, o que se concretizou em 1995, para a Itália, impulsionando o projeto de etnodesenvolvimento dos Sateré-Mawé, como detentores do guaraná por excelência, em nível internacional. A partir de 2001, a rede de Comércio Justo e Solidário Internacional passou a exigir a certificação de todos os produtos orgânicos, o que vale para o guaraná e demais produtos comercializados pelos Sateré-Mawé, como os óleos de copaíba, andiroba e cumaru.

Os tratos ambientais que esse tipo de comércio passou a exigir proporcionaram a revitalização de um conjunto de práticas agrícolas tradicionais dos Sateré-Mawé, como os plantios de guaraná em áreas consorciadas. Essas exigências introduziram as certificações orgânicas dos produtos sateré-mawé como o guaraná em pó, própolis, mel de abelha, e os óleos de copaíba, andiroba e outros produtos, com a marca *Nusoken*.

Em 19 de dezembro de 2009, nasceu o Consórcio de Produtores Sateré-Mawé (CPSM) na comunidade Ilha Michiles, no rio Marau, em Assembleia presidida pelo Tuxaua Colombo Michiles, ativo participante das cantinas para comercialização autônoma do *warana* nos anos 1980, em parceria com o CTI. O CPSM é a 4ª Secretaria do CGTSM, possuindo estatuto, regimento interno e conselho administrativo próprios, CNPJ e conta bancária, voltado para viabilizar comercialmente o “Projeto Integrado de Etnodesenvolvimento do Povo Sateré-Mawé – Projeto Waraná”¹³.

Em março de 2010, o CPSM obteve senha no Sistema de Comércio Exterior (SISCOMEX), transformando-se na primeira organização indígena brasileira a exportar produtos de agrossilvicultura, especialmente o *warana*.

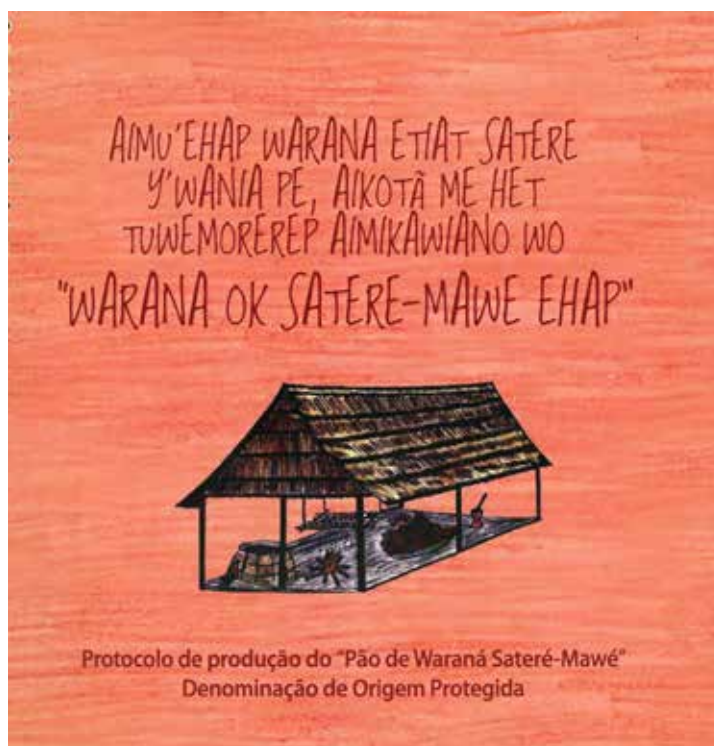
O “Protocolo de Produção do Pão de *Waraná* Sateré-Mawé – denominação de Origem Protegida” foi editado em 2010 pelos parceiros do CPSM no ambiente do Comércio Justo e Solidário Internacional: Slow Food e Regione del Veneto,

¹² Projeto Integrado de Etnodesenvolvimento do Povo Sateré-Mawé da Terra Indígena Andirá-Marau/Projeto Waraná, Obadias Batista Garcia, sem data.

¹³ Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé. Disponível em: <<http://www.nusoken.com>>. Acesso em: mar. 2023.

descrevendo as características tradicionais da produção do *warana*.

Em junho de 2011 a Coordenação de Incentivo à Indicação Geográfica de Produtos Agropecuários, financiada pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), criou um grupo de estudo constituído pelo Instituto Nacional de Proteção Industrial (INPI), FUNAI, ACOPIAMA e CPSM, iniciando o processo para formalização pelo INPI do reconhecimento da “Denominação de origem do guaraná nativo da Terra Indígena Andirá-Marau”.



Em maio de 2012, o CPSM depositou a marca *Nusoken* para início da comercialização do *warana* em território nacional. No mesmo mês, foi inaugurada em Parintins a unidade de beneficiamento do *warana* dos Sateré-Mawé.

Com o passar do tempo, o conjunto de exigências que as certificadoras passaram a demandar dos produtos orgânicos fez diminuir sensivelmente o número de produtores cadastrados no CPSM, segundo informações do CGTSM¹⁴, caindo de 650 famílias de produtores cadastradas para 336 famílias. Atualmente o CPSM compra guaraná dos produtores sateré-mawé, bem como de produtores ribeirinhos situados nas proximidades da TI Andirá-Marau, exportando em torno de 3 a 4,5 toneladas de guaraná por ano, para a empresa francesa Guayapi Tropical¹⁵.

Em abril de 2012 foi fundada a Livre Academia do Wará (LAW), na presença do *Puratig* e de seu guardião Tuxaua Evaristo Michiles, na comunidade Nova Esperança, rio Marau. A LAW faz parte do CGTSM e tem grande importância para o povo Sateré-Mawé, incorporando o princípio do conhecimento – o *Wará*, da cultura sateré-mawé. O curso de Licenciatura Indígena – Políticas Educacionais

¹⁴ Projeto Integrado de Etnodesenvolvimento do Povo Sateré-Mawé da Terra Indígena Andirá-Marau/Projeto Waraná, Obadias Batista Garcia, sem data.

¹⁵ Idem.

Aula da Livre
Academia do
Wará – LAW,
2018.



e Desenvolvimento Sustentável foi uma conquista da LAW, em parceria com a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), aprovado pelo Ministério da Educação (MEC).

Em outubro de 2020, o INPI finalmente reconheceu a Terra Indígena Andirá-Marau como indicação geográfica (IG) para o guaraná e o pão de guaraná. Trata-se de uma grande vitória do povo Sateré-Mawé, por ser a primeira IG concedida a um povo indígena no Brasil, que conserva em seu território ancestral o guaraná original.

Antecedentes da elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)

Em 2013 foram iniciadas as atividades do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígenas (GATI) na TI Andirá-Marau, com reuniões nas comunidades e eleição dos conselheiros¹⁶. O Projeto GATI buscou apoiar as iniciativas do Projeto Waraná já em curso na TI Andirá-Marau, que nessa época contava com o apoio da Petrobras Ambiental, sendo desenvolvido por uma rede de parceiros: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Instituto Nacional de Pesquisa da

¹⁶ A experiência do Projeto GATI em Terras Indígenas. Núcleos Regionais Amazônia Central/Ocidental e Oriental – GATI/Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena, 2016.

Amazônia (INPA), Secretaria de Produção Rural do Amazonas (SEPROR), Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (IDESAM), Instituto Federal do Amazonas (IFAM). O apoio do GATI ao Projeto Waraná baseou-se na evidência de que o guaraná é o eixo central da gestão territorial e ambiental desse território, além de sua importância para a geração de renda das famílias sateré-mawé.

No âmbito do GATI os Sateré-Mawé acessaram o Programa de Pequenos Projetos (PPP-GATI), com projetos apresentados pelo CPSM em parceria com a UFAM e o IDESAM, nos anos de 2015 e 2016, voltados para o cultivo e conservação do pau-rosa em sistema agroflorestal em diferentes regiões da Terra Indígena, além do fortalecimento da produção em agroecologia. Com apoio do Projeto GATI, foi realizada a 1ª Feira de Troca de Sementes em junho de 2015, na comunidade Simão, no rio Andirá, com auxílio de todas as instituições que vinham apoiando o Projeto Waraná, tendo sido um espaço para troca de experiências do PPP-GATI na TI Andirá-Marau.

As reuniões do GATI nas diferentes regiões da TI Andirá-Marau, nos anos de 2013 e 2014, indicaram os rumos para elaboração participativa do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Andirá-Marau, conforme ficou registrado na publicação “A Experiência do Projeto GATI em Terras Indígenas”:

- Implementar e consolidar iniciativas de geração de renda a partir do manejo, beneficiamento e comercialização de espécies estratégicas para os Sateré-Mawé como guaraná e pau-rosa;
- Desenvolver estratégias de tratamento de resíduos sólidos nas aldeias;
- Fortalecer ações de controle e vigilância territorial com participação indígena;
- Replicar iniciativas de implantação de sistemas agroflorestais e enriquecimento de quintais;
- Repovoamento de pau-rosa nas florestas e quintais da TI Andirá-Marau.

Em setembro de 2014, respondendo a “Chamada Pública de Projetos voltados ao apoio de Planos de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas” do Fundo Amazônia (FAM), durante uma Assembleia com a presença de tuxauas do rio Andirá e do rio Marau, na comunidade Simão no rio Andirá, o CTI apresentou uma proposta para os Sateré-Mawé, para elaboração deste projeto na TI Andirá-Marau, dando continuidade às atividades iniciadas pelo GATI, em parceria com o CGTSM e acompanhamento da Coordenação Regional da FUNAI (CR).

Como foi feito o PGTA

Após as tratativas realizadas em 2014, o fio dessa história continuou a se desenrolar, e foi na primeira semana de outubro de 2017 que, na prática, foram iniciadas as atividades de elaboração do PGTA da Terra Indígena Andirá-Marau. Em Maués aconteceu uma série de reuniões com lideranças sateré-mawé da calha do rio Marau, com a presença dos que eram, naquela época, o presidente do CGTSM, Antônio Tibúrcio; o presidente do CPSM, Sidney Michiles; e o coordenador da Associação dos Tuxauas do Marau, Urupadi, Miriti e Manjuru (TUMUPE), Samuel Lopes.



Reunião de mobilização em Maués, 2017.

Ao término das reuniões foram escolhidas as comunidades estratégicas para sediar as atividades previstas para a elaboração do PGTA e as embarcações que seriam utilizadas, e foi feito um levantamento preliminar do combustível necessário para cada atividade.

Ainda em outubro de 2017 foram realizadas as reuniões em Parintins, para elaboração do PGTA na calha do Andirá e Waicurapá, com a participação do Tuxaua Geral do Andirá, Amado Menezes; de Obadias Batista Garcia, do CGTSM/CPSM; do Tuxaua da comunidade Simão, Lico Lopes da Paz; dos agentes ambientais do GATI, Ismael e Misael Ferreira da Silva; de Sérgio Batista Garcia do CGTSM/CPSM; do professor Lúcio Menezes; do coordenador da Coordenação Técnica Local (CTL) da FUNAI, Sérgio Butel; entre outros. Da mesma forma que na reunião com as lideranças do rio Marau, ficou acordado quais seriam as comunidades no rio Andirá e Waicurapá que sediariam as atividades do projeto, e a logística necessária no tempo da seca e da cheia dos rios.

Reuniões de mobilização

As reuniões de mobilização aconteceram entre novembro e dezembro de 2017, nas comunidades propostas pelas lideranças sateré-mawé na atividade anterior, correspondendo àquelas que abrigam os Polos Base de Saúde.

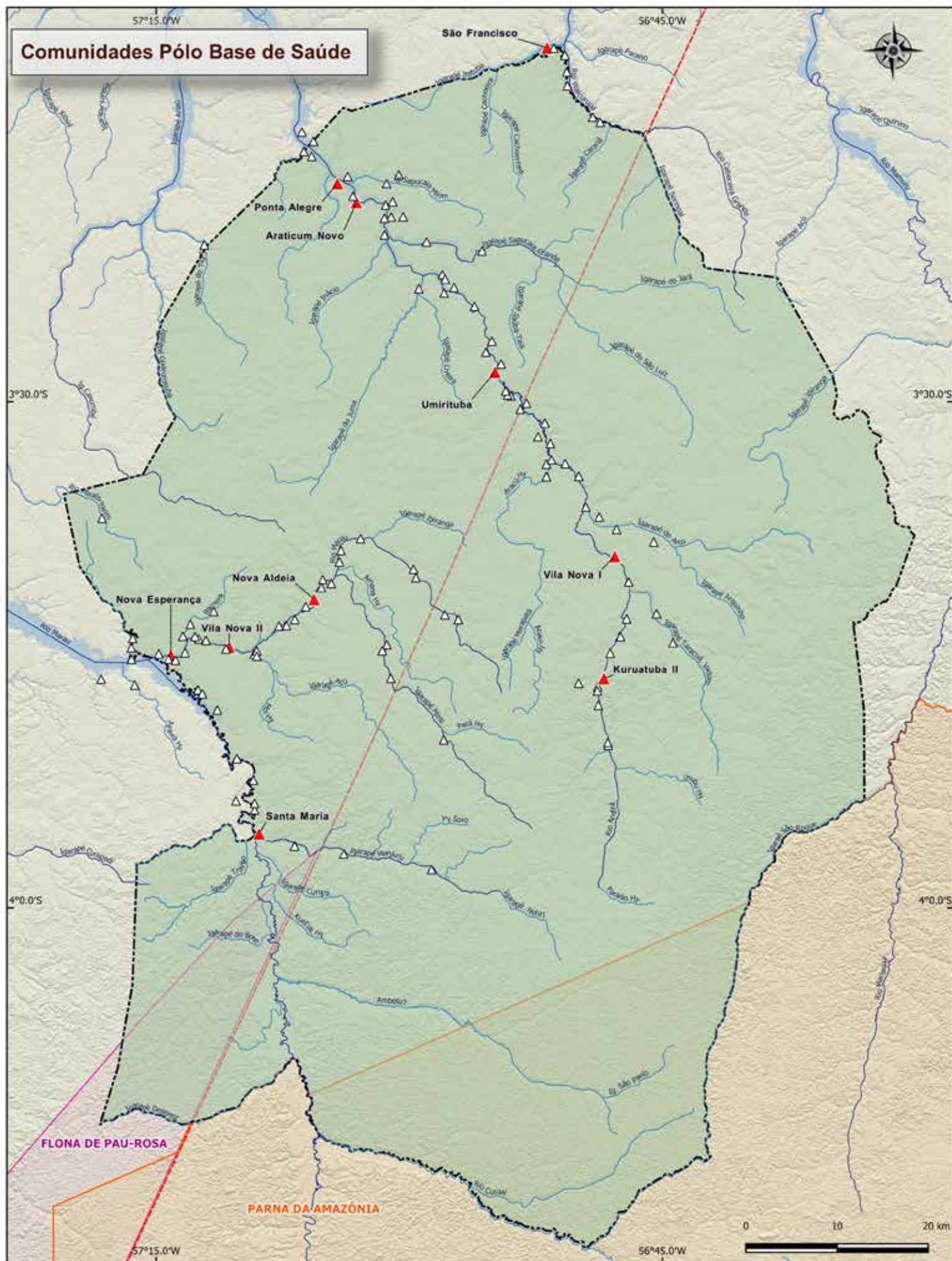
A pauta das seis reuniões foi a mesma, com alterações de acordo com o contexto de cada região, mais especificamente no caso das regiões que estão sofrendo pressões externas, tendo sido projetados mapas para análise dos limites da TI Andirá-Marau e seu entorno.

Foi relatada a inserção dos PGTA's na Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI)¹⁷ e a importância do protagonismo das comunidades e organizações indígenas.

Após esse debate, os Sateré-Mawé levantaram as ações que já vêm promovendo para gestão ambiental e territorial de seu território, relevantes para elaboração do PGTA, como:

- o processo de demarcação da TI Andirá-Marau, articulado pelo Tuxaua Geral do Andirá Donato Lopes da Paz, Tuxaua Geral do Marau Emílio Tibúrcio,

¹⁷ Oficialização da PNGATI na forma do decreto – Brasil, 2012a.



Legenda

- | | | |
|--|-------------------|-----------------|
| ▲ Comunidades Pólo Base de Saúde Saterê-Mawê | — Limite Estadual | Água |
| △ Comunidades Saterê-Mawê | FLONA de Pau Rosa | Rios e Igarapés |
| TI Andirá-Marau | PARNA da Amazônia | |

Fontes Utilizadas:
 Hidrografia: IBGE/ANA/DSG 1:100.000
 Terras Indígenas: FUNAI, 2019
 Aldeias Andirá-Marau: CTI, 2020

Data Projeto: dezembro 2020

Tuxaua Manoelzinho Michiles do Marau e por Raimundo Ferreira da Silva (Dico);

- o monitoramento constante das pressões para entrada de sementes clonadas de *warana* na TI;
- o trabalho do CPSM com os produtores de *warana*, fortalecendo as práticas de manejo tradicional;
- e a atenção constante às incursões dos não indígenas em busca de peixe, madeira e ouro.

Foram discutidas quais seriam as atividades necessárias para elaboração do documento final do PGTA, a saber: oficinas de formação de agentes ambientais; expedições de mapeamentos participativos; reuniões de apresentação dos resultados das expedições; grupos de trabalho indicando os acordos para o PGTA; reuniões finais para validação dos acordos pelos tuxauas.

Na conclusão das reuniões de mobilização, foram indicados os agentes ambientais que participaram das oficinas de formação dos agentes ambientais na calha do rio Marau e do Andirá.

Todas as reuniões contaram com a tradução qualificada de tuxauas e professores, destacando-se a tradução do Tuxaua Bernardo Alves, da comunidade Terra Nova, Médio Marau.



Priscila Chianca/CTI e Tuxaua Bernardo Alves, 2017.



Com o microfone, Tuxaua Geral do Marau Antonio Tibúrcio, 2017.



Reuniões de mobilização para elaboração do PGTA, 2017.

A formação dos agentes ambientais sateré-mawé

A formação dos agentes ambientais buscou instrumentalizar os agentes ambientais sateré-mawé para tornarem-se facilitadores do processo de elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental de seu território, discutindo o papel dos povos indígenas e seus territórios nas questões ambientais contemporâneas, e informando-os sobre os direitos indígenas constantes na Constituição de 1988.

Participaram dessa atividade os agentes ambientais, os professores indígenas, Agentes Indígenas de Saúde (AIS), os *nãg* (sábios), assim como representantes das organizações indígenas.

As oficinas foram realizadas em abril de 2018, com aulas temáticas ministradas por consultores especialistas em várias áreas, todos trabalhando no Bioma da Amazônia, atentos à troca de saberes, à valorização dos conhecimentos tradicionais e à importância das relações geracionais para a formação de agentes ambientais comprometidos com a conservação e proteção de seu território.

Os conhecimentos trazidos pelos especialistas não indígenas visaram promover o debate entre as práticas tradicionais e novas soluções capazes de dar conta de desafios de gestão territorial e ambiental da TI Andirá-Marau, registrando os conhecimentos sobre os diferentes tipos de ocupação e vulnerabilidades da TI.

Todas as aulas foram dadas na forma audiovisual com apresentação de fotos, desenhos, mapas e filmes, contando com atividades finais para sistematização das informações. Versaram sobre os seguintes temas: (1) O que é um PGTA e para que ele serve; (2) Como vamos elaborar o PGTA; (3) Entendendo o que é cartografia, mapas, mapeamento, com treinamento do uso de GPS; (4) A vegetação da floresta e as roças; (5) O manejo do fogo; (6) Meliponicultura; (7) Manejo da caça; (8) Manejo da pesca; (9) Formação para registro audiovisual (**Anexo 2** – Lista dos agentes ambientais).

No encerramento dos cursos foram planejadas as expedições de mapeamentos participativos, levando em conta as questões sazonais – cheia e seca nos rios – de cada região da TI.

Atividades da formação dos agentes ambientais, 2018.



Expedições de mapeamentos participativos nas diferentes regiões da TI Andirá-Marau

As expedições foram realizadas entre agosto de 2018 e julho de 2019, com a participação dos agentes ambientais, caçadores e pescadores; da equipe técnica do CTI; e dos consultores: Maurice Seiji Tomioka Nilsson, de manejo de caça; Aloisio Otavio Ferreira, de manejo da pesca; Dalton Freitas do Valle¹⁸, de manejo de vegetação. As expedições aconteceram nas calhas dos rios onde se situa a maioria das comunidades, cozinhas, sítios, roças, acampamentos de caça, locais preferenciais para pesca e extrativismo de produtos da mata.

20 a 24/08/2018 – Expedição do Waicurapá

12 a 26/09/2018 – Expedição do Baixo e Médio Marau

20/11 a 06/12/2018 – Expedição do Baixo e Médio Andirá

13 a 22/03/2019 – Expedição do Urupadi e Manjuru

19 a 28/05/2019 – Expedição do Alto Andirá

27/06 a 05/07/2019 – Expedição do Alto Marau e Miriti



Expedição do Urupadi e Manjuru, 2019.



Expedição Alto Marau e Miriti, 2019.

¹⁸ Maurice Seiji Tomioka Nilsson, geógrafo, ecólogo, consultor de fauna e caça; Aloisio Otavio Ferreira, especialista em ictiofauna e pesca; Dalton Freitas do Valle, engenheiro florestal especialista em SIG.



Expedição Alto Andirá, 2019.



Expedição Campo do Miriti, 2019.

Em cada expedição houve uma reunião de abertura dos trabalhos, na qual se estabelecia a agenda em função dos locais que os agentes ambientais achavam essenciais serem acessados pelos varadouros, ou pelos rios e igarapés. Os itinerários foram registrados nos mapas. Da mesma forma, ao término de cada expedição era realizada uma reunião de finalização, na qual os agentes ambientais e os consultores relatavam para os tuxauas e comunitários o que encontraram em seus percursos, suscitando discussões relativas à conservação dos ecossistemas daquela região específica, e às pressões nos limites da TI, como locais com retirada de madeira e regiões com presença de garimpeiros.

Em todas as reuniões ficou evidente a necessidade de repensar as formas de ocupação territorial em função da expansão das comunidades e das roças, devido ao aumento populacional. Na época da demarcação da TI Andirá-Marau, no início da década de 1980, a população era de 4.710 habitantes, e, quarenta anos depois, a população é de aproximadamente 16 mil pessoas vivendo em 115 comunidades, ou seja, mais que triplicou, e os Sateré-Mawé percebem que o aumento populacional é a principal causa da escassez da pesca e da caça.

Apesar da diversidade de ambientes encontrados em cada região da TI Andirá-Marau, e de suas singularidades quanto à vegetação e ao relevo, nas calhas dos rios Marau e Andirá, os problemas levantados foram basicamente os mesmos, pois estão relacionados ao processo de uso e ocupação do solo, ou seja, são

originados pela distribuição da população em ambas as bacias. Essa problemática relaciona-se com o histórico de ocupação anterior nas cabeceiras dos rios e da ocupação dos cursos médios e baixos dos rios já no século XX, com o aumento da população nestas regiões.

Em todas as regiões a floresta é uma só. No entanto, há variação de ecossistemas entremeados, que ocorrem mais em uma região do que em outra, e com configurações próprias: as florestas, as campinas, os campestres e campinaranas e os igapós e corpos d'água. Dependendo da região percorrida encontram-se diferentes tipos de água: as águas pretas (escuras), as águas claras e as águas brancas (cor de barro). Durante as seis expedições, foi amplamente observada a relação das características das águas dos rios com a riqueza em espécies e a produtividade pesqueira.

No decorrer das expedições os mapas impressos foram sendo preenchidos, e ao término das seis expedições estavam georreferenciadas todas as comunidades da TI, os igarapés, alguns sítios e acampamentos de caça, além de lugares de importância para ações futuras na implantação do PGTA, como por exemplo locais onde houve grandes incêndios devido às alterações climáticas, e beiras de rios e igarapés que precisam ser reflorestadas.

Os consultores de manejo de caça, de pesca e de vegetação percorreram os itinerários escolhidos pelos agentes ambientais, e a equipe técnica do CTI



Alto Marau, 2019.



Campestre, Campo do Mirirti, 2019.



Igarapé Ipiranga, 2018.



Igarapé Sapucaia Grande, 2018.

percorreu as comunidades situadas na região de cada expedição realizando, conjuntamente com os agentes ambientais e os tradutores, o diagnóstico socioeconômico e cultural. Em cada comunidade foram entrevistados os tuxauas, os agentes de saúde e os professores, utilizando-se sempre as mesmas pautas de entrevista, de forma a viabilizar a sistematização das informações. Todos os integrantes das expedições fizeram ampla documentação fotográfica.

As entrevistas com os tuxauas tiveram grande importância para a elaboração deste PGTA, levantando problemas relativos à gestão ambiental da TI Andirá-Marau, fornecendo subsídios para a compreensão dos conflitos internos, que na maioria



Nomeando peixes, Alto Andirá, 2019.



Nomeando igarapés, Manjuru, 2019.

das vezes são causados pelas ingerências dos não indígenas, e reafirmando a necessidade de especial atenção com as pressões nos limites da TI. Esta preocupação foi reiterada pelo Tuxaua Donato Lopes da Paz, primeira liderança sateré-mawé que se deslocou para a FUNAI em Brasília na década de 1970, para exigir a demarcação da TI Andirá-Marau.

As entrevistas para realizar o diagnóstico socioeconômico e cultural com os tuxauas sempre começaram perguntando se eles sabiam o que era o PGTA. Os temas e perguntas abordados nas entrevistas foram registrados pela equipe técnica nas atividades anteriores, sendo os seguintes: qual ou quais as religiões da comunidade visitada; quais rituais eram realizados naquela comunidade; quais as fontes de ingresso financeiro e o número de beneficiados; quem produzia os artesanatos tradicionais e quais eram as pessoas que detinham os saberes dos antepassados; além de informações relativas à saúde, acesso à água, cuidados com o lixo, educação escolar e interculturalidade; e, finalmente, como as famílias estavam comercializando sua produção, se estavam levando para vender nas cidades, se estavam vendendo para os regatões ou se estavam vendendo para o CPSM.

Sistematização das informações e aprovação do PGTA

A partir da elaboração da cartografia com os dados obtidos nas expedições, da sistematização das informações dos recursos naturais e da tabulação das informações socioeconômicas, foram editados dois cadernos com os resultados, intitulados “Resumos Temáticos – Expedições nos rios Marau, Miriti, Urupadi e Manjuru” e “Resumos Temáticos – Expedições nos rios Waicurapá e Andirá”. Os conhecimentos gerados pelas expedições foram divididos em temas, que vinham sendo discutidos desde as atividades anteriores, a saber: território, cultura, política, a mata e a roça, a caça, a pesca, atendimento à saúde, educação escolar e comercialização da produção.

Foram realizadas duas grandes reuniões para apresentação dos resultados das expedições, uma na calha do Marau e outra na calha do Andirá, com a participação de tuxauas, professores indígenas, agentes de saúde, caçadores, pescadores, lideranças das associações indígenas e comunitários. Nessas reuniões foram entregues os cadernos para os tuxauas, e cada tema foi apresentado em forma de audiovisual, suscitando muito debate entre os participantes. Ao término de cada

apresentação os participantes dividiram-se em grupos de trabalho e escolheram o tema que queriam debater.

Os grupos de trabalho aprofundaram os problemas relativos a cada tema, analisando suas origens, propondo soluções e indicando as parcerias necessárias para dividir as responsabilidades no enfrentamento dos problemas. Cada grupo elaborou uma apresentação para a plenária, com cartazes resumindo sua análise e propostas. Os acordos sobre os vários temas que constam deste PGTA originaram-se nesses debates.



Apresentação dos grupos de trabalho, rio Marau, 2019.

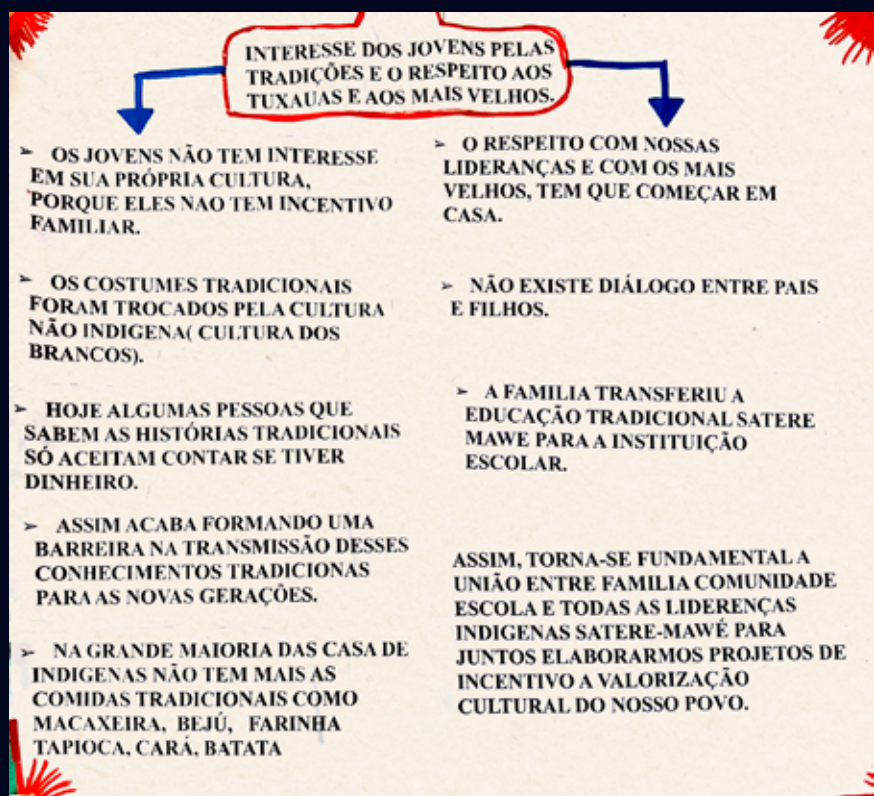


Aprovação do documento final do PGTA, rio Andirá, rio Marau e rio Waicurapá, 2021.

Após estas reuniões, no final de 2019, foi iniciado o trabalho de sistematização de todas as informações e a edição do documento final. Durante essa etapa de edição, começou a pandemia de Covid-19, em março de 2020. Por esse motivo a aprovação final do documento PGTA foi realizada, durante o ano de 2021, exclusivamente pelos tuxauas e agentes ambientais sateré-mawé, tanto na produção das reuniões, como no registro das alterações do documento. Foram realizadas ao todo sete reuniões para validação do PGTA, nas diferentes regiões da TI Andirá-Marau.

Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Andirá-Marau

As informações, reflexões e acordos firmados pelos tuxauas para a gestão territorial e ambiental da TI Andirá-Marau foram divididos em temas que estão relacionados entre si. A divisão temática permite um olhar mais detalhado para cada questão específica: território; cultura; política; a mata e a roça; a caça; a pesca; a comercialização da produção; o atendimento à saúde; e a educação escolar.



UNIDOS VENCEREMOS MADEREÍROS

- * DESMATAMENTO, EROÇÃO.
- * EXTINÇÃO DE MADEIRA DE LEI.
- * EXTINÇÃO DE ANIMAIS.
- * DESIQUILÍBRIO DO ECOSISTEMA.
- * PROSTITUIÇÃO.
- * ASSASSINATOS.
- * AQUECIMENTO GLOBAL.
- * MUDANÇAS CLIMÁTICAS.
- * NÃO ÍNDIOS QUE INVADE A TERRA INDÍGENA ANDIRÁ-MARAU GERANDO CONFLITO COM OS POVOS SATERÉ-MAWÉ.
- * CONSULTAR QUALQUER PROJETO OFERECIDOS PELO NÃO PARCEIROS JUNTO AS LIDERANÇAS, POVOS E PARCEIROS.
- * CONSCIENTIZAR E INCENTIVAR AS LIDERANÇAS E O POVO EM GERAL, ATRAVÉS DE OFICINAS, REUNIÕES NAS COMUNIDADES, ESCLARECENDO O PERIGO DA ENTRADA DOS MADEREÍROS.

Ahe'yi Ywã kuap hap hawyi Torania piat montypōt nuḡ hamuat Tapy'yia e'yi Andira Marau piat wuat

Mienoi ko'i, aimowanetup hamuat hawyi miewaku tu'isaria puopywiat ahe'yi ywã kuap hap hawyi torania piat montypōt nuḡ hamuat Tapy'yia e'yi Andira Marau piat wuat miatupāt'ok-pāt'ok tohenoi wentup sok hap ewy yn. Mi'atupāt'ok-pāt'ok puopyi tohenoi po'oḡ hot'ok pe tohenoi aru ko'i ehap ewy-ewy: se'yi etiat; Seko ahyt etiat; wo'o'erohik kuap hap etiat; ḡa'apy hawyi ḡo etiat; miat kāt hap etiat; pira kāt hap etiat; kara'en ko'i weneru hap etiat; mowyro sehaiḡte hamuat hap etiat; hawyi wyti womū'e popera puopywiat hap etiat.

Namo te hwan

- Tu'isaria mimontypōt Kahato;
- Meluḡ nuḡ Kuap mot pāp mēlin erohik hamo;
- Mitin timontypōt apirū;
- Torehay upi upi turisaria;
- Torehay torehay turisaria;
- Po'oḡ wuat ipit taḡ nakat nē poroḡ naryn mimontypōt;
- Turisa towchik turayn timēt'in ete;
- Naḡ-nia hanoi sehay pōt'i hinakanua puo.

Ntuol

- Turisa mimontypōt Kahato wo naryn;
- Turisa yt tihay wēn Kuap'i mot pāp ehay;
- Ywã pokup tūria yt thalimontypōt Kuap'i naryn erisaria;
- Hempy Kaipywiad naryn poroḡ wahakatup;
- Turisa yt towemohey naryn teraikap ete.

Nikolū hap waliky'esat:

- Ywã pokup tūria waku teremure sehay pōt'i ete;
- Ywã pokup tūria wywo twemuḡ sehay sehay taranū tawā koi upi;
- Waku mīkuap saikap koi;
- Waku mīporokasāp ywã pokup tūria pe aiwot nē i Kuap hap koi; wo'omontypōt Kuap hamuat amak'i - amak'i e hamuat worerohik Kuap hamuat.

A politiā sateri - mawe.

Ywanū esaiKōp hymūt'i hamo tē waku torania morekuaia sateri, mawe pyhu wuat, ipyhu nakania sa'awite waku hena'ipok taratwesaiKōp ahiḡ pot'unia popiat, waku to'opusu Kuap morekuaia, waku tēre hymūt morekuaia sehay nuḡ mot pāp ehay wēn tēn tēn hamo, torania sateri ywanū waku to'opusu Kuap ajumpe yt towōi seko ywanū pe tūria, i'ewyte sehay waku twerpuwa meripi meripi aiwerochik Kuap hamo, waku turisaria hot'ok uwe mēlinū, kat hanuaia hap wywo aru twereto tēn - tēn sehay porokasāp ywã pokup tūria Kaipiat hamo.

Nosso território

Ahe'yi



Temos que tomar muito cuidado com a nossa fala, porque a gente está construindo a nossa lei, voltada para nosso povo, para que os nossos filhos consigam se organizar futuramente, politicamente e socialmente.

Joel Matias Vicente,
Tuxaua da comunidade São Raimundo, Alto Andirá.

Para nós a terra não é bem material, é nossa mãe. Para os brancos é bem material, mas para nós, não. A terra para nós é sagrada, desde o início foi assim, desde os nossos ancestrais.

Bernardo Alves,
Tuxaua da comunidade Terra Nova, rio Marau.

Temos que cuidar da terra como cuidamos da nossa casa. Os nossos avôs que lutaram para demarcar, entregaram para nós, para darmos continuidade. Qualquer informação diferente dessa é discurso político e não está amparado pela legislação. Aqui é o nosso mercado, os antigos já se foram e agora nós temos de cuidar da terra que está em nossas mãos. Temos que pensar nisso, na juventude.

Dionizio Braz Muniz,
Tuxaua da comunidade Santa Fé, rio Marau.

Em documentos antigos, os nossos antepassados sateré-mawé aparecem morando nas cidades de Parintins, Maués, nos rios Amana, Parauari, Abacaxis, Tapajós, etc. Os Sateré-Mawé viveram em um território muito grande, mas, com a chegada dos portugueses, com as entradas dos missionários, com a guerra da Cabanagem, e com as expedições em busca das drogas do sertão, foram entrando cada vez mais no interior da mata, permanecendo nas cabeceiras dos rios Marau, Andirá, Miriti, Manjuru. No século XX, quando chegou o SPI, depois a FUNAI e os regatões, os Sateré-Mawé foram baixando novamente para as margens dos cursos médios e baixos dos rios Andirá e Marau. Na década de 1970 não havia comunidades nos rios Urupadi e Waicurapá.

O primeiro desenho da demarcação da TI Andirá-Marau terminava no igarapé Manjuru, ao sul. Só depois de muito estudo e de muita luta é que os Tuxauas Donato Lopes da Paz, Emílio Tibúrcio e Manoelzinho Michiles, e outros tuxauas, conseguiram incluir a região das nascentes dos rios dentro dos limites da Terra Indígena demarcada. São essas nascentes que garantem a água boa e o microclima da região.

*Waku aimitumo kahato ahehay wywo, hat pote wati'ama'an aiwat ahesaika hap, aiwyria'ın piat
wuat, aimempyt'ın mono te'eruwepotpāp kuap ahe'yjan me ehawe, aikotā i'atu'e kuap hamo
hawyi teruwerohik kuap hamo.*

Joel Matias Vicente,
Tu'isa Tawa Saure'i piat "São Raimundo", Alto Andirá.

*Yi ti Uruepe yt se'yi sēse yn'i aity ti mi'i wy. Ikytsiğ rakaria pe ti se'yi sēse yn, ahepe ti yt mi'i
pykai. Yi ti mimontypōt waku, ha'awy pyi tī ra'yn mi'itā, aisa'awyria pyi tī ra'yn mi'itā.*

Bernardo Alves,
Tu'isa da Tawa Terra Nova, rio Marau piat.

*Waku wateropāt ahe'yi ai'yat eropāt hap ewy. Ahe'ase'iria ti ahe'yi ipopykyrȳp tukat ra'yn, mi'ite
jum i'atu'e ra'yn ahepuo, mekewat motpāp ereto hamo. Tuweupiat sehay ti sehay sēse ne'i ra'yn
yt hesaika rakat'i saikāp ahyt pe. Meiĵu ra'yn aiwat aimi'u ahyt ypia, aipotağ ko'i ti te'eruwat ra'yn
koitywy aitoria waku wateropāt ahe'yi aipopuo ra'yn toigne'en. Waku watuwanentup hewowi hawyi
ywāpakutiaria kape.*

Dionizio Braz Muniz,
Tu'isa Tawa Santa Fé, rio Marau.piat

Nimuat popera ko'i puo ti, Satereria tukupte'en hap tuwemoherep wato pe Paritiğ
"Parintins" ehawe, Maués, Amana hy pe, Parauari, Abacaxis, Tapajós, hawyi
irania'ın. Satereria ti tukupte'en yi iwato kahato rakat pe. Ma'ato, "portugueses" ko'i
putok'iatu'e wywo, Tupana ehay enoi haria wehyt'ok wywo, wo'oatuka-atuka hap tūt
ra'yn wy "Cabanagem" ehap, hawyi typy'i rakaria tuwehyt'ok hap "droga do Sertão"
ehap kat'i-kat'i eharia, tuwehyt'ok po'oğ ra'yn ģa'apy py'asēt kape, tukupte'en Marau
hy'akağ ko'i puo, Andirá. Miriti, Manjuru. "Século XX" ehawe, put'ok'e "SPI" turan, mi'i
rokin "FUNAI" hawyi wenewru'i-weneru'i eharia, Satereria i'atupot'apyk pakup'i ra'yn
po'oğ Andirá hy upī hempype po'oğ hawyi i'awyte Marau hy upī. Dez e'akaiu"Década
1970" ehawe yt kat'i te tawa ko'i Urupadi hawyi Waicurapa hy pe turan.

Sa'awy'i wyat yi tek hap ĵā'ağkap Andirá -Marau e'yi ikahuro Manjuru hy pāt'i
hy'akağ me "Sul" ehap tote. Wemū'e kahato hap kaipyi hawyi wu'uka kahato hap
kaipyi, Tu'isaria Donato Lopes da Paz, Emílio Tibúrcio Hawyi Manoelzinho Michiles
hawyi irania'ın Tu'isaria wy, hawyi ta'atupağ ra'yn y'y hy'akağ ko'i y'i tek hap we.
Meimuewat y'y hy'akağ ko'i ti herūt wakuat te'en-te'en y'y ko'i mesuwe.

É também nessa região que está o nosso lugar sagrado, o *Nusoken*, entre as cabeceiras do rio Andirá e da margem esquerda do Tapajós. O *Nusoken* é morada de nossos heróis míticos, região onde nossos ancestrais encontravam em abundância as plantas e animais para seu bem viver. Lugar de abundância das mães do *waraná*, nas terras altas das cabeceiras dos rios.



Feira na escola da comunidade Simão, Médio Andirá, 2019.

Os antigos, bem antes do tempo da demarcação, já sabiam disso e lutaram muito por esse território. Agora, a TI Andirá-Marau, assim como as outras Terras Indígenas, vivem o mesmo desafio: os limites foram demarcados e as populações estão crescendo. Para que as futuras gerações possam viver bem, com saúde e abundância de recursos, é fundamental fazer acordos e realizar boas práticas de manejo.

l'awyte wy mesuwat rote ti toiğ aiwat aheñam mimontypōt kahato, Nusoken ehap, to'opy'asēt pe kahato Andirá hy akağ wywo hawyi Tapajós hyempe'i moran kawiat rote. Nusoken tote tukupte'en meimuewat ñuap'a ko'i, aisa'awyria tipuenti sēse mikoi ko'i hawyi miat ko'i tukupte'en kuap hamo. Itote ti toiğne'en warana ty sa'awy. y'y hy akağ ko'i yi ty'ok ko'i puat.



Varadouro entre a comunidade Campo do Miriti e Kuruatuba no Manjuru, 2019.

Nimuaria ti, yi yt mipopytek'i te turan, ta'atukuap tī ra'yn mi'i tupono tu'uka kahato mesuwat ahe'yi wuat upī. Korã tupuo, ahe'yi Andirá Marau, i'ewyte wy irania'In tapy'yararia e'yi ko'i, mi'iria tukupte'en i'ewyte wy: hawyi ipopy ko'i ta'atuja'ağ hawyi mīt'In i'atu typy'i po'oğ tuerūt. Ai'ywāpakuptiaria tukupte'en waku kahato hamo, i'atuehaiğte kahato tira'yn torania hamo hawyi i'atumiky'esat ko'i ipoity kahato hamuat hap i'ewyte waku iky'e wywo minuğ motpāp ko'i.

O planeta Terra e nós

Segundo o que nos contaram os especialistas *caraiwa* (manejo da mata e da caça) que fizeram as expedições de mapeamento com nossos agentes ambientais, atualmente somos 7,7 bilhões de pessoas vivendo no planeta Terra, que é um ambiente limitado. Todos os habitantes precisam tirar o sustento desse planeta, mas a população mundial não para de crescer. Além disso, o estilo de vida do homem branco é completamente exploratório, gerando degradação ambiental constante com os desmatamentos, com a pecuária extensiva, com a monocultura da soja, a do eucalipto e outras, com a mineração, a falta de cuidado com a água, com a poluição, o crescimento das cidades, etc. Com tudo isso o planeta está ficando doente. O gelo do planeta está derretendo e o aquecimento global já é uma realidade que afeta todas as pessoas e seres vivos.

Essa realidade do planeta Terra vale para o Brasil todo, para cada região e cidade no nosso país. Por isso as Terras Indígenas e as Unidades de Conservação são tão importantes para a vida de todos, porque elas são áreas que resguardam a maior biodiversidade do Brasil. São elas que garantem a reprodução das plantas e dos animais, e a manutenção da água nos rios e nos oceanos, ou seja, são elas que cuidam dos ecossistemas equilibrados para a manutenção da vida no planeta inteiro.

Mas o desmatamento não para de avançar. Atualmente o gado e a soja entram também pelo sul da Amazônia e vão deixando um rastro de destruição ao redor das Unidades de Conservação e das Terras Indígenas.

Ameaças, pressões e invasões

A TI Andirá-Marau tem sofrido ameaças, pressões e invasões de vários tipos. O desmatamento de áreas da TI Andirá-Marau começou na primeira metade do século XX, com a retirada sistemática de pau-rosa e madeira de lei. Nas décadas

Mytyp yi hawyi aitoria

Karaiwa'Īn wemū'e kahato haria henoi (ġa'apy ky'e kuap hap hawyi miat ko'i hap wy) ta'atunuġ sepiok ehap turan minuġ morania ehap yi epiok haria wywo, korã turan torania tukupte'en "7,7 bilhões" mīt'Īn tukupte'en mesuwat mytyp tote, seġam oktan'i yn. Torania weine'en haria iky'esat mesuwat yi tukupte'en kuap hamo, ma'ato mesuwat yi oktãn mīt'in teruwemontypy'i po'oġ-po'oġ ne'i. mi'itã tupono, ikytsiġ rakaria wemopukuap hap ti po'oġ kat ko'i-kat'i ko'i atũka hap yn, i'awyte ġa'apy ete teromikyry'iwo iwato pe kahat, typy'i rakaria wemontaġ hamo, wentup mikoi ewywuwat yn "soja" ehap, "eucalipto" ehap wy hawyi irania'Īn, yi piat nu mehit'i ko'i, yt aimitumo'i y'y wywo hap wy, imo'ysyk'a hap, tawa wato ko'i wemowato'Īn po'oġ hap, hawyi irania'Īn. Meimuewat ko'i hap kai pyi mytyp i'ahũ ra'yn. Y'y kaipywiat nu ko'i i'atuhywap te'en-te'en hakup kahato mytyp ete hap kai pyi torania mīt'Īn ete hawyi ihaiġte rakaria ete ho'owera'at hakup hap.

Mekenta ti korã turan mesuwat yi wato hap oktãn, "Brasil" ehawe mi'itã wy, torania seġam ko'i puo. Mi'i tupono tapy'yia e'yi ko'i pe mipoitynuġ ko'i torania ĵeiġ'en kuap hamuat okten, kat pote mi'iria herohik kat ko'i-kat ko'i "Brasil" ehap wiat. meimuewaria ti torania mikoi wewotypy'i hap inuġ hawyi miat ko'i wat, y'y eropãt hap ko'i hawyi y'y wato wy, meimuewaria ti heropãt, mytyp ĵeiġne'en kuap hamo.

Ma'ato ġa'apy atuka hap yt tuwemompyhu'at'i. Korã tupuo wewato ahup hawyi wy "soja" koi hap "Amazonia "sul" ehap puo hawyi ta'atuiat wekuap imosatek kahato mipoitynuġ piat ko'i auri hawyi tapy'yiaia piat.

Wo'ereko'i hap ko'i, wo'omohup'i hap ko'i hawyi wekete'en ne'i hap ko'i

Yi Andirá Marau ta'atuereko'i kahato, wekete'en haria timohup'i kahato aikotan me-aikotan me ne'i. Mikyry'i yi Andira Marau eġa'apy etiat hap tuwesa'anuġ "sēculo XX" py'aset pe pyi turan, ari'yp "pau-rosa" ehap puruk wywo hawyi ari'yp heġ ko'i

de 1950 e 1960 houve muita extração de pau-rosa no território, destinado à exportação para a indústria francesa de perfumes. Durante as expedições para elaboração do PGTA, foram encontradas várias estradas para retirada de pau-rosa nos rios Waicurapá, Andirá, Marau e Urupadi.

Posteriormente, na década de 1980, a estatal francesa Elf-Aquitaine abriu 200 km de picadas e várias clareiras para pouso de helicópteros, deixando grande destruição na mata, nas roças, com mortandade de peixes e animais terrestres. Nessa época também ocorreram invasões por parte de garimpeiros na região do rio Urupadi.

Em 1987, um ano após a homologação da TI Andirá-Marau, o desmatamento era de 34.331 ha, 4% da área da TI, e, em 2019, o desmatamento subiu para 43.460 ha, 5,59% da área da TI, que equivale a 43 mil campos de futebol¹⁹. Atualmente, tem madeireiras e serrarias entrando na região do rio Waicurapá e pressionando para entrar na região dos igarapés Tigre e Guaranatuba. No Waicurapá, que é o limite norte da Terra Indígena, a situação é grave: tem uma serraria na frente da comunidade Monte Carmelo, e tem uma estrada aberta no igarapé Seringal que provavelmente é usada para retirada de madeira. As comunidades do Waicurapá relataram a existência de serrarias portáteis dos não indígenas, que cruzam o rio à noite levando uma motosserra escondida e vão tirando a madeira aos poucos, às vezes até com a ajuda de algum indígena. Do outro lado do rio Waicurapá, fora da Terra Indígena, há áreas desmatadas com criação de gado em frente ao Sítio Doce, e das comunidades Nova Galileia e Vila Batista.

Itakaué é uma comunidade pequena, no limite nordeste da Terra Indígena, que foi aberta para defender a TI. Nessa região as serrarias do rio Maués-Mirim estão pressionando, já ameaçaram o tuxaua, e os moradores têm medo de invasão.

A construção de estradas em Terras Indígenas é outro fator que impacta muito negativamente o bem viver dos povos indígenas. Na TI Andirá-Marau existe pressão antiga pela construção de estrada desde a década de 1970. Já tem uma estrada aberta saindo de Itaituba e chegando até o igarapé Ipiranga, ligando a Transamazônica às proximidades da TI Andirá-Marau. O projeto “Ponte de Safena” propõe a construção de uma estrada ligando Itaituba a Maués. Esse tipo de obra, com impacto imenso, deve prever a realização de consultas livres, prévias e informadas às comunidades sateré-mawé, deve cumprir todos os passos do

¹⁹ Dados UCs. Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/prodesdigital/atruc.php?ID=3580&ano=2019&esfera=Terra%20Indigena>>. Acesso em: mar. 2023.

puhuk hap wy. 1950 hawyi 1960 e'akaiu kape ahe'yi pe sēse "pau rosa" ehap aria'yp mipuruk, mipo'oro nuḡ'i-nuḡ'i ehap "francesa" kape wo'omokaphiḡsē hap ko'i nuḡ hamo. Mekewat motpāp "PḡTA", nuḡ hamuat turan miso'opuenti kahato mu'ap ko'i "pau-rosa" puruk hamuat Waikurapa hy pe, Andirá hy pe, Marau hy pe hawyi Urupadi hy pe.

Mi'i rokiwy "década" 1980 e'akaiu pe, "estatal Francesa Elf-Aquitaine", ehap ikat'i-kat'i aḡjumpe toiḡ "petróleo" toiḡ hap, "200 km" hap ewy mu'ap minuḡ hawyi i'atu kahato miuwytip "hélicóptero" ko'i apyk hamo, iwato kahato ta'atu'atuka ḡa'apy ḡo ko'i pe, hawyi topap pīra ko'i hawyi miat yi upiat ko'i. Meke turan wy "garimpeiro" ehap ko'i tuwehyt'ok kahato Urupadi hy pe.

"1987" e'akaiu pe, wentup ekaiu tokosāp yi Andirá Marau topytek hap moheḡ hap rokiwy, ḡa'apy etiat mikyry'i hap toiḡ 34.331 ha hap ewy, 4% Tapy'yia e'yi pe, hawyi, "2019" pe ḡa'apy ypun hā hap tuwemowato po'oḡ "43.460 ha, 5,59% Tapy'yia e'yi pe, "43 mil" we "bola" petek hap eḡam oktan. Korā turan, toiḡ aria'yp purūk hap hawyi itek-tek hap teke ra'yn Waikurapa hy pe, hawyi wy ta'atumohup'i tuwehyt'ok teran "Tigre" ehap y'y hypāt'i ko'i pe haype hawyi warana'ypia ehawe. Waikurapa pe, "norte" ehawe tapy'ia e'yi popy tek hap tote, ipoity'i pe kahato: toiḡ aria'yp tek-tek hap tawa Monte Carmelo rampe, toiḡ wy wentup mu'āp wato ihypāt'i Seringal ehap y'y hypāp'i pe mi'i ti som aria'yp purūk hamuat. Tawa Waikurapa piaria hanoi toiḡ ni aria'yp tek-tek hap miereko kuap ne'i i'atu'e ma'ato yt tapy'iaría yt wat'i, tokoka'at wantym muo ta'atuereto "motosserra" ko'i ta'atuereto miḡ'iwo hawyi aria'yp ta'atupurūk kurin-kurin me, karampe tapy'yia tira'yn mowyro hap hum. Waikurapa e'ysakpo, yt tapy'yia e'yi pe'i, ḡa'apy mi ypun iwato wewato ahup ko'i montaḡ hamuat "Doce" ehap rampe, hawyi tawa ko'i "Nova Galiléia" hawyi "Vila Batista" ehap rampe.

Itakawe tawa hīt kahato, mipopytek hap tote kahato "nordeste" ehawe Tapy'yia e'yi pe, minuḡ yi poitynuḡ hamuat. meijewat seḡam rote ti aria'yp tek-tek haria y'y "Maués-Mirim" ehawe ta'atumohup'i kahato ra'yn, ta'atuereko'i ra'yn tu'isa, mi'i tupono itotiat ḡupte'en haria te'eroken'e ḡunte'en ne'i te'erehyt'ok hap pupī.

Mu'ap wato minuḡ Tapy'iaría e'yi piat ko'i mi'i wywo tūt kahato yt wakuat'i ko'i waku tukup teran Tapy'iaría tukupte'em pykai. Yi Andirá-Marau ehawe toiḡ kahato wo'omohup'i hap mu'ap nuḡ teran haype "década" "1970" ehap wyi. Toiḡ ra'yn wentup mu'ap wato minuḡ "Itaituba" kaipywiat hawyi pyt'ok'e Ipiranga ehawe hypāt'i pe, put'ok'e "Transamazônica" ehap kai pyi yt pya kahato'i y'i Andirá-Marau ehap kai. Motpāp wuat "Ponte de Safena" ehap tuwehay nuḡ wentup mu'ap wato

licenciamento ambiental previstos por lei e não deve ameaçar o usufruto exclusivo e a posse plena que são de direito dos Sateré-Mawé sobre seu território.

No Alto Andirá a maior ameaça é o garimpo. Há relatos de garimpeiros que estavam trabalhando na região, fazendo buracos, inclusive perto das comunidades Fortaleza e Bom Jardim. Em 2019, os tuxauas reunidos denunciaram a entrada desses garimpeiros para o Ministério Público (MPF), FUNAI e Polícia Federal: em 2020 os garimpeiros foram retirados. Quando contam que estão procurando minério nas cabeceiras dos rios é muito preocupante, porque é das cabeceiras que sai toda a água dos rios da Terra Indígena: Andirá, Marau, Miriti e Manjuru.

Além disso, tem relatos dos parentes que moram no Miriti de que aviões e helicópteros pousam naquela região, sem que os comunitários saibam o motivo e sem a permissão dos tuxauas.

Sabe-se que Aveiro tem uma tradição muito forte de madeiras e Itaituba de garimpos, o que significa uma pressão constante. No Ministério de Minas e Energia há requerimentos para exploração ou prospecção dentro da Terra Indígena, o que até o momento não é permitido por lei. A mineração é muito perigosa, porque, além de revirar a terra, deposita mercúrio e outros materiais tóxicos nos rios e igarapés, envenenando os seres que vivem na água e todos os que dependem dela para viver.



Comunidade Divino Espírito Santo, igarapé Manjuru, 2019.

nuḡ hamo Itaituba pyi put'ok'e Maués kapiat rakat. Meketan motpāp minuḡ, herūt yt wakuat'i rakat kahato, waku ti pyno tuwenuḡ apo-apo ehap tī, merep hap ewy mienoi Satereria etawa ko'i upī, hawyi waku minuḡ torania meipe wat saikāp wiat miwan ewy, yt waku'i miereko'i ne'i satereria piat waku rakaria i'atue'yi piat waku rakaria.

Andirá hy'akaḡ me ti “Garimpo” ehap ko'i timohup'i po'oḡ. “Garimpo” ehap ko'i henoī ta'atupotpāp hap, yi ka'a ko'i ta'atunuḡ, tawa Fortaleza hawyi Bom Jardim ete'i kahato. 2019 pe, tu'isaria we'atunuḡ me i'atuporenoi te'eruwehyt'ok ra'yn “garimpeiro” ko'i ehap “Ministério Público, FUNAI” hawyi “Polícia Federal” pe, 2020 pe “garimpeiro” ko'i ehap miporeno'ē. Mienoi nu mehit'i ko'i ta'atukāt y'y hīt'i hy'akaḡ muo turan aimopā'e kahato, katupono y'y hy'akaḡ kai pyi ha'awy torania y'y ko'i Tapy'yia e'yi pe: Andirá, Marau, Miriti Hawyi Manjuru hy.

I'awyte wyti, toiḡ aiwyria Miriti hy piaria henoī “avião” ko'i hawyi “helicópteros” te'erapyk tuereto uru'e'yi pe i'atu'e aiwyria'īn tawapiaria yt ikuap'i kat hamo hawyi tu'isaria yt ti'aro pykai'i.

Eweikuap apo wy “Aveiro” ehap tuwemompokuap kahato aria'yp purūk iwato hap ete hawyi “Itaituba” ehap mi'i pykai “Garimpeiro” ehap ko'i wywo, kat tu'e hyape som meimuewaria imohup'i kahato. “Ministério de Minas e Energia” ehawe toiḡ sentup'e hap Tapy'yia e'yi piat kat'i-kat'i ne'i puhuk teran haype, korā te ti yt miaro'i te saikāp koro puopyi “Lei”. Nu mehit ko'i puruk hap sēse ipoity'i kahato, kat pote yi pykot-pykot, hawyi mi'i turan mipaḡ “mercúrio” ehap hawyi irania'īn yt wakuat'i ahe'y ko'i puo hawyi y'y hypāt'i ko'i puo, miatumosatek nuḡ torania y'y piat nuk te'en haria ko'i hawyi torania i'atupuo pywiat tukupte'en kuap rakaria wy.

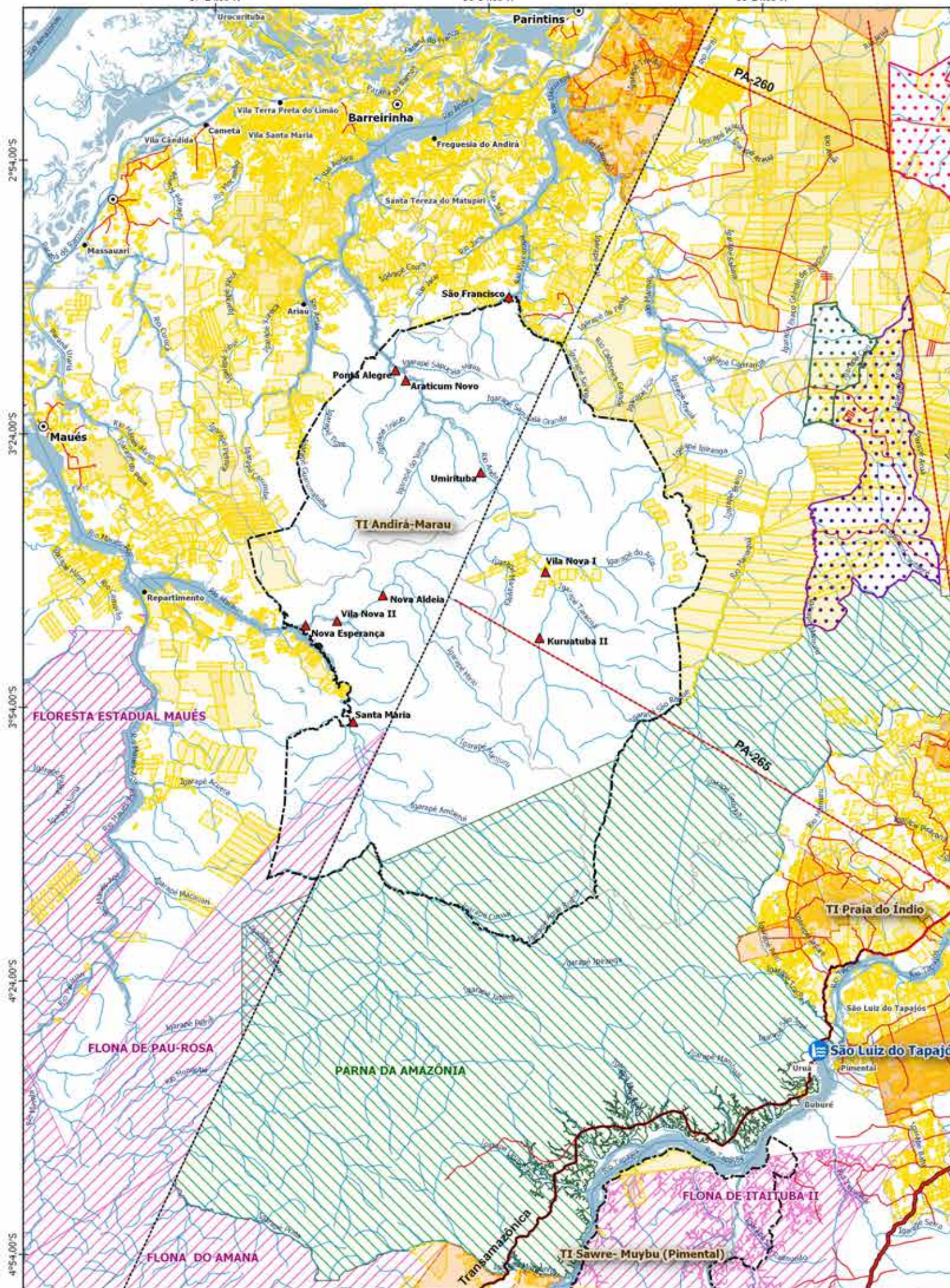


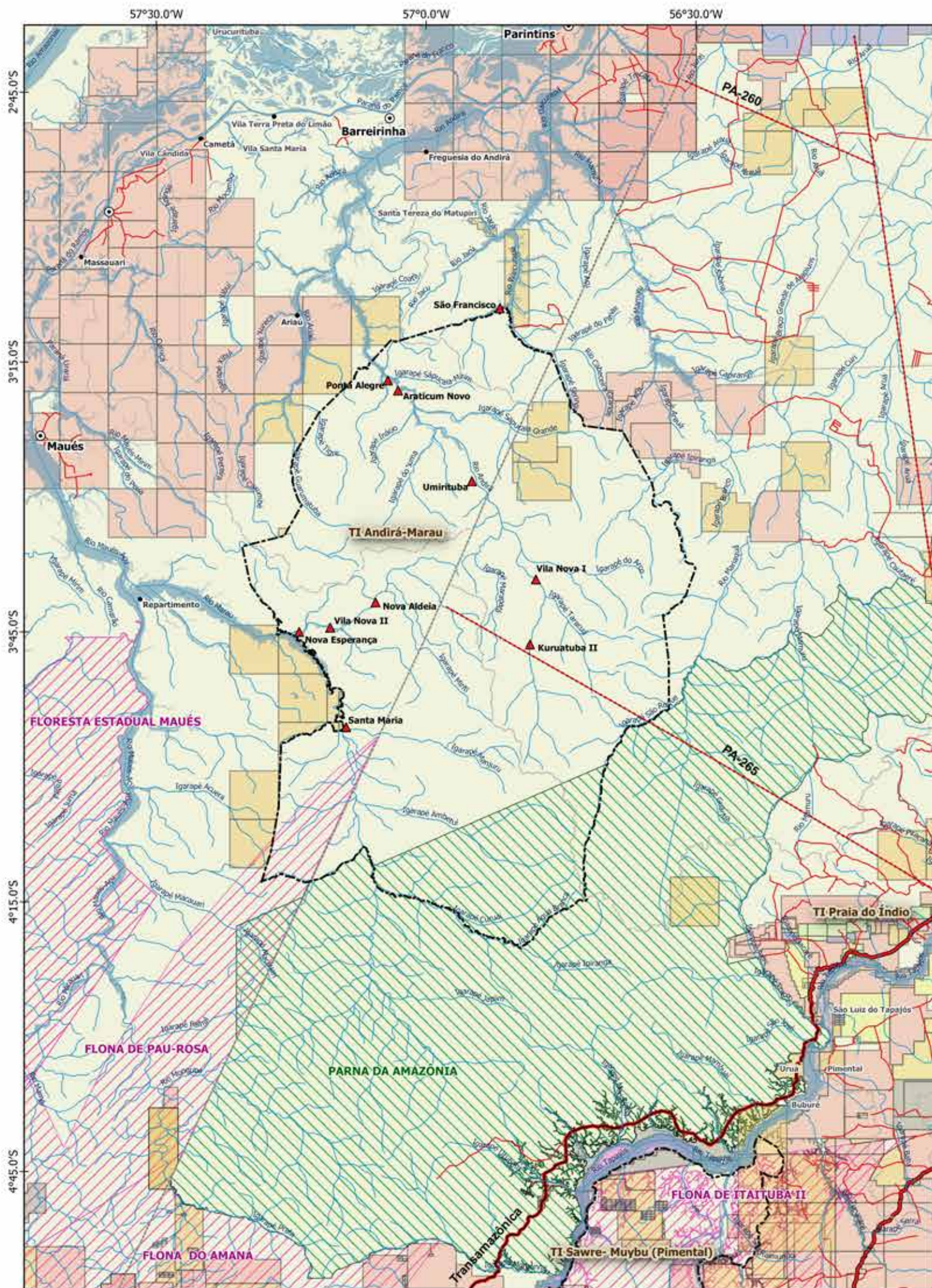
Marco da demarcação no rio Urupadi, 2019.

57°24.00'W

56°54.00'W

56°24.00'W







TI ANDIRÁ-MARAU

Títulos Minerários



Escala: 1:900.000
Projeção: Coordenadas Geográficas
Datum: SIRGAS 2000

Legenda

- | | |
|--------------------------------|--------------------|
| ▲ Comunidades Pólo Saterê-Mawé | □ Limite Municipal |
| ● Cidades | ■ Água |
| ○ Povoado | — Hidrografia |
| • Vilas | |
| ▭ Terra Indígena | Rodovias |
| ▨ UC de Proteção Integral | — Pavimentada |
| ▨ UC de Uso Sustentável | — Em pavimentação |
| ▭ Limite Estadual | — Implantada |
| | — Estrada de terra |
| | — Planejada |

Títulos Minerários

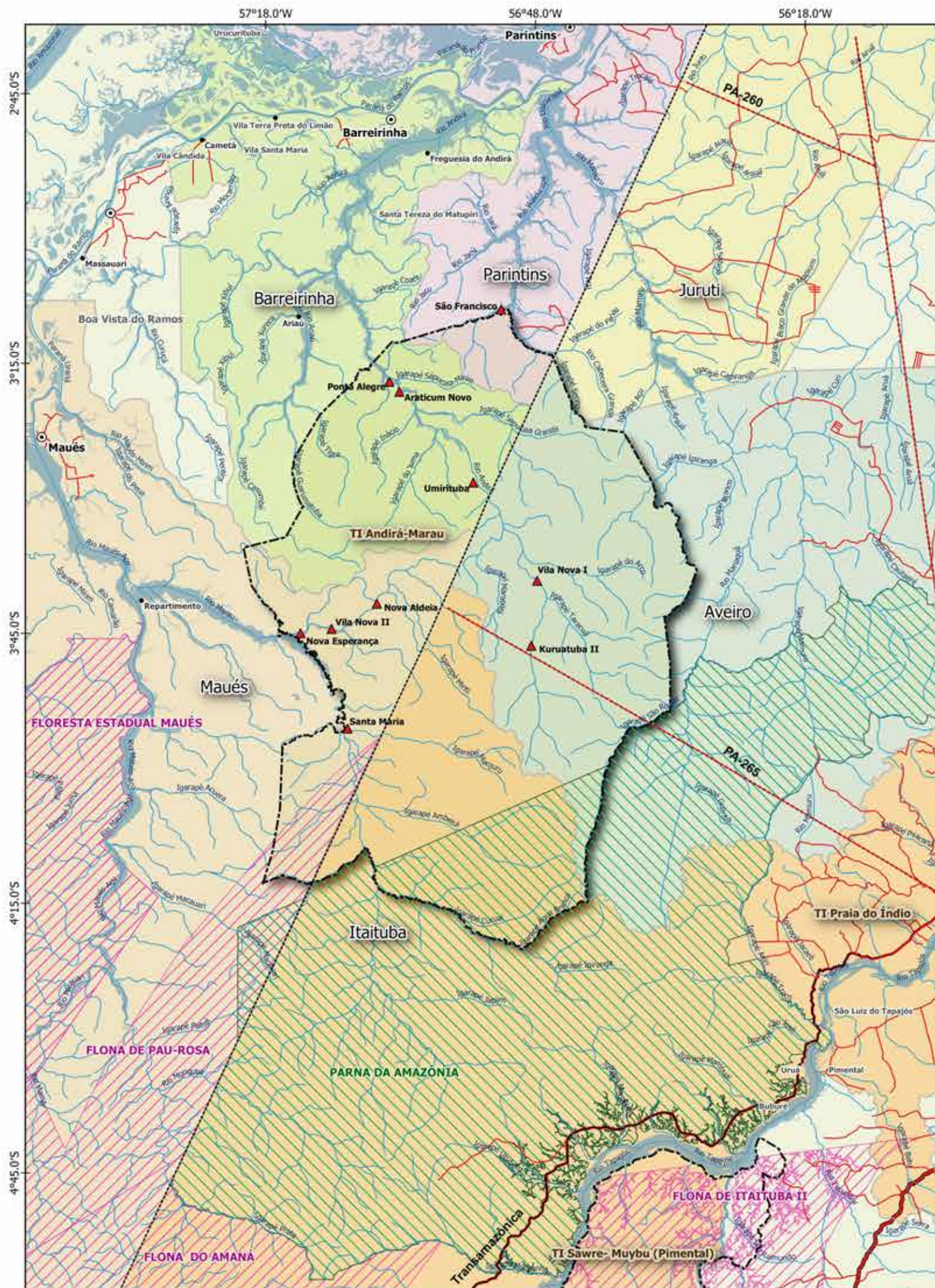
Fases

- | | |
|----------------------------------|---|
| AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA | ■ |
| CONCESSÃO DE LAVRA | ■ |
| DISPONIBILIDADE | ■ |
| LAVRA GARIMPEIRA | ■ |
| REQUERIMENTO DE LAVRA | ■ |
| REQUERIMENTO DE LAVRA GARIMPEIRA | ■ |
| REQUERIMENTO DE LICENCIAMENTO | ■ |
| REQUERIMENTO DE PESQUISA | ■ |

Fonte: Base Cartográfica Vetorial DSG 1:250.000/BCIM 250
Hidrografia IBGE 1:100.000
Terras Indígenas: FUNAI, 2019
Títulos Minerários: DNPM, SIGMINE; 2020
Rodovias: DNIT, 2015
Unidades de Conservação: ICMBio/MMA, 2017

Data Projeto: dezembro/2020







TI ANDIRÁ-MARAU

Ordenamento Territorial



Escala: 1:900.000

Projeção: Coordenadas Geográficas
Datum: SIRGAS 2000

Legenda

- | | |
|--------------------------------|--------------------|
| ▲ Comunidades Pólo Sateré-Mawé | Água |
| ⊙ Cidades | Hidrografia |
| • Povoado | |
| • Vilas | |
| ⬜ Terra Indígena | Rodovias |
| ⬜ Limite Estadual | — Pavimentada |
| ⬜ Limite Municipal | — Em pavimentação |
| ▨ UC de Proteção Integral | — Implantada |
| ▨ UC de Uso Sustentável | — Estrada de terra |
| | — Planejada |

Municípios TI Andirá-Marau

- | | |
|-------------|-----------|
| Aveiro | Juruti |
| Barreirinha | Maués |
| Itaituba | Parintins |

Fonte: Base Cartográfica Vetorial DSG 1:250.000/BCIM IBGE 250
Hidrografia IBGE 1:100.000
Terras Indígenas: FUNAI, 2019
Rodovias: DNIT, 2015
Data: dezembro/2020



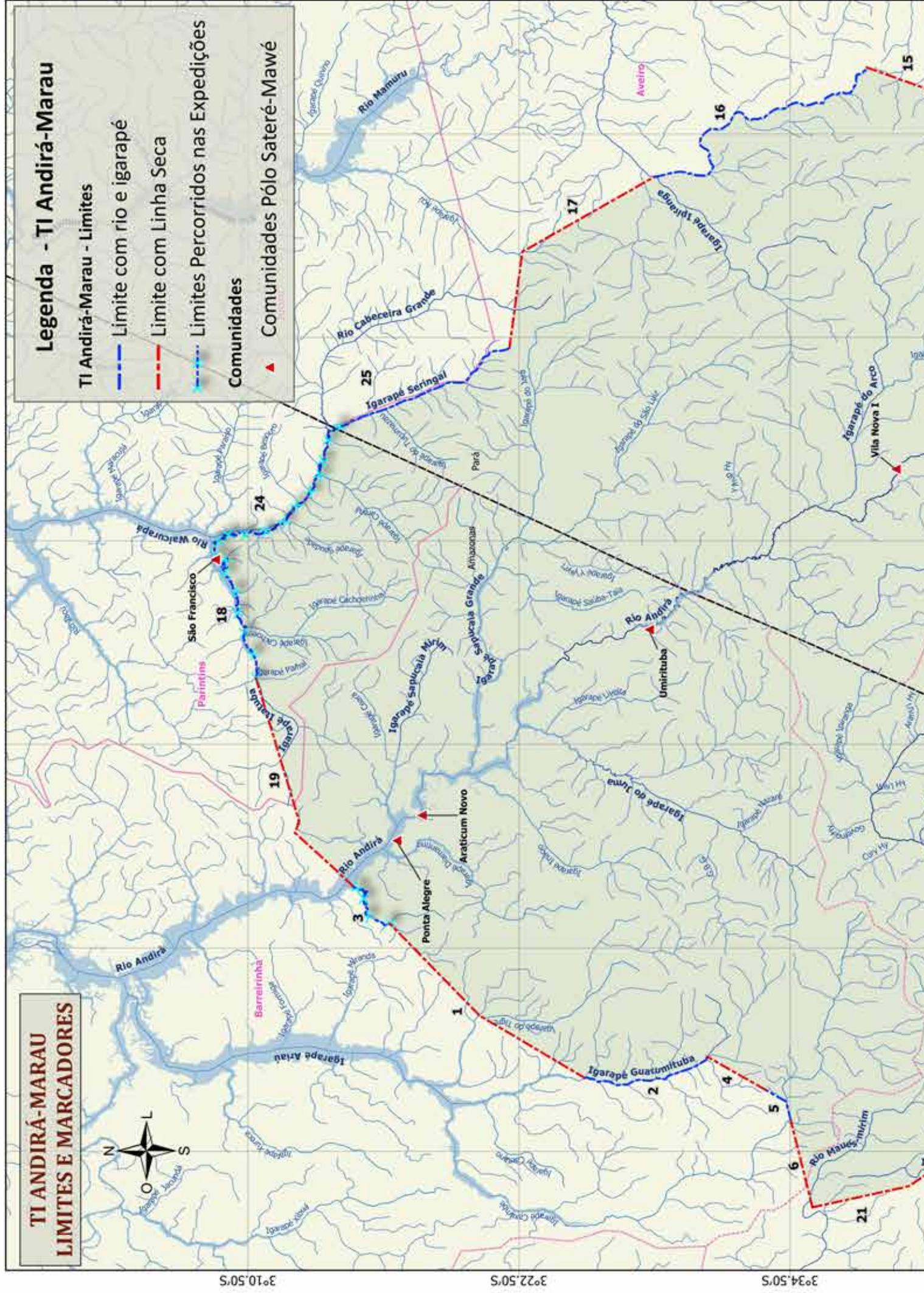
TI Andirá-Marau - Limites

--- Limite com rio e igarapé

Limite com Linha Seca

Limites Percorridos nas Expedições

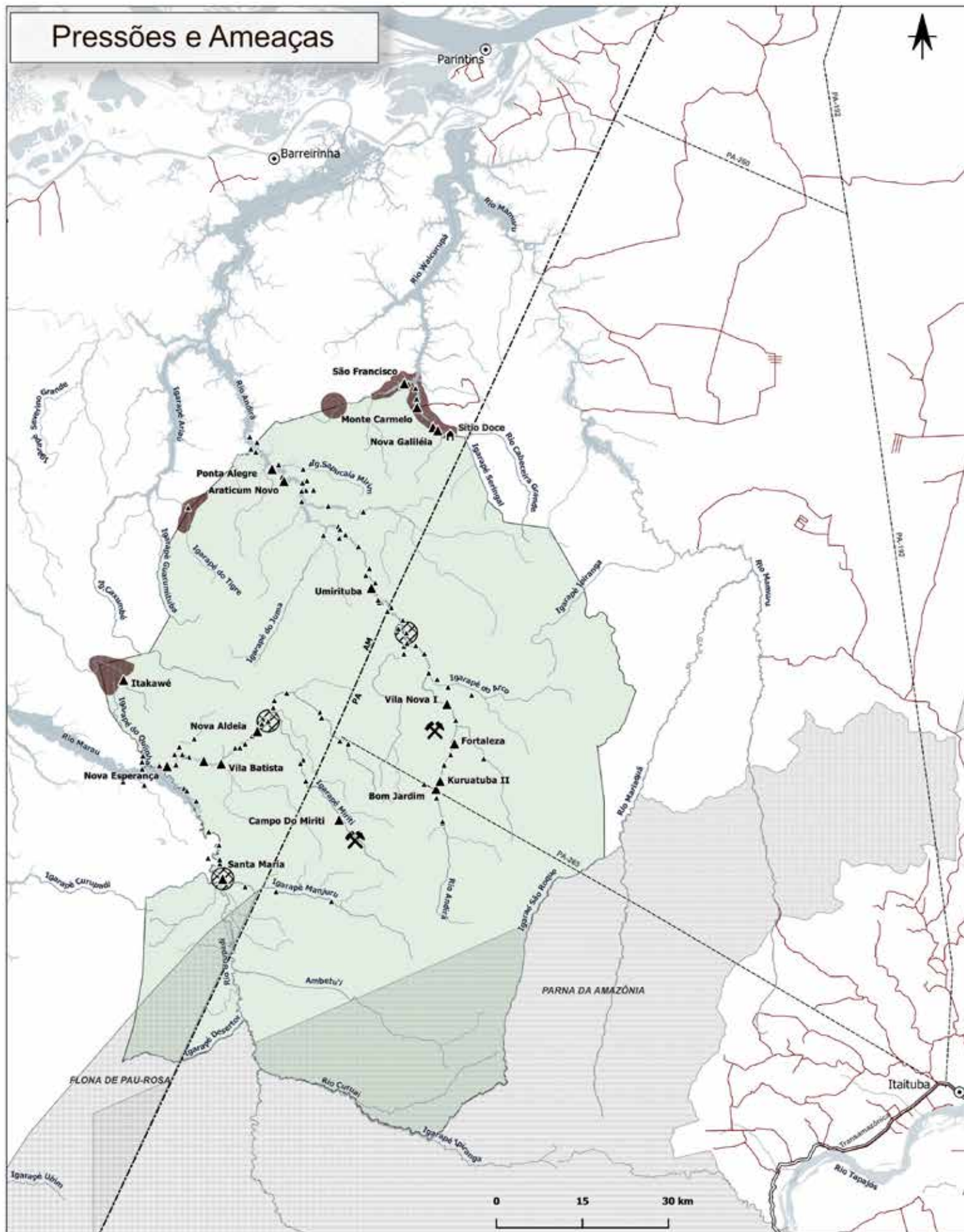
▲ Comunidades Pólo Sateré-Mawé



Limites e marcadores da TI Andirá-Marau

Número	Tipo	Nome/Local	Percorrido nas Expedições	Distância (km)	Município
1	Rio e Igarapé	Rio Guaranatuba	Sim	6,56	Barreirinha
2	Linha Seca	interflúvio Andirá-Guarumituba	Não	20,54	Barreirinha
3	Rio e Igarapé	Igarapé Guarumituba	Não	10,97	Barreirinha
4	Linha Seca	Interflúvio Igarapé Guarumituba – Igarapé Caxumbé	Não	5,44	Barreirinha
5	Rio e Igarapé	Igarapé Caxumbé e formadores	Não	3,62	Barreirinha
6	Linha Seca	Igarapé Caxumbé – Rio Maués-mirim	Não	7,30	Maués, Barreirinha
7	Rio e Igarapé	Igarapé do Quiínha e Rio Urupadi com Manjuru	Sim	69,55	Maués
8	Rio e Igarapé	Igarapé Desertor	Não	24,17	Maués, Itaituba
9	Rio e Igarapé	Rio Urupadi	Sim	12,02	Itaituba
10	Rio e Igarapé	Rio Curuaí/Ipiranga	Não	44,09	Itaituba
11	Linha Seca	Interflúvio Igarapé Água Branca – Igarapé São Roque	Não	0,26	Itaituba, Aveiro
12	Rio e Igarapé	Igarapé São Roque	Não	50,98	Aveiro
13	Linha Seca	Início no Igarapé São Roque próximo ao Mariaquã	Não	19,56	Aveiro
14	Rio e Igarapé	Igarapé formador do Mariaquã	Não	6,74	Aveiro
15	Linha Seca	Interflúvio formador do Mariaquã – Igarapé Ipiranga	Não	6,12	Aveiro
16	Rio e Igarapé	Afluente do Igarapé Ipiranga	Não	25,29	Aveiro
17	Linha Seca	Interflúvio Igarapé Ipiranga – Rio Waicurapá	Não	20,42	Aveiro, Juruti
18	Rio e Igarapé	Igarapé Itatuba	Sim	16,24	Parintins
19	Linha Seca	Interflúvio Igarapé Itatuba – Rio Andirá	Não	19,70	Parintins, Barreirinha
20	Rio e Igarapé	Igarapé Água Branca	Não	19,04	Itaituba
21	Linha Seca	Rio Maués-mirim – Igarapé do Quiínha	Não	12,56	Maués
22	Rio e Igarapé	Igarapé Arara/Traíra	Não	17,60	Maués
23	Linha Seca	Nascentes do Curupadi/ Arara até nascente do Igarapé Desertor	Não	28,90	Maués
24	Rio e Igarapé	Rio Waicurapá	Sim	36,32	Parintins, Aveiro, Juruti
25	Rio e Igarapé	Igarapé Seringal	Não	36,32	Parintins, Aveiro, Juruti
26	Rio e Igarapé	Igarapé do Quiínha	Sim	69,55	Maués

Pressões e Ameaças



- ▲ Comunidades Sateré-Mawé
● Cidades
■ TI Andirá-Marau

-  Unidades de Conservação
 Limite Estadual
 Hidrografia

- Rodovias**
- Implantada
 - - - Planejada
 - Ramais/Acessos

-  Madeiras
 Estacionamento de Recreios
 Prospecção Mineral

Fonte das comunidades: CTI / 2020



Acordos sobre vigilância e controle de invasões na Terra Indígena Andirá-Marau

- Manter as picadas dos limites do território limpas, e as placas de identificação da Terra Indígena visíveis.
- Nenhum tuxaua pode tomar decisão que impacte o território sozinho, sem consultar e ter o comum acordo de todos os tuxauas.
- Manter a atenção máxima para que não entrem garimpeiros dentro da Terra Indígena.
- Os não indígenas dos recreios e regatões que estão pegando lotes e abrindo roça no Torrado serão expulsos da Terra Indígena.
- Não aceitamos a abertura de estrada nos limites de nossa Terra Indígena. Contamos com o apoio dos tuxauas gerais, da FUNAI, do IBAMA e do MPF para fazer valer o nosso direito de consulta prévia (OIT 169).
- Ocupar as cabeceiras dos rios e outros lugares estratégicos, para proteger a Terra Indígena dos invasores.
- Melhorar a vigilância do território, com transporte, comunicação e estrutura de apoio nos lugares estratégicos.
- Ter um *drone* funcionando em cada posto de vigilância, no Marau, Andirá e Waicurapá.
- Fortalecer a vigilância na comunidade Belo Horizonte, localizada na entrada da TI no rio Marau, com uma casa de apoio.
- Criar um posto de vigilância no rio Waicurapá.
- Fortalecer a vigilância no encontro do igarapé Curuaí com o rio Urupadi, localizado no extremo sul da TI, com uma casa de apoio.
- Manter um posto de vigilância na entrada da TI, no rio Andirá.
- Controlar a pista de pouso da comunidade Vila Nova I.
- Aviões e helicópteros só podem pousar na Terra Indígena com autorização dos tuxauas gerais e das lideranças das comunidades envolvidas.

Hewaku hap ko'i wehaponik hap etiat hawyi yt mi'aro'i wehyt'ok teran Tapy'yia e'yi Andirá-Marau ehawe

- Miuwytip yn waku yi popy tek hap ko'i, hawyi miwan ko'i tapy'yia e'Yi rat meikopuo e hap ko'i enoi hap.
- Yt wentup ok'i tu'isa hewaku kuap tuweran ne'i ahe'yi etiat hap, yt hanoi pype'i i'ewyte wyti torania tu'isaria hewaku pote ne'i waku.
- Aimituḡmo kahato waku "Garimpeiro" ko'i wehyt'ok aha'yi piat pupī.
- Yt tapy'yiaria'i yara wato ereko haria mīt'in erepō'ok haria i'ewyte wy weneru'i-weneru'i e ta'atuhep yi hawyi te'eruweko nuḡ hamo "Torrado" ehap tote matuporenō'e hamuat tapy'yia e'yi pyi.
- Yt watikuesat'i mu'ap wato nuḡ ahe'yi puat hap. Miky'esap saikāp Tu'isa akoro ko'i kaipyi, FUNAI, IBAMA, hawyi MPF inuḡ hamo urumowatetup tuereto popera saikāp iwato rakat piat hap ewy (OIT 169).
- Watoine'en waku y'y hīk'i hy'akaḡ ko'i puo hawyi irania't seḡam waku ko'i hap upī, Tapy'yia e'yi poitynuḡ wehyt'ok-wehyt'ok teran haria pupī.
- Po'oḡ waku wehaponik pe ahe'yi kape, sewry hamuat, wo'omowatetup sehay wuat hamuat ko'i hawyi miky'esat mowyro hap aḡjumpe seḡam ko'i hap tote.
- Toiḡ wentup "drone" ehap waku torania yi poitunuḡ hamuat minuḡ ko'i upī, Marau pe, Andirá hawyi Waikurapa pe.
- Mimuesaika waku wehaponik hamuat Tawa Belo Horizonte ehap totiat, toiḡne'en Marau ehap hy'ypyke, minuḡ wentup netap waku mowyro hamuat.
- Minuḡ waku wentup netap yi poitynuḡ hamuat ehap Waikurapā hy pe.
- Mimuesaika waku wehaponik hamuat y'y hīt'i kurua'i ehap tote hawyi Urupadi hy'ypyke wy, toiḡne'en "sul" ehap kai Tapy'yia e'yi pe, wentup netap minuḡ mowyro hamuat wy.
- Minuḡ wentup netap mowyro ḡum hamuat tapy'yia e'yi, Andirá hy pe.
- "Avião" apyk hap Vila Nova I piat waku wehaponik pe waku toine'en.
- "Avião" hawyi "Helicópteros" ko'i te'erapyk kuap tapy'yia e'yi pe tu'isa akoro Ko'i hawyi torania motaḡ ko'i tawa ko'i atupiat hewaku pote yn.

- Buscar soluções para energia elétrica através de sistema solar, evitando mais desmatamentos com o Programa Luz para Todos.
- Analisar a situação da Ponta Alegre como distrito do município de Barreirinha, porque muitos tuxauas não concordam com essa situação.

A legislação e a TI Andirá-Marau

No artigo 231 da Constituição Brasileira de 1988, reafirmou-se o reconhecimento dos direitos originários dos povos indígenas sobre seus territórios tradicionais. Os povos originários, de acordo com a Constituição, têm o direito à demarcação dos seus territórios, porque eles são anteriores ao próprio Estado Brasileiro, já viviam nesta terra antes da chegada dos colonizadores portugueses.

Cabe ao Governo Federal (que também é chamado de Estado ou União) demarcar, proteger e fazer respeitar todos os bens que estão dentro das Terras Indígenas. Primeiro a FUNAI deve reconhecer o território indígena, através de estudos antropológicos, depois encaminhar para o Ministério da Justiça, que confirma e declara a área como posse tradicional indígena e, por fim, encaminha para o(a) Presidente da República editar o decreto que homologa a demarcação. Depois, a Terra Indígena é registrada em todos os cartórios dos municípios em que ela se situa, e também na chamada Secretaria de Patrimônio da União.

A Terra Indígena é um bem da União, destinada à posse permanente dos povos indígenas que detêm o usufruto exclusivo sobre os recursos naturais nela existentes. Ou seja, os povos indígenas são os donos da terra e seus legítimos ocupantes. A Constituição Federal do Brasil somente conferiu a propriedade à União como uma proteção a mais aos povos indígenas, como garantia para que a terra sirva coletivamente, e para que as atuais e futuras gerações dos povos possam viver de acordo com sua cultura e seu modo de vida. Por isso a Constituição afirma que a terra é inalienável e indisponível.

- Mikat'i waku "energia elétrica" ehap āt kaipywiat hentyhok rakat, mi'i yt mi'atuka po'oŋ'i ģa'apy ko'i "Programa Luz para Todos" ehap yt ewy'i.
- Mikāt'i-kāt'i waku Tawa Ponta Alegre "Distrito" ehap Barreirinha pepak ehap kaipyi, kat pote torania tu'isaria yt mikiyesat ewy'i.

Saikāp Akoro hawyi Tapy'yia e'yi Andirá-Marau etiat

Artigo 231 pe ti, Saikāp akoro "Constituição Brasileira 1988" piat ewy, mi'i pe wyti tohewaku tapay'yiaria ehe'yi muesaika kuap hap. Tapy'yiaria ti pyno, saikāp akoro piat ewy toiġ saikāp y'i popytek hap, kat pote te mi'iria ti sa'awy'ite wuaria ġuptee'em haria tī ra'yn, tukupte'em nī ra'yn mesuat y'i tote ikytsiġ rakaria put'ok i'atu'e hap ewakai te.

"Governo Federal" puo pyi wyti (i'ewyte wyti het "Estado" hawyi "União" e) toipytek, toipoitynuġ, i'ewyte wy toimontypōt torania kara'en tapy'yia e'yi piat ko'i tukupte'en rakaria. Sa'awy'i FUNAI waku ikuap tapy'yiaria e'yi hap, wemū'e haria "antropológico" ehap ko'i puopywiat, hawyi mipo'oro "Ministro da Justiça" ehap kape, mi'i hewaku tapy'yiaria yi ra'yn hap hamo hawyi, ikahuro hamo, mipo'oro "Presidente da República" kape popera tapy'yia e'yi hesaikap paġ hamo pywo tirat ehap hepopera nuġ hap ra'yn. Mi'irokine, tapy'yia e'yi mikuap we torania "Cartório" ko'i puo" município ko'i aġjumpe tapy'yiaria tukupte'en hap tote, i'ewyte wyti miset'ok "Secretaria de Patrimônio da União" ewy.

Tapy'yia e'yi ti "União" piat waku rakat y'i, tapy'yiaria piat nuat nīra'yn ra'yn mienoi mi'iria yn i'ekowāt kuap torania toiġ meipewat piat rakat ko'i-ko'i. Saikāp akoro Constituição do Brasil ehap mi'i yn ni imorania kuap e'yi ko'i tapy'yia e'yi kawiano po'oŋ hamo, meipewat yi torania pait waku rakat nuat wy, hawyi ywampakuptiaria mono tukupte'en te'erepokuap hap ewy. Mi'i tupono saikāp akoro hanoi waku miekowāt y'i yt waku'i hap ewy'i ne'i iwan piat hap ewy.

O decreto que homologa a demarcação da TI Andirá-Marau não cede, não doa, não empresta a terra. Ele reconhece o direito originário do povo Sateré-Mawé à Terra Indígena Andirá-Marau. Isso quer dizer que somente o povo Sateré-Mawé, que vive tradicionalmente nesse território, pode usá-lo e usufruir dos recursos naturais existentes dentro dele, desde que o usufruto seja para a reprodução física e cultural do povo.

A lei não permite que nenhum Sateré-Mawé realize atividades ilegais, assim como não permite a venda de qualquer parte da Terra Indígena e nem o registro de lotes separados. Todos os atos e documentos que tentem fracionar esse território não valem, são nulos, além de serem proibidos, pois a venda de patrimônio público é crime. Qualquer negócio que tenha como objetivo vender ou ocupar áreas dentro da Terra Indígena, seja por um branco, seja por um Sateré-Mawé, não tem validade, porque, além de a terra ser um bem da União, é um direito coletivo, com o objetivo de garantir a vida no território para as futuras gerações.

O direito é coletivo, é do povo, mas o povo é feito de pessoas. Cada qual pode caçar, pescar, plantar, colher, e por isso são importantes os acordos de uso: o que pode, e como pode manejar. Por isso a importância de fazer bons acordos, envolvendo todos os tuxauas, todas as comunidades, para que sejam pactuados e colocados em prática.

Acordos para fortalecer a autonomia das lideranças sateré-mawé na defesa da TI

Uma técnica muito usada pelos não indígenas para confundir e enfraquecer a luta é dividir as pessoas, colocar umas contra as outras. Isso acontece, por exemplo, na questão do atendimento às necessidades do povo Sateré-Mawé, na divisa dos estados do Amazonas e Pará. O povo é um só, a Terra é uma só e as políticas públicas (saúde, educação, etc.) devem ser oferecidas independentemente da cidade ou do estado mais próximo, esse é um direito adquirido. As lideranças devem atender aos interesses do povo e não aos da política partidária. Para isso a política dos Sateré-Mawé deve estar fortalecida:

Popera imuesaikap y'i Andirá-Marau popytek ehenoi etiat yt mimo'ẽ kuap'i, yt mihum kuap'i, yt ipuru'i y'i. Mi'i ikuap satereria tiky'esat yi TI Andira-Marau ehap ta'atussa'awy pyi te hap. Mi'itã tupono wyti Satereria yn, tukupte'en kuat meipewat yi mipytek pe, pyno waku ta'aekowāt kuap torania meipewat piat toiğ rakat ko'i-ko'i, torania seko minuğ ko'i piat waku rakanuat wy.

Meipewat saikāp yt iky'esat'i yt wentup'ok Satere'i inuğ kuap motpāp yt mi'aro'i ko'i, i'awyte yt miwenero kuap'i yi pepak ko'i i'awyte wy yt mipāt'ok-pāt'ok yt kuat'i tuwat'ite-wat'ite popera puopyi. Torania minuğ popera puopywiat miso'ohep-so'ohep yt waku rakat wo'i toiğne'en, yt hesaika rakat wo'i toiğne'en, i'awyte mipoitynuğ wo wy, miweneru kare'en miky'e ko'i pote mi'apahap ne'i. Torania minuğ ko'i iweneru teran ko'i haypiat hawui toiğne'en teran tapy'yiaria e'yi pe hap yt mi'aro'i, ikytsiğ rakaria, hawyi Satereria puopywiat, yt mi'ewakuwo'i toiğne'en, kat pote, yi wy "União" ehap wat ne'i, torania piat waku rakanuat mi'i turan, ywāpakuptiaria piat waku te'en-te'en tukupte'en hamuat tupono.

Torania piat waku rakat, mīt'īn wat ma'ato mt'īn sok toiğne'en mīt'īn kaipyi. Torania ti temiat kāt kuap, pīra kāt kaup, koi'e kuap, ipuhūk kuap, mi'i tupono waku kahato hot'ok'e iekowāt hamo: kan waku, aikotan me miky'e kaup waku. Mi'i tupono waku kahato minuğ aikotan me aru ehap, torania tu'isaria hewaku wy, torania Tawa Ko'i wy, hewaku ra'yn hawyi minuğ hamuat ra'yn tupono.

Miewaku mimuesaikap aiwemiky'esat ewy hamuat hap morekuat Satereria e'yi kawiano hanuaria

Miekowāt kahato yt tapy'yiaria'i puopywiat wentup seko, topot momperup kahato motpāp nuğ hamuat turan l'awyte mīt'īn pāt'ok-pāt'ok hap ete, to'oweuka'i-weukai'i to'opiat-to'opiat hamo. Mi'i ti minuğ kahato, kotã: wo'ehay ampo sat hap Satereria iky'esat ko'i yi wepāt'ok "Amazonas" hawyi "Parã" ehap wywuat. Mīt'īn wentup sok yn mi'i turan, yi wentup yn wy, i'ewyte mowyro hamuat wy (Sehaiğte hap, wemū'e hap, hawyi irania'īn.) waku minuğ aǰumpe toine'en yt pya'i tawa wato kai hap tote "Estado" ehap, meimuewat mipunti wesaikāp ehap ko'i. Akağnia waku ikuap ta'atuemīt'īn piat waku rakat wuat yt miekowāt kuap'i ikytsiğ rakaria wo'erohik hap. Mi'itã hamo satereria werohik hap waku mimuesaika kahato:

- Os tuxauas das diferentes comunidades e regiões devem se reunir com frequência para alinhar as suas ações, articulando decisões conjuntas.
- Os tuxauas devem conversar com frequência com seu povo, com os professores, AIS, todos devem estar bem alinhados e organizados em suas ações para o cuidado do território.
- Fortalecer os tuxauas mais jovens com encontros com os tuxauas mais velhos que conhecem as tradições do povo, e também convidar os Sateré-Mawé que têm estudo para explicar sobre a legislação e sobre assuntos de interesse para seu povo.
- Os representantes sateré-mawé que estão na cidade devem estar alinhados com as bases nas comunidades, apoiando o fortalecimento dos tuxauas locais e suas decisões.
- Fortalecer as relações com as instituições que podem apoiar a vigilância territorial e a fiscalização, como FUNAI, SESAI, MPF, IBAMA, CTI, CIMI, etc.

Acordos sobre a entrada e permanência de não indígenas na TI

Devemos exercer a autonomia em nosso território, impedindo a entrada de não indígenas para viver em nossa Terra, ou para controlar nossas vidas criando regras dentro das comunidades. Isso vale para os casamentos com gente de fora; para os pastores, padres e missionários; para os regatões e donos de recreio.

- Será permitido que apenas os não indígenas que já estavam casados com indígenas antes da publicação deste PGTA continuem morando na TI Andirá-Marau, desde que respeitando a legislação e a cultura indígena. A partir de então, não será mais permitido que outros não indígenas morem dentro da TI Andirá-Marau.
- Fica proibida a exploração de madeira por não indígenas dentro da TI, mesmo quando estes forem casados com indígenas.
- Nenhum não indígena tem o direito de mudar o modo de viver do povo Sateré-Mawé; não podem proibir nossos rituais e nossas crenças, não podem desrespeitar nossas regras internas.

- Tu'isaria waku te'era'atunuḡ wentup sok irania'ṽn tawa piaria wywo merep'i-merep'i motpāp ehay nuḡ hamo, torania ikāt motpāp minuḡ wuat wentup ehay yn.
- Tu'isaria waku merep'i-merep'i te'era'atunuḡ sehay-sehay tatuemīt'ṽn wywuāt hamo, pyruweiria wywo, "AIS" ko'i wywo, torania waku tukupte'em wentup sok yn yi eropāt hamo.
- Mimuesaika waku tu'isaria ipakuptiaria tu'isaria wywuāt wo'opuenti-puenti hamo naḡnia seko kuap haria wywo, i'ewyte wyti miatuwenka Satereria wemū'e po'oḡ popera Saikāp Akoro ko'i etiat enoi hamo hawyi wy kat ko'i-ko'i satereria miky'esat ko'i mohot'ok hamo.
- Mi'airo tawa wato piaria Satereria waku tukupte'en tawa ko'i wywo wentup sok yn, tu'isaria muesaika tawa piaria wywo motpāp nuḡ kuap hamo.
- Mimuesaika waku to'owehik hamo saikāp wehaponik kaup y'i mitek kapiat, hawyi ikāt'i-kāt'i hamo, FUNAI ehap, SESAI ehap, MPF ehap, IBAMA ehap, CTI ehap, CIMI ehap, hawyi irania'ṽn.

Miewaku hap aikotan me yt Tapy'yia'i weke hamo hawyi toine'en Tapy'yia e'yi piat hamo

Wahewaku a'iwewiat wo'erohik kuap hap ahe'yi piat hamo, yt mi'aro kuap'i yt tapy'yia'i eke toine'en ahe'yi piat hamo, i'ewyte wy i'atuwanentup hap tote watoine'en tawa ko'i hamuat ne'i pote. Meḡewat wyti waku wo'okoka'at yt tapy'yia'i wywuāt'i haria pe wyti; "Pastor" Ko'i pe; Pa'iria pe; hawyi torania Tupana ehay enoi haria pe wy; hawyi weneru-weneru eharia pe hawyi yara wato'ṽn kaiwaria pe.

- Miaro kuap yt tapy'yia'i hekatuwṽ tapy'yia wywuāt mesuwat popera "PGTA" ehap yt muesaika ite turanuāt haria yn terukupte'em kuap Tapy'yia e'yi pe Andira Marau ehawe, waku ma'ato ta'atumontypōt saikāp akoro hawyi tapy'yiari eko ko'i. Mi'i tupono ti, irania'ṽn yt tapy'yiaria'i yt tukupte'em kaup'i ra'yn tapy'yia e'yi Andira Marau ehawe.
- Yt miaro'i aria'yp puruk hap yt Tapy'yia'i puopyi Tapy'yia e'yi pe hap, hekatuwṽ tapy'yia wywuāt pykai rakat.
- Yt wentup'ok'i yt Tapy'yia'i ipēro'ok kaup Satere wemopukuap heine'en hamuat hap, yt ta'atuhewaku'i kuap'i aiwemosaptaḡ hap ko'i hawyi aimimohey

- Os missionários ficam proibidos de morar nas comunidades sateré-mawé; podem trazer a palavra, mas não podem viver dentro da Terra Indígena. Também não podem tirar fotos sem autorização.
- A entrada de não indígenas, turistas ou não, só é permitida se for autorizada pelo tuxaua geral e pelo tuxaua das comunidades envolvidas. Todas as instituições devem atender a essa regra: o CGTSM, as associações indígenas, os políticos, os funcionários públicos, os missionários, etc.

Acordos sobre a entrada e permanência de embarcações na TI

Outro tipo de invasão do território são os barcos e regatões que não respeitam as lideranças e as comunidades. Tem barcos de recreio que vão até as comunidades Nazaré (Alto Marau), Torrado (Alto Andirá) e Santa Maria (Urupadi) e ficam estacionados nos portos dessas comunidades, jogando lixo e óleo queimado nos rios e nas beiradas, sujando e contaminando nossas águas. Além disso, nos barcos também trazem bebidas e drogas a serem usadas dentro da Terra Indígena. Então, são muitos motivos que temos para organizar e controlar a entrada e saída desses barcos no nosso território.

- Criar três pontos de vigilância das embarcações: um na entrada do rio Andirá, próximo da comunidade Guaranatuba, outro na entrada do rio Marau, próximo da comunidade Belo Horizonte, e outro na entrada do rio Waicurapá, próximo da comunidade Nova Alegria.
- O controle das embarcações deve ser feito pelas autoridades e lideranças indígenas, com apoio dos agentes ambientais de cada comunidade.
- É proibida a entrada de drogas e bebidas alcoólicas na Terra Indígena.
- Os barcos devem ser inspecionados pela Capitania dos Portos, no que diz respeito a segurança e legalidade.

ko'i, yt terekry'i kuap'i aimimontypōt ko'i ete aikotan me aheko ko'i wo'oerohik hap ko'i ete.

- Tupana ehay enoi haria yt miaro kuap'i Satereria etawa ko'i puo tukupte'en hamo, waku ta'atuerūt kaup sehay, ma'ato yt tukupte'en kuap'i tapy'yia e'Yi pe. I'ewyte wyti yt miaro'i ja'aḡkap purūk ko'i yt miewaku pykawiat'i pote.
- Yt Tapy'yia'i weke hap, sewryap ko'i yt'i, miaro kuap waku'e Tu'isa akoro piat pote yn hawyi tu'isaria tawa ko'i puat waku epote yn. Torania Saikāp ko'i waku ikuap meimuewat ehap ko'i seko: CGTSM Satereria e'saikāp, wo'erohik haria motaḡ ko'i, wepotpāp mīt'In wywyat ko'i haria, hawyi Tupana ehay enoi haria, hawyi irania'In.

Miewaku Yara wato'In ko'i weke hap etiat hawyi hemōt Tapy'yia e'yi piat hap etiat

Wentup tuweupiat wehyt'ok Tapy'yia e'yi piat hap wyti Yara wato'In ko'i puo pyi weneru-weneru e'harua yt imontypōt'i Motāḡ ko'i i'ewyte wyti Tawa ko'i. Tukup yara wato'In mīt'In erepo'ok haria put'ok'i atu'e Tawa Nazare tote (Marau e hy'akaḡ me), Torrado (Andirá e hy'akaḡ me), Santa Maria (Urupadi) meimuewat wā tote tira'yn tukupte'en, ta'atupun'hā ywysok ko'i y'y pe "óleo" hūn ko'i y'y pe hawyi yempe ko'i upī, ta'atumoysyk'a ta'atumoahū ahe'y ko'i. I'ewyte wyti, mierepo'ok mahy hawyi irania'in ḡetmū'e ko'i miekowāt ko'i wuat Tapy'yia e'yi piat hamo. Pyno, tupono tukup kahato wemoherep hap aiwepotpāp aikotā ai'e pote wahewaka waku puo ti ra'yn meimuewat yara weke hap i'ewyte wyti i'atuweno'ē hap ahe'yi piat hap.

- Minuḡ waku mye'ym seḡam wehaponik hamuat yara ko'i etiat hamo; wentup Andirá hy'ypyke, Tawa Guaranatuba ehap ywyt pe, hawyi wentup Marau hy'ypyke, Tawa Belo Horizonte ehap ywyt pe, hawyi wentup wyti Waikurapa hy'ypyke, Tawa Nova Alegria ehap ywyt pe.
- Mekewat yara ko'i etiat wehaponik hanuaria waku minuḡ motaḡ ko'i, i'awyte mowyro ḡum hanuaria yi ewapy epiok haria wywo torania tawa ko'i puaria.
- Yt miaro'i mahy ko'i i'ewyte wy irania'In ḡetmū'e ko'i ereke tapy'yia e'yi piat hap.
- Yara ko'i waku mikat'i-kat'i y'y e surara'In puopyi, wehaponik waku tira'yn e hap tote tukupte'en.

- Barcos individuais de não indígenas são proibidos. Em caso de necessidade extrema precisam da permissão das lideranças e do tuxaua geral.
- As embarcações para venda de alimentos (regatões) só podem entrar com autorização dos tuxauas das comunidades, com comunicado de trinta dias de antecedência.
- Ficam proibidas as viagens noturnas de barcos não indígenas dentro da Terra Indígena.
- As embarcações só podem fazer recreio mediante autorização dos tuxauas das comunidades e da FUNAI.
- Os barcos têm que obedecer às lotações permitidas e às regras de segurança da Capitania dos Portos.
- As crianças e velhos não podem ficar na popa e proa, devem ficar nas redes, por segurança.
- Pessoas embriagadas ficam proibidas de viajar nas embarcações.
- Os barcos de recreio devem deixar os passageiros nos portos e sair da Terra Indígena, não podem permanecer dentro dela.
- A entrada dos barcos de linha nos fins de semana deve ser decidida pela Assembleia dos Tuxauas e reavaliada sempre que for necessário.
- O preço da passagem tem que ser combinado com o tuxaua geral, em acordo com os tuxauas das comunidades.
- Se algum barqueiro, seja de recreio ou regatão, não respeitar as regras ele fica impedido de voltar a entrar na Terra Indígena.

- Yara tuwat'ite wuat ne'i yt tapy'yia wat'i yt miaro'i. Miky'esat kahato pote miaro kuap motaḡ ko'i hawyi tui'sa akoro puopywiat yn.
- Yara mi'u weneru hanuaria (Regatões) tuwehyt'ok kuap tu'isaria tawa ko'i atupiat hewaku pote yn, mimowatetup tī 30 e āt hap ewy pyi.
- Yt miaro'i yara yt tapy'yia wat'i wantymuat hewyry tapy'yia e'yi pe hap.
- Yara ko'i mīt'īn erepo'ok kuap Tu'isaria tawa ko'i upiat hewaku pote yn hawyi Funai puopyi.
- Yara ko'i waku imontypōt ipoty oktan ereto kuap hap seko y'y e surara'īn piat ehap ewy.
- Hirokaria hawyi ase'iria yt waku'i hetua tote hawyi i'ampo ke, waku tukupte'en ynipo, te'erukawiano hap.
- Imompe'ā rakaria yt miaro'i yara ko'i puo l'atuewyry hamo.
- Yara mīt'īn erepo'ok haria waku ha'atuiat ta'atumierepo'ok ko'i i'atuwā ko'i upī hawyi te'eruweno'ē tapy'yia e'yi pyi. yt tukupte'en kuap'i tapy'yia e'yi pe.
- Yara mīt'īn erepo'ok haria weke hap "semana" ywopo piat hap yn miewaku wa'atuḡ wato tu'isaria wat turan waku miepiok ikyesat turan tuereto.
- Yara puat mu'ap sa'up nuḡ hap waku miewaku tu'isa akoro, hawyi tu'isaria tawa ko'i wywo miewaku hap tote.
- Ma'ato yara kaiwat, mīt'īn erepo'ok haria hawyi weneru eharia, yt imontypōt'i seko ko'i yt miaro kuap'i ra'yn heke tapy'yia e'yi piat hamo.

Cultura Seko Ahyt



*Não adianta o povo ter lutado se o próprio povo desconhece sua essência e sua origem.
Como é que um povo vai poder se fortalecer se ele não conhece sua origem?*

Alberto Guilherme de Souza,
Agente ambiental da comunidade Divino Espírito Santo, Igarapé Manjuru.

*A língua é muito importante para organizar as ideias. Através das histórias conhecemos
e respeitamos nossos pais e parentes. Se conhecemos nossa história, vamos saber
como era antes e como será no futuro, nos ajudando a cuidar do nosso povo. (...)
O canto é o documento para nós, é uma história contada da nossa realidade.*

*As histórias também são muito importantes para o povo. Como chegamos aqui? Como
os tuxauas vêm se organizando? Qual é o motivo e importância de uma organização?
Tudo isso é importante, pois através da união, ou do conselho, ou de uma reunião surgem
a origem e as regras de cada mitologia. (...) Nós sabemos que nos cantos da Festa da
Tucandeira tem conselhos para respeitarmos uns aos outros, não mexer nas coisas dos
outros sem autorização. Se ninguém entender esses cantos e essas palavras técnicas, se
não aprendermos através disso, podemos falar que muitas vezes a gente desmorona o
conhecimento dos velhos, e falamos que os velhos não são estudiosos. Mas nós estamos
muito enganados quanto a isso, pois os velhos são os nossos doutores e bibliotecas vivas.*

Bernardo Alves,
Tuxaua da comunidade Terra Nova, rio Marau.

*Querem saber como comprávamos os conhecimentos dos mais velhos? Com
guaraná ralado bem grosso. É dessa forma que compramos o conhecimento, não é
com dinheiro. É dessa forma que compramos o conhecimento ancestral.*

Antônio Tibúrcio,
Tuxaua Geral do Marau

Como está nossa cultura atualmente

Nós, Sateré-Mawé, somos filhos do *warana*, nós nascemos com ele. O ritual de beber o *çapó* (bebida cerimonial: guaraná ralado na água seguindo protocolos) é muito importante para nossa organização, nele está o princípio do nosso conhecimento – o *Wará*. O *Wará* está no nosso cotidiano, desde o plantio do guaranazal, envolvendo todo o cuidado com ele. Envolve buscar na mata as talas de inajá para fazer o *patawi* (suporte cerimonial que recebe a cuia com o *çapó*), a

Yt ikuap'i pote aikotan me mepyi yt kuap'i ywania tuwekawiano kuap kat pote yt toikuap'i tosa'awy etiat. Aikotan me apuru ywania tuwemuesaika kuap, tosa'awy etiat yt kuap'i pote?

Alberto Guilherme de Souza

Yi ewa epiok hat, Tawa Divino Espirito Santo, y'y hit'i Manjuru piat

Sehay ti waku kahato aiwamentup hap porokpun wakupiat hamo. Nīmo so ehap ko'i puopyi watikuap ai'ywōt'īn hawyi aiwyria'īn montypōt hamo. Aiwat nīmo so ehap watikuap pote, watikuap wy aikotā sa'awy'ite hap etiat hawyi aikotā mesūptan ahawakawiat nuat hap ete, aipowyro ai'ywania erohik kuap hamo (...) wep̄ hap ti saikāp uruepe. Aiwat pywo piat nīmuat etiat enoi hap.

Nīmo so ehap ko'i wy sēse ywania pe waku rakat ko'i. Aikotan meig̃ put'ok watu'e mejūmpe? Aikotan meig̃ tu'isaria te'eru'we'okhik? Aikotan hamo waku wo'okhik hap (organização)? Torania meimuewaria waku rakaria, kat pote wo'okhik hap kaipyi wo'onampīn hap toiḡ kuap, wo'atunuḡ hap puopyi wo'onampīn hap toiḡ wy hawyi wo'atunuḡ hap puopyi te'eruwemohep sa'awyria etiat nīmo so ehap puopywiat waiḡ ehap (...) Waku Aito watikuap womat eruwep̄ hap puopyi wo'onampīn hap aiwo'omontypōt-montypōt hamuat hap, yt watema'at kuap'i aiwyria'īn ekat yt imienoi'i ko'i ete. Yt uwe'i ra'yn meimuewat wep̄ hap ikuap pote meimuewat sehay ha'aḡkap wuat yt watikuat'i ra'yn sehay ko'i. yt watikuap'i meimuewat ko'i pote watimoweity kaup ne'i naḡnia'īn mikuap we'eḡ hap ko'i, yt wemū'e'iharia watu'e ne'i wy. Ma'ato watema'at sēse tira'yn miotan ai'ehap puo pyi. Ahenaḡnia ti nampīn eharia hawyi we'eḡ ahyt ihaḡtete rakaria.

Bernardo Alves,

Tu'isa Tawa Terra Nova piat, Marau Hy totiat.

Ewei kuap teran apo aikotan muo puopyi uruikiyi'at naḡnia'īn mikuap ko'i? Warana pē'e hypīt puo pyi, mi'i puo pyi ti uruikiyi'at naḡnia'īn mikuap koi', yt taiuwa wo'i "dinheiro". Mi'itan me ne'i ti mikiyi'at sehay ahyt naḡnia'īn mikuap.

Antonio Tiburcio

Tu'isā akoro Marau hy piat.

Aikotā aheko korā turan

Aitoria, Satereria ko'i ti warana (Ḡuaranā) mempyt'īn, aitoria ai'ywā'i iwywo wy. Warana ehap ti mimontypōt kahato popouat mihy'u (imontypōt hap wywo mihy'u, warana pē'e hy mimo'ē waku kahato aherohik hap ko'i pe wy mi'i pe toiḡne'en ḡuap'a sa'awy ko'i etiat - wara ti ihot'ok ewy-ewy toiḡne'en aiwywo ikoi hap tote pyi te wy waku wateropāt aimitumo kahato. Patawi nuḡ hamo waku misu'āt ḡa'apy kape pūwi oktu kaḡ ko'i (Warana hy kui'a piat pytyp wo) ipypeman hamuat (yrypo) misu'āt ḡa'apy kape yrypo, warana pē'e hy. pytyp, tuwenuḡ warana pē'e hamo

feitura do pão de *warana*, envolve o momento e o jeito certo de ralar *çapó* e o jeito de falar e ouvir as boas palavras.

O Porantim é nossa escritura sagrada, só os especialistas sabiam ler essa escritura. Ela é muito poderosa e tem o nosso respeito. Estamos refletindo sobre a melhor forma de cuidar dos exemplares de Porantim que ainda existem na nossa TI.



Ritual do Wará, comunidade Simão, Médio Andirá, 2018.

Os rituais, os cantos, as histórias são fundamentos da nossa cultura. A transmissão desses conhecimentos acontece de forma oral, dos mais velhos para os mais jovens, na nossa língua sateré. A língua é muito importante para organizar as ideias. É através das histórias que conhecemos e respeitamos nossos pais e parentes.

Nós temos rituais muito antigos que seguimos realizando, eles nos trazem histórias do nosso passado, e trazem conhecimentos sobre todas as coisas, sobre a natureza, sobre as nossas regras de convivência, sobre a saúde do nosso povo.

O *Womat*, conhecido também como Festa da Tucandeira, é o ritual de passagem de meninos para homens, quando eles são picados pelas formigas. Nos cantos do *Womat* são contados nossos mitos e histórias de guerra, como a Cabanagem, por exemplo. Entendemos que esse ritual funciona também como uma vacina para nós, formando homens valentes, guerreiros e bons caçadores.

tira'yn waku mi'i, waku ra'yn warana ok hawyi tuwesa'awy nuḡ warana ok koho hap ra'yn hawyi sehay wakuat yn misu'āt warana pē'e turan.

Puratiḡ wan wyti ikȳ'e kahato rakat. Ḡuap'a ko'i yn ni imowempāp kuap iwan ko'i, mi'i ti sēse resaika rakat hawyi mimontypōt kahato. Wanentup hap wy ti, aikotā watu'e aru meimuewat ahepuratiḡ ko'i ahe'yi piat erohik kuap hamo.



Raimundo Ferreira da Silva (Dico), Tuxaua Manoelzinho Michiles com Porantim, Tuxaua Geral do Marau Emílio Tibúrcio, rio Andirá, 1982.

Wepowera hap ko'i, wēpy hap ko'i, nīmo so ehap ko'i ti urueko muesaikāp sēse tira'yn. Meimuewat ko'i ti naḡnia'īn tiporerokosāp sehay puo pyi yn naḡnia po'oḡ me hawyi ywāpakup tiaria ko'i puo, aipusu puo tira'yn. Sehay waku kahato aiwanentup hap ko'i apypok wakupuat te'en-te'en hamo. Nīmo so ehap ko'i puo pyi watikuap ai'ywōt'īn montypōt hamuat hawyi aiwyria'īn montypōt hamuat.

Aiwepowera hap ko'i tukupte'en nīmo pyi tī ra'yn mi'i watāt'i-tāt'i waku, mi'iria ti herūt nīmuat seko ko'i, toterūt ḡup'a torania etiat, ḡa'apy etiat ko'i, aiwo'osat'i-sat'i kuap hamuat hap etiat, ai'ywānia ehaiḡte hap etiat.

Womat, wyti watyama wywuat sehairu hap, kurum iwasuria wepowera hap tokoka'at naḡ wuat hamuat hap, karampe te'eruwehok-hok watyama wo turan. Womat piat wepȳ hap puo pyi mienoi nīmuat wo'atūka-atuka hap etiat, "Cabanagem" ehap awȳ. ahepuo wyti mi'i mohaḡ wo'osuk hap ewywuat, toimomput'ok mīt hesaika rakat wo, wemohey hat wo, imiat rakat wo.



Womat na comunidade Nova Alegria, rio Waicurapá, 2018.



Womat na comunidade Simão, Médio Andirá, 2019.

O *Maig-maig* é outro ritual muito importante para nós. Infelizmente são poucas as comunidades que ainda o realizam: somente duas no igarapé Manjuru e duas no rio Andirá. Queremos nos esforçar para que os mais velhos (*nãg*) que detêm o conhecimento dos cantos e danças possam ensinar à juventude sateré-mawé.

O Gambá, mesmo não estando na nossa origem, vem sendo feito desde muito antigamente pelo nosso povo. Os antepassados aprenderam com a sociedade envolvente, e o adaptaram.

Assim como são importantes os rituais e seus cantadores, também são especiais os conhecimentos dos puxadores, dos parteiros e parteiras, dos *painis* (pajés), das pessoas que sabem fazer os remédios caseiros, dos artesões que sabem fazer os objetos que usamos no cotidiano.

Atualmente temos duas questões importantes que estão dificultando o ensinamento das tradições da nossa cultura. Por um lado, é uma questão interna: algumas famílias estão com dificuldade de educar os filhos, alguns jovens não obedecem às regras do nosso povo, bagunçam, às vezes ficam violentos, às vezes ficam deprimidos.



Womāt na comunidade Manga, Médio Marau, década de 1980.



Kampa, rio Marau, 1980.

Māiḡ-māiḡ wyti wentup wewowera hap wakuat kahato ahepiat rakat wy. Ma'ato ti yt i'atu'i ra'yn tawa wemohapāp meimuewat etiat haria: tȳpy tawa yn na'yn inuḡ Moikurū'ehap hy pe (Rio Manjuru) hawyi tȳpy tawa inuḡne wy Haki'i hy pe (Rio Andirá). Watiky'esat kahato ahenagñia piat aimū'e wepȳ ko'i hap ete, hairu hap hawyi wēpy kuap hap ta'atuporekosāp ai'ywāpakup tiaria puo waku.

Kampa, yt uruwat rī sēse pykai'i, nīmo pyi te tī ra'yn miekowāt ahanaḡnia pyi te. Aha'ase'iria ti hepāp irania'īn kaipyi ne'i ra'yn (yt tapy'yitaria'i) mierūt topyhu'at ai'ywānia pe.

Aikotā wewowero hap waku i'ewyte wepȳ kuap hap wy, i'ewyte waku kahato wēhyhon potiat kuap haria, wo'omomemptyt kuap haria, (paiḡninia) mikuap ko'i, mīt'īn mohaḡ aipuat nuḡ kuap haria, pi'iḡ-pi'iḡ'e kuap haria miekowāt wuat'i e'āt piat ko'i rakaria.

Korā turan ni toiḡ tȳpy aipyhȳp kahato aiwemū'e aheko ko'i etiat hamo. Wentup ti aitokpiat: irania'īn aiwyria'īn memptyt'īn yt atumū'e kuap'i, irania'īn ywāpakup tiaria yt imontypōt'i ra'yn aheko waiḡ hap ko'i, asuwe to'okyry'i ne'i ra'yn, asuwe i'atupy'yhak ne'i ra'yn, asuwe i'atuarōt ne'i ra'yn wy.

Por outro lado, existe a influência externa, a falta de respeito dos *caraiwa* (não indígenas) sobre a nossa cultura. No atendimento à saúde da SESAI nossos conhecimentos não são valorizados como deveriam ser. Do mesmo modo, representantes de algumas igrejas desvalorizam o conhecimento dos *painis*, puxadores, cantadores e parteiros. Em muitas comunidades já existe a proibição para as pessoas não participarem dos rituais. Muitos tuxauas não fazem mais o *Womat* porque a religião não permite. O *Maig-maig* só é realizado hoje em quatro comunidades, todas elas católicas, nas outras não estão fazendo mais. E mesmo com as igrejas funcionando nas comunidades, muitos jovens seguem desrespeitando as lideranças e os mais velhos. E a disputa das igrejas nas comunidades acaba desunindo o povo Sateré-Mawé.

As religiões na Terra Indígena Andirá-Marau

Segundo as fontes históricas, o primeiro contato dos Sateré-Mawé com os brancos se deu em 1669, com jesuítas portugueses.

Com o tempo a relação com a igreja católica foi se transformando, dezenas de igrejas evangélicas foram entrando no território. Atualmente, na região dos rios Marau e Miriti foram registradas 21 igrejas católicas e 23 igrejas evangélicas. Na região do Andirá foram registradas 32 igrejas católicas e 35 igrejas evangélicas. No Urupadi e Manjuru foram registradas cinco igrejas católicas e sete igrejas evangélicas, e no Waicurapá foram registradas uma igreja católica e seis igrejas evangélicas.

Entre as igrejas presentes na TI, além da católica, estão as protestantes Metodista, Adventista, Batista, e as pentecostais, Assembleia de Deus, Deus é Amor, Igreja do Brasil, Igreja da Paz, Nazareno e Manancial.

Em algumas comunidades tem mais de uma igreja; na comunidade Vila Nova II, no Marau, são cinco igrejas diferentes; e na Ponta Alegre do rio Andirá, tem oito igrejas diferentes. Cada qual com seu jeito de funcionar, de buscar fiéis, de impor regras e proibições, prejudicando a transmissão dos conhecimentos tradicionais ao impedir os rituais de acontecerem.

l'ewyte wy, yt tapy'yiaria'i eko ko'i, yt aheko montypōt'i. Mohaḡ ḡum haria puopyi (SESAI) aimisepāp ko'i yt ta'atumontypōt'i, yt aimiky'esat ewy'i. l'ewyte, iraniam'īn yt tapy'yiaria'i wepowera hap (igreja) akaḡ (padre, pastores) yt imontypōt'i Paigñinia wepowera hap, wo'opot hyrēm hap, wepēm haria hawyi wo'omomemptyt haria. Irania tawa ko'i puo yt miaro'i ra'yn mīt'īn wepowera tuereto hamo. Iraniam'īn tu'isaria yt inuḡ'i ra'yn womat, kat pote yt tapy'yiaria'i wepowera hap (religião) yt i'aro'i ra'yn. Maiḡ-Maiḡ ti minuḡ miote 4 tawa pe yn na'yn, "Igreja Católica" toiḡ hap tote yn na'yn, iraniam'īn muo yt minuḡ'i ra'yn. l'awyte toiḡ meimuewat "Igrejas" tawa puo pykai yt minuḡ'i ra'yn maiḡ-maiḡ, iraniam'īn kurum iwasuria ti tu'isaria yt montypōt'i ra'yn i'awyte naḡnia yt montypōt'i ra'yn wy. Sēse i'atu "Igrejas" ehap tawa ko'i puo mi'i hap kaipyi ti tawa ko'i to'opāt'ok-pāt'ok kahato ne'i ra'yn.

Yt tapy'yiaria'i kaipywiat wepowera ahe'yi piat hap: Haki'i Hy - Marau Hy pe

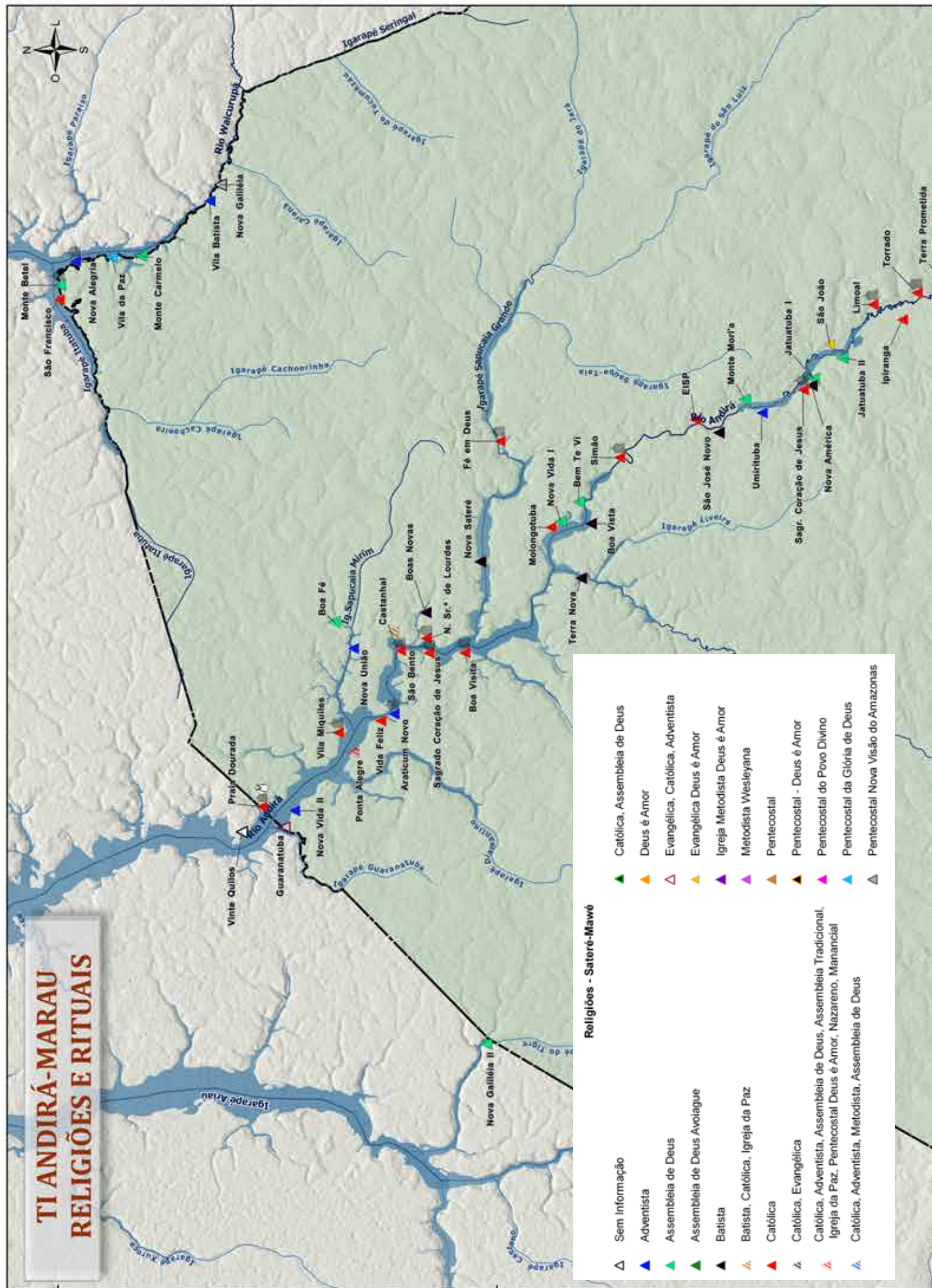
Typuat henoi hap puopyi ti, Satereria wo'opuenti hap yt tapy'yiaria'i wywuat 1669 e'akaiu piat hap, pa'iria wywuat hap.

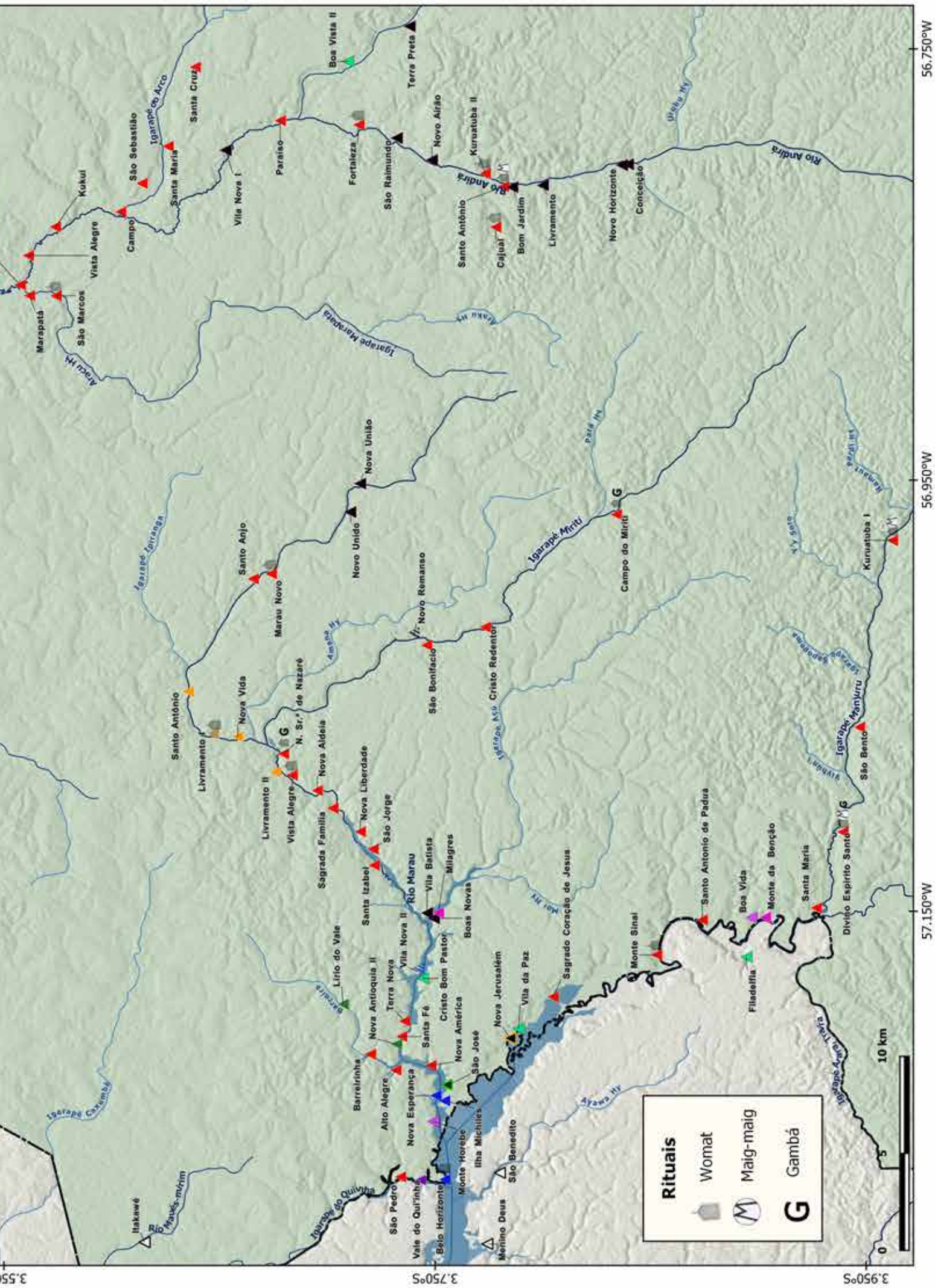
Mesūp tān epote ti ma'ato "igreja católica" puo pyi, "igreja evangélica" tēke i'atu ra'yn wy ahe'yi pe. Korā turan Marau Hy pe hawyi Miriti Hy pe toiḡ "21 igrejas católicas" hawyi "23 igrejas evangélicas". Haki'i Hy pe toiḡ "32 igrejas católicas" hawyi "35 igrejas evangélicas". Urupāt'i hy pe (Rio Urupadi) hawyi Moikurūt'ehap hy pe (Rio Manjuru) pe toiḡ "05 igrejas católicas" hawyi "07 igrejas evangélicas" hawyi Waikurapa Hy pe "01 igreja católica" hawyi "06 igrejas evangélicas".

Meimuewaria "igrejas" ko'i wyti toiḡ TI pe, "igreja católica" rokine ti toiḡ, "Protestante, ", Metodistas, Adventistas, Batistas hawyi Pentecostais, Assembleias, Deus é Amor, Igreja do Brasil, igreja da Paz Nazareno e Manancial".

Irania tawa ko'i puo toiḡ tēpy te-tēpy te, "igrejas", Tawa Vila Nova II, Marau Hy piat rote toiḡ "5 igrejas" tuweupiat-weupiat wepowero haria hawyi Yi ampo Wepīt'i (Ponta Alegre) Haki'i hy tote, toiḡ "08 igrejas" tuweupiat-weupiat wepowero haria. Meimuewaria te'eruwat'i-wat'i te'erepowero, imohey haria kāt haype, miporokpun myhēm hap, yt ta'atuky'esat'i ra'yn aiwepowero puopywiat aimikuap ko'i porerokosāt te'en-te-en hap.

TI ANDIRÁ-MARAU RELIGIÕES E RITUAIS







Igreja católica
comunidade Novo
Remanso, igarapé
Miriti, Alto Marau,
2019.

Outro desafio que também está relacionado à influência dos não indígenas na Terra Indígena é o uso da língua portuguesa nas comunidades. Alguns conhecimentos específicos do nosso povo são melhor transmitidos na nossa própria língua, mas as famílias que vivem mais perto dos não indígenas acabam falando em português dentro de casa, principalmente no rio Waicurapá.

Para aumentar nossa autonomia e fortalecer a luta do nosso povo, é muito importante que nossa língua esteja viva, que nossa cultura seja valorizada e que nossos rituais continuem acontecendo.

Nossa cultura material

Nós sabemos fazer todas as coisas de que precisamos no dia a dia. Fazemos *tupé*, *urutu*, panela, tipiti, cesta, balde de pegar água, cuia, *patawi*, *taru* de farinha, balaio, forno de barro, arco, *poko*, abano, pega-moça, cangalha *hiuaré*, *caraipé*, rede, pilão de guaraná, casco de colocar a massa de mandioca, fumeiro para guaraná, pedra de amolar terçado. Sabemos fazer armadilha de pegar peixe, jamaxi de caça, gaiola de pegar nhambu, flechas, armadilha com flechas, armadilha conhecida como *amung*, remo, uma grande variedade de teçumes, os teçumes em luvas de tucandeira, bolsas, pau de chuva, tambor de gambá.

Igreja Assembleia de
Deus, comunidade
Vila da Paz, rio
Urupadi, 2019.



Meimuewaria rokinē ho'okupte wo'opyh̄p hap yt tapy'yiaria'i kapywiat wo'oma'at'i-ma'at'i ne'i hap ahe'yi pe, ta'atupusu ne'i ta'atusu'at mi'i turan tawa ko'i puo. Wentup- wentup aimikuap ko'i ti mi'i turan waku watiporerokosāp po'oḡ aipusu puo tira'yn, ma'ato aiwyria'īn ḡup'te'en po'oḡ yt pya'i yt tapy'yiaria'i kawiat rakaria ti hu'āt po'oḡ yt tapy'yiaria'i pusu ra'yn ta'atu'yat puo. Waikurapa hy piaria ewy.

Watimuesaika po'oḡ waku aiwyria'īn kawiano hamo mi'i tupono waku aipusu ihaḡte rakano watunuḡ, aheko ko'i watāt'i'tāt'i yn, aiwepowero hap waku watāt'i-tāt'i te'en-te'en wuat'i e'āt piat inuḡ hamo.

Aheko ekare'en

Watunuḡ kuap torania aimiky'esat ko'i, aimiky'esat ihot'ok awy-awy wuat rakaria. Watunuḡ tupe, urutu, yrysakaḡ, mohoro, suki, kuiru'a y'y sat hap, kui'a, patawi, pūre, mai'a, m̄yp yi kawiat, mory'ywat, poko, mempy, mu'uḡa tok hap, kuriwu pēt'i, hiwāre, kara'ype, yni, weḡku'a warana tok hap, pātu manekap eḡam, warana mohiri hap, nu kyse'yp ḡaiḡ pē'e hap. Watunuḡ kuap aiwepīra pytyk hap wy, kuriwu miat eḡam, arapu urīt'i pytyk hap, mory'a, mory'a am̄yk, yp'imun hapiri sat hap, apukuita, i'atu kahato pi'īḡ'ehap ko'i, sāri pe ko'i, paru'a ko'i, hiware, tamora hawyi kampa.

Tudo isso é conhecimento nosso, mas não é todo mundo que sabe fazer, tem muita coisa que se não cuidarmos vamos esquecer, como os conhecimentos dos teçumes, por exemplo. Os artesanatos mais comuns são o tipiti, flecha e paneiro.

Não é fácil manter os jovens interessados. A escola e os pais precisam trabalhar juntos, valorizando sempre o conhecimento de quem sabe. As coisas compradas na cidade dificultam a transmissão desses conhecimentos. Devemos aprender a fazer nossos artesanatos e levar para vender na cidade.

Usamos materiais como *caraipé*, jacitara, cipó e arumã. Agora estamos pensando em como fazer para sempre termos esses materiais na nossa Terra, para não faltar. Também estamos pensando em valorizar o conhecimento dos mais velhos e incentivar os jovens a aprenderem com eles, os jovens precisam sentir vontade de aprender.



Meimuewat ri aimisepāp ko'i, ma'ato yt torania'i ra'yn inuḡ kuap, toiḡ kahato inaria'tn, ma'ato yt wateropāt'i pote watiwaure rakano topy hu'at, pi'iḡ-pi'iḡ ehap ko'i wy. Kotā Mipi'iḡ po'oḡ ko'i ti menti mohoro, mory'a hawyi yrysakaḡ.

Niatpo kahato aiywāpakup tiaria waho'omoḡeine'en i'atupopāp hamo. Wemū'e hap waku i'atupotpāp ywōt'in, watāt'i-tāt'i po'oḡ waku ḡuap'a ko'i. Kare'en mikyi'at tawa wato kaipywiat aipyhḡp kahato aimikuap teran ko'i ete. Waku watuwemū'e nuḡ'i-nuḡ'i ehap ko'i ete hawyi watioto iweneru hamo tawa wato kape.

Watiekowāt wyti karaype, waipopi, yrypo hawyi waruma. Korā watuwanentup waku aikotā pote toiḡ yn meimuewat kara'em ko'i ahe'yi pe yt karampe'i ikahuro hamo. I'ewyte watuwanentup Meimuewat naḡnia'tn mikuap montypōt hawyi ywāpakuptiaria mo'okpipok'i naḡnia'tn mikuap ko'i wo hamo.



Itens da cultura material Sateré-Mawé, 2018 e 2019.

Acordos firmados

- Fortalecer o povo Sateré-Mawé através da união dos tuxauas, dos mais velhos, dos chefes de família, dos professores, jovens e crianças para cuidar da nossa cultura e do nosso território.
- As famílias devem falar a língua sateré em suas casas.
- Fortalecer nossa língua sateré por meio da escrita de convites para encontros, assembleias, reuniões de saúde, futebol e outros eventos dentro da TI Andirá-Marau. Somente quando for para convidar um não indígena é que vamos usar o português.
- Não devemos ensinar nossa língua para os não indígenas.
- Valorizar o conhecimento das histórias do povo Sateré-Mawé, a origem da terra, do guaraná, da água, do povo, e todas as outras histórias.
- Vamos buscar conhecimento sobre o Porantim através dos mais velhos que ouviram sua leitura.
- O respeito com nossas lideranças e com nossos mais velhos tem que começar dentro de casa, com todas as famílias.
- Promover rodas de conversa com os mais velhos, dando a oportunidade de ensinarem nossa cultura para os jovens.
- Gravar documentários, depoimentos e entrevistas com os mais velhos para serem divulgados nas escolas, nas assembleias e nos encontros.
- Todos os rituais devem ser respeitados (*Wará*, *Womat*, *Maig-maig*, *Gambá*) como parte de nossa religião. Não são dança nem brincadeira, são sérios e têm regras que merecem respeito e dedicação.
- O ritual do *Wará* deve ser respeitado como antigamente. Na fala dos mais velhos, no trabalho da mulher que está ralando, no lugar e no tamanho da cuia e do *patawí*, no modo de tomar o *çapó*, no modo de falar e no modo de escutar as boas palavras, tudo deve ser respeitado.

Minuḡ wuat ko'i

- Satereria muesaika ti tu'isāria wo'okhik puo pyi, naḡnia'īn puo pyi, ywōt'īn puo pyi, wo'omū'e haria puo pyi, kurum'iwasuria puo pyi hawyi hirokaria puo pyi aiwat aheko ko'i eropāt kuap hamo.
- Ywōt'īn waku hu'āt satere pusu ta'atu'yat puo.
- Watimuesaika aipusu hamuat tupono waku wato'owenka iwan mua wy wo'atunuḡ ahe'yi piat hamuat turan wo'atunuḡ mohaḡ ḡum hamuat turan, petek'e hamuat turan hawyi iranias'īn wo'opuenti hamuat turanTI Andirá-Marau pe hamuat turan. Yt tapy'yiaria'i kapiat turan yn ni aru miwan wenka ehap i'atupusu puo.
- Yt waho'omū'e-mū'e kuap'i ti aipusu ete yt tapy'yiaria'i.
- Mimontypōt nīmo so ehap ko'i wepowera puo pywiat ḡuap'a ko'i porerokosāt Satereria puo hap, yi sa'awy etiat, warana sa'awy etiat, y'y sa'awy etiat, ywania sa'awy etiat mi'i hawyi iranias'īn nīmo so ehap ko'i.
- Waho'okāt waku naḡnia'īn po'oḡ ko'i puratiḡ mowempāp turan nuat wanentup haria.
- Aimimontypōt wuat ai'akaḡnia hawyi po'oḡ ahenaḡnia'īn waku waha'awy nuḡ ai'yat puo tiran hawyi torania aiwyria'īn wywo ti ra'yn wy.
- Minuḡ sehay-sehay hap ko'i waku, naḡnia'īn po'oḡ wywo, mi'i puo pyi aheko ko'i ete ywāpakup tiaria te'eremū'e te'en-te'em kuap hamuat tupono.
- Miporera'at sehay mienoi ko'i, ika'āt-kat'i hap ko'i, po-apo'e hap ko'i, po'oḡ naḡnia'īn wywo mi'i hawyi mipūwa-pūwa womū'e hap yat upī, hawyi wo'atunuḡ-atunuḡ hap ko'i upī.
- Torania aiwepowera hap ko'i waku aimimontypōt wo tukupte'en (Wara, Womat, Maiḡ-maiḡ hawyi Kampa) meimuewat ri aiwepowero hap ko'i tī tira'yn. Yt sehairu sēse hap'i, i'ewyte yt wemahara hap sēse'i, yt wekyryap'i wy hawyi toiḡ seko ko'i aimimontypōt wuat, yt aimiwaure wuat'i ko'i.
- Warana puo pywiat aiwepowera hap waku mimontypōt nīmuat ewy te. Naḡnia'īn po'oḡ ehay turan, haryporia wewarana pē'e turan, waku kui'a iwato hap oktan yn patawi, aikotan me warana hy'u hap, sehay-sehay wakuat etiat turan, watuwanentup sehay wakuat Kapiat turan, torania waku imontypōt.

- O *Womat* deve ser respeitado como antigamente. As mulheres não devem se ferrar com a tucandeira. Não pode ser realizado fora da comunidade e nem com pessoas de fora.
- O *Maig-maig* deve ser respeitado e valorizado. Os jovens precisam aprender com os mais velhos os cantos e as danças. Vamos procurar as pessoas que sabem e convidá-las para cantar e ensinar para o povo.
- Os aparelhos de som e os celulares não podem atrapalhar os rituais.
- Todos os nossos rituais devem ser respeitados pelas religiões, elas não podem proibir nem depreciar nossa cultura.
- A Assembleia dos Tuxauas é responsável por decidir sobre a permanência das religiões na TI Andirá-Marau, e sobre a entrada de novas religiões, reavaliando sempre que necessário.
- Os não indígenas devem morar fora da Terra Indígena Andirá-Marau.
- Os casamentos devem ser somente entre os Sateré-Mawé. Não devemos mais permitir casamentos com não indígenas.
- Os resguardos devem ser respeitados do modo como aprendemos com nossos avós.
- No resguardo da mulher gestante, todas as regras devem ser cumpridas para a saúde da mulher, do bebê e da comunidade.
- Valorizar nossas parteiras e parteiros, e produzir livros e materiais para a escola, sobre nosso jeito de nascer e criar os bebês.
- Valorizar os conhecimentos dos pajés e puxadores.
- Valorizar e fortalecer nossos remédios caseiros.
- Valorizar nossa cultura material e todos os nossos artesanatos.
- O CGTSM e todas as nossas associações indígenas devem defender a cultura do povo e nós devemos fazer a nossa parte nas comunidades.

- Womat waku watimontypōt aikotā nimuaria ewy te. Haryporia’īn yt waku’i te’eruwepī watyama pe. Yt watunuḡ kuap’i yt tawa pe’i womat, i’ewyte wy yt watunuḡ kuap’i hewyry rakaria wywo ne’i.
- Māiḡ-māiḡ waku mimontypōt wo hawyi mimohey wo wy. Ywāpakup tiaria waku ikuap naḡnia’īn po’oḡ kaipyi wep̄ hap ko’i hawyi hairu hap ko’i. Waho’okāt waku mīt’īn ikuap te haria hawyi waho’owēnka waku i’atuwep̄ hamo hawyi mīt’īn mū’e hamo.
- Yt tapy’iaria’i wepy’a-py’a ko’i hawyi wehay po’oro hap ko’i ne’i yt waku’i aimuewakai-muewakai aiwepowera hap ko’i ete.
- Torania aiwepowera hap ko’i waku tupana ehay enoi haria timontypōt “religião”, mi’iria ti yt waku’i aipyh̄p-pyh̄p ne’i aiwepowera hap ko’i te hawyi i’awyte yt wakuat’i yt i’atu’e kuap’i aheko piat pe.
- Tu’isaria miewaku te’eruwatunuḡ hap totiat yn topyhuat kaup yt tapy’iaria’i wepowera hap ko’i “religiões” TI Haki’i-Marau hy pe, yt teke kuap’i ipakup’i yt tapy’iaria’i wepowera hap. Mikāt’i-kāt’i kahato waku iky’esat turan.
- Yt tapy’iaria’i waku tukupte’en tapy’iaria yt e’yi pe TI Haki’i hy Marau hy pe.
- Satereria waku i’atuehary’i, i’atue’aito Satereria wo yn tira’yn. Yt Wahewaku kaup’i ira’yn i’atuehary’i, i’atue’aito yt tapy’iaria’i wywo hap.
- Waku mimontypōt we’ywāḡum hap aikotā ahehary’īn piat ai’atumompokuap hap awy.
- Haryporia tomemptyt’a turan waku imontypōt torania waiḡ ehap ko’i tēhaiḡte hamuat tupono i’ewyte hirokat ehaiḡte hamuat tupono, i’awyte tawapiaria ehaiḡte hamuat tupono.
- Waho’osat’i-sat’i waku wo’opotmomemptyt kuap haria, watunuḡ waku wy popera wemū’e hamuat, wememptyt aiwepokuap hap etiat hawyi wememptyt’īn Montaḡ hamuat hap etiat.
- Misat’i-sat’i waku paiḡninia mikuap ko’i hawyi wo’opotnuḡkahu kuap haria mikuap ko’i.
- Watāt’i-tāt’i po’oḡ waku aipohaḡ koi’ imuesaika hamo.
- Watāt’i-tāt’i po’oḡ waku aheko ekare’en hawyi torania aipo misepāp ko’i.
- CGTSM hawyi torania ahesaikāp ko’i waku ikawiano aheko ko’i aitoria waku watunuḡ wy ahetawa ko’i puo aheko muesaiika hap.

Ações propostas para que nossa cultura esteja presente em nossas escolas

- A escola deve servir de apoio para a valorização e fortalecimento da nossa cultura e da nossa língua. Na escola os estudantes devem também aprender as nossas histórias, nossos cantos, nossos conhecimentos tradicionais (instrumentos, remédios, artesanatos e outros).
- A escola deve contar com o apoio dos mais velhos e das pessoas que detêm conhecimento sobre os artesanatos, sobre as plantas, sobre os animais, sobre a roça, etc. Esses conhecimentos tradicionais também devem ser repassados dentro das escolas, com apoio remunerado dos órgãos públicos municipais, estaduais e privados.
- A escola deve pesquisar sobre o Porantim com os mais velhos.
- Na escola, as disciplinas (Ciências, História, Arte, etc.) devem dialogar com a nossa realidade. Desse modo a escola fortalece a nossa língua, nossos conhecimentos e nosso modo de viver.
- Nos Cursos de Formação para professores indígenas ofertados pela SEDUC-AM e Prefeitura Municipal, devem ser contratados professores sateré-mawé, principalmente para ensinar nossa própria língua.



Minuḡ aheko muesaika hap etiat wemū'e hap yat ko'i upi'at wuat

- Wemū'e hap yat waku aipowȳro aheko sat'i-sat'i hap ete hawyi aheko muesaika hamo i'awyte aipusu muesaika hamo. Wemū'e hap yat pe waku wemū'e haria te'erumū'e nīmo so ehap ko'i ete, wepȳ hap ko'i ete, nīmo pywiat aimikuap tuerūt ko'i ete, (kare'en ko'i pȳ kuat hap ete, aipohaḡ aimikuap ko'i ete, aipowuat aimisēpap ko'i ete hawyi irānia ko'i ete).
- Wemū'e hap yat waku tuwemohy naḡnia'īn te hawyi iranai'īn ḡuap'a ko'i ete hawyi moḡko'i-moḡko'i'ekuap haria ete, mikoi ko'i ete, miat ko'i ete, ḡo ko'i ete hawyi irania'īn ete. Meimuewat nīmo pywiat aimikuap tuerūt ko'i wy waku miporerokosāt wemū'e hap yat pe, “município, estado e privado” miposa'up nuḡ ko'i puo pyi.
- Wemū'e hap yat waku ikāt'i-kāt'i Puratiḡ etiat naḡnia'īn po'oḡ ko'i upī.

Wemū'e hap yat pe, wemū'e hap ko'i wēpiok hap (Ciência), nīmo so ehap (História), moḡko'i-moḡko'i ehap (Arte), hawyi irānia'īn.), waku minuḡ aikotā aikupte'en hap tote pyi. Mi'i puo pyi watimuesaika aipusu, aimikuap ko'i hawyi aheine'en kuap hamuat hap.

- Puruwei'īn Satereria wemū'e hap waku “SEDUC/AM” hum hawyi “Prefeitura Municipal”, waku i'atuposa'up nuḡ puruwi'īn aimū'e aipusu etiat hamo.

Política Wo'ero hik hap



Nós temos de usar o Porantim e Wará, o princípio do conhecimento, o princípio da sabedoria. O warana é o companheiro do tuxaua. Em todos os momentos da discussão, antigamente tinha o warana.

Rubens Garcia,
Tuxaua da comunidade Nova União, igarapé Sapucaia Mirim, Baixo Andirá.

Nós temos que nos reunir frequentemente para discutir sobre nossa política. Também temos que ter claro na mente como passar o conhecimento. Todos os mitos servem para abrir o conhecimento e têm que ser valorizados. Temos regras contidas nos mitos do povo Sateré-Mawé, por isso não devemos esquecê-los.

Cris Santos Souza,
Secretária de Cultura e Educação do CGTSM,
Professora na comunidade Terra Nova, rio Marau.

Falando do respeito da união, primeiro é o tuxaua, ele é o professor que dá exemplo para o povo em geral. Porque nossos líderes maiores são essas lideranças. Se você é um líder, quer ser um líder, você tem de respeitar criança, jovem, adulto, idoso, para você poder como liderança ganhar cada vez mais respeito e confiança, porque sabemos que quando se é liderança somos observados pelo povo.

Jurimar Guilherme da Silva,
Tuxaua da comunidade Santo Antônio, rio Andirá.

Antigamente, esse pequeno grupo que trabalhou para a demarcação da Terra, eles tinham o princípio de coletividade. E agora isso está se perdendo, os não indígenas procuram o tempo todo criar divisão na comunidade

Bernardo Alves,
Tuxaua da comunidade Terra Nova, rio Marau.

Waku wati'ekowāt Puratiḡ hawyi warana, sa'awy ko'i sepāp hap, ḡuap'a sa'awy ko'i kuap hap . Warana Tu'isa epāt sēse toiḡne'en. Torania sehay-sehay hamuat turan nīmo te tī toiḡ warana hy "Wara" ehap.

Rubens Garcia,
Tawa Nova União piat Tu'isa, Andirá hypāt'i Sapucaia Miri ehap wiat.

Waku wato'atunuḡ tuereto merep'i-merep'i mesuat wo'erohik kuap hap etiat sehay-sehay hamo. Waku ti hot'ok pe kahato aiwanentup hawe aikotan me watiporokosāp aimikuap ko'i hamo. Torania nīmo so ehap waku aiwanentup hap ko'i apypok hamo hawyi pyno waku po'oḡ mimontypōt wo mi'i tupono. Toiḡ pyno waiḡ ehap Satereria wat nīra'yn nīmo so hap puo pywiat ko'i mi'i tupono yt waku'i watiwaure kuap nīmo so ehap ko'i.

Cris Santos Souza,
Tawa Terra Nova Piat Puruweira, Marau hy piat.

Ahehay wo'omontypōt hap ete hawyi wo'erohik hap ete, sa'awy'i Tu'isa hawyi puruwei wakuat moherep tē mīt'īn piat hanuat. Kat pote meimuewaria motaḡ sēse ko'i iwato'īn rakaria aipotaḡ ko'i. En motaḡ pote, etiky'esat motaḡ wo teran pote, waku etimontypōt hirokat, kurum'iwasu, naḡ po'oḡ, ipōro po'oḡ rakat, etiky'esat motaḡ wo teran pote waku mimontypōt wo ereine'en hawyi emohey hamuat tupono, kat pote watikuap motaḡ wo ra'yn hawyi mīt'īn te'erehaponik po'oḡ ra'yn ahupī.

Jurimar Guilherme da Silva,
Tawa Santo Antônio piat Tu'isa, Andira piat.

Nīmo te wy ti, yt typy'i irakaria ahe'yi tek hamuat hap ete i'atupotpāp, mi'iria wy ti tukup te'en wo'ehay upiat-upiat kahato rakaria. Korā wy ti mi'i pykai mekewat wanentup hap miwaure te'en te'en ra'yn, yt tapy'yiaria'i merep'i-merep'i ikāt wepāt'ok-pāt'ok tawa piat hap etiat hamo.

Bernardo Alves,
Tawa Terra Nova piat Tu'isa, Marau hy piat.



Tuxaua Donato Lopes da Paz, comunidade Simão, Médio Andirá, 2018.

Porantim

O Porantim existe desde o tempo dos ancestrais sateré-mawé. Foi escrito pelo *asseí Wasiri* e nele está a origem de tudo, do *Wará*, da água, do dia e da noite. Nele estão as regras para continuar vivendo como povo Sateré-Mawé.

O Porantim é uma peça de madeira com aproximadamente 1,5 m de altura, com desenhos geométricos gravados em baixo-relevo, recobertos com a tinta branca – a tabatinga.

Sua forma lembra uma clava de guerra ou um remo. O Porantim, além de ser o legislador social, possui um conjunto de atributos: os tuxauas sateré-mawé mais velhos se referiam a ele como a sua Constituição ou a sua Bíblia, contavam que ele possuía poderes mágicos, prevendo acontecimentos e podendo andar sozinho para apartar conflitos internos.



Tuxaua Geral do Andirá Amado Menezes e Tuxaua Daniel de Oliveira Souza, comunidade Simão, Médio Andirá, 2017.

Puratiġ

Puratiġ toiġ nīra'yn Sateriria e'yġan me te, sa'awyria pyi te. Ase'i Wasiri wyti mekewat iwan sa'awy, mekewat ete torania sa'awy ko'i toiġne'en, Warana sa'awy, Y'y sa'awy, ihot'ok hawyi wantym sa'awy. Mekewat ete waiġ ehap toiġ yne aikotā Satereria ewaiġ te'en-te'en hamuat.

Puratiġ wyti wentup ari'yp pēp koitypuo ti som ma'ato 1,50 m ĵa'aġ hap itypore hap, toiġ mekewat ete mipy pan me ĵa'aġkap ko'i minuġ, tuĵuk kyt'i wo miewapyro iwan.

Watikuap waku wo'auka hamo waku rakat wy i'ewyte apukuita ewy. Puratiġ, me toiġne'ne torania saikāp oġhik piat ĵeine'en hamuat: Tu'isaria Satereria naġnia po'oġ ko'i terepusu nuġ aikotan me saikāp koro esaika hap ewy i'ewyte popera tupana ehay enoi hat ewy, ta'atuhenoi wyti toiġ saikāp yt wekuap rakat'i urukai i'atu'e, mekewat pe toiġ nīra'yn aru ehap ko'i hawyi tuwe'ywyk kuap ne'i minuġ sa'aġ wo'opiat hap ko'i tuwehay upī.



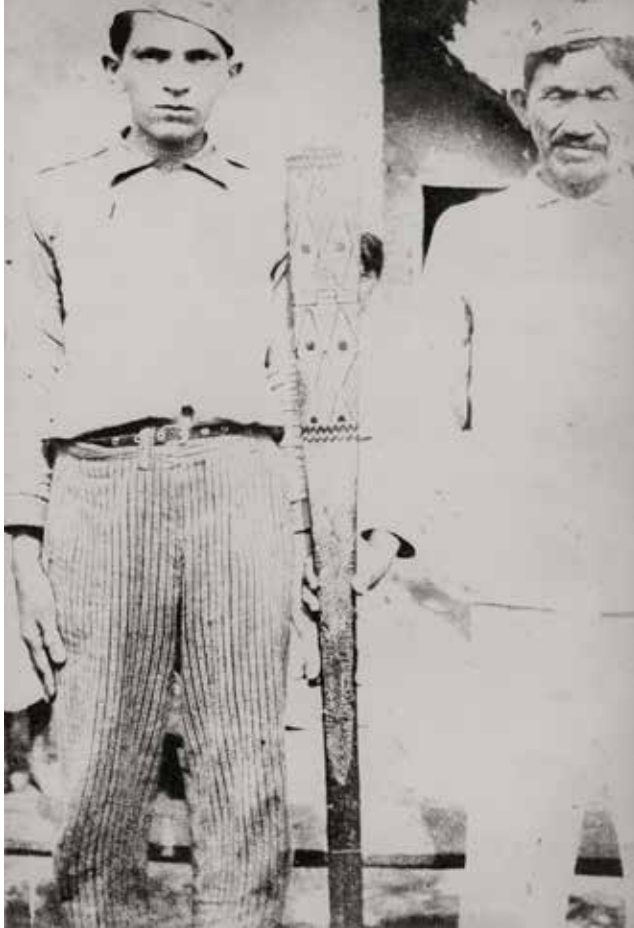
Detalhe do Porantim,
rio Andirá, 1982.

O Porantim é o suporte onde está gravado, de um lado, o Mito da Origem, que começa no *Nusoken* e conta o nascimento do primeiro Sateré-Mawé, filho do guaraná. Do outro lado está escrito o Mito da Guerra, contando desde as guerras imemoriais com os Munduruku, Parintintim e outros povos, o contato com os não indígenas e a Cabanagem.

A leitura do Porantim era um evento de máxima solenidade, só acontecendo quando havia situações difíceis de serem resolvidas, como foi a invasão da Elf-Aquitaine.

Atualmente existem três Porantins na TI Andirá-Marau, um na comunidade Nova Esperança no rio Marau, outro na comunidade São Bento, no igarapé Manjuru, e outro no Castanhal, no rio Andirá. Os *Sakaka* (sábios anciões) contam que atualmente ninguém mais sabe ler o Porantim, e os Sateré-Mawé estão pensando como recuperar os mitos que eram lidos no Porantim.

Segundo o Tuxaua Bernardo Alves, “mesmo não sabendo ler o Porantim, consideramos aquela madeira como um material sagrado. Mas existem aqueles que ainda conseguem contar um pouco da história, então é muito bom pensarmos como faremos daqui para a frente”.



Tuxáua Manoel Francisco do Nascimento com o Porantim, comunidade Terra Preta, Alto Andirá, 1942.

Puratiġ me wyti aġumpe miwan sat hap etiat tohenoi, wentup kai torania nīmo so ehap sa'awy ko'i etiat, Nusoken totiat weso'owynuġ haria sok toine'en sa'awy ko'i, Tohenoi Satere ywā'i sa'awy hap etiat, warana mempyt etiat. Kokawiano iwan wo'atuka-atuka hap etiat sa'awy, tohenoi yt aimikuap'i te ko'i wo'atuka-atuka Munduruku ko'i wywuāt hap, Paritiġnia ko'i wywuāt hap hawyi irania'ġn ywania wywuāt ko'i hap, i'ewyte tohenoi yt tapy'yiaria'i wywuāt wo'atuka-atuka hap ete "Cabanagem".

Puratiġ mimowempāp kat kahato hamuat turan yn, minuġ mi'i hap sēse niatpo rakat nuġkahu hamo turan yn, yt mi'airo pykawiat'i ahe'yi piat wehyt'ok turan "Elf-Aquitaine" turanuāt hap ewy.

Korā turan toiġne'en mye'ym Puratiġ TI Andirá-Marau e'yi pe, Tawa Nova Esperança pe wentup, tawa São Bento Manjuru hy pe, hawyi tawa Castanhal Andirá hy pe wentup wy. Sakakaria (Ġuap'a Naġnia) henoī korā ti yt uwe'i ra'yn imowempāp kuap Puratiġ i'atu'e, Ma'ato Satereria te'eruanetup aikotā pote wahemeikōwo te nīmo so ehap Puratiġ miat mimowempāp ko'i.

Bernardo Alves, Tawa Terra Nova piat Tu'isa – "Yt Puratiġ mowempāp kuap pykai'i, mimontypot rakano toiġne'en mekewat ari'yp pēp. Ma'ato ho'okup te henoī kuat kurin meket etiat haria, mi'i tupono waku kahato watuwanetup aikotā watu'e apuru meġumpepyi yġan me".

Possíveis soluções para os problemas da não leitura do Porantim

- Promover rodas de conversa com os mais idosos que lembram das leituras do Porantim.
- Pesquisar se alguma pessoa mais velha ainda sabe ler trechos do Porantim.
- Contar sobre o Porantim nas reuniões, assembleias e encontros.
- Gravar documentários, depoimentos e entrevistas para divulgação nas escolas e assembleias.
- Produzir material didático, contando a sua origem e sua função.

Como está nossa política

A nossa organização política, na forma tradicional do povo Sateré-Mawé, é guiada pelo *Wará*, princípio do nosso conhecimento. Durante muito tempo tivemos também a leitura do Porantim, nossa escritura sagrada, que guarda nossas histórias e nossa legislação.

Os tuxauas são nossos líderes. Cada aldeia tem o seu tuxaua e temos um tuxaua geral em cada rio. No entanto, a política não indígena, partidária, tem exercido influência sobre o modo de nos organizarmos, a ponto de termos mais de um tuxaua geral no mesmo rio, e mais de um tuxaua numa mesma comunidade.

Atualmente, a política dos não indígenas influencia o atendimento à saúde e à educação, e a forma como ela acontece nas comunidades fragiliza o nosso modo tradicional de fazer política. As lideranças tradicionais sateré-mawé agiam de acordo com o princípio da coletividade, e agora o que acontece é que muitos não indígenas (e alguns indígenas alinhados com eles) criam divisões entre nós, buscando benefícios próprios e dificultando a nossa união.

Além da política partidária, outras interferências não indígenas também têm nos afetado, muitas vezes causando desunião, como é o caso de brigas por religião, por território ou por benefícios. Essas interferências vêm dos políticos partidários (indígenas ou não), dos pastores das igrejas, dos funcionários públicos, dos

Watipuenti kuap te asom kat pote Puratiḡ yt imowempāt kuap'i hap etiat.

- Minuḡ sehay-sehay hap naḡ'i-naḡ'i ko'i wywo ta'atukuap te asom Puratiḡ mowempāp kuap hap etiat ehawe.
- Waticat waku toiḡ ne a som naḡ puratiḡ mowempāp kuap hap etiat ehap.
- Mienoi waku Puratiḡ etiat wa'atunuḡ hap atupī, wa'atunuḡ typyi turan hawyi irania wa'atunuḡ hap atupī.
- Miehay porera'at mīt'īn waku, sehay ko'i apo-apo'ehap wesat hap ko'i mi'i hawyi mienoi wemū'e hap yat pe wa'atunuḡ typy'iwywuat turan hap atupī wy.
- Minuḡ kara'en popera kawiat wemū'e hamuat, mi'i pe mienoi sa'awyrria etiat hawyi kat hamuat hap etiat.

Aikotā mio aiwo'erohik kuap hap

Aiwo'erohik kuap hap waku, Satereria wepokuap hap ewy. Warana puo pywiat, aimisepāp ko'i sa'awyrria etiat. Nīmo pyi kahato ti mimowempāp wy Puratiḡ, mi'i etiat miwan mimohey kahato, mekewat pe ti ahenīmo so ehap ko'i misat hawyi aiwerohik kuap hamuat hap ko'i.

Tu'isaria ti aipotaḡ ko'i. Tawa rānia ti toiḡ Tu'isa hawyi toiḡ wy Tu'isa akoro mye'ym hy pe. Ma'ato, wo'erohik hap yt tapy'yia wat'i, mi'i hap kaipyi wo'o'pāt'ok-pāt'ok hap toiḡ kahato, mipotpāp nuḡ kahato aiwerohik hap ete, mi'i tupono ti toiḡ typy te-typy te ra'yn Tu'isa akoro wentup hy pe, i'ewyte wy tu'isa hīt ko'i typy te-typy te ra'yn tawa ko'i puo.

Korā turan, wo'erohik hap yt tapy'yia wat'i tuwepotpāp kahato mohaḡ ḡum haria wepotpāp hawe hawyi wo'o'mū'e haria wepotpāp hawe, Mi'i hap kaipyi tawa ko'i yt a'ituesaika'i ra'yn aiwepokuap ewuat aiwo'erohik kuap ko'i hamo. Mi'i hawyi Satereria potaḡ ko'i te'erowepotpāp wentup sok yn wo'erohik kuap hap ete, korā wyti mi'i pykai typy'i kahato yt tapy'yiaria'i (hawyi ho'okup irania'īn tapy'yiaria i'atuetiat wekik haria) hawyi ta'atunuḡ wepāt'ok-pāt'ok hamuat hap ra'yn, ta'atukāt ta'atuepiat wakua hakat nuat ne'i ra'yn mi'i wyti aimueniatpo kahato ra'yn aiwo'okhik kuap hap ete.

I'ewyte wy wo'erohik hap, toiḡ wy yt tapy'yiaria'i wanentup hap mi'i ti aimoso'opot kahato ra'yn, mi'i hap kaipyi aiwo'opāt'ok-pāt'ok hap toiḡ, i'ewyte toiḡ kahato wy tupana ehay puo pyi wu'uka hap ewy "religião", i'ewyte yi po'opyi hekat ky'esat hay piat wu'uka hap wy. Meimuewat wy ti tuwemoherep yt tapy'yiaria'i wo'opot'erokik hap kaipyi, Tupana yat erohik haria ko'i kai pyi, wepotpāp wuat'i piat haria kaipyi,

invasores da TI Andirá-Marau e dos não indígenas que já vivem dentro de nosso território. Durante o processo de elaboração do PGTA tivemos a oportunidade de conversar bastante sobre essas questões e agora estamos buscando soluções para elas, através dos nossos acordos.

Organizações representativas do povo Sateré-Mawé

- AMISM: Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé
- APCISME: Associação dos Produtores e Cultura Indígena Sateré-Mawé
- ASAMAV: Associação de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável Social e à Preservação da Cultura Sateré-Mawé do rio Andirá
- CGTSM: Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé
- CPSM: Consórcio de Produtores Sateré-Mawé
- MOMUPE: Associação dos Agentes de Saúde dos rios Marau e Urupadi
- OPISMA: Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá
- TUMUPE: Associação dos Tuxauas dos rios Marau, Urupadi, Miriti e Manjuru
- WOMUPE: Associação dos Professores Sateré-Mawé dos rios Marau e Urupadi

Acordos firmados

Fortalecimento das comunidades

- Todo o trabalho começa a partir do diálogo e da compreensão da palavra. Nossa política inicia a partir do *Wará*, o princípio do conhecimento, por isso precisamos praticar o ritual dentro de nossas casas.
- Fortalecer o ritual do *Wará* na cuia e com o *Patawi*, respeitando os nossos mitos.
- Os nossos conhecimentos devem ser repassados para as crianças e os jovens, pelos pais e mães e pelos mais velhos.

hawyi wehyt'ok-wehyt'ok yi Andirá-Marau piat haria kaipyi, hawyi yt tapy'yiaria'i ahe'yi piat ġupte'en haria kaipyi wy. PGTA nuġ turan wyti sehay-sehay kahato meimuewat ko'i ete korã mi'i pykai mikāt aikotan me waku hamuat hap, meimuewat aiminuġ ko'i, waku po'oġ mono ai'ehawe.

Satereria po'yha ko'i hap

- AMISM: Haryporia'ġn Tapy'yiaria Satereria Esaikāp
- APICISM: Koi'i-koi'i ehap Satereria eko etiat saikāp
- ASAMAV: Wo'eropāt wepuo pywiat muesaike hamuat hawyi Satereria eko puo pywiat seko poitynuġ hap haki'i hy "Andirá" piat Esaikāp
- CGTSM: Satereria ewaiġ hap akoro Erohik Kuap Hap Esaikāp.
- CPSM: Satereria powyro hap koi'i-koi'i ehap etiat Erohik Hap Saikāp.
- MOMUPE: Mohaġ ĵum haria Marau hy piaria hawyi Urupadi hy piaria Esaikāp.
- OPISMA: Puruweiria Satereria haki'i hy "Andira" piaria hawyi Waikurapa hy piaria Esaikāp.
- TUMUPE: Tu'isaria Marau Hy, Yrupadi hy, Miriti hy hawyi Manjuru hy piaria Esaikāp.
- WOMUPE: Puruweiria Satereria Marau hy hawyi Urupadi hy piaria Esaikāp.

Minuġ Wuat

Tawa ko'i muesaike hap etiat

- Torania motpāp misa'awy nuġ wo'ehay-wo'ehay kuap hap kaipyi yn. Aiwo'erohik kuap hap misa'awynuġ Warana sa'awy puo pyi hawyi ġuap'a sa'awyrria puo pyi, mi'i tupono minuġ waku aiwepokuap hap aiwepowera hap ko'i ai'yat puo.
- Watimuesaike waku aiwepowera hap watewara kui'a Patawi tote pywiat hap, watimontypōt waku ahenīmo so ehap ko'i.
- Aimikuap ko'i waku wahenoi hirokaria hawyi kurum iwasuria puo, ywōt'ġn, ny'ġn naġnia po'oġ ko'i puo pyi.

- Promover encontros com o Brito, o Deoclides, o sr. Acelindo e outros alunos do *ase'i* Vidal que são conhecedores dos mitos e da história sateré-mawé.
- Valorizar a identidade sateré-mawé, especialmente para os jovens que vão estudar nas cidades e sofrem preconceito racial.
- A organização do nosso território deve ser realizada através da nossa política interna, sem interferências dos não indígenas.
- Não deixar a política partidária interferir em nossa organização interna.
- Lutar por nossa autonomia política, pela liberdade de tomarmos nossas próprias decisões, pelo bem do nosso povo como um todo.



Tuxaua Geral do Waicurapá
Rosy, comunidade Vila da
Paz, 2018.



Tuxaua Maria de Lurdes
Santana, comunidade Santa
Isabel, Médio Marau, 2018.

- Minuḡ wa'atunuḡ hap Brito wywo, Deoclides, naḡ Acelindo hawyi irania'tn ase'i Vidal potmū'eria nīmo so ehap kuap haria Satereria saipe ko'i etiat.
- Satereria wemuesaika hamuat ehap seko, kurum iwasuria tawa wato'tn ko'i piat wemū'e hamuat wat haria ho'opot wo'omohit-mohit hap yt tapy'yararia'i puo pyi.
- Ahe'yi piat aiwerohik kuap hap waku watunuḡ aiwepokuap hap ewy, aiwanentup hap moḡko'i yt kuap'i yt tapy'yararia'i.
- Yt miaro kuap'i aiwerohik hap yt tapy'yararia'i wo'erohek hap timoḡko'i hamo.
- Waku watikawiano aiwat aiwerohik kuap hap, aiwewiat aimi'apypok aimikyesat ewy rakat, waku airania piat hamuat tupono.



Tuxaua Paulino de Oliveira,
comunidade São Pedro,
igarapé do Quiínha, 2018.



Tuxaua Luiz e Tuxaua
Junho, rio Waicurapá, 2018.

Fortalecimento dos tuxauas

- O tuxaua deve respeitar o povo para que o povo respeite o tuxaua.
- O tuxaua deve valorizar a política tradicional, o jeito sateré-sawé de se organizar e de tomar decisões.
- Os tuxauas devem saber falar a língua sateré e devem repassar seus saberes tradicionais para os mais jovens.
- O tuxaua deve promover a união das famílias e os trabalhos de sua comunidade, acompanhar o trabalho da escola e da saúde, para a boa organização de sua comunidade.
- A escolha de um tuxaua deve ser feita pelo povo. Um tuxaua geral não pode se autoidentificar, se autopromover. O povo é quem decide quando é preciso substituir um tuxaua.
- Um tuxaua só pode ser escolhido ou destituído em reunião. E o anterior não pode se revoltar porque a decisão é do povo.
- Ter somente um tuxaua por comunidade, uma liderança que seja respeitada por todos.
- Ter somente um tuxaua geral por região, que seja respeitado por todos.
- Os tuxauas devem ter seus roçados, especialmente as plantações de guaraná.
- Os tuxauas não devem ser funcionários públicos, nem da educação, nem da saúde, nem da FUNAI, nem da prefeitura, etc.

Fortalecimento das associações

- Pegar de volta o nosso poder de decisão em relação à nossa política, especialmente nos serviços de saúde e educação.
- Os professores devem estar unidos com os tuxauas.
- Fortalecer as associações, que devem ser independentes dos partidos políticos e dos órgãos públicos, e representadas por lideranças comprometidas com o nosso povo.

Tu'isaria muesaiika hap

- Tu'isa waku imontypōt temīt'in mi'i pote hemīt'in timontypōt kuap tu'isa.
- Tu'isa imohey waku aiwat aiwerohik kuap hap, Satereria werohik hap ewy waku toine'em i'awyte tohewaku aiwepokuap hap ewy wuat yn.
- Tu'isaria waku i'atuehay kuap Satere pusu puo rakaria, waku ta'atuporerokosāp ta'atumikuap aiwat aiwerohik kuap hamuat hap ipakup takaria pe.
- Tu'isa waku inuḡ te mīt'in wywo wo'o'sat'i-sat'i hap motpāp nuḡ tawa piat hap, tuwehaponik waku wemū'e hap potpāp hap upī hawyi mohaḡ ḡum haria potpāp hap upī, waku hakato mono uhetawa erohik hap ta'ahawe.
- Tu'isa wuat i'aira hap mīt'in waku inuḡ. Tu'isa akoro ehap yt wakuap'i uito meḡju ei'akoto'e, i'awyte uito ra'yn ei'akoro wo yt ekuap'i tuwewi ne'i. Mīt'in i'aira waku karampe haiepiat nuḡ hamuat turan Tu'isa.
- Tu'isa miaira hawyi i'ewyte misaiepiat nuḡ kuap we'atunuḡ turan yn. Misaiepiat nuḡ ni yt ipy'yhak kuap'i kat pote hemīt'in mi'aira wetup'ok ira'yn tu'isa wo hamo.
- Waku toiḡ wentup yn tu'isa tawa ko'i puo, motaḡ wy ti torania mimontypōt wuat.
- Waku toiḡ wentup'ok yn tu'isa akoro Andirá, waikurapa hawyi Marau hy pe, torania mimontypōt wuat mi'i.
- Waku tu'isaria iko rakaria wy, i'awyte wy hewarana ypia rakaria.
- Tu'isaria wo yt waku'i ipo sa'up rakat, wo'omū'e hap yt emīt'i, sehaiḡte hap yt emīt'i, FUNAI piat yt e'mīt'i, prefeitura piat yt emīt'i, hawyi iranias'in yt emīt'i.

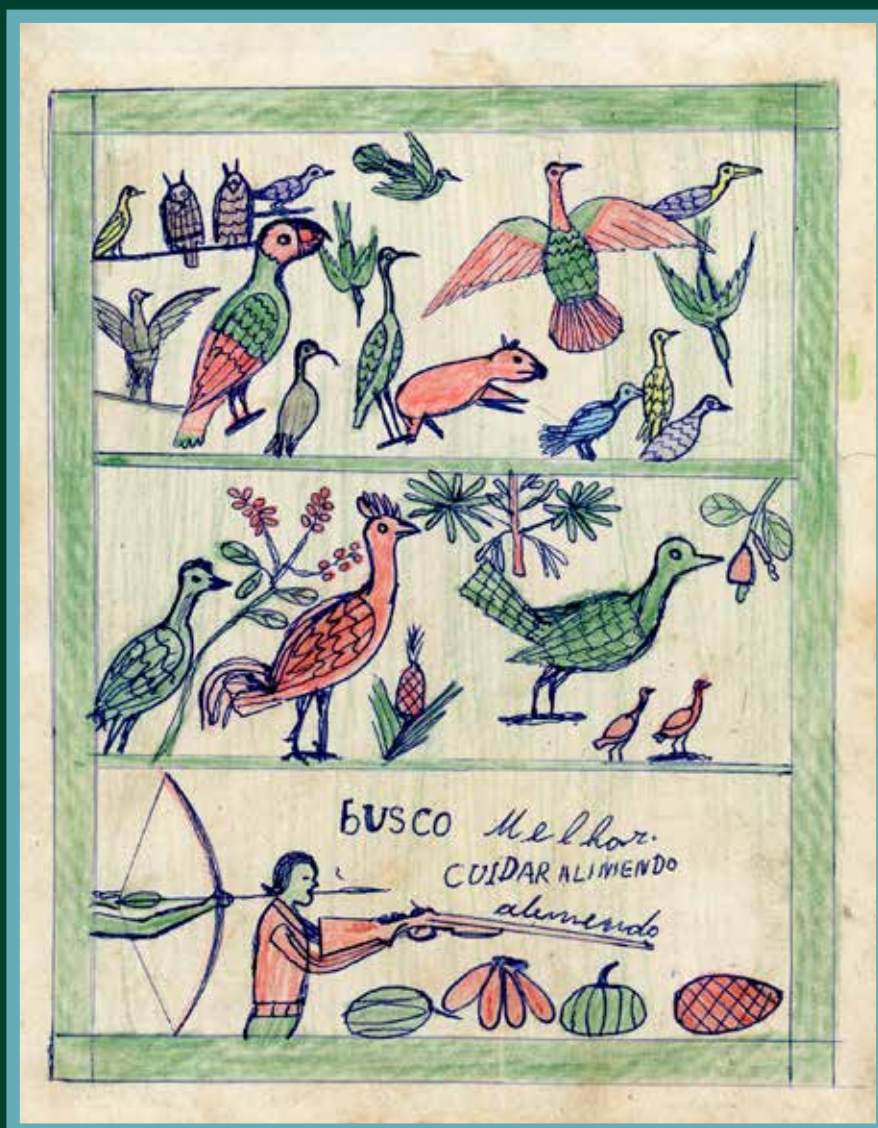
Saikāp ko'i muesaiika hap

- Watere'aipok waku aiwo'erohik kuap hamuat ahasaika hap, po'oḡ mono tuwekuawe motpāp sehaiḡte hap etiat hawyi wemū'e hap etiat ehawe.
- Puruwei ko'i waku te'erepotpāp tu'isaria wywo wentup sok yn.
- Waku wati'atumuesaiika ahesaika hap ko'i, waku aiwepopuo'i yn yt tapy'yiaria'i wo'erohik hap yt wywo'i, waku ma'ato mowyro teran haria wywo aipowyro kaup.

- Todas as organizações (CGTSM, WOMUP, TUMUPE e MOMUPE) devem estar alinhadas e lutando juntas para o fortalecimento da nossa política.
- As pessoas que fazem parte do CGTSM devem trabalhar com transparência dentro da TI Andirá-Marau, e devem estar bem alinhadas e articuladas com as lideranças e professores.
- A FUNAI, o DSEI, as Secretarias de Educação, as missões religiosas e qualquer outro órgão indigenista devem consultar as bases antes de validar qualquer documento em nome dos Sateré-Mawé.
- Devemos conhecer a cultura dos não indígenas para poder utilizar a arma certa, agora que já conhecemos a intenção deles conosco.
- Devemos conhecer a política partidária para usar ela a nosso favor.
- Formar nossos jovens em diferentes profissões que possam servir o nosso povo. Que possam aprender o que não sabemos e voltar para nos ajudar.
- Convidar as comunidades sateré-mawé que estão fora da terra demarcada para acompanhar as atividades e as reuniões na TI Andirá-Marau.

- Torania Saikāp ko’i (CGTSM, WOMUP, TUMUPE hawyi MOMUPE) waku wentup sok yn te’eruwepotpāp aherohik hap muesaika kuap hamuat tupono.
- Mīt’īn CGTSM piat ipotpāp haria waku herep wuo kahato te’eruwepotpāp TI Andirá-Marau e’yi pe, waku motpāp ko’i ta’atuehay nuǵ hampyk kahato motaǵ ko’i wywo hawyi puruwei ko’i wywo.
- Tapy’yairia erohik hat akoro “Funai” ehap, Tapy’yia ehaiǵte erohik hat akoro “DSEI” ehap, Wemū’e hap erohik hat akoro “Secretarias de Educação” ehap, Tupana ehay enoi haria erohik hat akoro ko’i “missões religiosas” ehap, tapy’yia wywuāt wepotpāp teran haria waku apo i’atue tī terepotpāp hamuat hap tote popera minuǵ Satereria set etiat moheǵ sēse hamo hap e’yǵam me te.
- Waku watikuap yt tapy’yia i’eko mi’i pote ti aru wati’ywā kuap watuwekawiano hamuat, korā wyti watikuap hot’ok wo kahato ra’yn aikotā iatu’e teran mi’iria ahete hap.
- Waku watikuap wo’erohik kuap hat etiat ko’i watiekowāp kuap mono aiwekawiano hamuat ehawe.
- Wati’atumomput’ok waku ai’ywāpakup tiaria tuweupiat-weupiat motpāp nuǵ kuap hamuat hap ete. Te’eruwemomput’ok waku yt aimisepāp’i ko’i ete hawyi te’era’aipok aipowyro hamuat hamo.
- Mi’atuwenka waku Tawa ko’i Tapy’yia e’Yi tek Andirá Marau yt hawiat’i Satereria pykawiat ġupte’en haria ta’atukuap mono motpāp ehay ko’i wa’atunuǵ Tapy’yia e’Yi Andirá Marau piat wa’atunuǵ turan nuat.

A mata e a roça Ĝa'apy hawyi ĝo etiat



Temos que pensar em nossos filhos, e nossos filhos terão os filhos deles, e essas crianças vão precisar da floresta para alimento. O ideal é ter as roças cercadas de florestas. As árvores da beirada não estão lá à toa, estão protegendo o rio para ficar mais limpo. Essas árvores vão segurar a terra para não acontecer erosão. Se não cuidarmos, daqui a cinquenta anos ficaremos sem água e teremos dificuldade de navegar e tomar banho.

Bernardo Alves,
Tuxaua da comunidade Terra Nova, rio Marau.

Os roçados têm que ser feitos longe dos igarapés. Se fizer perto do rio irá queimar a beirada e acabar com o alimento dos peixes. A gente reclama que o peixe está desaparecendo. Assim como nós sabemos onde está o alimento, os peixes e as caças também sabem identificar onde tem alimento para eles.

Lonaldo da Silva Menezes,
Comunidade Cristo Bom Pastor, rio Marau.



Comunidade Nazaré, Alto Marau, 2019.

Waku watuwanentup aimempyt'ŋn ko'i kape hawyi aimempyt'ŋn aru i'atumempyt'ŋn ai'ehap hap kape, meimuewat hirokaria aru ikyesat ġa'apy te'ere mi'u kāt hamo mi'i turan. Waku wyti ġo ko'i apypueri wo toiġ ġa'apy ko'i. Ġa'apy yempe upi'at ko'i meimue yt te'en sēse'i, ma'ato y'y kawiat hanuaria ihy ysyk'a ne'i pupiat ko'i. Meimuewat ġa'apy ko'i wyti ipytyk kahato yi yt he'yi hep-hep'i hamo. Yt wateropāt'i pote aru ma'ato, mesūp tān 50 e'akaiu kape hap wy aru yt ahe'y ira'yn, yt aikowo kuap'i ra'yn aru ahewyry kuap y'y puo hawyi yt watuwei kuap'i ra'yn aru wy.

Bernardo Alves

Tu'isa tawa Terra Nova, Marau hy Piat.

Watuwekonuġ pya rān waku y'y hīt ko'i kai. Ma'ato watunuġ yempe ete'i sēse ne'i pote aru watiwuk kuap ne'i yempe hawyi toimomā kuap ne'i pīra ko'i mi'u. Ahehay kahato pira ko'i teruweityk te'en-te'en ehap ete. Aikotan meiġ waku watikuap aĵumpe toiġ mi'u hap, pīra ko'i kawyi miat ko'i ikuap wy aĵumpe toiġ ta'atumi'u hap wy.

Lonaldo da Silva Menezes

Tawa Cristo Bom Pastor, Marau hy piat.



Urupadi, 2019.

Cuidados com a mata, com os rios, igarapés, lagos e igapós

Para garantir a floresta em pé e a abundância de alimentos para os animais e para as pessoas, é fundamental manter corredores de mata fechada entre as roças, evitando as “ilhas de floresta” (fragmentação florestal) e o chamado “efeito de borda”. O efeito de borda acontece quando as árvores que ficam no limite da área derrubada ficam fracas e começam a cair, diminuindo continuamente a área da mata.

Também é fundamental manter vivas as matas das beiras dos rios, igarapés, lagos e igapós, consideradas Áreas de Preservação Permanente (APPs). Abrir roçado em áreas inclinadas e/ou nas beiradas causa erosão das margens e assoreamento das águas. Os peixes ficam sem alimento e com o tempo os rios vão perdendo profundidade para navegação. O Código Florestal Brasileiro diz que a mata não pode ser derrubada de trinta a quinhentos metros das margens, de acordo com as larguras dos rios e igarapés. É aconselhável deixar pelo menos cinquenta metros da beira dos rios para abrir roçado.

Acordos firmados

- Cuidar das matas nas beiras dos rios e igarapés, não desmatando nessa região, respeitando as distâncias legais das Áreas de Preservação Permanente (APP).
- Não desmatar as matas dos lagos e igapós. Nos igapós tem muitas frutas para os peixes, e tem árvores que servem para fazer utensílios, como o Molongó e a Macacarecuia, por exemplo.
- Fazer roças a partir de cinquenta metros para dentro das beiradas, para evitar erosões e assoreamento nos rios, igarapés, igapós e lagos.
- Cuidar com atenção especial das cabeceiras dos rios, das nascentes nas partes altas dos rios Andirá, Marau, Miriti, Manjuru e Ambetuí, preservando toda a mata dessas regiões.
- Cuidar com atenção especial das cabeceiras dos igarapés Itatuba e Seringal, formadores do rio Waicurapá.

Aimitun mo ġa'apy ko'i wywo, y'y ko'i wywo, y'y hīt ko'i wywo, y'y hy puk ko'i wywo hawyi y'apo ko'i wywo

Waku ġa'apy watunuġ yām me yn mi'i pote ipoity kahato miat ko'i mi'u wuat hawyi mīt'īn ko'i puo wy, waku ho'okup ġa'apy taġ ko'i ġo ko'i auri wo, yt waku'i ġa'apy hīt-ġa'apy hīt mi'atuiat tuereto (ġa'apy hīt-ġa'apy hīt nuġ hap) mi'i pe i'apypueri wuat nuġ hap'e. I'apypueri wo ne'i ġa'apy mi'ypun hā hap kai pyi wyti yt i'tuesai'i ra'yn ġa'apy mi'atuiat ko'i mi'i hap kai pyi te'eropap hawyi hewō, tuwemohīt te'en-te'en ra'yn ġa'apy koro mi'i hawyi.

I'awyte waku kahato watunuġ ġa'apy ko'i yempe upī i'atuehaiġte rakat wo, y'yhīt'i ko'i upī, y'y puk ko'i upī hawyi y'yapo ko'i upī (yt wema'āt hamuat'i – seġam ko'i mipoitynuġ uwe yt wema'at hamuat'i). Yt waku'i ġo minuġ yi hat pe hawyi yempe'i mi'i pote he'yi hep-hep'e kahato yempeupī. Mi'i pote pīra ko'i yt i'atumi'u'i ra'yn mesūp tān epote i'awyte y'y yt ihy pya'i ra'yn yara ko'i ewyry hamo. “Brasil piat seko pe iwan puopywiat henoi yt mi'ypun hā kuap'i 30 hawyi 500 ĵā'aġ hap kape, y'y hy pype hap ewy hawyi y'y hīt'i ko'i upī. Waku wyti miatuiat 50 ĵā'aġ hap wy ġa'apy yempekai ġo nuġ ko'i hamo.

Minuġ wuat

- Mieropāp ġa'apy waku yempeu piat ko'i i'ywyte wy y'y hīt ko'i upiat, yt mi'tuka kuap'i meipewat aria'yp ypia, mimontypōt waku aria'yp ypia erohik hap saikāp piat hap ewy.
- Yt wati'atuka kuat'i ġa'apy y'y puk etiat i'ewyte hy apo etiat wy. Yapo puo ho'okuk kahato ywa ko'i pīra ko'i mi'u wuat hawyi ho'okup aria'yp ko'i minuġ wuat ko'i waku rakat, aria'yp pehōk “molongo” e'hap, hawyi hanuān'e kuia “macacorecuia” wy kotā.
- Watuwekonuġ waku po'oġ pya yempe kai 50 ĵā'aġ hap ewy, korā he'yi hep-hep'e ai'ehawe i'ewyte wy toi hy mosik y'y ko'i hap tet pupi, y'y hīt'i ko'i, y'apo ko'i hawyi y'y hy puk ko'i.
- Wateropāt waku y'y hy'akaġ ko'i wy, Andirā, Miriti, Marau, Manjuru hawyi Aiġpetu'i hy'akaġ ko'i wywo, wateropāt waku torania meimuewat aheġa'apy ko'i tukup te'en rakaria.
- Wateropāt waku y'y hīt'i Itatuba hawyi Seringal hy'akaġ ko'i Waikurapa hy nuġ haria.

- As margens que já foram desmatadas devem ser replantadas. Vamos reflorestar nossas matas nas beiradas dos rios, igarapés e lagos.
- Planejar os lugares adequados para abertura de novos roçados, já que as comunidades estão muito perto umas das outras.
- As roças precisam estar cercadas de mata. A mata não pode ficar cercada de roça.
- As lideranças, as famílias e também os professores nas escolas devem ensinar sobre a importância de cuidar das nossas águas e da nossa mata, fazendo os roçados longe das beiradas.

Preservação e resgate de alimentos tradicionais e enriquecimento de capoeira

Não devemos fazer várias roças no mesmo lugar, pois se fizermos isso pode virar um campestre e não crescer mais capoeira. Se a gente plantar umas árvores de frutas a gente vai conseguir também alimentos para os animais. O plantio de mudas enriquece aquele pedaço de terra que foi aberto.

Bernardo Alves,
Tuxaua da comunidade Terra Nova, rio Marau.

Com o passar do tempo o consumo de alimentos industrializados nas comunidades tem aumentado, enquanto as variedades de cultivo no roçado vão diminuindo. São os mais velhos que guardam as sementes ancestrais e sabem as técnicas tradicionais de cultivo, os jovens nem sempre se interessam em aprender. Mas todos sabem que comer o alimento tradicional é o que garante a saúde e a força do povo Sateré-Mawé. A grande variedade das sementes ancestrais, juntamente com todos os alimentos manejados e coletados nas áreas de extrativismo, é chamada de **agrobiodiversidade**.

O resgate da agrobiodiversidade e também das técnicas tradicionais de cultivo pode ser feito nos roçados novos, nos quintais e, inclusive, nas beiras de rios e igarapés já desmatados, nas capoeiras e nos sítios antigos. Além das variedades da roça, é importante plantar mais castanheiras, andirobas, copaíbas, pau-rosa, buritis, caranãs, palheiras, dando continuidade ao trabalho dos antigos, que plantaram a floresta com as árvores que os Sateré-Mawé continuam usando para tudo em seu cotidiano.

- Yempe upiat aria'yp mi'atuka ko'i saipepiat waku watikoi pakup'i ra'yn. Watikoi pakup'i ro aheġa'apy yempeu piat ko'i, y'y hīt ko'i hawyi y'y hy puk ko'i upiat.
- Waku watekonuġ ġo pakuk'i hamuat turan watuwanentup aġumpe ġo pakup'i nuġ hamo kat tupono tawa ko'i yt to'opya-to'opya'i sēse ra'yn tupono.
- Ġo ko'i apypueri wo waku ġa'apy ko'i, yt waku'i ġo ko'i ġa'apy apypueri wo.
- Morekuaria, aiwyria'īn i'ewyte wyti puruweiria terepotmū'e hap tote waku ho'omū'e ahe'y hawyi aheġa'apy eropāt hap ete, waku ġo ko'i minuġ pya yempe kai.

Ikȳ'e wywo wahemeikowo aimi'u tī ko'i hawyi hawyi ġo pōt ko'i puat mikoi ko'i wy

Yt watuwekonuġ kuap'i wentup tote yn, mi'itā watunuġ pote yahiġ aran wo tuwenuġ hawyi ġo pōt yt i'atutaġ'i ra'yn. Watikoi waku wentup yp iwytī aria'yp hāt rakat mi'i pote aru watipunti mīat ko'i mī'u wo wy. WatiKoi waku mikoi kyt ko'i mī'i pote aru ho'okup kahato meġjewat mī'ypun hā pot'i tote.

Bernardo Alves

Tu'isa tawa Terra Nova, rio Marau.

Meiġuran epote ti aru aimi'u tawa ko'i puo tuwemowato po'oġ mimoġko'i ne'i ra'yn, mi'i pykai aipuat mikoi ko'i tuweupiat-wewupiat ġo ko'i puo tuwemohīt te'en-te'en. Naġ'i-naġ'i yn ra'yn ho'oupīt ywa ġayiġ ko'i hawyi aikotan me ikoi hap ta'atuhepāp mi'i turan, ywāpakup tiaria yt yne'i ra'yn teremuehapāp mekewat sepāp hap ete. Ma'ato torania ikuap aipuat mi'u'u pote yn ahehaiġte po'oġ kuap hawyi Satereria i'atuesaika kuap wy. Ipoity kahato ywa ġa'yiġ aipuat ko'i, Torania mi'u ko'i aiwe'eġ wo watiporera'at ipoity hap totiat watipurūk turan, misetpaikawa **“agrobiodiversidade”** ehap.

Watāt'i-tāt'i pakup'i “Agrobiodiversidade”, i'ewyte wy akotan me ninuaria koi'e i'atu'e hap minuġ kuap ġo pakup ko'i puo, oken upī, i'ewyte wy, yempe ko'i upī hawyi y'y hīt'i hyempe ko'i upī mi'atuka ko'i saipepiat, ġo pōt ko'i puo hawyi seġam pōt'i ko'i puo. tuweupiat-weupiat ġo ko'i upī, waku po'oġ watikoi we'eġa ko'i, mosop, kupayp, “pau-rosa”, miriti ko'i, māre ko'i, pinawa ypia, mi'ywoporo waku ahenāġnia'īn minuġ tuerūt koi'i, ta'atukoi ġa'apy wuat koi Satereria miekowat wuat wuat'i e āt piat nuat ko'i.

Agrobiodiversidade sateré-mawé

Nossos antepassados plantavam centenas de variedades de alimentos, consorciados nos roçados. Eles sabiam exatamente quando botar fogo sem colocar a mata em risco. Eles deixavam na capoeira várias espécies para servir de alimentos para os animais, e também replantavam. Hoje ouvimos falar sobre agroecologia e sistemas agroflorestais, que é um jeito de explicar o que os Sateré-Mawé mais velhos já faziam tradicionalmente.

Hoje as variedades mais plantadas são: mandioca, macaxeira, arroz, jerimum, fava, feijão, milho, taioba, batata-doce, cará, cará-de-espinho, abacaxi, ururá, cupuaçu, laranja, abacate, cana, jambo, manga, fruta-pão, abacaxi, banana, jaca, açai, bacaba, miriti, graviola, mangarataia, patawa, juçara, buriti, mamão, ingá, inajá, melancia, coco, cacau, castanha, pupunha, manicuera, juruá, *saighup'i*, *urekag*, *awai'a wato*.

Além do trabalho na roça, tem coleta na mata de caramuri, buriti, piquiá, miri, inajá, patawá, uichi liso e coroa, açai, bacaba, jatobá, tucumã, castanha, fruta de suva, *wakoré*, *sahai*, *pihã'i*, *uku'i*, *more*, *irahy*, mel.

Nós podemos enriquecer a capoeira e nossos quintais plantando mais árvores do nosso uso e alimentos tradicionais, inclusive para os animais também, como por exemplo o jutaí, comida de veado, *uxi* para a cotia comer, *kumarú*, *umiri*, *piki'a*, *pajura*, *aperem*, *ahut hít*, *jugkan*, *wasai*, caju, abiu, murici-grande, amapá, taperabá, goiaba, palha-branca, maçaranduba, pau-rosa, preciosa, cedro, andiroba, sorva, sorvinha.

Durante as expedições algumas comunidades relataram ter dificuldade de encontrar as sementes de *kuiru wat*, *kuiru'a wat*, *juru'a wat*, *awai'a wato*, *awai'a py'a*, *urura*, *urekag*, *wawori kap*, *saig hup'i*, *cupido jun*, batata-doce, feijão-fava e cará-do-ar.

Para não perdermos esses alimentos precisamos encontrar os mais velhos que ainda plantam essas variedades, e fazer buscas nos sítios e nas capoeiras antigas. Também é importante realizar trocas de sementes, conversar sobre as técnicas tradicionais de plantio, valorizar e fortalecer esses conhecimentos nos puxiruns, nas reuniões e nas escolas. (**Anexo 3** – Lista de plantas e animais registrados no contexto de elaboração do PGTA).

Satereria mi'u ypia "Agrobiodiversidade"

Aha'ase'iria nīmo ikoi yne torania mi'u wuat waku rakat tuweupiat-weupiat mi'u wuat waku rakat, ģo ko'i puo. Ta'atukuap aikotan me waku wuk'i-wuk'i ehamuat ģa'apy wuk yt hamuat'i ra'yn tupono. Ta'atu ha'atuiat tuweupiat-weupiat mikoi miat ko'i mi'u wuat ģo pōt pe, i'ewyte ta'atu saipepiat koi. Korā tupuo watikuat ra'yn sehay koi ehap etiat "agroecologia" ehap i'ewyte wy motpāp ikoi hap etiat "agroflorestas" ehap, aikotan me mienoi kuap Satereria nīmuaria minuġ tī ra'yn ko'i.

Korā tupuo tuweupiat-weupiat mikoi po'oġ ko'i ti menti: Mani, Manisey, arroz, iurimu, myru'i, kumana, awati, taioaba, uriuru, awai'a, katiana, nanā, urura, cupu, sasym, abacati, canā, jambo, manga, fruta pāo, pakua, jaca, wasa'i, hawuhu'i, miriti, graviola, maġkaratai, hawuhu'i wato, hu'irop, miriti, mamāo, moku, puwi, melancia, coco, cacau, we'iġa, myrawe, maniaky, ĵuruā, saiġhup'i, urekaġ, awai'a wato.

Ĥo etiat Motpāp pykai wy, toiġ wy ģa'apy piat miatunuġ ko'i wuat, ywa hup, miriti, piki'a, umiri, pūwi, hawuhu'i wato, wisi sym'i hawyi kuruwa'i, wasa'i, hawuhu'i hīt'i, ma'ate, tukuma, we'iġa, surva ywa, wakore, sahai, piha'i), ūku'i, more, awi'a hy.

Watimontaġ kuap aikopōt ko'i pe wy hawyi aho'oken ko'i upī po'oġ mikoi aimi'u tī ra'yn aiwepukuap hap ko'i, i'ewyte miat wy, kotā: piha'i) yty mi'u, wisi akuri mi'u, kumaru, umiri, piki'a, paiura, aperem, ahut hīt, ĵuġkan, wasai, kāsū, apiu, mopiuku, amapá, akai, waiawa, pinawa, maġaranduba, pau-rosa, preciosa, cedro, mosop, surva, survinha.

Sewryyap hap upī irania tawa ko'i piaria henoi yt uruho'opuenti kahato'i ra'yn kuiru ĵā'yiġ i'atu'e, kuiru'a wat, awai'a wato, awai'a py'a, urura, urekaġ, wawori kap, saiġ hup'i, cupido ĵun, uriuru, myru'i.

Yt watimonto'i meimuewat mi'u ko'i hamuat pote waku watikāt nāġnia'in meimuewat mikoi ereko te haria, mikāt aĵumpe ho'okupte ģo pōt ko'i puo. l'awyte waku wo'opowepyk wentym ĵayiġ wo, sehay-sehay aikotan me ikoi hap ete, miekowāt hawyi mimuesaika meimuewat sepāp hamaut hap ko'i ete motpāp ko'i turan, wa'atunuġ turan hawyi wo'omū'e yat pe. (3 ahyt piat ewy mikoi ko'i hawyi miat ko'i set miporokpun PGTA nuġ turan nuat).





Acordos firmados

- Plantar vários tipos de alimentos diferentes nos roçados, para a alimentação das famílias sateré-mawé.
- Valorizar as antigas técnicas de plantio dos Sateré-Mawé e as sementes tradicionais, guardadas pelos mais velhos.
- Incentivar os Sateré-Mawé a coletarem sementes e fazerem mudas para plantar nas beiras e nas capoeiras.
- Plantar nas capoeiras mudas e sementes de plantas que sejam boas para nós e para os animais, por exemplo: tucumã, açai, ingá, bacaba, patawá, castanha, copaíba, pau-rosa, etc.
- Enriquecer as capoeiras incluindo o arumã, outras plantas necessárias para fazer artesanato e todas as espécies de madeira necessárias para variados usos.
- Planejar e plantar nos quintais das comunidades árvores frutíferas e plantas que servem como remédio.
- Continuar as feiras de trocas de sementes entre os moradores de diferentes comunidades.
- A escola deve valorizar o conhecimento dos agricultores tradicionais sateré-mawé incentivando pesquisas dos alunos e convidando os mais velhos para darem aulas nas escolas e nos roçados.
- Os gestores das escolas, professores, tuxauas e lideranças devem trabalhar para incluir alimentos tradicionais sateré-mawé na merenda escolar.
- Buscar apoio das instituições, como FUNAI, UFAM, IFAM, etc., para a realização de feiras de sementes e produção de mudas.

Minuḡ wuat

- Mikoi tuweupiat-weupiat mi'u wuat waku rakat ḡo puo, Satereria mi'u wuat.
- Miekowāt waku nimuaria Satereria koi iatu'e hap ko'i i'ewyte ḡa'yiḡ ko'i, naḡnia'ṭn miupīt ko'i mikoi wuat.
- Waku wati'atumowatetup po'oḡ Satereria ywa ḡa'yiḡ ko'i sa'atunuḡ mikoi ypy kyt wuat hamo yempe upiat nuat i'ewyte wy ḡo pōt ko'i puat mikoi wuat.
- Waku watikoi ḡo pōt ko'i puo mikoi ypykyt ko'i waku ahepiat rakat wuat i'ewyte miat ko'i piat rahat wuat, kotā: tukuma, wasa'i, mokuu, hawuhu'i wato, we'īḡa, kupa'yp, pau rosa, hawyi irania'in.
- Wati'akyt ka po'oḡ aiko pōt ko'i puo i'ewyte watikoi warumā ko'i wy irania'ṭn nuḡ'i-nuḡ'i ehamuat ko'i waku rakat watikoi wy hawyi torania tuweupiat-weupiat aria'yp ho'okup rakat ikyesat turan miekowat wuat tupono.
- Watuwewantup hawyi watikoi waku tawa ko'i e'oken upī mikoi i'ywa waku aimi'u wuat rakat i'ewyte wy mohaḡ wuat rakaria.
- Watunuḡ tuereto wo'opuenti-puenti hap irania'ṭn tawa ko'i wywo ywa ḡa'yiḡ ko'i wo'opowepyk-powepyk hamuat.
- Wo'omū'e hap yat waku imuesaika Satereria mikuap koi'i-koi'i ehap etiat mi'atumompokuap kāt'i-kāt'i ekuap hap ete wemū'e raria hawyi miso'owenka naḡ'ṭn po'oḡ ko'i wo'omū'e hap yat kape te'erepotmū'e hamo ti ra'yn hawyi ḡo ko'i upī.
- Wo'omū'e hap yat erohik haria, puruwei ko'i, tu'isaria hawyi morekuaria, waku i'atupotpāp wemū'e haria Satereria wepukuap hap mi'u wuat ko'i ete.
- Miso'okāt mowyro hap irania'ṭn wo'erohik haria kape, FUNAI, UFAM, IFAM, hawyi irania'ṭn, wa'atunuḡ iwato rakat wo'opuenti-puenti hap ywa ḡa'yiḡ ko'i moherep hap hawyi mikoi ypykyt ko'i nuḡ hamo.

Protocolo de produção do “Pão de Waraná Sateré-Mawé”

O CPSM, juntamente com a associação Slow Food, a Regione del Veneto e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, produziu um Protocolo de produção do “Pão de *Waraná* Sateré-Mawé” com Denominação de Origem Protegida, em 2010.

Em outubro de 2020, o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) reconheceu a Terra Indígena Andirá-Marau como indicação geográfica (IG) para o guaraná (*warana*) e para o pão de guaraná. É a primeira IG de denominação de origem concedida para um povo indígena no Brasil. Isso quer dizer que as práticas dos Sateré-Mawé garantem a conservação do guaraná em seu ambiente natural, e a TI Andirá-Marau é o único lugar do mundo onde nasce e cresce o guaraná original.

O Protocolo de produção do “Pão de *Waraná* Sateré-Mawé” de 2010 fala sobre todas as exigências do fabrico do guaraná, desde o plantio até a venda. Em resumo:

“As mudas transplantadas nas plantações devem ser principalmente ‘filhos do guaraná’, ou seja, mudas coletadas ritualmente na floresta virgem, germinadas aos pés dos cipós de guaraná nativo; mudas germinadas de sementes produzidas por plantas nativas crescida sob a forma de arbusto e não de cipó. As mudas podem ser transplantadas somente das maneiras tradicionais. Não é permitida a importação de guaraná clonado.

Os guaranazais, sempre localizados em terra firme, devem:

- Ser menores que dois hectares, se desenvolvendo, de preferência, como corredores e não como quadras.
- Situar-se em contiguidade com a floresta, secundária ou primária.
- Ser intercalados com árvores e plantas úteis (frutíferas, madeireiras ou outras) já presentes na área no momento da constituição do guaranazal ou consorciadas posteriormente, especialmente leguminosas, como o ingá, e palmeiras frutíferas, como bacaba.

Não é admissível a utilização de agrotóxicos ou adubos químicos, não orgânicos.

Aikotan me minuḡ “Satereria wat Warana ok” muesaike hap

CPSM – “Consórcio de Produtores Sateré-Mawé” wo’opowyro-powyro koi eharia Satereria muesaike hap to’opowyro saikāp Slow Food, hawyi Regione del Veneto, hawyi Ministério do Desenvolvimento Agrário, imuesaike aikotan me minuḡ “Warana ok Satereria wat” miset nuḡ as’awy puopy wiat miky’e kahato wo toigñe’en, 2010 e’akaiu pyi.

Outubro 2020 e’akaiu pe ti, Instituto Nacional da Propriedade Industrial / INPI e’hap ikuap T I Andira Marau tohenoi jēigñe’en hap wo, warara hawyi warana ok wo sēse. Miowuo sa’awy /IG ti tuwesa’awynuḡ satereria e’yi pe hawyi wentup mikoi sa’awy miḡum tapy’yaria/DO Brasil piat ḡupte’en haria pe. Meijempe pyi ti pyno Satereria tipoitynuḡ kuap ta’atuewarana tukupte’en hap tote, hawyi TI Andira Marau ehawe yn ti tuwemoherep hawyi itaḡ warana sēse.

Aikotan me minuḡ “Warana ok Satereria wat” muesaike hap 2010 e’akaiu pe, tohentup torania minuḡ wuat warana ok nuḡ hamuat, ikoi hah tote pyi te hawyi iweneru hamuat hap kape. I’ok hik pe mienoi:

“Ipykyt kaipywiat wyti waku Warana watikoi, warana ipykyt ko’i waku miso’ohēp ḡa’apy puat, warana ypy koro kaipywiat hentyt rakat; ha’yiḡ kaipyi hentyt rakat ma’ato i’aworo’a rakat kaipyi wiat yt hempo rakat kaipywiat’i. Waku watikoi ikyt ko’i aiwepokuap hap ewy. Yt miaro kuap’i aru warana ran ne’i mipo’oro wo.

Warana ypia, wyti toigñe’en kuap yi heḡ me yn waku, kotā:

- Tȳpy jā’aḡ e’yikai hap ypia, tuwenuḡ kuap, aikotan me toine’en, mu’ap hīt ko’i ewy waku hawyi i’ywop hap ipype yt to’ewy’i.
- Ḡa’appy wywo to’o pitiḡ me tukupte’en waku, ḡo pōt pe yt pote ḡa’a’apy koro pe.
- To’opitiḡ me waku mikoi hāt aimi’u wuat waku rakaria wywo (hāt rakaria, ariyp mipurūk ko’i wuat waku rakaria hawyi irania’īn) toinī ra’yn waku warana ypia wywuāt pe irania’īn mikoi ypia ko’i, kotā; mokuu, hawyi mikoi i’yhop ywop tia rakaria, hāt rakaria kotā hawuhu’i.

Yt waku’i ti miekowat mikoi motaḡ hamo hēmpypuat mikoi mi’u ko’i, kat-kat atuka hap pywiat minuḡ, yt mikoi piat yt waku rakaria’i.

A secagem em fornos de barro dos grãos de *Waraná* deve ser integralmente artesanal, não sendo admissível uma posterior torrefação industrial, devendo-se obedecer aos seguintes critérios:

- Será feita em fornos de barro tradicionais, feitos com misturas de barro local e fibra de caraipé, segundo as regras da tecnologia indígena.
- Jamais será permitida a secagem do guaraná ao sol.
- O ‘padeiro’ incumbido da secagem atuará com destreza especial, lentamente e com continuidade: esta forma suave de secagem se identifica como ‘cozinhagem’.
- O acondicionamento do *Waraná* se efetuará exclusivamente em sacos de juta natural.
- O *Waraná* ensacado que não for destinado imediatamente à produção de pães repousará em fumeiros familiares tradicionais, sobre fogo baixo e intermitente, obtido utilizando-se madeiras aromáticas nativas, como o murici.
- O *Waraná* que se destina à produção imediata de pães de *Waraná* deve, de preferência, ser colhido um pouco antes de estar completamente maduro.

A presença intensa das abelhas nativas (polinizadoras) e do tucano (disseminador) deve ser garantida, de modo que seja mantida a máxima polinização cruzada entre o guaraná semidomesticado na clareira e o guaraná selvagem na mata virgem.

O procedimento para a fabricação do ‘Pão de *Waraná*’ deve ser cumprido seguindo todas as etapas:

1. Depois de cozinhado, o guaraná em rama é colocado em saco de pano.
2. A saca é batida com o auxílio de uma mão de pilão pequena, para que o casquilho se separe da amêndoa.
3. O conteúdo do saco é colocado numa peneira artesanal feita de fibra vegetal, para ser selecionado.

Warana ĵa'yiġ mimoġaġ m̃p yi kawiat tote waku minuġ mowuat tira'yn, yt mikaray kuap'i karaiwa'in eko ewy, waku mimontypot kotā ehap ko'i:

- Minuġ ti aru m̃p yi kawiat tote, pore wuat ewy, m̃p minuġ aipuat yi hup kawiat hawyi kara'ype wywo, aiwat aiwepokuap hap ewy.
- Yt mikyesat'i ti aru warana moġaġ āt nakup tote ne'i.
- “Warana ok nuġ hap mereno waku, mi'i hawyi waku iġaġ hēpamo itenek hap kape meketan me tira'yn toiġne'en: meketan me toiġne'en iwyp heġ hap kape.
- Warana ti miwenero turan mipaġ “saka” juta kawiat pe tira'yn.
- Warana saka piat ko'i yt mituk wuat te'i waku miupīt yhiġ apyto fumero pe aiwepokuap hap ewy, aria sakup werup'i apy tote, aria miekawat ikaphiāsē rakaria ġa'apy puat ko'i, kotā muruci yp.
- Warana mitok wuat turan ni, waku mipō'ok yt itaġ kahato'i te turan.

.Awi'a kahato ho'okup ġa'apy puat rī ġup te'en haria (hā tatu hamuat nuġ haria) hawyi ĵuġkan wy (hytpok hamuat) mi'itan me toiġ ne'em waku, meketan me mimopokuap hā tatu hamo warana mikoi iherrep totiat hawyi warana ġa'apy taġ puat ko'i wy imotypy'i hamaut.

“Warana ok” nuġ hamuat turan waku mimontypōt inuġ wuat ko'i:

1. Iteneġ hawyi, warana ĵa'yiġ mipaġ waku sāka sokpe kawiat pe.
2. Saka pait warana ĵaiġ ete watopoityk-poityk weġku'a men hīt wo, i'ape hīt purūk'e haiġ etiat hamo.
3. Saka piat mi'apik mipaġ panane aimi'iġ me, haiġ aira hamo.
4. Ipotyi'ok hap ĵa'aġ hamo, ha'yiġ mipaġ aria'yp kawiat iwy'yp rakat pe, kui'a kawiat heġam, apuiġ ypīt potiġ kawiat hayty. Ipotyi hap tuweupi-weupi 500g hawyi 1kg hap ewy, ma'ato, hentup hap ewy-ewy, minuġ kuap.
5. Mi'i rania ehap ewy yn mitok weġku'a pe, hawiran yp kawiat pe.
6. Warana tok hat itok hepāmo weġku'a men wo “mirapiranga” ĵa'um kawiat, i'ewyte hawiran yp kawiat, iku'i ehap kape.

4. Para pesagem, as amêndoas são colocadas numa balança de cabo de pau, concha de cuia e alças de fibra de imbaúba. O peso tradicionalmente varia entre 500 g e 1 kg, mas, por exigências específicas, pode ser outro.
5. A quantia desejada é levada ao pilão, feito de madeira cupiúba.
6. O mestre padeiro pila as amêndoas devagar com o auxílio de uma mão de pilão feita de madeira mirapiranga, ou cupiúba, até que se tornem pó.
7. Utilizando uma colher de pau pequena, o mestre adiciona várias colheres de água ao pó de *Waraná*, que está dentro do pilão, deixando a massa pronta para ser pilada fortemente.
8. O mestre padeiro pila o *Waraná* sempre girando o pilão, para manter a homogeneidade da massa.
9. A massa é pilada com força, de vinte a trinta minutos, sem parar, para que ela fique com bastante liga.
10. O mestre padeiro, utilizando-se de uma colher de pau pequena, tira a massa do pilão. A massa é amaciada com as mãos e levada até uma mesa de madeira.
11. O mestre padeiro modela a massa com as mãos até que ela fique em forma de bastão, cuidando para que não se formem bolhas vazias dentro dele, o que prejudicaria gravemente a conservação do pão.
12. Quando o ‘Pão de *Waraná*’ estiver pronto, ele será colocado num pedaço de caule de bananeira.
13. Tradicionalmente, a esposa do padeiro lava o ‘Pão de *Waraná*’ dentro de uma cuia durante dez minutos, assim como se faz com uma criança recém-nascida.
14. A água da lavagem é bebida pelos presentes à cerimônia, que sempre acontece em público, garantindo um controle social sobre a atuação do padeiro.

7. I'ewyte miekawat yhape hīt aria'yp kawiat, warana tok hat topaḡ y'y warana ku'i i'apuk waku'i ne'i hap kape, weḡku'a piat kape, waku ra'yn, itok hatypuo hamuat hap kape.
8. Warana tok hat tuwewarana tok weḡkua auri wo, wentup ewy yn itok sat'e hap kape.
9. Warana waku mitok hatywo, "vinte" hawyi "trinta minutos" emōt hap ewy, yt tuwemohy'i itok hat, itok wo'osat hap kape.
10. Warana tok hat, waku hawyi ihap weḡku'a pyi warana tomitok. Mi'i hawyi toi'okmisym'i topowo mi'i ereto'e yparakai aria'yp pēp kawiat kape.
11. Warana tok hat ti'ok kytty tomitok i'ok nuḡ hamo, tomitumo waku yt he'ywytu'a hap pupī, ywytu wyat ne'i pote yt waku'i warana ok toupī pe.
12. "Warana ok" waku ra'yn hawyi, mipaḡ pakua yp okpe'ok pe.
13. Wepokuap wuat hap ewy, warana tok hat ehary'i i'ok koho "Warana ok" kui'a piat y'y pe "10 minutos" emōt hap ewy, aikotā minuḡ hirokat pakup etiat ewy.
14. Mekewat ikoho hap ihy'u tarania meiḡjempiat seha'āt haria, mi'i hap minuḡ mīt'īn tok pe, warana tok hat montypōt hap wywo.
15. Mi'i hawyi, "Warana ok" mipaḡ pakup'i pakua yp okpe'ok pe, 10 hawyi 20 "minutos" hap ewy hemōt hap iḡaḡ kahato hamuat hap kape yhiḡ apyto tiat hupīt hamo.
16. "Warana ok" yhiḡ me hawyi hemōt waku mye'ym ewaty hap ewy minuḡ mye'ym ewywuat yhiḡ imowyp hamuat.
17. Sa'awy'i wuat e'waty pe, Warana'ok mipaḡ yhiḡ pyḡaḡ "meio metro" hap ewy iwaiti hap. Hetypuat'i e'waty pe, "1 metro" hap ewy iwaiti hap. Mye'ym e'waty pe, "2 metros" hap ewy iwaiti hap.
18. He'yhiḡ me waku toiḡne'en 90 e'āt kape hap ewy, hāria wo waku muruci hawyi araça yp ko'i, i'ewyte wy waku aran yp kawait aria, hakuap yp, moi'ake.

15. Depois, o ‘Pão de *Waraná*’ é novamente colocado no pedaço de caule da bananeira, de dez a vinte minutos para secar antes de ser colocado no fumeiro.
16. O processo de defumação do ‘Pão de *Waraná*’ dura três meses e é realizado com o auxílio de três fumeiros.
17. Durante o primeiro mês, o Pão é colocado num fumeiro a meio metro de altura aproximadamente. No segundo mês, a um metro de altura. No terceiro mês, a dois metros de altura.
18. A defumação deve ser permanente durante os noventa dias, e deve ser obtida basicamente a partir do uso de madeiras de muruci e araçá, acrescentando-se eventualmente madeiras de *aran*, *hakuap yp*, *moi’ake*.
19. Depois desse processo, o ‘Pão de *Waraná*’ está pronto para ser consumido, podendo ficar guardado no último fumeiro por muitos anos, sendo defumado frequentemente, mas não mais permanentemente.”



Florada do guaraná, Médio Marau, 2018.

19. Mi'i rokiné, "Warana ok" waku ra'yn mi'u wo, miupīt kuap ra'yn yhiḡ apy tote mōt'i hamuat hap kape ti ra'yn, mi'yhiḡka me toine'en tuereto, ma'ato yt sa'awy'i wuat yt ewy'i ra'yn".



Pães de guaraná descansando, rio Marau, 1980.



Pedra para ralar guaraná e pão de guaraná, comunidade Monte Sinai, rio Urupadi, 2019.

Práticas de extrativismo

É importante a criação de abelhas sem ferrão, nós construímos caixas para elas e não derrubamos mais as árvores para conseguir o mel.

Natanael Santos Souza,
Agente ambiental da comunidade Lírío do Vale, rio Marau.

Os Sateré-Mawé conhecem e usufruem de muitas árvores da floresta, como andiroba, copaíba, seringueira, sorva, pau-rosa, cedro, itaúba, acariúba, pau-ferro, preciosa, caramuri, maçaranduba, abelha, palha, tucumã, miriti, jacitara, arumã, mirantã, ambé, bacaba, cumaru, açai, pequiá, etc.

Dentre as práticas de extrativismo usadas tradicionalmente, muitas não são mais sustentáveis em um território limitado, com uma população crescente. Isso se agrava quando o extrativismo é realizado para a comercialização, e não para o uso comunitário.

Nesse contexto, algumas iniciativas já estão sendo tomadas para melhorar as práticas, impactando menos as matas e propiciando mais equilíbrio ecológico para a TI Andirá-Marau.

Acordos firmados

- Usar o trado para extrair o óleo da copaíba e vedar bem o furo após a extração do óleo, garantindo que a árvore se recupere e que a extração possa ser contínua, respeitando os tempos certos.
- Respeitar o tempo de recuperação das árvores utilizadas para o extrativismo, como a seringueira, o breu, o arumã, a palheira, e outras.
- Cuidar das árvores que dão frutos, tirando os cachos ou os frutos sem derrubá-las, como a bacabeira, o buriti, o açai, o tucumã, a castanheira, e outras.
- Ter cuidado na hora de tirar as palhas e os cipós, deixando a planta se recuperar para continuar extraíndo dela.
- Criar as abelhas sem ferrão em caixas e não derrubar mais árvores para tirar mel.

Kat ko'i-kat ko'i puruk hap etiat

*Waku kahato awi'a ko'i aihu) wo yt wo'ok'i haria, mitunuḡ waku y'atu'yat wuat aria'yp kawiat
"caixa" e'hap ko'i yt mi'ypun'i ra'yn yp ko'i ḡa'apy puat, awi'a hy hep hamo.*

Natanael Santos Souza

Yi ewapy epiok hat tawa Lírio do Vale, Marau hy piat.

Satereria ikuap ta'atumiekowāt wuat ḡa'apy puat mikoi ko'i, mosop yp, kupa yp, siriḡ yp, surva yp, pau rosa yp, cedro yp, itauba yp, wakari yp, kurusu yp, preciosa yp, ywahup yp, masara yp, awi'a, pinawa, tukuma, miriti, waipopi, waruma, myryanta, wampe, hawuhu'i, kumāru, wasa'i, piki'a, hawyi irania'ŋn.

Kat ko'i-kat ko'i puruk hap aiwepokuap hap ewy, ipoity wy ti ma'ato yt miekowāt wo'i ra'yn ma'ato ahe'yi tek, typy'i te'en-te'en mīt'ŋn hap ewy. Mekewat wyti yt waku'i po'oḡ mipuruk miweneru wuat hamo, mi'ekowāt yt kuap'i torania wanuat'i pote.

Mekewat wanentup hap kaipyi, minuḡ sa'awy ra'yn mekewat seko miesaika hap, yt mikyry'i po'oḡ'i ra'yn ḡa'apy atuka hamo i'ewyte wy ho'okup yn torania ḡeiḡne'en Andira-Marau yi piaria piat hamo.

Minuḡ wuat ko'i

- Miekowāt ri i'ok hot hap tī ra'yn "Trado" ehap kupa'yp hy hep hamo hawyi miewahik kahato ihy hep hamuat i'ok hot hap tote, ihaḡte tuereto hamuat tupono hawyi ihy hep tuereto hamuat tupono, ihy hep hamuat put'o'e hap e'āt kape.
- Mimontypōt mikoi yp ko'i iwe'ypytuk hap kape hawyi mipurūk pakup'i hamuat hap kape, siriḡ ko'i ewy, ytyk hē, waruma, pinawa ypia, hawyi irania'ŋn.
- Mieropāt waku mikoi hāt rakaria, mipuruk hāt ko'i yt i'ypun hā rokinē'i, hawuhu'i yp, miriti yp, wasa'i yp, tukuma yp, we'yḡa yp ewy hawyi irania'ŋn.
- Aimitumo waku pinawa terēk turan i'ewyte wy yrypo ko'i purūk turan, waku waha'atuiat mikoi we'ypytuk hamuat waho'ohep tuereto hamuat tupono.
- Hu wo waku awi'a yt wo'ohok hat'i "caixa" ko'i puo hawyi yt mi'ypun hā ira'yn aria'yp ko'i awi'a ihy hep hamo.

Uso do fogo e incêndios

Não devemos botar fogo sem cuidado, nossos ancestrais já usavam o fogo há muito tempo. Desde muito tempo nossos avós e bisavós queimam a roça com muito cuidado, temos que relembrar como eles queimavam as roças. A queima de roça não é de qualquer maneira, tem suas regras também. Há muito conteúdo a ser trabalhado na sala de aula, então isso serve para gestores e professores.

Bernardo Alves,

Tuxaua da comunidade Terra Nova, rio Marau.

O fogo é usado tradicionalmente pelos Sateré-Mawé. Os antigos conheciam os cuidados e praticavam regras básicas para evitar incêndios, como puxiruns, vigias, aceiros, etc. Atualmente os riscos aumentaram muito, pois com as mudanças climáticas estão acontecendo épocas de secas prolongadas e a vegetação está ficando mais frágil, correndo o risco de se incendiar com muita facilidade.

Com o aumento da população na TI Andirá-Marau, aumenta também o número de queimadas para abrir os roçados. De modo que os jovens precisam aprender e praticar as técnicas tradicionais, assim como tomar cuidados especiais com as vegetações dos igapós e das margens dos rios, que são de importância estratégica, tanto para a conservação da floresta, como para alimentar a caça e o peixes.



Proximidade
da comunidade
Santo Anjo, Alto
Marau, 2019.

Aria ekowāt hap hawyi wuk'i-wu'i ehap etiat

Yt waku'i wuk'i-wu'i watu'e yt aimitumo'i, aha'awyrria ti i'ekowāt nīmo pyi tī ra'yn aria. Nīmo pyi kahato aha'ase'i e'aseria te'eruwekowuk ta'atumitumo kahato, waku pyno hot'ok aikotan me te'ereko wuk hap kape. Ğo wuk turan yt waku'i waku hap ewy ne'i watiwuk aiko. Toiğ waiğ ehap wy. Ho'otukup kahato motpāp wuat ko'i wemū'e hap yat piat hamo, mi'i pyno meju waku rakat wemū'e haria potağ ko'i piat i'ewyte wy puruweiria ko'i pe.

Bernardo Alves

Tu'isa Tawa Terra Nova, Marau hy piat.

Aria ti Satereria miekowāt tī ra'yn. Nimuarria i'ekowat kuap aria i'ywā kuamo hap wywo pot'u ehap pupī, to'owenka,i'apykōk hat, hywytip ğo auri wo hap, hawyi irania'īn. Korā tupuo ipahara'i kahato po'oğ, āt tuweupī-tuweupī hap ewy tuwenuğ āt nakup hap hawyi ğa'apy i'atuğāğ kahato yt i'atuheğ'i ra'yn, hawyi aria sat'e merep mo kuap ne'i.

Typy'i po'oğ mīt'in ko'i hap ewy Yi Andirá Marau pe, tīpy'i po'oğ weko wuk haria. Mi'i tupono waku kurum iwasuria ikuap aikotan me ğo wuk hap etiat aiwepokuap hap wy, i'ewyte wy waku aimitumo y'apo puat ğa'apy ko'i wywo hawyi yempeu piat ko'i wywo,meimuewat ri mi'i turan sēse waku rakaria, y'apo puat ğa'apy ko'i muesaika hamuat, miat ko'i mi'u wuat hawyi pīra ko'i mi'u wuat.



Proximidade da
Comunidade
Simão, Médio
Andirá, 2018.

Em geral, os incêndios na TI Andirá-Marau são causados pelos não indígenas, perto dos limites da TI, ou são causados por descuidos dos próprios moradores das comunidades, dentro da Terra Indígena. Os maiores problemas identificados no interior da TI estão relacionados com as fogueiras para assar peixe ou caça que não foram bem apagadas, com a perda do controle nas queimadas para o roçado, ou com o fogo colocado para limpar os varadouros.

O fogo na mata

A Amazônia é um tipo de floresta em que, quando há queimadas, morrem muitas espécies, e então entra muita luz que seca ainda mais a floresta, tornando-a mais vulnerável ao fogo.

Grande parte de espécies morrem e demoram muito para crescer depois do fogo, sendo substituídas por outras espécies que gostam mais de fogo, como o lacrezeiro, o capim e a samambaia, aumentando assim a possibilidade dessa antiga floresta queimar novamente, e nunca mais voltar a ser a mesma floresta densa, com grandes árvores, como era antes de ser queimada.

A ação humana, com os desmatamentos e formação de pastagens, está diretamente associada ao aumento da frequência de queimadas na Amazônia. E o aumento das queimadas na Amazônia afeta diretamente as mudanças climáticas, resultando em anos mais secos, nos quais a mata queima com mais facilidade, formando-se assim um ciclo vicioso.

As matas de igapó são especialmente frágeis porque a vegetação não tem boa capacidade de recuperação; se queimar duas vezes ou mais, pode ser que não se regenere. No igapó, durante os longos períodos de seca, o fogo se alastra pelas folhas e galhos caídos no chão (serapilheira). É um fogo de longa duração e persistente, que se espalha no subterrâneo de grandes áreas e consome totalmente a floresta, podendo também se espalhar para a floresta de terra firme. Os incêndios nas matas de igapó afetam tanto as plantas como os peixes e outros animais que ali vivem. Os peixes sofrem com a falta de alimentos, e assim vão se reduzindo a quantidade, o tamanho e a diversidade da pesca naquele ambiente.

Torania puo, aria pot'u ehap yi Andirá Marau ehawe yt tapy'ya'i ko'i wuk'i-wuk'i ehap, yi tek hap kai yt pya'i hap kaipyi, i'ewyte wy asuwe tawapiaria waurewo pyi ne'i wuk'i-wuk'i i'atu'e ahe'yi pe hap kaipyi. Po'oḡ tuwenuḡ aria pot uap tapy'ya e'yi pe aria nuḡ pīra sey hamuat hap ko'i i'ewyte miat sey hamuat hap ko'i yt misasēp kahato'i ko'i, ḡo wuk turan pot'u'e ehap ko'i, i'ewyte wy mu'ap ywytip hamuat turam mipehik aria hap ko'i.

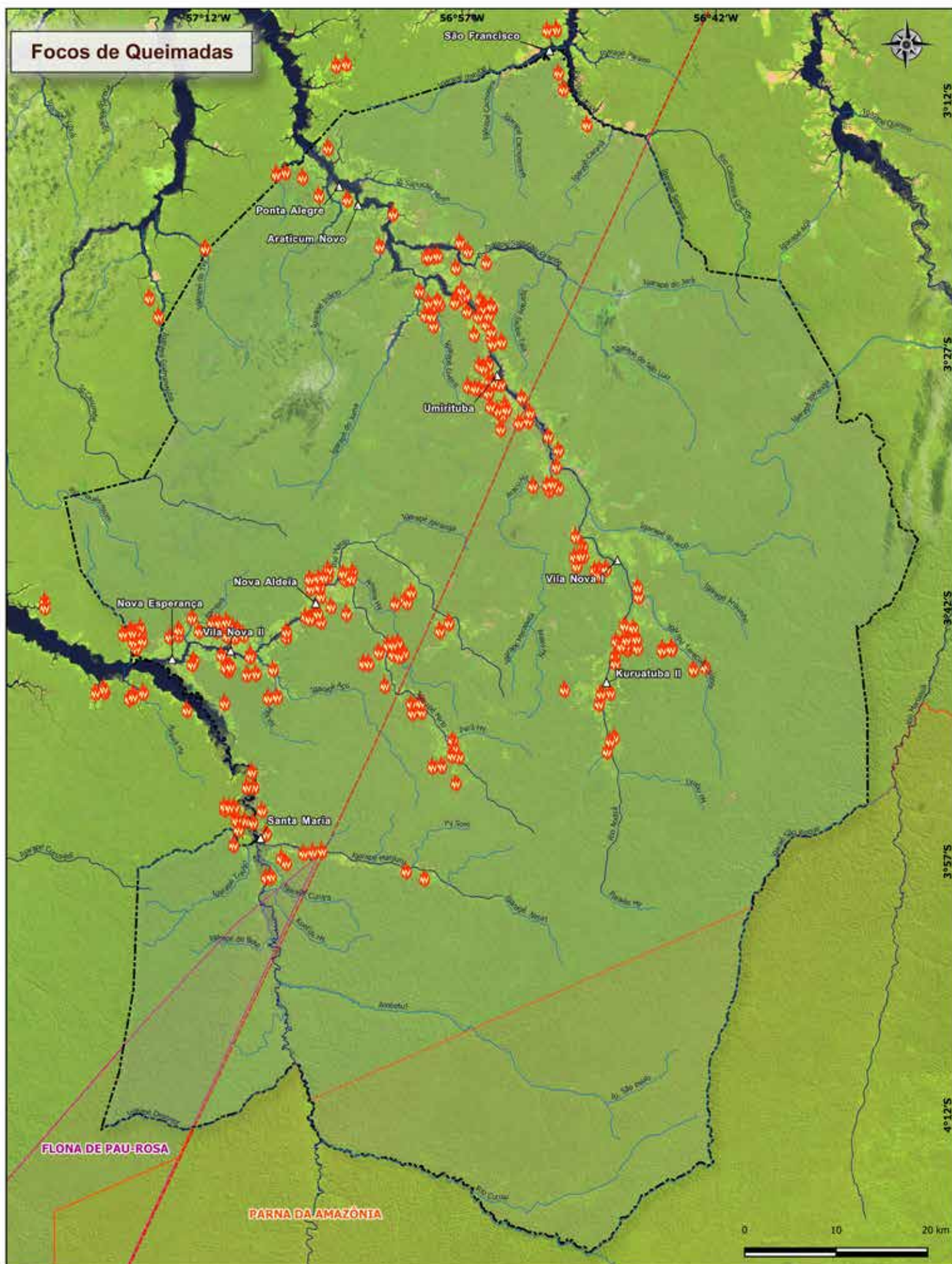
Aria ḡa'apype piat hap

"Amazônia" e'hawe tuweu piat ḡa'apy karampe aria pot'u e turan miwuk turan aikotan-aikotan ne'i topap, mi'i hap kai pyi sēse anakup hatywo hawyi ḡa'apy iḡaḡ kahato, po'oḡ sat'e kuap aria meremo hamo.

Iwato kahato tuweupiat-weupiat topap hawyi niatpo kahato i'atutaḡ hamo aria pot'u e rokinē, misaipepiat nuḡ irania'in ḡa'apy tuweupiat ko'i wo aria pot uat we wepokuap haria wo, kuriri yp ko'i, mopēp ko'i, hawyi maripē e hap, po'oḡ aria pot'u wo kuap meḡat ḡa'apy, yt karampe'i ra'yn ta'aipok kuap ḡa'apy sa'awy'i wuat hik'e rakano toine'en hap, aria'yp wato'īn ko'i wo, sa'awy'i wuat ewy hik'e hamo yt miwuk ite turanuat ewy wuat hamo.

Mīt minuḡ i'atuka hap kaipyi tuwemoherep mopēp yn ra'yn, mi'i hap kaipyi po'oḡ merep'i-mrep'i aria pot'u'e hap Amazônia e hawe. Po'oḡ wuk'i-wuk'i e'hap Amazônia e'hawe i'ywyk-ywyk tuweupi-weupi ra'yn korā wuat āt ko'i, po'oḡ ra'yn ekaiu ko'i wemoherep hap i'ḡaḡ hap ewy, mi'itame pote aria sat'e hē kahato ḡa'apy ete. Mi'itame tuwemopukuap.

Mikoi ko'i y'apo puat ko'i po'oḡ iatuheḡ'i kat pote tuweupiat weupiat mikoi niatpo kahato tuwemontaḡ hamo, miwuk tupuo'i-tupuo'i sio po'oḡ pote, tuweityk kuap. Y'apo pe, mōt'i kahato ihypap turan, aria tuwemowato i'yhop ko'i puo iewyte wy heḡa yi upiat ko'i puo (ariayp ku'i-ku'i ko'i). Aria niatpo rakat tosesēp hamo, tuwesapyi yi puat yi wato hap ewy mi'itame ḡa'apy ete pot'u'e, mi'itame pot'u'e kuap yi ḡa'apy yi pep'i hap tote. Aria pot'u minuḡ y'apo ko'i puat tomikyry'i mikoi 'ko'i ete iewyte pira ko'i ete hawyi irania'in miat ko'i itotiat weine'en haria. Pira ko'i iatuehaky'e'i yt kat'i'i ra'yn iatmi'u wo, mi'itame tuwemohīt po'oḡ pira ko'i, iatu hap iewyte wy tuweupiat-weupiat pira kat hap mi'itā hap tote.



Legenda

- | | | |
|---|---|---|
|  Focos de Queimadas (08/2019 a 07/2020) |  TI Andaraí-Marau |  PARNA da Amazônia |
|  Comunidades Pólo Sateré-Mawé |  FLONA de Pau Rosa |  Rios e Igarapé |
| |  Limite Estadual | |

Fontes Utilizadas:
Focos de Calor: INPE
(01/08/2019 a 30/07/2020)
Imagem Satélite: Sentinel-2 (2018)

Data Projeto: dezembro 2020

Acordos firmados

- Usar o fogo com responsabilidade, fazer reunião com os vizinhos para conversar sobre quando e onde vão fazer a queimada, de preferência organizar puxiruns para cuidar do fogo.
- Fazer um calendário de queimadas próximo do tempo das chuvas, e observar a temperatura, o vento e a umidade. Se a vegetação estiver muito seca, há um risco de a queimada virar incêndio.
- Fazer planejamento na hora de fazer a queimada do roçado. Observar se tem alguma plantação próxima, avisar o vizinho, e cuidar para não passar para plantações do vizinho (guaranazal, roça, pomar).
- Fazer a derrubada para o centro da roça, para o fogo não espalhar na floresta. Fazer aceiros para proteger as roças e as matas que estão em volta.
- O aceiro deve ter vigília para observar a direção do vento, pois pode ter rajada de vento. Se o fogo começar a se alastrar, tem que apagar.
- Levar água para o roçado quando for fazer a queimada.

Munuḡ wuat

- Miekowat aria to ywã kuamo, we'atunuḡ tuereto to wyria'in ko'i wywo sehay-sehay hete, karampe hawyi aḡumpe minuḡ hamuat aria, waku wyti minuḡ puxirum aria etiat wemohapap hamo.
- Minuḡ āt pype wuk'i-wuk'i e'hap e āt yt pua kahato'i ra'yn iaman pōt hamuat turan, mi'ite wehaponik āt hakup hap kape, ywytu hap iewyte wy i'ḡaḡ hap. Mikoi ko'i iatuḡaḡ poity'i pote, ipoity'i kahato aria minuḡ pot'u'e hamo.
- Sehay-sehay rokinẽ ḡo wuk hamuat turan. Wehaponik sio toiḡ mikoi ko'i iywytpẽ, mimowatetup towy'ok, tomitumo hap ewy towy'i mikoi ko'i ete pot'u'e'i hamo (warana ypia, ḡo, hawyi imikoi ypia kape).
- Ḗo ypun turan mi'ypun ḡo pyaset kape, aria yt pot'u'e'i hamo ḡa'apy ete hamo. Miywytip ḡo auri, ḡo ko'i iewyte wy ḡa'apy ko'i i'auri piat ko'i poitynuḡ haype.
- Ḗo auri waku miekatuwe wehaponik haria aikowo ywytu tuwe'ywyk, kat pote toiḡ kuap ywytu hatywo. Aria pot'u'e potiat, waku misasēp.
- Miereto y'y ḡo nuḡ hap kape ḡo wuk hamuat turan.

- Acompanhar a queimada até o fogo apagar.
- Tomar cuidado na hora de queimar, tem vários lugares que são sagrados, como as casas de tartaruga, por exemplo. A queima desses lugares pode causar escassez de alimentos.
- Não usar mais o fogo para limpar os campos e varadouros.
- Não fazer queimada em agosto e setembro.
- Sempre apagar bem o fogo usado para cozinhar durante as caçadas e pescarias. Nunca deixar fogo aceso na beirada.
- Apagar corretamente as fogueiras para assar peixes nos igapós, evitando que o fogo fique queimando embaixo da terra (no subterrâneo).
- As crianças e os jovens precisam ser alertados sobre o perigo de provocar incêndios. Esse assunto deve ser discutido nas famílias, nas comunidades e nas escolas.
- Os professores devem acompanhar os tuxauas nas reuniões e assembleias, alertando sempre sobre a importância do manejo do fogo.
- Solicitar da FUNAI apoio para ingressar no Programa de Capacitação em Proteção Territorial da FUNAI com o Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo) do IBAMA. Precisamos de treinamentos para combater incêndios, formação de brigadistas sateré-mawé e equipamentos de segurança para o trabalho desses brigadistas.

- Wehaponik aria sesēp hap kape.
- Tomitumo hap ewy iwuk turan, tukup kahato seĵam toky'e piat ko'i, wawori ko'i yat ewy, hanoi hap. Meimuewat seĵam miwuk pote, mi'u yt kat kuap'i.
- Yt miekawat wuat'i aria "campo" ko'i hawyi muap ywytip hamo.
- Yt minuġ'i aria pot'uwuat "agosto" hawyi "setembro" pe.
- Misesēp kahato aria minuġ miat kat hamuat turan hawyi pira ko'i kāt turan miekawat ko'i. yt karampe'i miatuġat aria misapyke pe yhyempe'i.
- Misasep kahāto aria ko'i pira sey hamuat ko'i y'apopuat ko'i puo, yt miaro'i aria pot'u'e hamo yi wyt'okpypuo (yi wyt'okpypuo).
- Hirokaria, kuruiwasuria hawyi makuptiaria waku mi'atumowatetup aria pot'uwuat nuġ hap etiat, miowat sehay waku mienoi ta'atu ywo't'in wywo, tawa ko'i atupi hawyi wemu'e ko'i yat puo.
- Puruweiria waku te'eruwat Tu'isaria atupi wa'atunuġ ywato sehay-sehay hamuat turan, miso'omowe'eġ yn aria ywā kuap hap ete.
- Mientup "FUNAI" pe mowyro toiġ wemu'e hap aikotame ahe'yi poitynuġ kuap ete "FUNAI" hawyi mesuwat yi toran poitynuġ hap esaikap aria pot'uwat potiat torania ġa'apy etiat (Prevfogo) "IBAMA" wat. Mikyesat kahato urumu'e aria pot'uwat sesep kuap hap ete, Satere Mawe wemoput'ok hamo hawyi hekara'en ariapot'uwat sesep kuap meimuewat wemoput'ok haria wepotpāp hamo.

57°5.4'W

56°59.4'W

56°53.4'W

TI ANDIRÁ-MARAU WAICURAPÁ

3°4.8'S

3°9.0'S

3°13.2'S

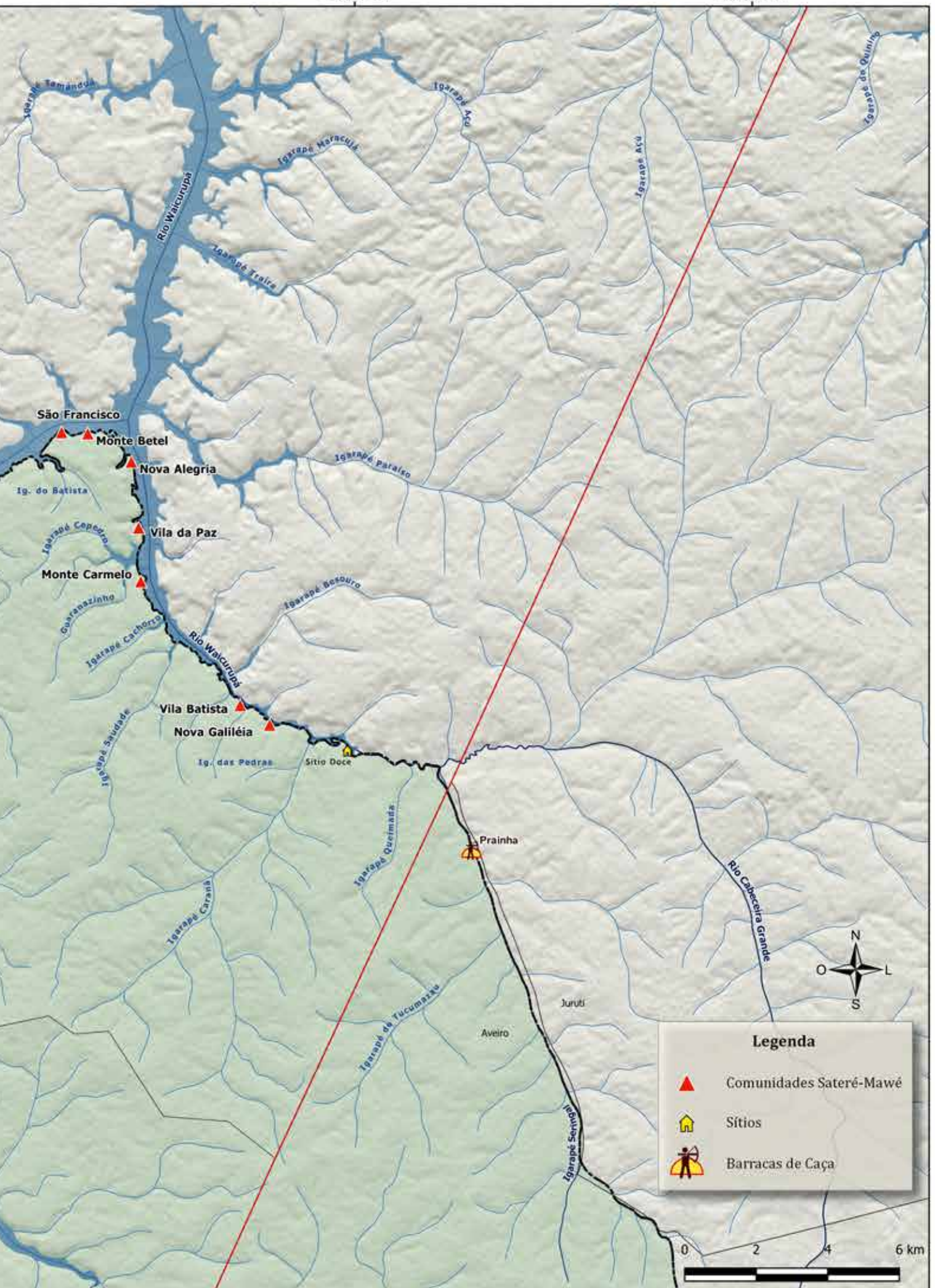
3°17.4'S

3°21.6'S



56°47.4'W

56°41.4'W



57°14.40'W

57°11.40'W

57°8.40'W

57°5.40'W

57°2.40'W

TI ANDIRÁ-MARAU BAIXO E MÉDIO ANDIRÁ

3°14.40'S
3°17.40'S
3°20.40'S
3°23.40'S
3°26.40'S
3°29.40'S
3°32.40'S

Nova Galiléia II

Miranda

Guaranatuba

Vinte Quilos

Praia Dourada

Nova Vida II

Vila Miquiles

Ponta Alegre

Vida Feliz

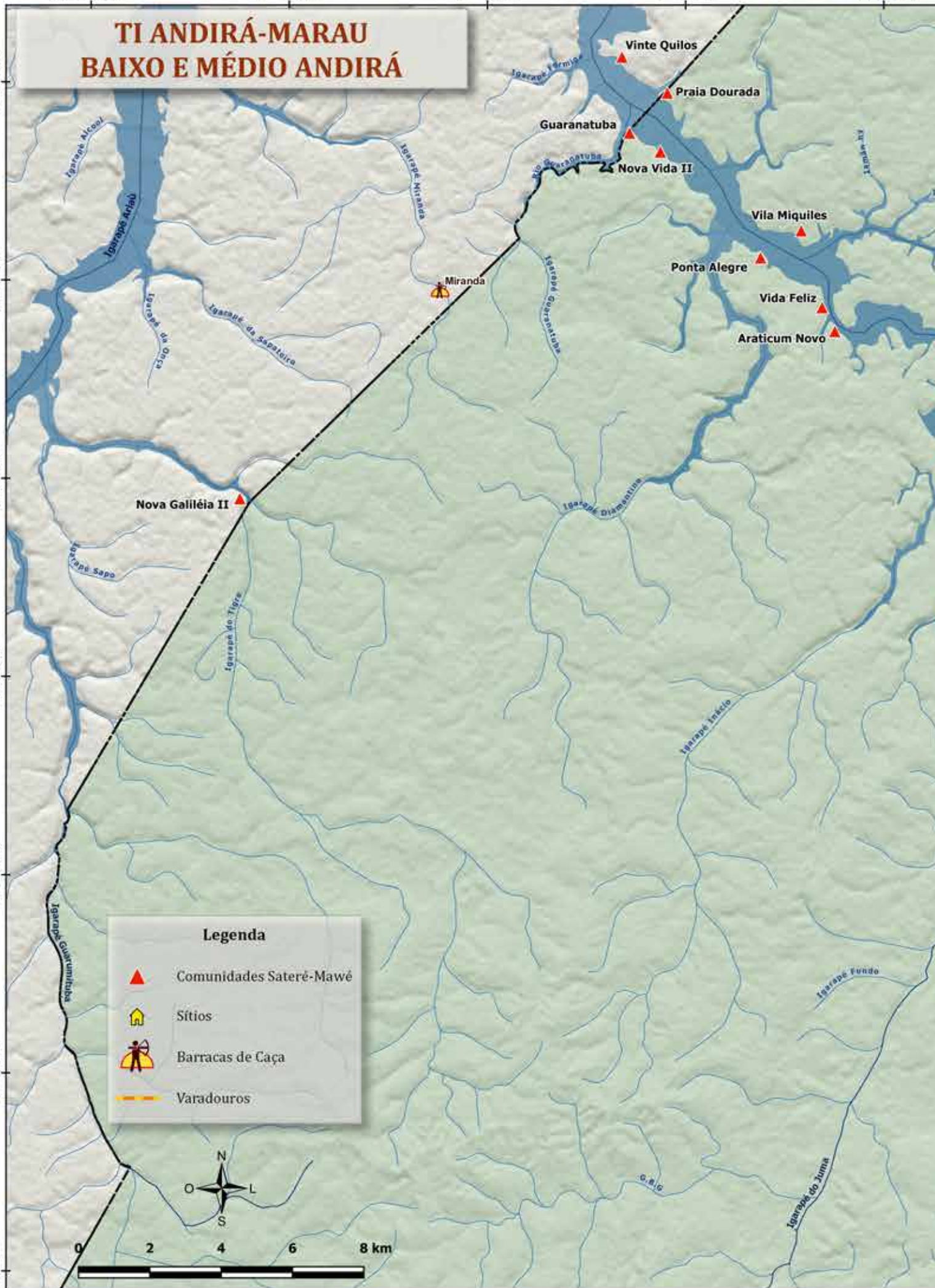
Araticum Novo

Legenda

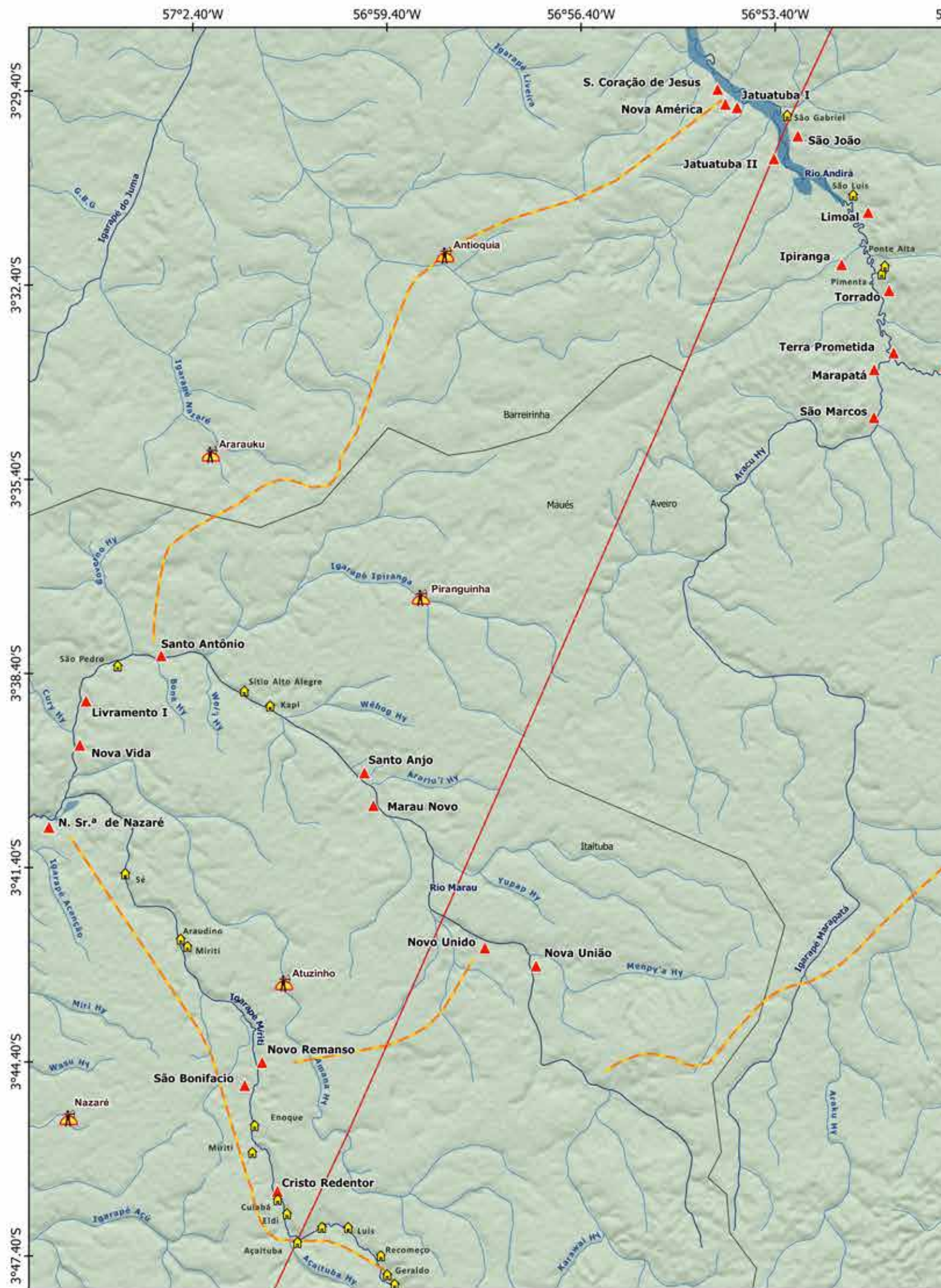
- ▲ Comunidades Sateré-Mawé
- 🏠 Sítios
- 🏹 Barracas de Caça
- Varadouros



0 2 4 6 8 km



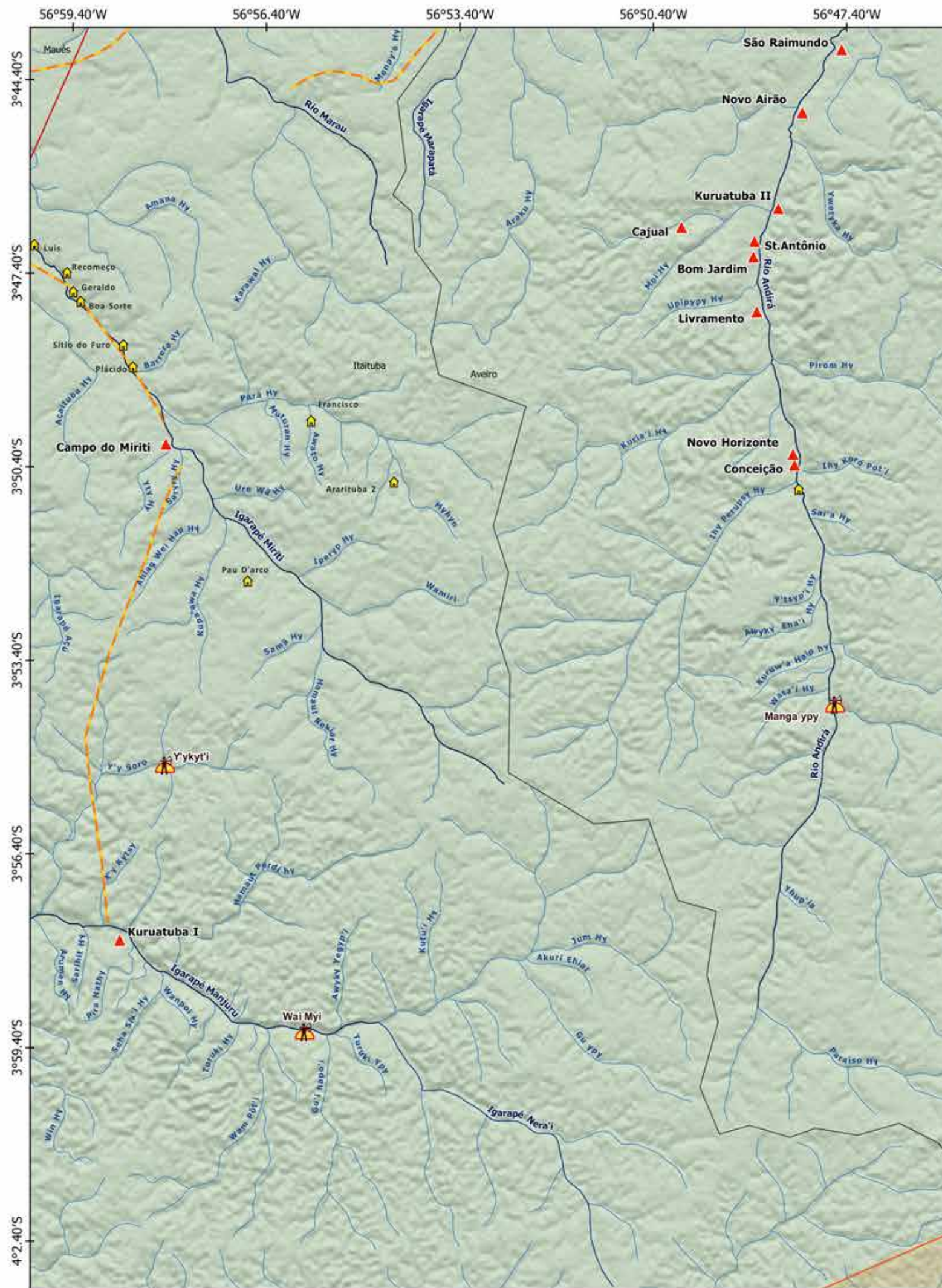




56°38.40'W

**TI ANDIRÁ-MARAU
ALTO ANDIRÁ**





56°44.40'W

56°41.40'W

56°38.40'W

56°35.40'W

56°32.40'W

Terra Preta

TI ANDIRÁ-MARAU CABECEIRA DO ANDIRÁ

Igarapé Taracua, Igarapé

Ucayali

Igarapé São Roque

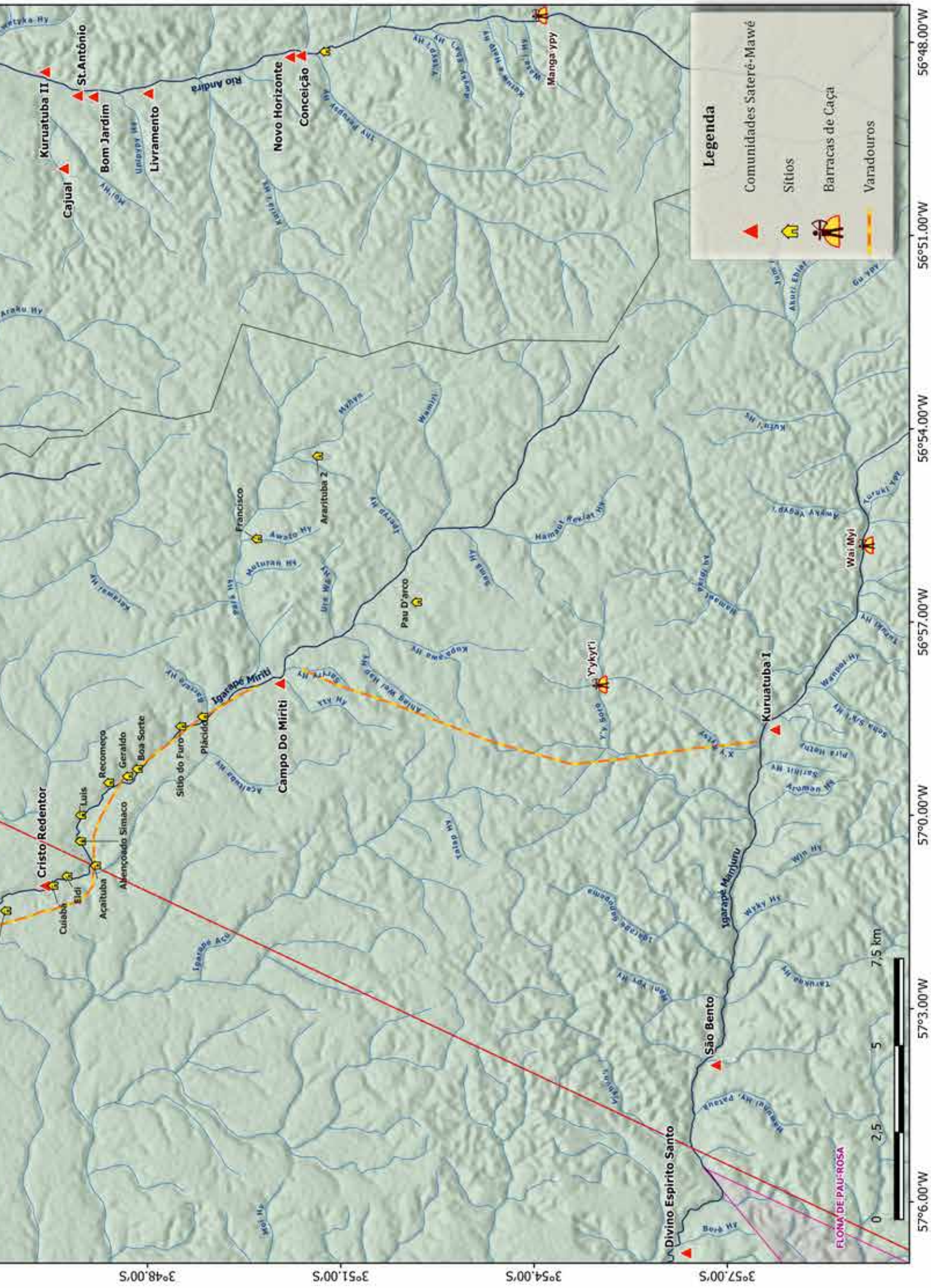
PARNA DA AMAZÔNIA

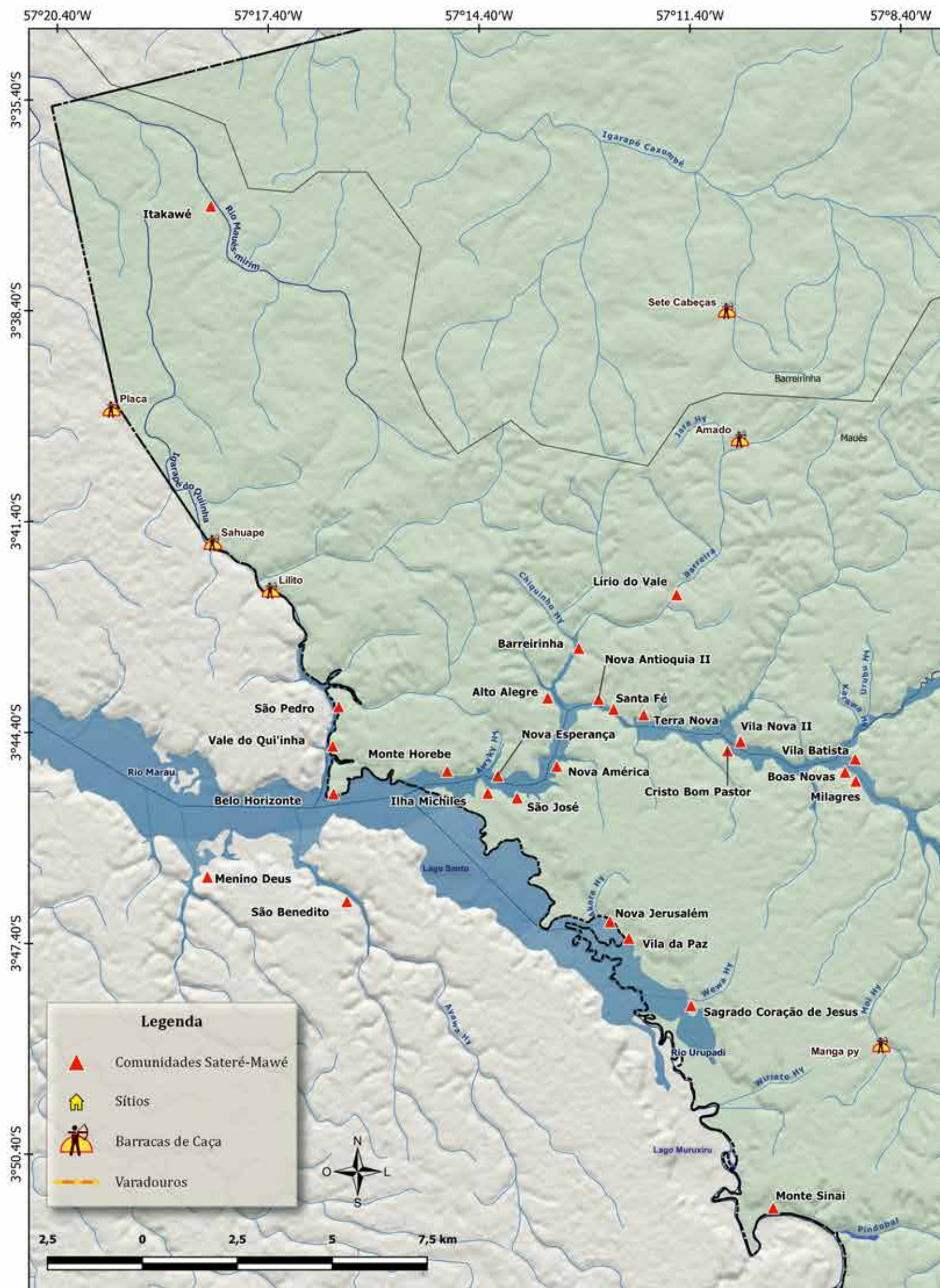
Legenda

- ▲ Comunidades Sateré-Mawé
- 🏠 Sítios
- 🏹 Barracas de Caça
- 📏 Varadouros



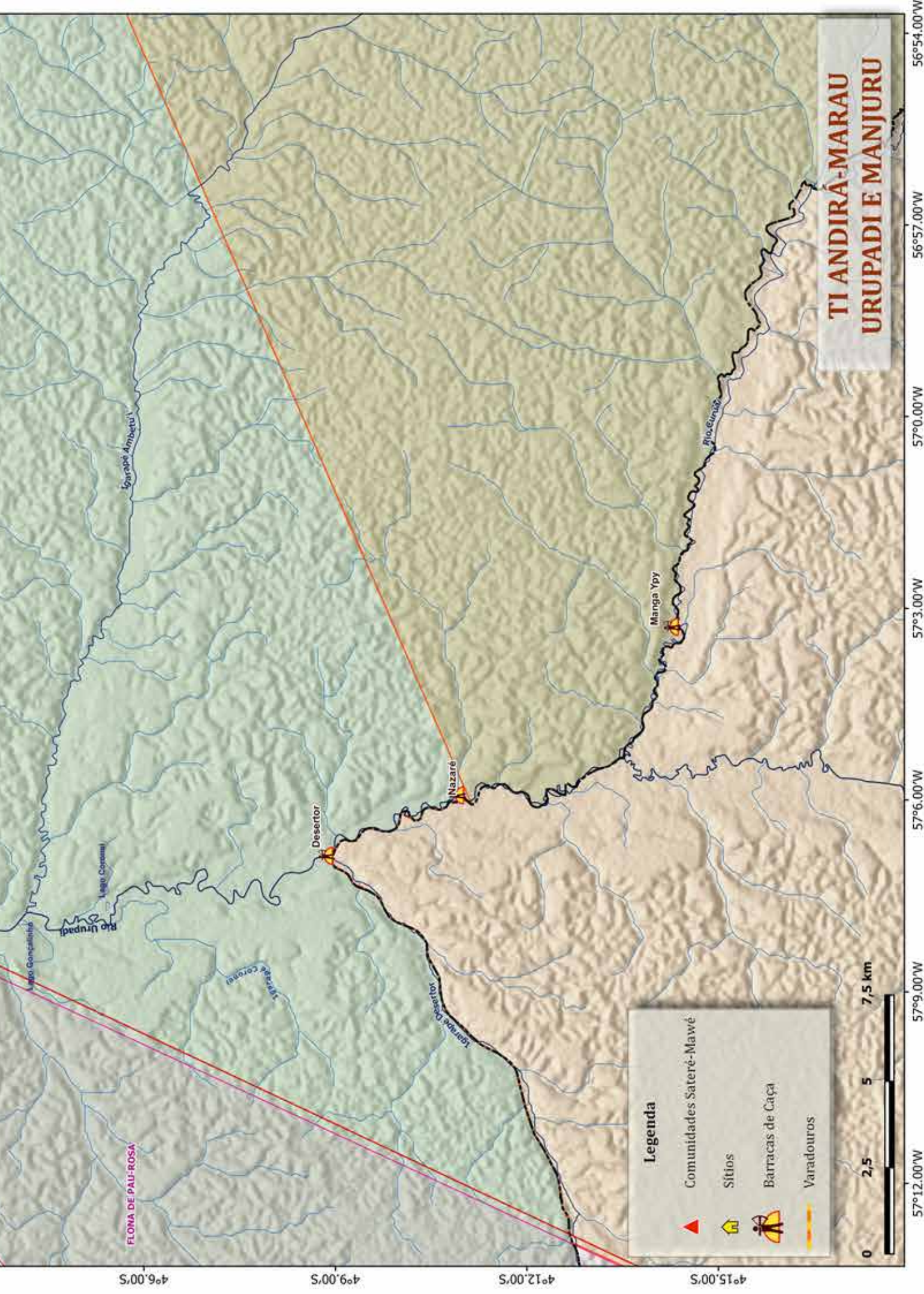
0 2,5 5 7,5 10 km











**TI ANDIRÁ-MARAU
URUPADI E MANJURU**

Legenda

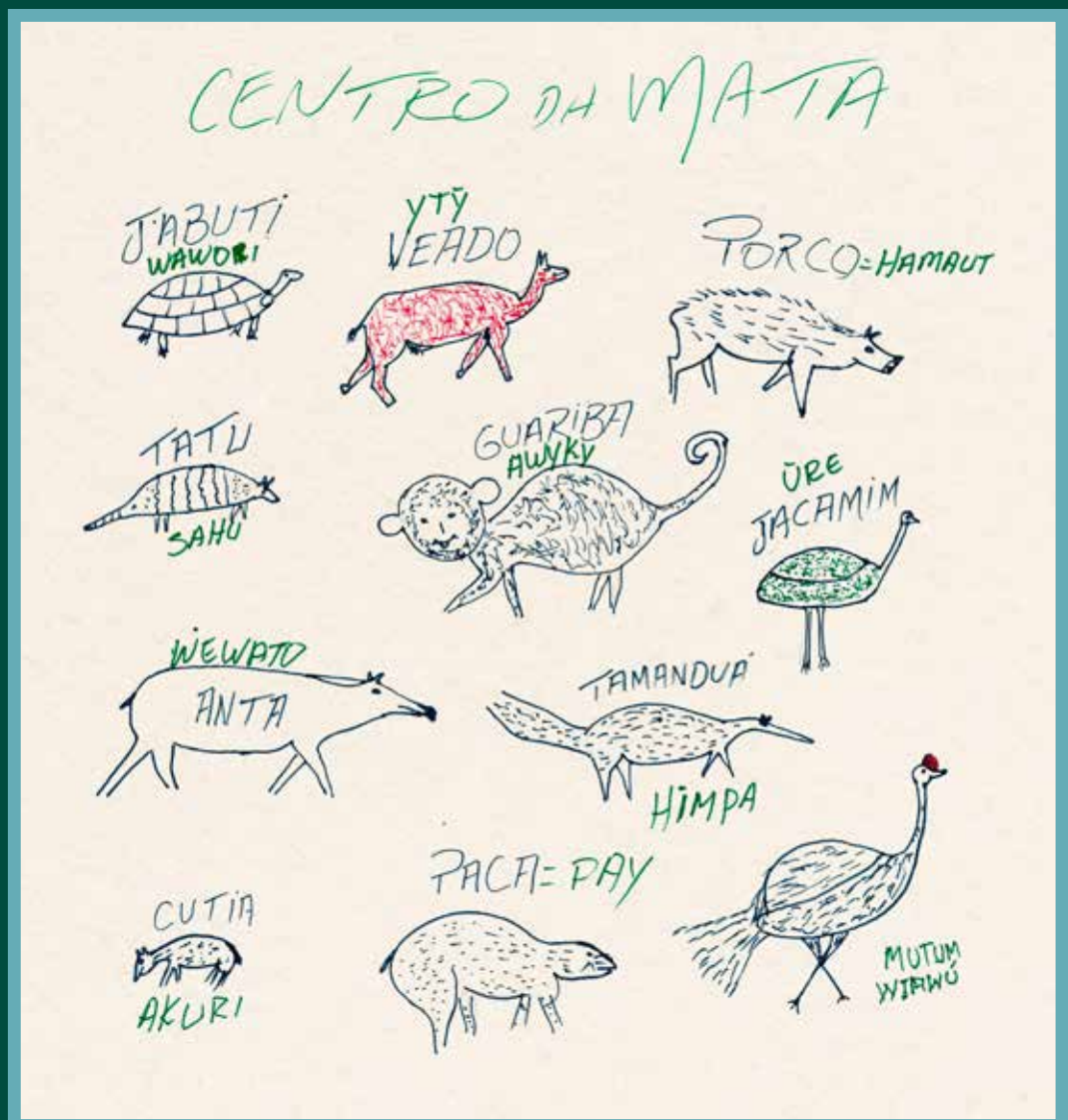
- Comunidades Sateré-Mawé
- Sítios
- Barracas de Caça
- Varadouros



57°12.00'W 57°15.00'W 57°18.00'W 57°21.00'W 57°24.00'W 57°27.00'W 57°30.00'W 57°33.00'W 57°36.00'W 57°39.00'W 57°42.00'W 57°45.00'W 57°48.00'W 57°51.00'W 57°54.00'W

4°06.00'S 4°09.00'S 4°12.00'S 4°15.00'S

A caça Miat ko'i



Eu andei desde pequeno atrás do meu pai. Quando meu pai fez a luva da tucandeira, eu usei e foi muito bom para atrair guariba. O meu tio Alípio é um grande pajé que também benzeu minha mão, o que ajudava para atrair caças. O ritual da tucandeira ajuda a ter coragem, vontade de caçar e atrair o sexo oposto. E nós somente comemos a carne respeitando as nossas regras.

Zevaldo Pereira da Silva,
Comunidade Boas Novas, rio Marau.

Os Sateré-Mawé conhecem muito bem os animais, especialmente os que servem como alimento: a caça. Para ser um bom caçador, é preciso aprender sobre os hábitos e os alimentos de cada animal; saber os barulhos que eles fazem na mata; reconhecer os cheiros; conhecer as possangas que atraem cada um deles; saber as técnicas e armas de caça; respeitar as regras, os encantamentos, os donos da mata, as mães das caças. Esses ensinamentos são transmitidos no cotidiano das relações familiares e nos rituais, especialmente no ritual da tucandeira.



Proximidade
da comunidade
Kuruatuba, igarapé
Manjuru, 2019.

Uhewyry ui'ywōt upī hirokat pyi te. Ui'ywōt tunuḡ sārīa pe turan, ati'ekowat hawyi waku kahato awyky ḡaḡ wo. Uhe hamu) Alipio paiḡni akoro uipo poityro wy, mi'i mowyro hap hum kahato miat ḡaḡ wo. Aiwepī hap hum yt aiken'e'i hamo, aimiat hamo hawyi haryporia'īn aiky'esat hamo. Hawyi waku watu'u ipū'i yn nira'yn aheko montypōt hap wy.

Zevaldo Pereira da Silva,
Tawa Boas Novas, Marau hy.

Satereria tikuap kahato miat ko'i, ta'atu heko kuap po'oḡ mi'u wuat waku rakat: Miat. Miat watikāt kuap kahato hamuat pote, waku watikuap kahato miat ko'i eko hawyi i'atumi'u ko'i; waku watikuap kahato wy i'atupuehay hap ko'i ḡa'apype; i'atu kamhiḡ hap ko'i waku watikuap kahato wy, waku watikuap i'atuḡaḡ ko'i wy, waku wahepāp aikotan me pote waho'osat kuap hamo wy; watimontypōt i'atuḡaḡ ko'i wy, ḡa'apy kaiwaria hawyi miat ko'i ty. Meimuewat ko'i etiat ri ihot'ok ewy-ewy mienoi uruwyria'īn muo hawyi wepowera turan wy, i'ewyte po'oḡ wepī turan.

Womat, comunidade
Manga, Médio
Marau, 1980.



Rio Urupadi, 2019.



Os animais precisam da floresta para viver, e quanto mais mata, mais animais. Eles dependem da floresta com abundância de comida, e com lugares seguros para a sua reprodução. Mas fora de seus esconderijos, eles se movimentam entre os diferentes ambientes: campina, campestre, capoeira, etc. Então é muito importante ter áreas de passagem entre os diferentes ambientes para os animais, mantendo as roças cercadas de matas, e mantendo as matas nas beiras de rios e igarapés e as matas de igapó preservadas. Onde já houve desmatamento é necessário reflorestar.

Mas as pessoas também precisam de alimentos. Com o crescimento populacional dos Sateré-Mawé, a abertura de novos roçados vem aumentando muito. O resultado é que as zonas de mata estão diminuindo, e a caça vai ficando cada vez mais longe das comunidades, especialmente os grandes animais.

As ações dos não indígenas também afetam diretamente a quantidade de caça na Terra Indígena: seja pelas invasões de caçadores e madeireiros, seja pela pressão dos não indígenas para que os Sateré-Mawé participem de atividades ilegais de garimpo e extração de madeira dentro de seu próprio território, desmatando áreas de reprodução e perambulação dos animais.

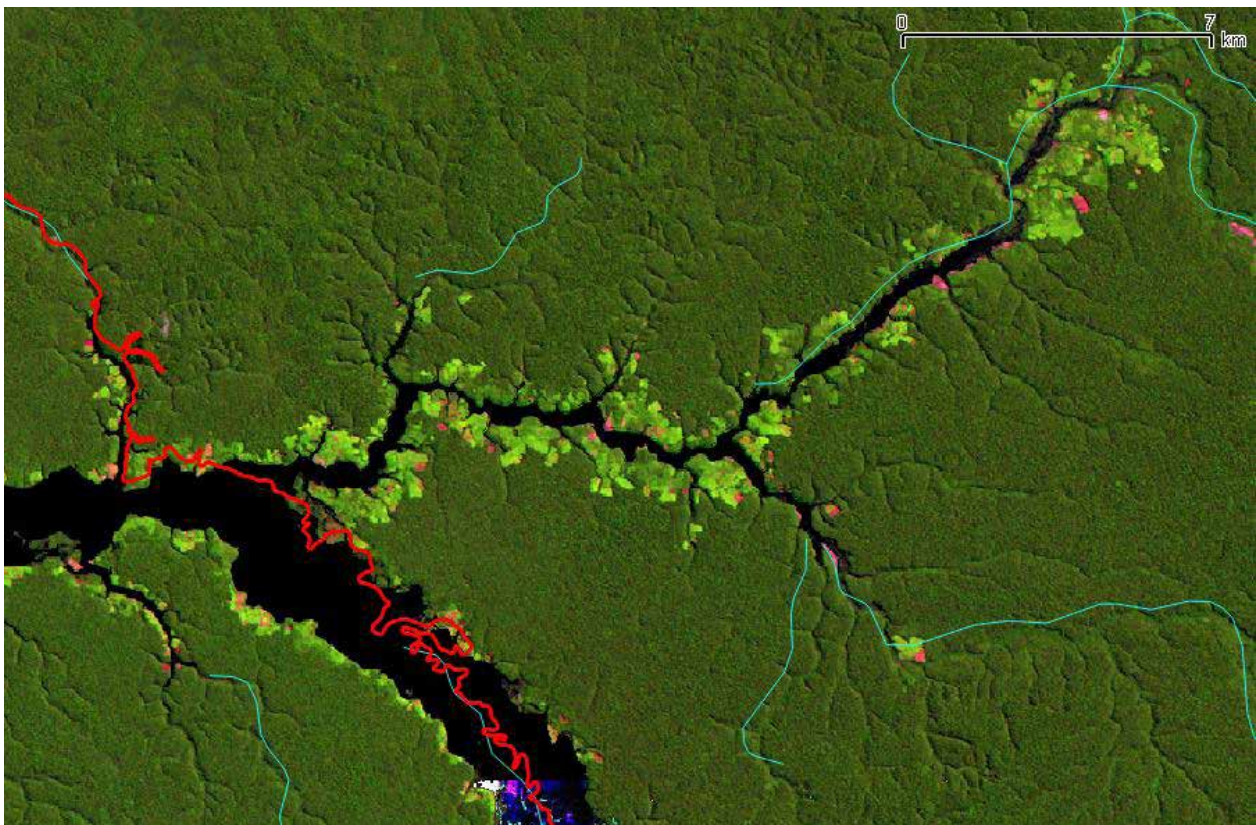


Imagem de satélite do Baixo Marau em 1985, capturada em 2018.

Miat ko'i iky'esat kahato ġa'apy tukupte'en hamo, po'oġ ġa'apy iwato pote. Po'oġ miat ho'okup. Mi'iria iky'esat ġa'apy iwato, i'atumi'u wuat ipoity hamuat tupono, hawyi i'atuwememptyt'ġn iheġ muat hamuat tupono. I'ewyte i'atuwewyi tuereto hamuat toiġ waku wy tuweupiat-wuepiat waku ho'okup i'atu'ewyry hamuat upi seġam ko'i: yahiġ, ġa'apeciġ, ġo pōt ko'i, hawyi irania'ġn. Waku toiġ tuweupiat-weupiat ġa'apy miat ko'i kuptene'en hamuat, waku ġa'apy ġo ko'i apypueri wo wy, i'ewyte wy ihyempeu upi, y'y hy pat'i upi hawyi y'apo puat ġa'apy ko'i kaku topoinuġ me tukupte'en. Aġumpe mi'atuka ġa'apy hap upi waku mikoi pakup'i ġa'apy wuat.

Ma'ato mit'ġn ho'okyesat mi'u wy. Satereria wemontypy'i hap ewy, ġo pakup ko'i nuġ hap tuwe mowato tuereto. Mi'i pote aheġa'apy tuwemohit te'en-te'en kahato, hawyi miat ko'i tuwat pya po'oġ tawa ko'i kai, i'awyte miat iwato'ġn rakaria wy.

Yt tapy'yia'i ko'i saipe wyti imoherep miat ko'i yt wemontypy'i'i tapy'yia e'yi piat hamo. Teruwehyt'ok-wehyt'ok yt miaro pykai'i miat kāt haria hawyi aria'yp puruk haria, i'ewyte yt tapy'yiaria'i ko'i waku rat aipotpāp Satereria i'atu'e hawyi i'atupopāt i'atuwywo wy tapy'yiaria motpāp yt miaro'i ko'i ete wy nu mehit'i ko'i puruk hap te "garimpo" ehap hawyi tapyi'a tira'yn aria'yp puruk ete yi pe, toimosatek ġa'apy miat ko'i ewyry hamuat i'ewyte iwemontypy'i hamuat.

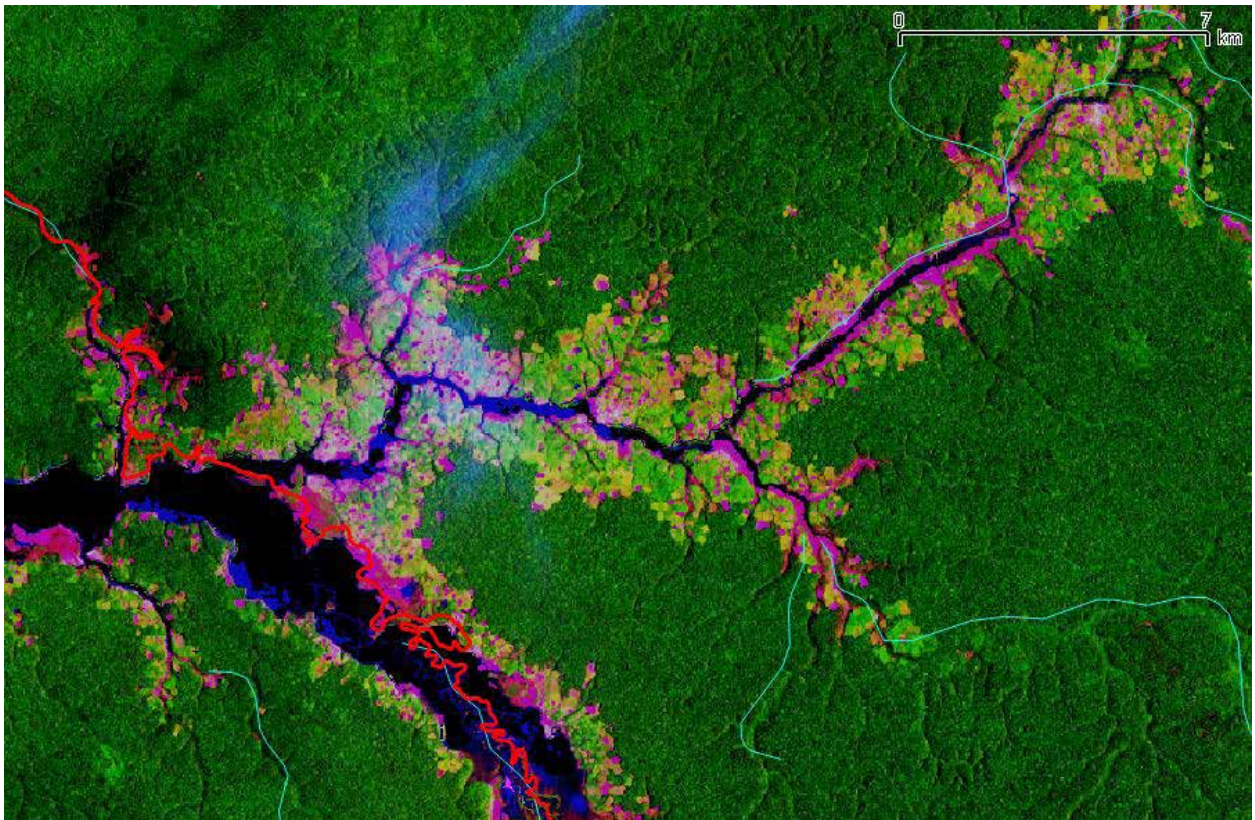


Imagem de satélite do Baixo Marau em 2017, capturada em 2018.

Para que as futuras gerações possam se alimentar bem e continuar comendo carne de caça, é preciso que cuidemos agora de duas questões muito importantes: garantir que os animais consigam se reproduzir dentro da mata e garantir a formação de bons caçadores.

As caças estão se distanciando por causa do crescimento populacional, do barulho das motosserras, rabetas e cachorros. Também por causa das roças feitas na mata, causando desmatamento e acabando com a alimentação das caças. A consequência é que na atualidade trazemos alimentos industrializados da cidade para nossas esposas e filhos. Mas para termos alimentos em abundância devemos plantar nas nossas roças uma diversidade de plantas para nós e para os animais. É importante ter uma área onde as caças vão se reproduzir. Quem pode ficar com esse trabalho? Nós mesmos temos que ficar com esse trabalho, porque nós somos os donos da terra.

Albequison Michiles,
Comunidade Sagrada Família, rio Marau.



Rio Urupadi, 2019.

Ywāpakuptiaria mono te'eruwenuk kahato miat pū'i ko'i ete ehawe, korā pyite wateropāp typy seko waku kahato rakaria: miat ko'i wati'atukawiano waku i'tuwemontypy'i ġa'apype tira'yn hamo hawyi i'ewyte wemiat kāt kuap hap etiat wemū'e hamo wy.

Miat ko'i tuwat po'oġ pya typy'i mīt'in hap ewy, pŷtykyiġ uato ehay pyrik pupī, yara suwaipo ywop'i "rabeta" ehap hawyi awareria pupī wy. I'ewyte ġa'apy piat ġo nuġ ko'i pote wy, ġa'apy atuka hap kaipyi mimomā miat mi'u ko'i. Mi'i tupono korā turan mi'u ko'i mierut wakuarī tawa wato kaipyi ahehary'i kape hawyi aimemptyt'n ko'i kape. Ma'ato mi'u ho'okup kahato hamo waku koi watu'e aiko ko'i puo tuweupiat-weupiat watikoi aiwanuat i'ewyte miat ko'i wanuat wy. Waku toiġ seġam miat wemontypy'i hamuat tira'yn. Uweiġ topyhu'at kuap mekewat motpāp wywo? Aitoria tira'yn waku watopyhu'at mekewat motpāp wywo, kat pote aitoria yi kaiwaria.

Albequisom Michiles
Tawa Sagrada Família, Marau hy.



Alto Urupadi, 2019.

Acordos firmados para cuidar da caça

- Priorizar o plantio de roçados em capoeiras e sítios antigos, buscando evitar o desmatamento de áreas com mata virgem.
- Não deixar ilhas de floresta sem comunicação com a mata, reflorestar as áreas desmatadas (capoeiras, margens de rios, igarapés, lagos e igapós), para que os animais possam circular entre esses ambientes, conseguindo chegar na beira dos rios.
- Planejar a abertura de novas comunidades, sítios, cozinhas, evitando o desmatamento de mata virgem.
- Plantar nas capoeiras, sítios antigos, beiras de rios e igarapés árvores com frutos que os animais gostam de comer, alimentando e atraindo a caça para mais perto: tucumã, açai, bacaba, patauá, caramuri, abiu, ingá, uxi, castanha, buriti, etc.



Acampamento próximo da comunidade Conceição, Alto Andirá, 2019.

Miat ko'i eropāt hap etiat aru ehap

- Po'oō waku ḡo ko'i minuḡ ḡopōt puo hawyi okipy pōt'i ko'i upī, ḡa'apy koro ko'i mosatek hap pupī.
- Yt waku'i ḡa'apy hīt-ḡa'apy hīt ko'i mi'atuḡat ḡa'apy koro kai pya, mikoi pakup'i waku mi'atuka saipepiat ko'i wo (ḡo,pōt ko'i puo, y'y hympe upī, y'y hy puk ko'i puo hawyi y'apo puo wy) miat ko'i mono i'atuewry meimuewat seḡam ko'i puo, put'ok i'atu'e mono y'y hyempe te ehawe.
- Sehay-sehay hap kaipyi mima'am tawa pakup ko'i, okipy hīt pakup'i ko'i, mḡp yat ko'i, yt mi'atuka'i mono ḡa'apy koro ko'i ehawe.
- Koi watu'e waku ḡo'pōt ko'i puo, okipy pōt'i ko'i upī, y'y hyepe'i ko'i upī hawyi y'y hīt'i ko'i upī, watikoi waku ma'ato miat ko'i misekuap ywa ko'i, ta'atumi'u ho'okup pote miat ko'i ho'okup po'oō yt pya'i tawa kai kai: hywyt "tucumã", wasa'i, hawuhu'i hīt'i "bacaba", hawuhu'i wato "pataua", ywahup "caramuri" āpiu "abiu", wisi, mokuu, we'eḡa, miriti, hawyi irania'Īn.



Barraca de caça Antiokia, Médio Andirá, 2018.

- Criar animais, como uma alternativa saudável de alimentação, como jabuti, jacaré, galinhas, por exemplo.
- Não vender carne de caça para os não indígenas. A caça na Terra Indígena deve ser para consumo exclusivo dos Sateré-Mawé.
- Não permitir que não indígenas cacem dentro da TI Andirá-Marau.
- Usar as caçadas e a colocação das barracas de caça também como atividades de vigilância do território contra posseiros e outras invasões de não indígenas.

Uma área de reserva de caça dentro da Terra Indígena Andirá-Marau

Na parte sul da Terra Indígena Andirá-Marau, onde estão as cabeceiras dos rios Andirá, Marau, Miriti, Manjuru, Mariacuã, existe uma ampla área de mata sem desmatamento, onde ainda vivem muitos animais grandes.

Durante as expedições, ficou claro que essa região sul tem uma importância fundamental na TI:

- Nessa região estão as nascentes dos rios que garantem a qualidade das águas, sem poluição humana;
- Nessa mata tem muita biodiversidade de plantas, garantindo um banco de sementes que os animais esparramam pelo resto da TI;
- Nessa mata se escondem os grandes animais para procriar e cuidar de seus filhotes.

Pensando nos jovens, nas crianças e nas futuras gerações dos Sateré-Mawé, é importante deixar essa floresta em pé, como um lugar seguro para os animais se reproduzirem, criando assim uma **reserva de caça** dentro da Terra Indígena, garantindo mais possibilidades de alimento saudável e abundante.

- Miat ko'i waku wahomontaḡ, waku aimi'u wuat rakaria, kotā: wawori, iakare hawyi waipakaria.
- Yt miweneru wuat'i miat pū'iko'i yt tapy'yararia pe'i. Miat tapy'yararia e'yi piat waku satereria ko'i mi'u wuat yn.
- Yt miaro'i yt tapy'yararia'i ko'i teremiat kāt TI Andira-Marau piat hamo.
- Miat kāt hamuat turan waku wemiat kāt haria inuḡ oḡ ape ko'i mi'i wyti wehaponik hamuat waku hamuat wy ahe'yi poitynuḡ wehyt'ok teran haria pupī hawyi i'ate iraniam'yn yt tapy'yararia'i wehyt'ok hap pupī.

Wentup seḡam waku miat ko'i poitynuḡ hamuat TI Andirā-Marau ehawe

TI Andirā-Marau āt wetem hap kawiatno "sul" ehawe, aḡumpe tukupte'en Andira, Marau, Miriti, Manjuru, Maria kowā hy akaḡ ko'i, toiḡ ne ḡa'apy koro yt mi'atuka'ite, aḡumpe ho'okup kahato te miat iwato'yn rakaria.

Ikāt'i-ikāt'i turan, tuwekuawe kahato āt wetem hap kawiano "sul" ehawe tapy'yararia e'yi pe waku kahato rakaria mipuenti:

- Mekewat y'y hy'akaḡ ko'i kaipywiat hyeput, y'y mīt yt mimo'ysyk'a'i te;
- Mesuwat ḡa'apype ho'okup kahato ḡene'en'nī haria mikoi ko'i, toiḡ yn wyti mikoi jā'yig tuweupiat-weupiat miat ko'i misytpok-sytpok ko'i wuat Tapy'yararia e'yi pe.
- Mesuwat ḡa'apy pe te'eruwewyi miat iwato'yn rakaria, te'eruwemempty'yn hamo hawyi te'eremempty'yn eropāt hamo.

Wanetup kurum iwasuria ko'i kape, i'awyte hirokaria kape i'awyte Satereria ywāpakuptiaria kapiat wanentup wywo, waku ḡa'apy ko'i toky'e puo tukuptene'en, hawyi seḡam miat ko'i wemontypy'i hamo, mi'amak **seḡam waku miat ko'i eḡam wuat** Tapy'yararia e'yi pe tira'yn ho'okup yn mono tuweupiat-weupiat mi'u ahehaiḡte hamuat waku raka'at ko'i.

Acordos firmados para a formação de bons caçadores

- Valorizar e incentivar a transmissão do conhecimento sobre as caçadas dos caçadores experientes para os mais jovens que também desejam se tornar bons caçadores.
- As crianças e jovens devem acompanhar os familiares nas caçadas, para irem aprendendo na prática os ensinamentos dos caçadores.
- Os professores devem valorizar o aprendizado dos alunos durante as caçadas, e não dar falta nessas ocasiões.
- Os professores devem convidar os mais velhos para contar suas experiências e conhecimentos sobre as caçadas e outras atividades tradicionais dentro do ambiente escolar, de acordo com o Projeto Político Pedagógico.
- Nas escolas os alunos devem aprender sobre os animais da Terra Indígena: seus costumes, os lugares onde vivem, do que se alimentam, os fatores que ameaçam sua reprodução.

Wemomput'ok miat kāt kuap hamo aru ehap

- Wemiat kāt kuap haria waku hanoi ta'amikuap imotypūt hap kurum iwasuria puo i'awyte i'atumo'okpipok'i miat kāt kuap kahato hamuat.
- Hirokaria hawyi kurum iwasuria waku tuwat ta'atupotaḡ ko'i upī miat kāt kamuat turan, ta'atuhepāp wemiat kāt kuap hamuat tupono.
- Puruwei ko'i waku imontypōt miat kāt kuap hap etiat wemū'e turan, mi'i turan yt ta'tu ḡum'i yt miat hap wemiat kāt hatpe.
- Puruwei ko'i waku ho'owenka naḡnia ta'atumikuap enoi hamo hawyi ta'atumisepāp ko'i miat kāt kuap hap etiat enoi wo'omū'e hap yat piat hamo ekewat wo'omū'e hap aḡkukaḡ pait hap ewy ta'atuhanoi "PPP".
- Wemū'e hap yat puo wemū'e haria waku te'eremu'e miat ko'i tē'yi piat toiḡ rakat ete tira'yn: aikotā i'atuwepukuap hap, aḡjumpe i'atuweine'en hap, kat ta'atu'u hap, kat i'atumoweityk teran te'eremontyp't'i teran pykai hap ete.

A pesca Pīra kāt hap



Nós estamos aqui para estudar sobre isso e precisamos entender as histórias. É uma forma de aconselhar, uma forma de conselho de como cuidar da família, de como trabalhar, através da origem das coisas, como o timbó por exemplo.

Jurimar Guilherme da Silva,
Paini e Tuxaua da comunidade Santo Antônio, rio Andirá.

Assim como a caça, a pesca é uma prática muito importante para o povo Sateré-Mawé. Os antepassados desenvolveram uma verdadeira arte da pesca, com técnicas e apetrechos especiais, como as zagaia, arcos e flechas, *pindás* (anzóis feitos à mão), *sararacas*, *porongas*, *turu*, *suki*, *uku*. A forma tradicional de pesca, principalmente para entrar nos igapós, é através dos casquinhos (pequenas canoas feitas com tronco de árvore), e as iscas tradicionais são as minhocas, o bicho de tucumã, o *pohit*, além de alguns atrativos especiais para o peixe, como por exemplo a pele de lontra e o *hekiriwít*.

Na Terra Indígena Andirá-Marau os peixes mais pescados são lambari, acarácascudo, barbado, traíra, jacundá, aracu, sardinha, charuto, carapucu, mandira, piranha, piaba, tucunaré e *pira pep*.

A partir dos anos 1980 o jeito de pescar dos Sateré-Mawé começou a mudar. Chegaram os motores rabeta, as canoas de madeira e depois as de alumínio. Chegaram também as malhadeiras, o anzol de alumínio e os arpões para pesca subaquática.



Zagaia, igarapé Miriti, 2019.



Lança de mão, rio Urupadi, 2019.

Aitoria meime watuwemū'e hamo meĵewat nīmo so etiat hamo waku hot'ok'e ahete. Meĵewat wentup seko waiġ'e hamuat, ahewaiġ aikotan me wati'atueropāt aiwyria'īn hamo, aikotan me watepotpāp hap, torania sa'awyria puopyi, kotā: ūku sa'awy puopyi.

Jurimar Guilherme da Silva

Paini hawyi Tu'isa Tawa Santo Antônio, Andira hy piat

We miat kāt hap ewy te, pira kat kuap hap wy waku kahato Satereria pe.

Aha'awyria hepāp pywuat wepīra kāt kuap hap, aikotā i'atu'e kuap tuweupi-weupi i'atue kara'en pīra pytyk hap, sakaia ko'i ehap, mory'a wat hawyi mory'a ko'i, pina ko'i (pina mo wuat minuġ), sararaka ko'i, weporoġka hap, turu, suki, ūku. Wepīra kat kuap aipuat hap, y'apo piat seke-seke hamuat, yara hīt puopyi (yara hīt minuġ aria'yp tek kawiat), pina puta miekowāt ko'i ūwi, tawara e'ut, pohit hawyi irania'īn pīra ĵaġ "lontra" pe hawyi hekiriwīt.

Tapy'yia'e yi Andira/Marau ehawe pīra miekyi po'oġ pitaġ, acara cascudo, barbado, nuru, naru sym, araku, sardinha, charutu, karapuku, pīra pep'i, mandira, pakaiġpe hiġ "piranha", weri hawyi tukunare.

1980 e'akaiu pyi tuwe ywyk tuerūt aikotā me Satereria wepīra kāt hap. Put'ok'e ra'yn yara suwaipo ywop'i ko'i ehap "rabeta", yara aria'yp kawiat hawyi "alumínio" kawiat yara. Put'ok wy yni pīra pytyk hap ko'i "malhadeira", pīna wakuarī hawyi "arpões" ehap pīra kāt kuap pyy puat hamuat.



Pesca com malhadeira, comunidade Nova Aldeia, Alto Marau, 2019.



Pesca prómixa à comunidade Livramento, Alto Marau, 2019.

O timbó

Estamos aqui para defender e valorizar o que é nosso, não somente o peixe, mas a cultura e a cosmologia sateré-mawé. Um povo sem identidade não é mais um povo. O timbó é contado pelos nossos avós, os peixes mataram o filho do Ase'i. Da origem do guaraná também surge o timbó, se esquecermos essa parte é um passo para esquecer a origem do guaraná porque eles se completam. Os antigos não usavam de qualquer jeito, eles obedeciam às regras, iam para a barraca, pescavam, em último caso utilizavam o timbó para pegar alimentação. Faziam no igarapezinho e deixavam um tempo. Quando chegavam e já tinham colocado timbó, por mais que tivesse peixe, eles não colocavam novamente. Dessa forma os nossos avós utilizavam.

Bernardo Alves,
Tuxaua da comunidade Terra Nova, rio Marau.

O timbó tem sua origem, não surge de qualquer maneira. Ele foi transformado para vingar o filho. O pai chamou e fizeram uma reunião em círculo, chamaram o macaco, que não era animal ainda, era gente. Aí um ancião, um deus, começou a falar, mas só que ninguém conseguia responder. Então os deuses dos peixes colocaram um feitiço e o menino faleceu. Aí o pai falou: bom, meu filho, a gente vai vingar. Ele tirou a parte do braço direito e plantou no Nusoken. Nasceu uma árvore nesse lugar, então ele chamou vários tios da família para pensar como seria o nome dessa árvore: ukumohup'i, e chamaram de uku. Essa planta cresceu, e fizeram um acordo com os outros parentes, sobre como colocar no rio e todas as regras para a colocação. O pai falou para os passarinhos weita pig-pig ficarem atentos para vigiar o uso do timbó. Então daí surgiu a vingança do pai pelo filho que morreu. Então nós começamos a usar a bebida alcoólica dos peixes. Essa é a origem do timbó. O meu filho foi ferrado pela arraia, onde era São Félix, aí a gente fazia remédio caseiro com timbó para passar em cima, a dor passa rápido. O timbó é um remédio caseiro muito importante, não só para ferrada de arraia, mas para outras doenças também. Então com tudo isso nós não devemos acabar com o timbó.

Donato Lopes da Paz,
Tuxaua da comunidade Simão, rio Andirá.

Estamos acusando o timbó sem conhecimento, se não preparar faz mal aos animais. Tem que preparar. Por isso que eu respeito o timbó. Por isso eu estou plantando o timbó, mas eu tenho controle. Todo mundo tem que respeitar a área dos outros, os lagos dos outros. Eu coloco o timbó na minha área, nos meus igarapés. Muitos antigos procuram alimento através desse timbó. As flechas, turu e anzol são as armas para peixe. Se quiserem parar, tudo bem, mas eu não vou parar. Se não preparar bem a comida, se pegar uma caça e não preparar, não escaldar, faz mal para o estômago. Então o timbó pode fazer algum mal para pessoa também se não souber preparar bem.

Jurimar Guilherme da Silva,
Paini e Tuxaua da comunidade Santo Antônio, rio Andirá.

Ūku etiat

“Uruto meime uruikawiano hamo hawyi uruimuesaika hamo, yt pīra yn’i, ma’ato Satereria eko ahyt ko’i. Wentup ywania yt ikuap’i ra’yn to sa’awyrria etiat seko ahyt ko’i rakat ri yt ywania wo kuap ira’yn. Ūku etiat mienoi uruenaġnia puopywiat pīraria ti’auka ase’i sa’yrū. Warana sa’awy kaipyi wy tuwemoherep ūku sa’awy, ma’ato watiwaure ne’i mekewat mienoi hap pote ti warana sa’awy etiat mienoi watiwaure pote yt to’osat kuap’i ra’yn warana sa’awy etiat. Nimuarria yt iekowāt’i waku hap ewyne’i, heko upī ta’atuekowāt, tuwat tatu’e oġ ape kape, te’eruwepīra kāt hamo, yt ta’atuso’opuenti’i ra’yn pīra hawyi ta’atuekowāt ūku ra’yn te’eremi’u sat hamo. Ta’atuhynuġ y’y hīt pe mōt’i hīt ta’atuekatup. Ma’ato put’ok i’atu’e turan te’eruweuku hynuġ ra’yn y’y hīt pe pote pīra ho’okup te pykai yt ta’atuhynuġ’i ra’yn ūku. Meketan me ahenāġnia iekowāt tuereto ūku.”

Bernardo Alves

Tawa Terra Nova piat Tu’isa, Marau hy.

“Ūku ti ha’awy rakat, yt waku hap ewy’i tuwemoherep. Mi’i mimo’ywāt to sa’yrū eruwepyk hamo. I’ywōt ho’okay-kay sehay nuġ hamo hawyi te’eruwa’atunuġ i’apopyempe, ta’atukay-kay kusiu “macaco”, mi’i turan yt miat wo’ite toine’en, mīt wo te. Mi’i hawyi wentup ok motaġ, Anumā, ha’awy nuġ ra’yn sehay, ma’ato yt uwe’i iwesat kuap. Hawyi pīraria tiakurek hirokat hawyi iku’uro. Hawyi i’ywot ihay: waku ra’yn aru uha’yrū e, moreruwepyk ti aru ma’ato uha’yrū. Hawyi toihep i’yke ipo sēse kawiat. Hawyi toikoi nusokem note. Hawyi hentyt mikoi oken note, hawyi toho’okay-kay ihamunia mikoi setpaika hamo: ukumu hyp’i, hawyi tohet paika ūku e. Ihy nuġ heko upiat hamo. I’ywōt to’e weitaria pe weita piġ-piġ ehap we eiwehaponik’o ūku ekowāt turan e. Meġempepyi i’ywōt ipy’ahak tosa’yrū ku’uro hap upī. Pyno mi’i hap kaipyi uirui’ekowāt pīraria emahy. Pyno meġe ūku sa’awy etiat. Uimempyt mepy rui-rui tihok tawa São Felix e hap tote, hawyi urutunuġ ūku kawiat mohaġ ihok hap totiat ipen hamo hawyi hatynik meremo. Pyno ūku mohaġ wo waku kahato, yt mepy rui-rui piat aihok pote yn’i ma’ato irania’īn ahū pe wy. Pyno yt waku’i watimomā

Donato Lopes da Paz

Tu’isa da Tawa Simão, Andirá hy.

“Watikuasa ūku yt heko kuap wo’i, yt heko upī’i miekowāt pote yt waku’i miat ko’i puo. Ma’ato Waku watiekowāt. Mi’i tupono uito atimontypot ūku. Mi’i tupono atikoi uito ūku, ma’ato yt waku hap ewy’i ne’i. torania waku watimontypot irania’ī e’yi, i’awyte irania’īn e y’y hypuk. Uito atopaġ ūku uiwepotpap hap e’yi pe yn, uhe’y’yhīt’i pe yn. nimuria te’eruwemi’u kat kahato ūku wo. Mory’a ko’i, turu hawyi pina pīra kāt hamuat hap ko’i. Eweimompytu’u teran pote waku ne’i, ma’to uito aru yt atimomputu’u’i. Yt watunuġ kahato’i mi’u pote yt waku’i, wati’auka miat hawyi yt watikorokot hy’okpuen’i pote yt waku’i ai’ymyempe. Mi’i tupono ūku yt waku’i mīt pe wy, yt inuġ kuap’i pote yt waku’i wy.

Jurimar Guilherme da Silva

Tawa Santo Antônio e’Tu’isa, Andira e’ihy’apope.

Existem diferentes tipos de rio, que podem ser classificados de acordo com o aspecto das águas: as águas claras; as águas pretas (que são escuras); e as águas brancas (que são cor de barro).

As águas pretas e as águas claras são mais ácidas e possuem menos nutrientes, apresentando naturalmente uma menor variedade e quantidade de peixes. Na TI Andirá-Marau, o rio Waicurapá é de água clara, e os rios Andirá, Marau, Miriti e Manjuru são de água preta.

As águas brancas, por sua vez, são menos ácidas, têm muitos sedimentos (muito barro), e esses sedimentos são ricos em nutrientes. Por isso possuem mais variedade e mais quantidade de peixes. O rio Urupadi é o único grande rio do território com águas brancas, ou barrentas, ele é reconhecido pelos Sateré-Mawé como o rio mais piscoso de seu território. Os rios Deserto e Curuaí, limites naturais da Terra Indígena, deságuam no rio Urupadi e também são de água barrenta, com muitas espécies de jacaré e peixes.



Rio Marau de água preta, comunidade Nova América, 2018.



Águas vermelhas de nascentes próximas da comunidade Fortaleza, Alto Andirá, 2019.

Outra grande riqueza da Terra Indígena são os lagos. Neles os peixes se refugiam, se alimentam e se reproduzem. Há cerca de sessenta lagos no Urupadi entre a comunidade Monte Sinai e o rio Curuaí; cerca de vinte lagos no Andirá, entre a comunidade Torrado e a boca do igarapé do Arco; e quatro lagos no Marau nas proximidades da comunidade Nazaré e da boca do Miriti. Esses lagos são verdadeiros

Ho'okup kahato tuweupiat-weupuat y'y hy ko'i, mikuap kuap y'y iwemoherep hap ewy-ewy: Y'y kyt'i ko'i; y'y hūn'i ko'i (ihy hūn rakaria); y'y kytsiḡ ko'i (yi hup ewy).

Y'y hūn'i hawyi y'y kyt'i ko'i po'oḡ ihy ḡejun rakaria mi'i tupono yt mi'u'i po'oḡ, mi'i tupono yt kat'i po'oḡ pīra ko'i tuweupiat-weupiat rakaria. Yi Andira-Marau ehawe, Waikurapa hy ti ihy kyt'i, hawyi Andira, Marau, Miriti hawyi Manjuru hy ti y'y hūn'i.

Y'y kytsiḡ, po'oḡ yt ihyḡejuḡ'i mi'i tuweupi ihypyrup ne'i, tokup kahato kat-kat pepak-pepak aimi'u wo waku rakat. Mi'i tupono ho'okup kahato tuweupiat-weupiat pīra ko'i. Urupadi hy yn ni tapy'ya e'yi piat ihyḡiḡ rakat, iewyte wy he'yi hup rakat. Satereria ikuap y'y po'oḡ hepīra rakat te'yi piat. Desertor hy hawyi Kuruwa'i hy, tapy'yararia e'yi tek hawuo kahato, ihyeput Urupadi hy kape te i'ewyte ihy niḡ rakat, tuweupiat-weupiat iakare ko'i hawyi pira ko'i.



Confluência do rio Urupadi com o igarapé Desertor, rios de água branca (água barrenta), 2019.



Igapó na foz do igarapé Manjuru com o rio Urupadi, 2019.

Tukup kahato wy Tapy'yararia e'yi pe y'y hy puk ko'i, mi'i pe pīra ko'i te'eruwyi, te'eruwenuk hawyi te'eremontypy'i. Toiḡ 60 hy puk hap ewy wyti Urupadi hy ehap we tawa Monte Sinai pyi hawyi Kuruwa'i hy kape; toiḡ 20 hy puk Andira hy pe tawa torrado pyi y'y hy pāt'i mory'awat hy'ypy kape "Arco" ehap kape; hawyi toiḡ 4 hy puk Marau hy pe tawa Nazare kawiano hawyi Miriti hy'ypy kawiano.

criatórios naturais de peixes, pois recebem uma grande quantidade de filhotes de peixes durante o período de reprodução nas águas altas. Na vazante e na seca esses lagos oferecem um ambiente de refúgio, rico em alimentos, onde os peixes jovens completam seu crescimento para, na próxima estação de cheias, migrarem e novamente se reproduzirem, mantendo assim os estoques pesqueiros da região.

Os igapós também são criatórios e servem de esconderijo para os peixes. A vegetação do igapó é muito antiga em relação à vegetação da terra firme, muitas árvores que só existem nos igapós alimentam os peixes com seus frutos. Isso reforça a importância do cuidado com os lagos e igapós.

Nas últimas décadas, a diminuição dos peixes vem sendo sentida pelos moradores da TI Andirá-Marau. São vários os fatores que causam impacto e, juntos, resultam na escassez dos peixes em geral:

- as queimadas nos igapós;
- o desmatamento das beiras dos rios, lagos, igapós e igarapés;
- a diminuição da pesca tradicional e o uso intenso de apetrechos e equipamentos não indígenas (malhadeiras, tarrafas, anzóis, arpões);
- o aumento da população sateré-mawé na Terra Indígena Andirá-Marau (por consequência o aumento de pescadores e de demanda por peixes);
- o mau uso do timbó;
- o trânsito intenso de embarcações, gerando poluição nos cursos médios e baixos dos rios Marau e Andirá, tanto pelo combustível e lixo jogados na água, como pelo ruído dos motores.

Acordos firmados sobre os jeitos de pescar

- Dar preferência sempre para os apetrechos de pesca tradicionais.
- Conhecer a história do timbó e só usá-lo no modo tradicional, inclusive como remédio. Não usar timbó nas calhas principais dos rios nem nos lagos.
- Não fazer batção.
- Não fazer arrastão de malhadeira. Usar as malhadeiras somente fazendo círculo.

Meimuewat y'y hy puk ti pīra ko'i wesapeka hap ko'i tira'yn, meimuewat y'y hy puk pe te'eruwememptyt'īn hap āt y'y hy wato pe. Ihy pap ra'yn hawyi meimuewat y'y hy puk ko'i waku i'atuwewyi hamo aǰumpe sēse i'atumi'u ho'okup hap tote i'atutaǵ tukupitu y'y hy wato ewakai ira'yn hawyi tuwat ra'yn, te'erememptyt'īn hamo, mi'itan me te'eruwemontypy'i mi'i hap kaipyi ho'okup kahato pīra ko'i aipuo.

Y'apo ko'i iewyte waku pīra ko'i wemotypy'i hamuat i'awyte wy i'atuwewyi hamuat. Y'apo puat ǵa'apy ko'i wyti nimuat kahatoko'i. Tukup ǵa'apy y'apopuat pira ko'i mu'enuk ta'atusat wuat rakaria. Mi'i tupono waku aimitupmo kahata waku y'y hy puk hawyi y'apo ko'i wywo.

10 e'akaiu kosap hap ete, ǵeǵne'en Yi Andira-Marau piaria ete tuwekuap pīra ko'i wemohit hap. meketā hamuat tuke'ewi aikotā-aikotā ne'i tuwemoherep, meimuewat ok'hik torania pīra yt kat'i po'oǵ hamuat imoherep:

- Y'apo ko'i wuk hap kaipy;
- Aria'yp ypia atuka yempe ko'i upiat hap kaipyi, hawyi ypuk, y'apo, y'yhīt'i ko'i;
- Temohīt kahato sa'awyiwuat wepokuap pīra kāt hap, miekowāt po'oǵ ra'yn yt tapy'yia wat sese'i sekāt (malhadeira ko'i, tarrafa ko'i, pina ko'i, arpāo ko'i);
- Typy'i po'oǵ Satereria Yi Andira-Marau pe (mi'i tupono po'oǵ ra'yn pīra kat haria typy'i);
- Yt i'ewy miekowāt ūku;
- Yara wato'īn te'ereaipok-aipok merep'i-merep'i hap kaipyi, y'y ta'atumo hy ysyk'a ihyapope ran hawyi hempy kai Marau hawyi Andira hy pe, motor hy wo i'ewyte wy ywysok mipuǵha y'y piat ko'i wo, i'ewyte wy motor ehay piṛik hap ko'i.

Aikotan me aru watunuǵ watepīra kāt hap etiat enoi hap

- Aiwepokuap hap wy watiekowāt pīra kāt hap.
- Watikuap waku ūku etiat mieno hawyi heko upī yn miekowāt waku, i'ewyte mohaǵ wuat turan wy. Yt miekowāt'i waku ihy koro ko'i puo i'ewyte wy ihy puk ko'i puo.
- Yt waku'i watihy piǵ-piǵ y'y hap.
- Pīra pytyk hap yni yt waku'i watiherēp. Miekowāt yni pīra pytyk hap turan i'apypueri pe yn.

- Deixar a malhadeira no igarapé até no máximo meia-noite, e não a noite inteira.
- Não usar malhadeira acima de quatro dedos.
- Não usar malhadeira de mais de cem metros.
- Evitar a poronga de laterna, usar somente nos casos muito necessários.
- Não usar arpão.
- Não usar arma de pesca para pegar peixe-boi e pirarucu.



Pesca no rio Urupadi, comunidade Monte Sinai, 2019.

Acordos firmados sobre a formação de bons pescadores

- Os mais velhos devem contar os mitos para os mais jovens, dando conselhos e repassando os conhecimentos tradicionais sobre as águas, os animais e as plantas.
- Os bons pescadores devem ensinar os jovens a usarem os apetrechos tradicionais, como a flecha, a zagaia e o timbó, entre outros.

- Pīra pytyk hap yni mipaḡ waku wantym hake kape yn, yt ka'āp'i ma'ato.
- Yt waku'i miekowāt yni pīra pytyk hap 4 pu'uḡa ḡa'aḡ apy'i rakat.
- Yt waku'i miekowāt yni pīra pytyk hap 100 ḡa'aḡ hap apy'i rakat.
- Yt waku'i watepīra kāt "lanterna" ehap wyi, miekowāt kuap ma'ato sēse yt aikowo kuap'i turan yn.
- Yt miekowāt'i kuap'i "arpão" ehap.
- Yt miekowāt kuap'i mory'a wato wewato ypypuat auka hamuat hap "peixe boi" hawyi pīra wato auka hamo "pirarucu".



Pesca no igarapé Juma, próximo à comunidade Terra Nova, Baixo Andirá, 2018.

Aikotan me aru ehap minuḡ pīra kāt kuap haria wemoput'ok hamo

- Naḡnia henoi waku nīmo so ehap ko'i ywāpakuptiaria pe, ta'atuho'e waiḡ ta'atuporerokosāp ta'atumikuap y'y ko'i etiat, miat koi etiat hawyi mikoi ko'i etiat.
- Pīra kāt kuap haria waku ywāpakuptiaria mū'e i'ekowāt kuap te'en- te'en nīmuat seko ko'i ete mewāt, mory'a ko'i, zagaia hawyi ūku, hawyi irani'ṭn.

- Os gestores e educadores das escolas devem valorizar os conhecimentos tradicionais sobre a pesca, incentivando a pesquisa e prática dos alunos.
- Produzir materiais didáticos sobre os conhecimentos dos Sateré-Mawé sobre a pesca.
- Continuar a formação dos agentes ambientais e buscar parcerias com órgãos competentes para fortalecer o trabalho.
- Os agentes ambientais e os tuxauas devem orientar as comunidades sobre os cuidados e as regras, em reuniões, palestras, seminários e encontros.

Acordos firmados sobre o cuidado com a reprodução dos peixes

- É permitido pescar somente para consumo; não é permitido pescar a mais para vender.
- Não matar filhotes de peixes: é importante devolver os filhotes vivos para a água.
- Fazer planejamento e escolher lagos para a reprodução de peixes, colocar placas nas suas margens, indicando que são lagos preservados.
- Deixar nas praias algumas covas de tracajá sinalizadas, para que ninguém tire ovos delas e eles possam se reproduzir.
- Não pescar quelônios.
- Jogar cascas de mandioca e restos de comida da roça na água, para que sirvam de alimento para os nossos peixes.
- Cuidar das beiras dos rios, lagos, igarapés e igapós: não desmatar nem roçar.
- Não colocar fogo nas beiras dos rios, lagos, igarapés e igapós; apagar muito bem qualquer fogo aceso para fazer comida.
- Não derramar combustível (óleo, gasolina) nem jogar lixo nos rios, lagos, igapós e igarapés.
- Criar galinhas sempre que possível, para reduzir a necessidade de peixe.

- Wemū'e haria porekuat i'ewyte wy puruwei ko'i waku imuesaika pīra kāt kuap hap etiat wo'omū'e hap wati'atumū'e waku kāt'i-kāt'i e hap ete wemū'e haria.
- Waku minuḡ popera wepotpāp hamo ko'i Satereria mikuap ko'i pīra kāt kuap hap etiat.
- Mi ywoporo waku seḡam upiat wehaponik haria mū'e hap hawyi mikāt waku mowyro haria motpāp muesaike hamo.
- Wehaponik seḡam ko'i upiat haria hawyi Tu'isaria waku henoi-henoi tāwa ko'i puo aimitumo seko ko'i wywo hap ete, wa'atunuḡ turan, sehay enoi turan, i'awyte tuweupiat-weupiat wa'atunuḡ hap turan.

Aikotan me aru aimitumo pīra ko'i wemotypy'i hamo ehap wywo

- Waku watepīra kāt aimi'u wuat yn: yt waku'i watepīra kāt po'oḡ ne'i miweneru wuat hamo.
- Yt waku'i wati'atuka pīra imemptyt'īn wywo: waku miera'aipok pīra memptyt'īn y'y pe.
- Waku iaira pe minuḡ y'y hy puk ko'i pīra wemontypy'i hamo, waku y'y hy puk hyempe upī mipehik iwan puopyi waiḡ ehap mipoitynuḡ mesūp ehap.
- Waku yi kyt atupī misa'atuījat wawori upi'a ko'i, minuḡ meiḡu wat yt uwe kuap'i ti ihap.
- Yt miekyi'i wawori y'y puat ko'i.
- Waku mipun hā mani'pe ko'i hawyi irania mi'u ḡenpyt ḡo piat ko'i y'y pe, pira ko'i mi'u wo.
- Mieropāt yempe ko'i, y'y hy puk ko'i, ihy pāt'i hīt ko'i hawyi y'apo ko'i: yt waku'i ati'ypuḡhā i'awytw mi'apotek wy.
- Yt waku'i watiwuk yempeupī, y'y hy puk, y'y hy pāt'i ko'i puo i'ewyte wy y'apo ko'i puo: misesēp kahato aria minuḡ mi'u nuḡ hamuat ko'i.
- Yt waku'i mi'okpun'i arinty'hy ko'i (óleo e'hap, gasolina e'hap) i'ewyte wy ywysok ko'i y'y ko'i puo, y'y hy puk ko'i puo, y'apo ko'i puo i'ewyte wy y'y hy pāt'i ko'i puo.
- Waku waipakaria waho'omotaḡ wy sēse potiat, pīra etiat wemohapāp hap mono temohīt ehawe.

- No período do Defeso os Sateré-Mawé devem seguir o calendário do estado do Amazonas para os produtos da pesca que forem comercializados fora da TI Andirá-Marau. Para isso é importante observar os cartazes do Defeso na região.
- Durante o Defeso pode-se pescar normalmente somente para subsistência, mas, como foi verificada a diminuição da pesca no interior da TI, deve-se evitar a pesca excessiva e descontrolada, considerando o saber tradicional do seu povo para a preservação dos peixes.

De acordo com o Defeso do estado do Amazonas:

- Durante o ano inteiro o pirarucu só pode ser pescado em áreas de manejo autorizadas pelo IBAMA.
- O tambaqui não pode ser pescado de 1º de outubro até 31 de março.
- De 15 de novembro até 15 de março não podem ser pescados os seguintes peixes: aruanã, caparari, surubim, matrinxã, mapará, pacu, pirapitinga, sardinha.

Acordos firmados sobre a comercialização dos peixes

- No caso de necessidade, entre os Sateré-Mawé poderá haver troca de pescado por produtos comestíveis.
- No caso de puxirum, serão liberados no máximo vinte quilos de peixes.
- Os regatões devem aceitar as regras para poderem vender peixe na TI Andirá-Marau: os peixes vendidos devem ter um preço justo e de preferência ser trocados por artesanatos ou alimentos como farinha, goma, açaí, banana ou outros. Os regatões que não aceitarem os produtos em troca ou que não praticarem um preço justo não poderão comercializar na TI Andirá-Marau.

- Pīra ko’i poitynuḡ hamo turan Satereria waku imontypot Amazonas e’yi piat seko torania pīra weneru hap yt mi’aro’i TI Andira-Marau e’yi piat’i hap, mi’i tupono waku aimitumo kahato kat’e āt pe tuwenuḡ tuereto mekewat seko iatupuo.
- Pīra ko’i poitynuḡ hamuat turan wepīra kāt hap mi’u wuat sēse yn, ma’ato ikāt’i-kāt’i puopyi mipuenti tuwekuap’i po’oḡ pīra tapy’yia e’yi pe, yt waku’i merep’i-merep’i wepīra kāt hap tuwenuḡ waku hap ewy ne’i, wanentup aha’ ywania ywā kuap hap kape pīra ko’i toiḡ yn hamo.

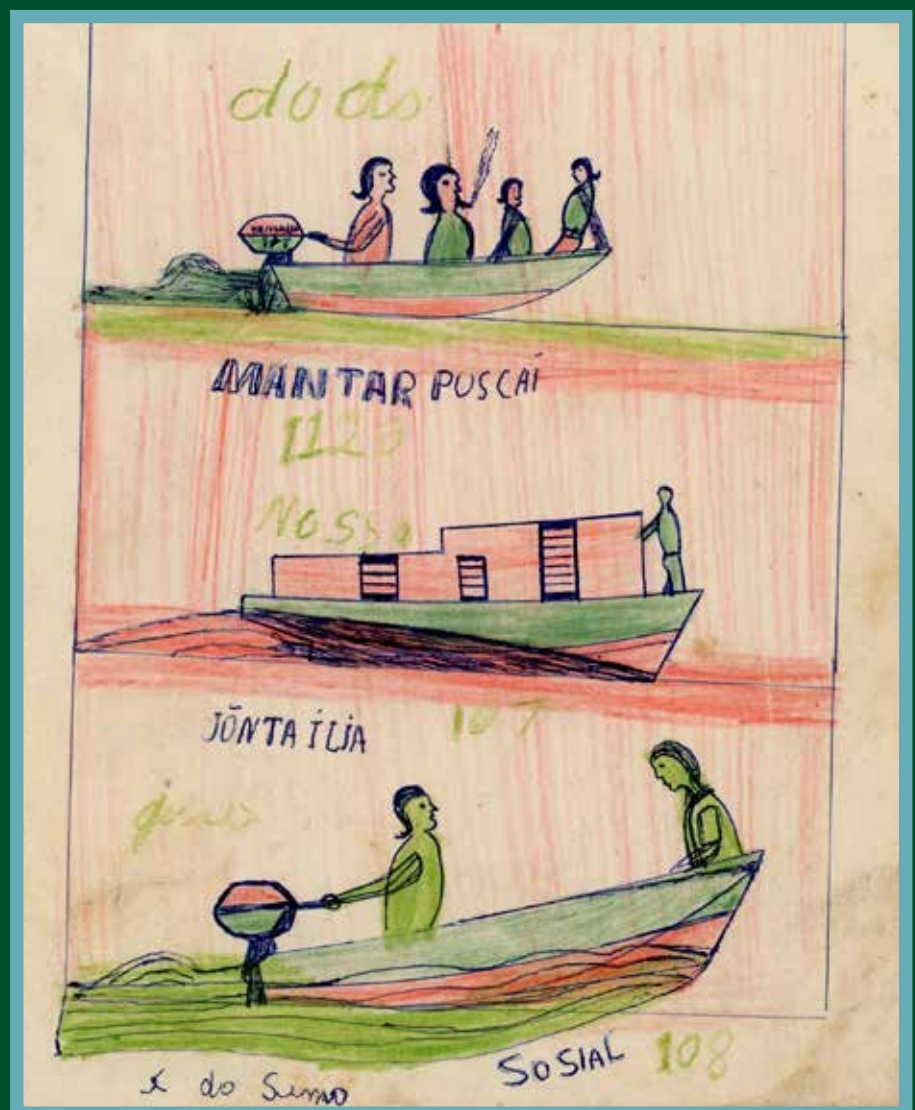
Amazonas piat pīra poitynuḡ hap ewy:

- Torania e’akaiu pe ti pīra wato “pirarucu” mi pytyk kuap seḡam mi’aro IBAMA puopyi tote yn.
- Pīra tambaqui ehap yt mi pytyk kuap’i 01outubro pyi hawyi 31 Março kape.
- 15 novembro pyi 15 de março kape yt mi pytyk kuap meimewat pīra ko’i: aruwanã, caparari, surubim, pīra jĩḡ “matrinxã”, mapará, pīra pēt’i “pacu”, pirapitinga, sardinha.

Pīra weneru hap etiat aru ehap

- Iky’esat turan pīra ko’i wo, Satereria to’ope to’opowepyk kuap ne’i kara’en mi’u wuat waku rakano.
- Motpāp typy’i wywuāt hamuat turan aru, 20 potyi hap “quilos” kape yn aru pīra ko’i mĩḡum.
- Weneru-weneru eharia hewaku meimuewat seko ko’i pīra weneru TI Andira-Marau pe hamo: pīra ko’i weneru hap wāku ne’i ho’owoity hap, waku mipuepyk kuap torania nuḡ’i-nuḡ’i ehap ko’i wo i’ewyte wy mi’u wuat waku rakat ū’i ewywuāt, mani’ay, wasa’i, pakua, hawyi irania’in. Weneru-weneru eharia yt iky’esat’i meimuewat kaipyi muepyk haria, yt inuḡ’i seko weneru ehap wāku tote ho’owoity hap yt ky’esat’i hat yt weneru kuap’i TI Andira-Marau ehawe.

Comercialização da produção Wo'opuepyk piat kara'en tiat hap



O povo Sateré-Mawé comercializa seus produtos com os não indígenas desde o tempo em que foi feito o contato, em meados do século XVII. Dessa época em diante as condições de comércio mudaram muito. No final do século XIX, os antepassados que moravam nas cabeceiras do Marau e do Andirá desciam até Cuiabá de canoa para vender o guaraná. Contam que somente o bastão do guaraná era comercializado, não vendiam outros produtos nem o guaraná em rama.

Hoje o comércio sateré-mawé é diversificado, tanto em suas formas quanto nos produtos. O que mais se vende ainda é o guaraná, seguido da farinha, tapioca e goma. Também são vendidos artesanatos (vassouras, remos, *teçume*, tipiti, etc.); cultivos da roça (banana, jerimum, macaxeira, cará, etc.); e coletas de extrativismo (mel, copaíba, breu, patawá, açai, etc.).

São três as formas dominantes de comercialização: a venda para os regatões, a venda na cidade e a venda para o CPSM. Alguns negócios são favoráveis para todos, outros não. As reflexões e acordos feitos aqui são um esforço de regular e renovar as relações comerciais, de modo que sejam boas e justas para os Sateré-Mawé.



Mel, Alto Marau, 2019.



Pães de guaraná, comunidade Simão, Médio Andirá, 2019.



Igarapé Manjuru, 2019.

Satere Mawe ywania tiweneru tekara'en ko'i yt tapy'yiaria'i pe i'atuwywo wo'opuente hawyi tĩ ra'yn, "século XVII" py'aset pyi. Mejempe pyi tĩ ra'yn tuweupi kahato weneru ehap ko'i. "Século XIX" kahuro hawe nimuaria Marau hy'akağ piaria weine'en haria hawyi Andira piaria i'atupot apyk "Cuiabá" kape yara puo apukuita wo warana weneru hamo. Ta'atuhenoi wyti warana'ok yn miweneru kuap, yt kat'i'i tuweupiat kara'en ko'i i'awyte yt warana iwyti jã'yiğ wo miweneru kuap.

Korã tupuo Satere-Mawe e'kara'en tuweupiat-weupiat, tonuğ hap ewy i'ewyte kare'em ko'i. Po'oğ miweneru wo Warana, hupi ti ũ'i, mani'ay karay hawyi mania pyre. I'ewyte wyti kahato nuğ'i-nuğ'i ehap ko'i (saware ko'i, apukuita ko'i, pi'ig ehap ko'i, mohoro, hawyi irania'in.); ģo piat mikoi ko'i (pakua, iurumu, manisey, awai'a, hawyi irania'in.); hawyi ģa'apy puat ho'okup rakaria purūk hap (irahy, kupa yp hy, ytyk hē, hawyhu'i wato, wasa'i, hawyi irania'in.).

Mye'ym hap ewy weneru ehap ko'i: kara'en weneru hap weneru-weneru eharia piat hap, tawo wato piat hap hawyi "Consórcio dos Produtores Satere-Mawe/ CPSM" piat hap. Irania'in weneru ehap waku torania piat hamuat rikat, irania yt'i ma'ato. Wanentup hap kaipywiat mi'ewaku hap ko'i korã turan motpāp minuğ pakup'i waku puat kahato hamo weneru'i-weneru'i ehap ko'i, waku kahato Satere-Mawe ywania piat hamo.



Retirando óleo de copaíba com
trado, rio Andirá, 2018.



Comunidade Campo do Miriti, 2019.

O comércio com os regatões

Em todas as regiões o jeito mais fácil de comercializar é vendendo os produtos para os regatões. Antigamente fazíamos trocas, por falta de sal, por falta de roupas, de espelho e outros objetos que os brancos traziam. Mas hoje em dia trabalhamos para vender (...). Os regatões entram aqui, às vezes ficam e querem mandar em nós dentro do nosso território. Muitas vezes eles mandam em nós e nem todos os tipos de farinha eles compram.

Bernardo Alves,
Tuxaua da comunidade Terra Nova, rio Marau.

Em todas as regiões da Terra Indígena Andirá-Marau, o jeito mais forte de comercializar é vendendo os produtos para os regatões. É muito antiga essa relação com os regatões, ela foi se transformando com o tempo, mas continua existindo. Sabemos que os regatões vieram para dentro do nosso território trazendo produtos que queríamos adquirir. A vantagem é que não precisamos de combustível para ir até a cidade, nem pagar pelos volumes nos barcos. Mas nós percebemos também que há muitos problemas com a entrada dos regatões na Terra Indígena, como:

- muitos deles exploram as pessoas revendendo os produtos que trazem da cidade a um preço bem acima do padrão;
- desvalorizam o nosso trabalho, pagando pouco por nossos produtos;
- por vezes nos entregam mercadorias vencidas, estragadas;
- muitos trazem bebidas alcoólicas e drogas para as comunidades;
- alguns incentivam a prostituição e o roubo;
- fazem tráfico de animais;
- jogam lixo nos rios e defecam na beira.

Discutimos sobre essas questões e pensamos em como resolver esses problemas a partir de acordos internos. Precisamos de apoio da FUNAI, da Capitania dos Portos, Marinha, Polícia, IBAMA e ICMBio para que estes acordos funcionem bem.

Weneru-weneru'e haria wywuat weneru ehap

*Torania puo po'oḡ yt niapo'i kara'en ko'i weneru hap weneru-eneru eharia piat hap. Nīmo minuḡ
wy wo'opuepyk piat, ukyt kahuro turan, yt kat'i sokpe turan, hawyi wepiok hap, i'ewyte wyti
irania'ṭn kare'en ko'i ikyrtsiḡ rakaria mierūt. Korā tupuo watuwepotpāp iweneru hamuat hamo (...).
Weneru-weneru eharia werehyt'ok uruewowi, karampe wyti tuwehy'ok hawyi urutomo po'oḡ l'atu'e
urue'yi pe. Asuwe ti mi'iria turuto po'oḡ nān i'atu'e te hawyi yt torania'i ewywuat'i ū'i ta'atuky'at.*

Bernardo Alves

Tawa Terra Nova, Tu'isa Marau hy piat.

Andira-Marau e'yi wato hap oktan, po'oḡ hesaikap kare'en wenwru hap weneru-weneru e haria pe. Nimo pyi kahato tuwenuḡ meimuewat kare'en weneru e haria pe, ma'ato korā turan tuweupī ra'yn, Ma'ato tuwenuḡ ne weneru ehap. Watikuap kahato to'ē kare'en weneru haria ahe'yi kape ta'aruerūt kare'en aimikyesat ko'i. Po'oḡ waku ma'ato kat pote yt mikyesat'i ra'yn ariantyhy wato tawa wato wat hamo, i'ewyte wyti yt misa'upnuḡ'i mipāp potyi hap upi yara wato ko'i pe. Ma'ato watikuap wy weneru'i-weneru'i herūt wy sa'aḡ ko'i ahe'yi kape to'ē wywo, mewat ko'i:

- Irania'ṭn iweneru herūt hawyi ho'owoity po'oḡ ta'atumierūt tawa wato kaipywiat iweneru ikyi'at hap apy'i kahato ra'yn.
- Yt ta'atumesaika'i ra'yn urupotpāp hap, yt ta'atusaup nuḡ kahato'i ra'yn uruekara'em ko
- Asuwe ta'atuḡum mipāp he'āt kosāp rakat ra'yn, yt wakuat'i ko'i ne'i ra'yn;
- Irania'ṭn hetūt kahato mahy ne'i ra'yn hawyi i'ewyte wyti irania'in herūt suhu hīt ne'i ra'yn tawa ko'i kape;
- Irania'ṭn ho'omompukuap ne'i ra'yn haryporia'ṭn ihainia ko'i wywo-wywo hap ete hawyi sero'ok ehap ete wy;
- Yt miaro pykai'i ta'atuhe'ere to aipuat miat ko'i ne'i ra'yn wy.
- Mipuḡ hā ywysok ko'i y'y pe ne'i ra'yn i'ewyte iatuepai'a-pai'a yempe upī.

Sehay-sehay meigmuewat ko'i ete hawyi urutuwanetup aikotā me pote som mihampyḡ kuap meimuewat sa'aḡ ko'i urutoria tira'yn urue yi pe. Ma'ato uruikesat saikap Funai kaipyi wy, yara erohik haria kaipyi, Surara'ṭn kaipyi, "IBAMA", hawyi ICMBio pyno meigmuewat hewaku hap po'oḡ watiky'esat motpāp nuḡ hamo waku sēsse.

Acordos firmados

- Elaborar um regimento interno para as vendas dos produtos sateré-mawé, indicando as melhores formas de comercializar cada produto. Indicar preços justos das mercadorias que os regatões revendem e os valores ideais dos nossos produtos. Esse regimento deve ser distribuído em todas as comunidades.
- Definir quais são os regatões que têm permissão para entrar na TI.
- Não permitir a entrada de bebidas alcoólicas nem a de drogas através dos regatões.
- Impedir esquemas de prostituição, roubos ou tráfico ligados aos regatões.
- Fiscalizar a entrada de barcos na TI, fiscalizar os produtos que os regatões estão trazendo e os preços que estão praticando.

Vendas na cidade

Levamos para a cidade, mas não temos o lugar certo para vender, por isso deixamos à vontade para o não índio colocar o preço que ele quer. Às vezes levamos a produção para trocarmos por roupa usada porque não tem onde vender. O trabalho para fazer farinha é muito árduo, e quando vamos vender não querem comprar por um preço mais ou menos justo. Como não tem um mercado para vender a mercadoria, vendemos na beirada, para aquelas pessoas que irão encontrar conosco quando chegamos.

Cristiane de Oliveira,
Professora da comunidade Terra Nova, Médio Marau.

Depois dos regatões, a forma mais comum de fazer negócio é a venda da produção nas cidades. Os produtos vendidos nas cidades são os mesmos vendidos para os regatões, principalmente farinha, banana, tapioca, vassoura, pão e algumas colheitas da roça e da mata.

A venda nas cidades também tem muitos desafios:

- Os preços dos nossos produtos variam de pessoa para pessoa e isso acaba desvalorizando nosso trabalho.

Minuḡ wuat ko'i

- Minuḡ popera mimotypōt wuat Satereria ekara'en ko'i weneru hamuat hap etiat, mi'ipe miwemoherep aikotā me pote ho'owoity pe po'oḡ iweneru kara'em ko'i. Tuwemoherep we tī ra'yn to'opuo kahato weneru-weneru'e haria mipāp ko'i so'owoity hap hawyi uruekara'en ko'i so'owoity hap wy tuwekuap we kahato tira'yn tuwenuḡ. Mekewat popera mimo'ē waku misytpo torania tawa ko'i upī.
- Mi'aiara waku wehyt'ok weneru-weneru'e hanuaria tapy'yia e'yi pe hamo.
- Yt miaro'i waku mahy ko'i ereke hap i'ewyte wy suhu hīt weneru-weneru'e haria puopyi.
- Yt mi'aro'i sewaire sēse ne'i hap, sero'ok ehap hawyi irania'īn yt mi'aro'i karaiwa'īn terepō'ok hap.
- Mikāt'i-kāt'i yara wato ko'i wehyt'ok ahe'yi piat ko'i hanuat, mikāt'i-kāt'i weneru-weneru'e haria mierut mipāp ko'i i'ewyte wy ho'owoity hap ko'i.

Tawa wato piat weneru'e hamuat

Watioto tawa wato kape, ma'ato yt aḡumpe kuap'i iweneru hamuat, mi'i tupono yt tapy'yia'i iporokpun ha'up nuḡ hamuat ko'i te'eruwemikyesat ewy ne'i. Karampe urutioto urue kare'en sokpe pōt'i wo ne'i miso'opnuḡ kat pote aḡumpe kuap'i uruiwero. Ū'i nuḡ hap niatpo kahato, hawyi iweneru hamuat turan yt ta'atukyī'at teran'i howoity urumiky'esat ewy. Kat pote yt kat'i netap uruekare'en weneru hamuat, yempe ke ne'i uruiweneru, put'ok urutu'e turanuat mīt'īn uruewakape haria pe ne'i.

Cristiane de Oliveira

Puruweira Tawa Vila Nova II piat, Marau py'aset piat.

Weneru-weneru'e haria rokinē, po'oḡ tuwenuḡ tawa wato piat kare'en weneru hap. Kare'en ko'i miweneru tawa wato ko'i pe weneru-weneru eharia piat ko'i miweneru te tira'yn, po'oḡ u'i miweneru, pakua, maniy karay, saware, yrysakaḡ hawyi irania miwaḡ ḡo piat ko'i i'ewyte ḡa'apy puat ko'i.

Weneru hap tawa wato ko'i piat hap niatpo kahato:

- Ahekare'en so'owoity hap tuweupi-weupi kahato mīt ewy-ewy mi'i hap urupotpāp mohīt kahato.

- Muitas vezes quem coloca o preço nos nossos produtos é o comprador não indígena, sempre oferecendo menos do que vale realmente. Algumas vezes nos pagam com roupas usadas ou outras coisas sem valor.
- Não temos um lugar específico para vender nossos produtos.



Mandioca de molho, comunidade Nova Aldeia, Alto Marau, 2019.



Tipiti, comunidade Terra Preta, Alto Andirá, 2019.

Acordos firmados

- Entrar em consenso para definir os preços das nossas mercadorias e trabalhar com um valor de referência tabelado.
- Buscar um ponto fixo na cidade, um lugar que sirva de mercado para vender a nossa produção.
- Valorizar o preço da nossa farinha, que é muito apreciada na cidade.
- Montar uma cooperativa para organizar a venda dos nossos produtos em geral.
- Organizar a venda de produtos para a merenda escolar.

- Asuwe ti ikyi'at hanuat ne'i ra'yn hā'up porok pun yt tapy'ya'i ne'i ra'yn, ta'atuha'up entup yt ho'owoity hap tote'i ra'yn. karampe miso'op nuḡ sokpe apot'i ko'i wo ne'i i'ewyte wy kara'en yt ho'owoity'i rakat wo.
- Yt kat'i uruwat sēse seḡam uruekare'en weneru hamuat ko'i.



Torrando farinha, igarapé Taracúa, Alto Andirá, 2019.

Minuḡ wuat ko'i

- Torania waku hewaku ahekare'en so'owoity hamuat tote hawyi watuwepotpāp aimiewaku popera puopywiat hap tote.
- Miaira seḡam aḡumpe kare'en weneru hamuat tawa wato pe, wentup netap ahekare'en wenero hamuat yn nira'yn..
- Mimuesaika waku ahe'ū'i so'owoity hap, miky'esat kahato tawa wato pe rakat tupono.
- Minuḡ wentup saikap waku ahekare'en ko'i weneru kuap hamo.
- Miatuporokpun waku kare'en miwenweneru wuat ko'i wemū'e haria mi'u wuat.

Vendas para o Consórcio de Produtores Sateré-Mawé/CPSM

O CPSM foi implantado para a compra dos produtos dos Sateré-Mawé, para que os Sateré-Mawé não vendessem mais para os brancos. Muitos anos atrás os nossos velhos levavam os produtos para muito longe e padeciam para vender. Para resolver esse problema criamos o CPSM e hoje queremos que comprem os nossos produtos, principalmente o guaraná. O CPSM tem que fazer a valorização da compra do guaraná. É o principal produto que deve ser comprado, é o principal chefe que guia o povo. (...) Estamos ouvindo dizer que o óleo de pau-rosa vai ter um preço mais alto que o guaraná, mas o guaraná não deve ser comprado pelo menor preço, pois primeiro temos que valorizar o preço do guaraná. O guaraná tem que ser comprado pelo preço mais alto que todos os outros produtos que estão saindo daqui. O preço alto que vemos hoje é do óleo de copaíba, então queríamos que nós colocássemos o preço dos nossos produtos, mas em geral os brancos que colocam e não devemos aceitar isso. Quais os produtos que o CPSM compra? Guaraná, copaíba, mel de abelha e guaraná em bastão. Todos esses produtos são comprados há alguns anos. Agora, há poucos anos, compram o falso guaraná dos ribeirinhos, andiroba, cumaru, urucum, crajiru e unha-de-gato.

José de Oliveira,
Professor na comunidade Simão, rio Andirá.

O Consórcio de Produtores Sateré-Mawé/CPSM é uma associação que faz parte do CGTSM, viabilizando a compra do guaraná de produtores sateré-mawé para revenda e exportação.

Os Sateré-Mawé domesticaram o guaraná, e segundo seu Mito de Origem são seus filhos, possuindo seu direito originário, e esta realidade agrega valor de mercado ao guaraná, e o CPSM pode pagar por quilo aproximadamente o dobro do que paga um regatão. Mas existem normas para os produtores sateré-mawé venderem guaraná para o CPSM, os produtos devem ser agroecológicos e orgânicos, fiscalizados anualmente pelo Sistema de Controle Interno (SCI) do CPSM.

Além do guaraná, o CPSM compra urucum, mel, pau-rosa, babaçu, mirantã, cumaru e copaíba dos produtores sateré-mawé. Compra também produtos dos ribeirinhos, como guaraná, andiroba, cumaru, urucum, crajiru, unha-de-gato, etc.

“Consórcio dos Produtores Satere-Mawe” pe miweneru waku ahekare’en ko’i / CPSM

CPSM tuweypytyup Satere-Mawe ywania ekare’en ko’i kyi’at hamuat tira’yn, Satere-Mawe yt iweneru’i ra’yn ikytsiḡ rakaria piat hamo. Nimo pyi kahato ahe’ase’iria tuwat pya kahato ta’atue kare’en weneru hamo hawyi te’eremoso’opot’i kahato iweneru teran hay pe. Meḡewat wemoso’opot’i hap nuḡkahu hamo uruiypytyuk “CPSM” ehap hawyi korã pyi urui’ky’esat uhuekare’en ko’i kyi’at hap, po’oḡ ma’ato Warana kyi’at hap. “CPSM” waku ha’up nuḡ kahato warana kyi’at hap muesaika hamo. Mi’i ti po’oḡ waku mikyi’at, kat pote meḡe ti ywania porekuat akoro (...) Uruikuap sehay wo pau rosa hy aru ho’owoity po’oḡ hamuat warana kai, ma’ato Warana yt mikyi’at kuap’i yikay ne’i ho’owoity hap, kat pote waku watimuesaika po’oḡ sa’awyite Warana. Warana waku mikyi’at ho’owoity pe po’oḡ torania irania’ṭn kare’en kai meḡumpepywiat kare’en weno’ẽ haria kai. Korã turan wateha’āt kupa’yp hy howoity po’oḡ. Mi’i tupono urui’kyesat uruto tira’yn waku urui’atuporokpun uruekare’en so’owoity hap ko’i, ma’ato torania wyti ikytsiḡ rakaria ne’i ha’up so’owoity hap iporokpun ma’ato yt urui’kyesat’i ra’yn mekentan i’atu’e hap. Aimewat kare’en ko’i “CPSM” tiki’at? Warana, kupa’yp, awi’a hy, hawyi warana ok. Torania meḡmuewat kare’en ko’i mikyi’at nimo hīt e’akaiu pyi tira’yn. Ḡa’atpo’i e’akaiu pyi ran ra’yn, ta’atukyiat warana san ne’i ra’yn yt tapy’yaria’i kaipyi, mosop, kumaru, uruku, karajiru, hawyi pisana pueha’ampe.

José de Oliveira

Puruwei tawa Simão piat, Andira hy piat.

“Consorcio de Produtores Satere-Mawe” ehap “CPSM” wentup saikāp CGTSM piat saikap te ne’i, mi’i pyi tuwenuḡ Satere-Mawe ewarana kyi’at hamuat i’ewyte iweneru irania’ṭn ywania kapiat hamo.

Satere-Mawe ywania i’ywã kuap warana, hawyi tȳpuat’i hanoi hap warana sa’awy etiat warana mempyt’ṭn wo mīt tukupte’en, mienoi ha’awy hap upī imempyt’in wo tukupte’en, meikowat saikāp puopyi warana so’owoity hamuat, hawyi “CPSM” ha’up nuḡ kuap ipoty hap po’oḡ ho’owoity weneru-weneru’e haria kai. Ma’ato toiḡ seko mimontypōt wuat Satere-Mawe warara weneru hamuat “CPSM” piat hamo, Warara ereko haria waku ipytiḡ pe koi’e hap imoherep imi’u nuḡ hap wakuano tira’yn, akaiu ewy waku toiḡ sepiok’e hap (SCI) ehap puopyi CPSM piat ipotpāp haria.

Warana rokin, CPSM tiki’at wa’akap, awi’a hy, pau rosa, kyha, miranta, kumaru, kupa’yp hy Satere Mawe wepotpāp hap kaipywiat kare’en ko’i. Toikyiat wyti yt tapy’yaria’i wepotpāp hap kaipywiat kare’em ko’i, mewat warana, mosop, kumaru, Wa’akap karajiru, pisana pueha’ampe, hawyi irania’in.



Sacos com guaraná torrado, Consórcio Produtores Sateré-Mawé, Parintins, 2018.

Participação das comunidades no CPSM

Durante o diagnóstico para elaborar o PGTA, nas expedições realizadas em 2018 e 2019 pela equipe do CTI e pelos agentes ambientais sateré-mawé, foram visitadas 109 comunidades em toda a Terra Indígena Andirá-Marau.

- Das 109 comunidades visitadas, em 35 delas havia moradores que trabalham com o CPSM.
- No Andirá e no Waicurapá, foram visitadas sessenta comunidades. Em 21 havia moradores que trabalham com o CPSM. Em 39 comunidades não havia moradores vendendo para o Consórcio.
- No Marau, Miriti, Urupadi e Manjuru, foram visitadas 49 comunidades. Em 14 havia moradores que trabalham com o CPSM. Em 49 comunidades não havia moradores vendendo para o Consórcio.



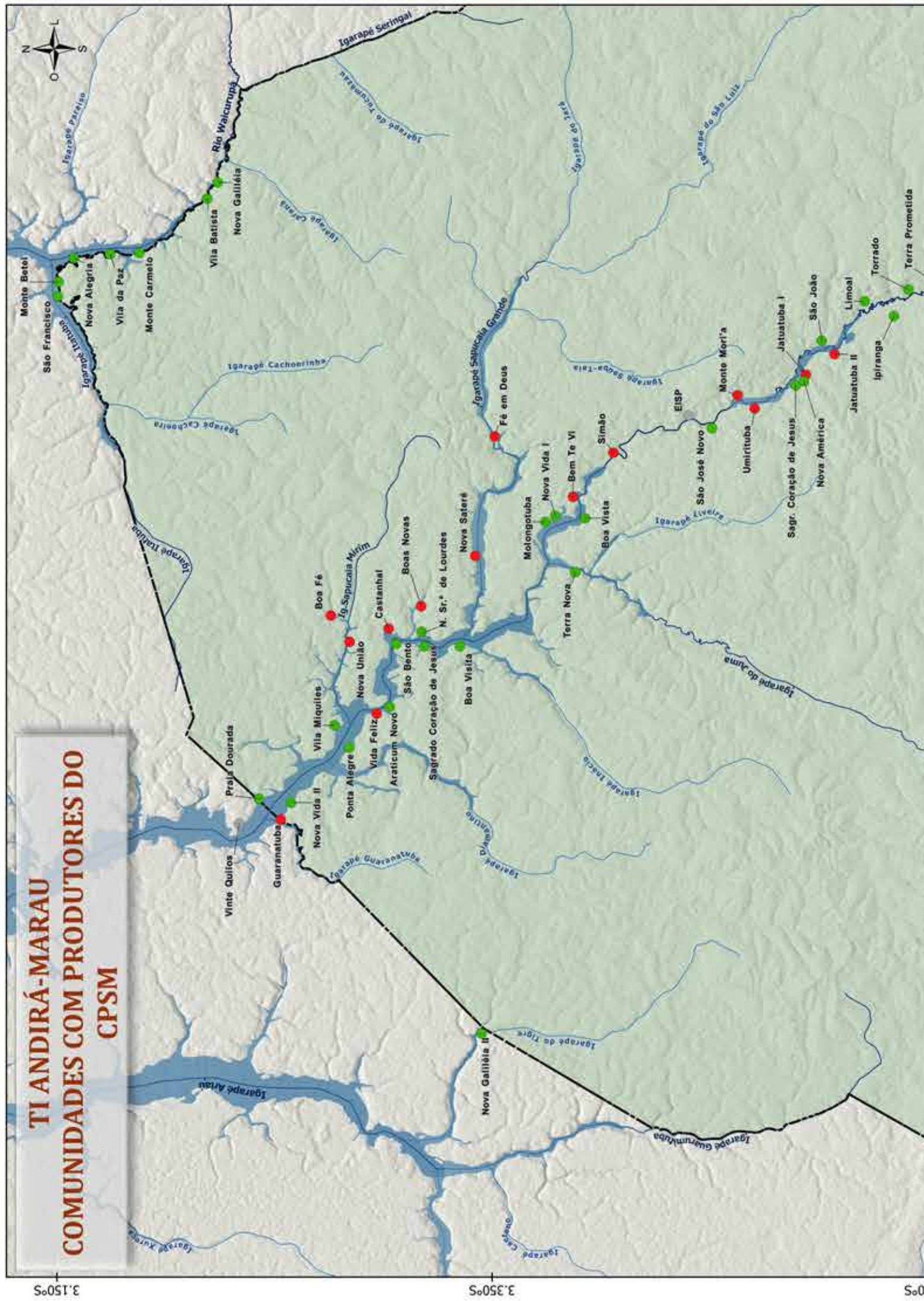
Guaraná em pó da marca Nusoken, 2017.

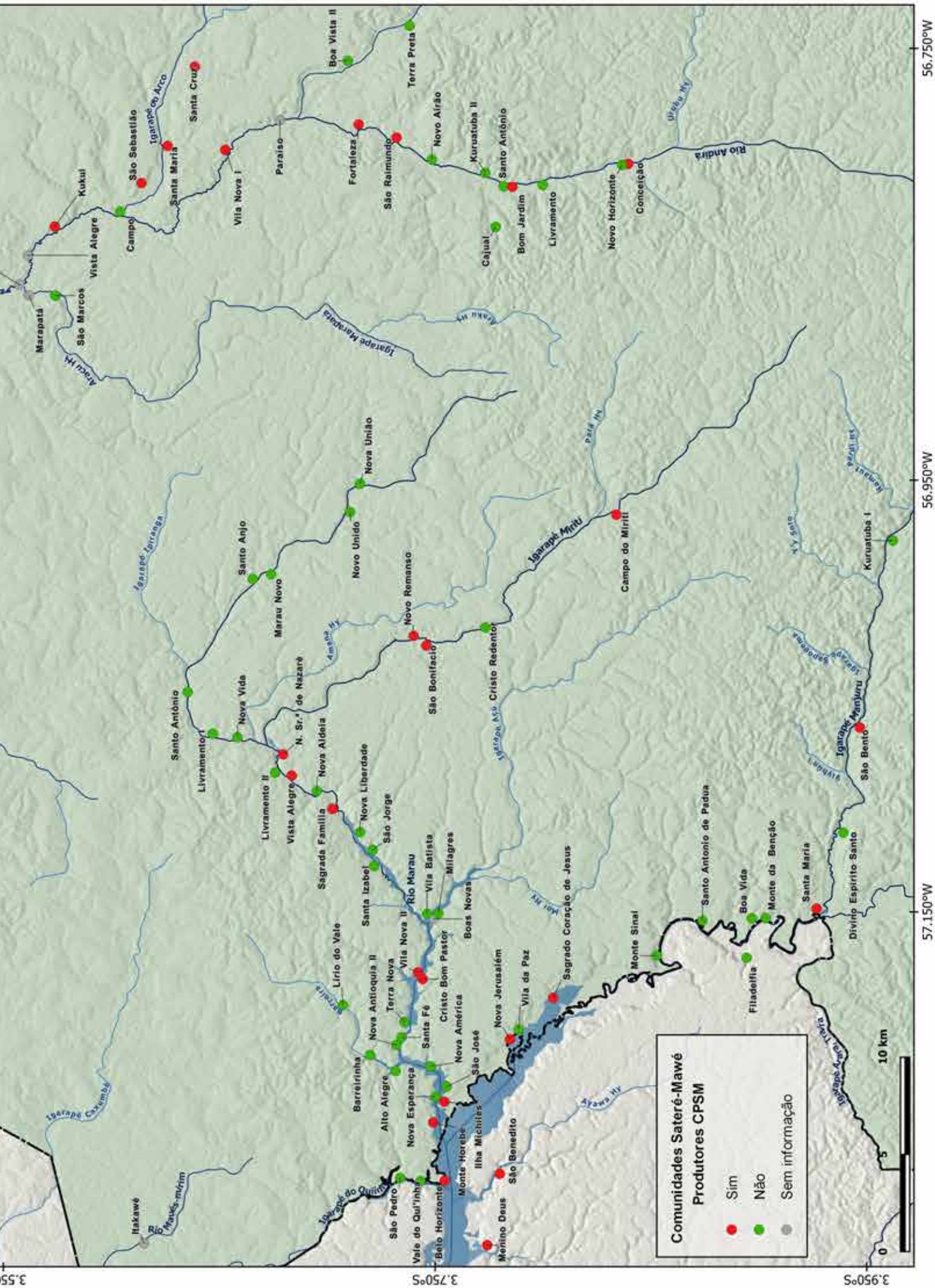
Tawa ko'i wehik CPSM etiat haria

PGTA nuḡ hamuat turan kāt'i-kāt'i ehap minuḡ, motpāp minuḡ 2018 e'ekaiu pe hawyi 2019 e'ekaiu kape CTI piat motpāp nuḡ haria puopyi i'ewyte wy seḡam epiok haria Satere Mawe puopyi, miepiok 109 Tawa ko'i, toran yi Tapy'yia wat Andira Marau ehawiat.

- Miepiok 109 Tawa ko'i, 35 ḡup te'en haria CPSM wywo wepot pāp haria.
- Andira hawyi Waikurapa pe, miepiok 60 tawa ko'i. 21 ḡup te'en haria CPSM wywo wepot pāp haria. 39 Tawa piaria yt iweneru'i ta'atuekare'en "Consórcio" pe.
- Marau, Miriti, Urupadi hawyi Manjuru pe, miepiok 49 tawa ko'i. 14 ḡup te'en haria CPSM wywo wepotpāp haria. 49 tawa piaria yt iweneru'i ta'atuekare'en "Consórcio" pe.

TI ANDIRÁ-MARAU COMUNIDADES COM PRODUTORES DO CPSM





Durante o processo de elaboração deste PGTA, foram levantadas algumas questões relativas ao CPSM que, segundo os tuxauas, devem ser melhoradas:

- na TI não são todas as comunidades que têm produtores cadastrados no CPSM, e muitas pessoas não entendem bem o seu funcionamento; faltam visitas às comunidades para conversar com os tuxauas e com os produtores explicando o trabalho do CPSM;
- falta de esclarecimentos sobre os critérios para cadastrar produtores (por que uns são escolhidos e outros não?);
- falta de auxílio para os produtores cadastrados no Consórcio, durante o processo que envolve a limpeza do guaranazal, o plantio, a colheita, a torrefação;
- o CPSM deve pagar os produtos à vista, sem atrasos nem dívidas;
- o CPSM deve informar sobre a venda do guaraná: quanto foi exportado dos produtores sateré-mawé e quanto foi dos ribeirinhos.

Ações propostas para o Consórcio de Produtores Sateré-Mawé

- Fazer visitas em todas as comunidades explicando o trabalho do CPSM para os tuxauas, lideranças e demais interessados. Aumentar a equipe de trabalho do CPSM para realizar essa atividade.
- Incluir produtores de todas as comunidades no comércio do guaraná, e não somente algumas famílias.
- Ter compromisso com os produtores apoiando o processo de beneficiamento do guaraná, desde os puxiruns.
- Valorizar o guaraná e garantir um preço justo para os produtores.
- Pagar o guaraná em dia para os produtores, sem atrasos nem dívidas.
- Explicar para os produtores o destino final da comercialização do guaraná.
- Disponibilizar publicamente as prestações de contas, demonstrando também os usos dos recursos.
- Cumprir com a programação de três dias de reuniões para a escolha dos representantes.

Mesuwat PGTA nuḡ turan, mi'ama'am sehay ko'I CPSM etiat, Tu'isaria puopyi aikotã ai'e pote waku po'oḡ wepotpāp hamo hap:

- Tapy'yia e'yi pe yt torania'i tawa ko'i weset pehik CPSM piat haria, ho'okup kahato mīt'īn yt ikuap kahato'i te haria CPSM wepotpāp hap; yt minuḡ'i sepiok'e hap tawa ko'i upī Tu'isaria wywuat sehay-sehay hamo i'ewyte wy wepotpāp haria piat henoi-henoi kahato aikotã me CPSM wepotpāp hap etiat.
- Mienoi yt hot'ok puo kahato'i wepotpāp haria set pehik kat hamuat kahato hap (kat pote irania miaira hawyi irania'in mi'i pykai yt?);
- Yt kat'i'i mowyro hap "Consórcio" piat weset pehik haria pe, Warana ypia ywytip hamuat turan, ikoi hamuat turan, iwaḡ hamuat turan, ikaray hamuat turan.
- CPSM waku ho'op nuḡ wentup ehay yn, yt pōt'i pe'i i'ewyte wy yt to'osaup we'i;
- CPSM waku henoi warana weneru hap etiat: karan miereto pya iweneru hamo Satere Mawe wepot pāp hap puopywiat i'ewyte karan wy yt tapy'yiarai wepot pāp hap kaipywiat.

Consórcio dos Produtores Satere Mawe / CPSM Minuḡ wuat aru ehap ko'i

- Miepiok torania tawa ko'i CPSM wepotpāp hap enoi-enoi hamo Tu'isaria pe, morekuaria pe hawyi torania ikyesat haria pe. Mimontypy'i po'oḡ wepotpāp CPSM piat hanuaria.
- Torania waku mipaḡ tawa piaria wepotpāp haria warana weneru hawe, yt miaira pe'i ma'ato.
- Toi'atumontypōt waku wepot pāp warana etiat haria, mot pāp nuḡ turan.
- Mimontypōt waku warana i'ewyte wy ha'up nuḡ kahato hap wepotpāp haria pe.
- Misa'up nuḡ waku warana wentup ehay yn wepot pāp haria pe, yt imuemōt pype'i i'ewyte wy yt to'osa'up we'i.
- Mienoi kahato wepotpāp haria pe aikowo warana mipo'oro iweneru hamuat hap.
- Mimoherep waku torania puo iwenwru hap ko'i, i'ewyte wy mimoherep taiuwa ekowāt hap ko'i.

- Buscar parceiros brasileiros para a compra do guaraná sateré-mawé e demais produtos.
- Apoiar a articulação com os municípios para a venda da produção sateré-mawé para a merenda escolar.
- Comprar farinha dos Sateré-Mawé a um preço tabelado, para revender.
- Aumentar a lista de produtos a serem comprados dos Sateré-Mawé para revenda: copaíba, andiroba, caju, castanha, babaçu, breu, urucum, mel, pau-rosa, cumaru, peixes e galinhas.
- Organizar um lugar na sede do CPSM para que os produtores possam deixar à venda os produtos que não conseguiram vender diretamente nas cidades.

- Wa'atunuḡ wato hap turan waku mimontypōt mye'ym e'āt herohik pakup'i hanuaria aira hamuat turan.
- Waku mikat mowyro hanuaria "brasileiros" ko'i Satere-Mawe e warana kyi'at hamo i'ewyte irania'īn kare'en ko'i kyi'at hamo.
- Imoesaika waku "Município" ko'i pe Satere-Mawe wepot pāp hap weneru wemū'e haria piru'i-piru'i e hamuat.
- Mikiyi'at waku Satere-Mawe e'ū'i wentup ewy yn ho'owoity hap, iweneru pakup'i hamo.
- Mimo'atuḡ po'oḡ Satere-Mawe e kare'en mikyi'at wuat ko'i, miweneru pakup'i wuat ko'i: kupa'yp, mosop, karaḡiru, we'eḡa, kyha, ytykhē, wa'akap, iwi'a hy, pau-rosa, kumaru, pira koi' hawyi waipakaria.
- Minuḡ wentup seḡam CPSM yat pe ipot pāp rakaria tiatuat kuap ta'atuekare'en miweneru wuat ko'i yt miweneru yne'i tawa wato ko'i piat rikat.

O atendimento à saúde

Sehaiġte wywuat motpāp hap



A saúde é o bem-estar da comunidade e da família. Ter alimentação, ter plantios, criação e a comunidade limpa, unida e em paz.

José Michiles Filho,
AIS da comunidade Umirituba, rio Andirá.

Saúde é a alimentação e não remédios no armário. Quando faço palestras falo de alimentação, de fazer roça para ficar saudável. É bom que todos tenham plantação e criação para que não tenham fome.

Odivaldo de Oliveira,
AIS da comunidade Torrado, rio Andirá.

No Waicurapá, por não se valorizarem parteiras, hoje em dia nossos filhos, nossas esposas, noras vão para a cidade para o hospital. Muitas vezes elas são obrigadas a fazer cesárea, também porque no hospital não é permitido levar pajé nem parteira, não é autorizado pela instituição. Mas com a nossa pressão, muitas vezes conseguimos deixar entrar. (...) Muitas vezes os próprios médicos proíbem de gerar mais filho, às vezes sem comunicar a ninguém esterilizam a mulher. (...) Eu tive sete filhos sem uma cesárea, e como é que hoje em dia a pessoa é obrigada a fazer parto na cidade? Muitas vezes vamos para lá porque alguém obrigou.

Marcina Miquiles,
Agricultora da comunidade Sítio Doce, rio Waicurapá.

A saúde e o atendimento à saúde na TI Andirá-Marau atualmente

Durante as expedições, entrevistas e reuniões realizadas para elaboração deste PGTA, o tema saúde sempre apareceu de duas maneiras:

- por um lado, a saúde que vem da boa alimentação, dos resguardos, dos remédios do mato, dos rituais e do trabalho dos especialistas tradicionais: *painis*, puxadores, parteiros e parteiras;
- por outro lado, as questões relativas ao atendimento à saúde, feito atualmente pela SESAI e pelas equipes do DSEI Parintins que atendem nas comunidades.

*Sehaiġte hap waku ahetawa pe hawyi weine'en haria pe wy. Mi'u toiġ waku wy, mikoi
waku toiġ wy, ihu)ria hawyi tawa iherep wy, tukupte'en wentup sok wy yn.*

José Michiles Filho

AIS Tawa Uमितुबा प्ति, Andirā hy प्ति.

*Mi'u sehaiġte hap wy hawyi yt mohaġ toiġ yparakai totiat hap'i. Sehay-sehay ko'i turan
uhehay mi'u ko'i ete, ġo nuġ hap ahehaiġte hamo wy. Waku torania i'atumikoi ypia wy,
hawyi i'atuhu)ria yt i'atuesyat'i hamuat tupono.*

Odivaldo de Oliveira

AIS Tawa Ikaray "Torrado" hap totiat, Andira hy प्ति.

*Waikurapa pe, wo'omomempyt haria yt miekowāt'i, korā turan aimempyt'īn, ahehary'i'īn, hapyaptia
tuwat tawa wato kape "hospital" ehap hape, asuwe ti ta'atukyri ne'i ra'yn, kat pote ti wy "hospital"
kape yt mi'aro'i ra'yn paini ereto hap hawyi wo'omomempyt hat, i'atupuopyi yt miaro'i ra'yn.
Ma'ato uruhentup-hentup kahato hap kaipyi, karampe mi'aro weke hamo. (...) asuwe ti mohaġ
porerokosāp haria yt iky'esat'i wemempyt'īn po'oġ hap, karampe wyti yt uwe ehay kuap rokinē'i
haryporia yt imempyt'i hamo ra'yn ta'atunuġ. (...) Uito uimempyt to'o "sete" 'ok yt wentu'ok'i mikyri
wo ne'i ta'atuhēp, kat pote korā tupuo mīt rankat yt tuwa'aro pykai'i miereto tuereto tawa wato kape
imempyt hamo? Asuwe wato tuereto mekepūo wentup'ok rankat ehau po'oġ wo ne'i.*

Marcina Miquiles

Koi ehat Tawa Sitio Doce Waikurapa hy प्ति.

Sehaiġte hap hawyi sehaiġte hap wywuāt motpāp nuġ Tapy'yia e'yi Andira-Marau pe korā turan

Motpāp nuġ turan, PGTA nuġ hamuat turan apo-apo ehap hawyi wo'atunuġ hap ko'i
minuġ tuereto, sehaiġte etiat sehay typy ewy tuwemoherep:

- Mi'i turan, sehaiġte hap tūt mi'u waku rakat watu'u hap kaipyi, wemosaptaġ
hap kaipyi, mohaġ ġa'apy puat ko'i kaipyi, wepowera hap ko'i kaipyi hawyi
aiwat ġuap'a ko'i wepotpāp hap ko'i kaipyi wy: paininia, wo'opot hyrym haria,
wo'omomempyt kuap haria ko'i puopyi.
- Mi'i turan, toiġ wy mohaġ ĵum haria te'eropotpowyro hap, minuġ korā turan
SESAI puopyi hawyi DSEI Parintins puopywiaria i'atupotpāp tawa ko'i upī.

- Para os Sateré-Mawé, a boa alimentação é fundamental para a boa saúde. O bom alimento é aquele cultivado na roça e coletado na mata, assim como a caça e a pesca: os alimentos tradicionais. Os alimentos industrializados têm entrado cada vez mais na TI Andirá-Marau, e problemas de saúde como pressão alta, colesterol e diabetes estão diretamente relacionados ao consumo desse tipo de alimento.

Para a boa saúde do povo é fundamental manter a variedade dos alimentos cultivados nas roças e colhidos nas matas. Por isso a importância de incentivar a realização dos puxiruns, com os jovens e as crianças participando.

Outra necessidade fundamental para se ter saúde é o acesso à água. Nas comunidades em que não foram perfurados poços artesianos, ou em que o motor da bomba não está funcionando, as pessoas precisam buscar água na beira do rio. É comum as pessoas apresentarem problemas de saúde devido à água contaminada, porque os rios estão cada vez mais poluídos: lixo, combustível, óleo e esgoto das embarcações. De todas as comunidades entrevistadas, no mínimo cinquenta não têm acesso à água de poço.



Banheiro sem água corrente, comunidade Cristo Redentor, igarapé Miriti, 2019.



Poço na comunidade Santo Antônio de Pádua, rio Urupadi, 2019.

- Satere-Mawe ko'i pe, mi'u wakuat watu'u hap waku kahato sehaiġte hamo. Wakuat mi'u ko'i ti mikoi ġo ko'i puat hawyi miwaġ ġa'apy puat ko'i, i'ewyte wy miat ko'i hawyi pīra ko'i wy: Satere-Mawe wepokuap hap mi'u ko'i. Mi'u hemyypuat minuġ teke po'oġ-po'oġ Tapy'yia e'yi Andira-Marau ehawe, hawyi meimuewat uhap ko'i puopyi ti po'oġ tuweherep ahū ko'i pressão alta ehap, Sū kap hap, sū se'ē hap, meimuewat watu'u hap kaipyi ti ahū wo toiġne'en.

Ywania ehaiġte hamo waku toiġ tuweupiat-weupiat mi'u mikoi ġo ko'i puat hawyi ġa'apy puat mi'atunuġ ko'i. Mi'i tupono waku mienoi te'en-te'en typy'i wywuat motpāp ko'i hap, kurum iwasuria wywo hawyi hirokaria ko'i wywo.

Wentup miky'esat kahato wy sehaiġte hamuat y'y toiġ ihy kahu rakat wy. Tawa ko'i upī aġumpe yt mihot ite'i yi piat y'y, i'ewyte wy y'y ekyi hanuat "motor" yt morem e'i, hawyi y'y teran ehaype mit'īn te'eruwat wā kape y'y sua'at hamo. Mi'i hap kaipyi tuwemorep po'oġ ahū ko'i mīt'īn ete y'y ta'atu'u yt ihykahu rakat'i hap kaipyi, kat pote ti y'y po'oġ-po'oġ ihy ysyk'a: ywysok, ariantyhy "ōleo" ariantyhy kap hawyi yara wato puat ywysok ko'i pun hap kaipyi. Torania tawa ko'i mi'apo-apo ko'i 50 tawa hap wy yt kat'i y'y mihot yi piat.



Torneiras de água de poço na comunidade Santo Anjo, Alto Marau, 2019.



Banheiros com água corrente, comunidade Santo Antônio de Pádua, rio Urupadi, 2019.

Placas solares para acionar o poço na comunidade Novo Remanso, igarapé Miriti, 2019.



O tratamento do lixo

O tratamento do lixo também é uma questão de saúde. Quanto mais produtos industrializados entram nas comunidades, mais lixo entra também. Só que na Terra Indígena não tem uma coleta de lixo organizada. Alguns lixos são extremamente tóxicos. Nem todas as pessoas têm consciência do problema que representa o acúmulo de lixo no entorno das comunidades e nos rios.

A circulação dos botes e recreios também contamina a água, com o derramamento de gasolina e o óleo diesel. Então, esse é um problema de todos, e é um trabalho que tem que ser de todas as comunidades, desde a cabeceira dos rios. Devemos tratar do lixo desta forma:

- os restos de comida e de artesanato (chamados de lixo orgânico) podem ir para a terra, em uma composteira: cobrindo os restos de comida com folhas secas ou capim, e deixando decompor até virar adubo de novo;
- papel e tecido podem ser enterrados, porque com o tempo desmancham e viram terra de novo (lixo biodegradável);
- plástico, vidro e latas não se desmancham e ficam poluindo a terra e a água (lixo não biodegradável); o correto é que tudo o que não for reaproveitável seja levado para as cidades;
- o lixo usado nos postinhos e nos polos de saúde é perigoso (lixo hospitalar), assim como as pilhas e baterias (lixo tóxico); o lixo hospitalar e o lixo tóxico devem ser levados para as cidades pelas equipes de saúde.

Buraco para descarte de lixo, comunidade Santo Antônio, Alto Marau, 2019.



Ywysok eropāt hap

Ywysok eropāt hap wyti sehaiġte hap wy. Po'oġ hemppuat kara'en eroky tawa ko'i upī hap kaipyi wy, ywysok teke po'oġ wy. Ma'ato wyti tapy'yia e yi pe yt kat'i ywysok atunuġ hap. Irania ywsok ko'i sēse ipahara'i rakaria. Yt torania mīt'īn ete'i hot'ok'e ipahara'i ywysok atu sēse hap tawa ko'i puo hawyi y'y ko'i puo hap yt waku rakat wo'i topyhu'at.

Yara mehit'i ko'i "bote" ehap kowo'i- kowo'i hap hawyi yara wato'īn wy imo'ysyk'a y'y, ariantyhy okpun-okpun hap kaipyi wy. Mi'i tupono, Mi'i ti torania piat yt waku'i rakat, mekewat motpāp waku minuġ torania tawa ko'i wywo wy, ihyakaġ kaipyi tira'yn. Meketā tupono waku ywysok ko'i ete aipotpap:

- Mi'u ġeiġpyt ko'i hawyi pi'iġ-pi'iġ ehap so'o ko'i pe ti (ywysok waku rakat wato'e "orġānico" watu'e wy) yi piat waku rakat ne'i, mikoi mi'u wuat ko'i ne'i: mi'apyhik waku mi'u ġeiġpyt mikoi yhop ġaġ wo i'ewyte wy mopēp ko'i wo, miekatup tuwemoġko'i tuwehay upī tira'yn miko'i ko'i mi'u wo hap kape;
- Popera hawyi sokpe miasyp kuap ne'i, kat pote mōt'i hawyi tuwa'apohep'i kuap ne'i yi wo ira'yn ta'aipok (ywysok biodeġradāvel ehap);
- Siriġ "Plāstico", vidro hawyi lata ko'i yt tuwa'apohep kuap'i hawyi toimo'ysuk'a yi hawyi y'y (ywysok yt waku rakat'i "nāo biodeġradāvel"). Ma'ato hampyk yt aimiekowāt kuap'i ywysok mierepo'ok ra'yn tawa wato ko'i kape.
- Ywysok miekowāt mohaġ yat piat hawyi polo ko'i atupiat ipahara'i kahato rakat (ywysok hospitalar piat ko'i), pilha ko'i hawyi bateria ko'i ewywuat re rakat (ywysok ipahara'i rakaria); Ywysok hospital piat ko'i ipahara'i rakaria waku mierepō'ok tawa wato ko'i kape sehaiġte hap etiat imotpāp haria hereto waku.

O consumo de bebidas alcoólicas e de drogas na TI Andirá-Marau também é uma questão preocupante, pois são muitos os problemas associados a isso, que vão desde o vício e os prejuízos para o corpo até as alterações no comportamento que geram violência, brigas, roubos e abusos (alguns jovens ingerem gasolina, solventes e outros produtos extremamente tóxicos). Mesmo nas comunidades em que há igrejas atuando, o problema persiste.

Esse problema começa com a entrada das bebidas e drogas na Terra Indígena, seja pelos regatões e recreios, seja através dos próprios Sateré-Mawé. É importante que as famílias, tuxauas, professores e AIS se unam para tratar da questão, desde a prevenção até o tratamento do vício.

Além disso, por ser um problema de saúde pública, o povo Sateré-Mawé demanda que o DSEI assuma também sua responsabilidade, e que os profissionais da área ajudem a juventude sateré-mawé.

A saúde como política pública

O atendimento à saúde, como política pública, acontece através da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde (MS). Os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) são as unidades gestoras descentralizadas, que não dependem dos limites dos estados e municípios: os DSEIs são estruturados de acordo com a ocupação geográfica dos povos indígenas, agrupando os que têm maior proximidade. Os DSEIs contam com Casas de Apoio à Saúde Indígena (CASAs) nas cidades, Polos Base para o atendimento especializado nas Terras Indígenas e postos de saúde ou Unidades Básicas de Atendimento (UBS) nas comunidades. O controle social deve ser feito através dos Conselhos Distritais de Saúde Indígena (CONDISIs).

O DSEI de Parintins (DSEI-PIN) tem a responsabilidade sanitária e de atendimento à saúde dos Sateré-Mawé e dos Hiskaryana. O que inclui o acesso à água limpa, o tratamento do lixo e programas educativos para as comunidades, em tudo que for relativo à saúde. O CONDISI do DSEI-PIN é composto de presidente, secretaria executiva e 36 conselheiros titulares

Mahy'u hap ko'i hawyi irania'in ĵen mū'e sa'aḡ ko'i Tapy'yia e'yi Andirā-Marau pe mi'i ko'i ti aimompā'e kahato, kat pote sēse iwywuāt yt wakuāt'i tuwemoherep, miekowāt hawyi yt miwaure kuap'i hawyi mīt pit mo'ahū hamo toiḡ ne'en, mi'i hap puopyi tuwemoherep seko wo'omikyry'i hap, wu'uka hap ko'i, sero'ok'e hap ko'i hawyi wekyry'i hap (irania kurum iwasuria ihīp-ihīp "ḡasolina" ehap, ihy rakaria hawyi irania'in kara'en sēse ipahara'i rakat). Iḡreḡa toiḡ hap upi pykai mekewat seko yt wakuāt'i tuwemoherep kahato.

Mekewat seko yt wakuāt'i tuwesa'awynuḡ mahy ko'i hawyi irania'in ĵen mū'e sa'aḡ ko'i Tapy'yia e'yi Andira-Marau ehawe, weneru-weneru eharia puopyi hawyi yara wato mīt'in eropo'ok hariaupuopyi, hawyi Satere-Mawe ko'l puopyi wy. Waku ywoť'in, Tu'isaria, puruweiria hawyi mohaḡ ĵum haria wentup wanetup hap ewy meimu'e wat seko sa'aḡ ewaka hamo, hawyi mekewat satek pohaḡ nuḡ hap kape.

Mi'itā tupono ti, torania piat satek ne'i, Satere-Mawe Ywania iky'esat DSEI ehap waku inuḡ topotpāp, hawyi ahe'yi piat wepotpāp haria mohaḡ ĵum haria mowyro ĵum waku ywāpakuptiaria pe.

Sehaiḡte hap etiat mowyro ĵum hat

Mowyro sehaiḡte etiat hap, wentup saikāp ewy yn, tuwenuḡ tapy'yia ehaiḡte hap etiat wepotpāp haria /SESAI ehap puopyi i'ewyte Sehaiḡte hap etiat wo'erohik haria puopyi (MS) ehap. Tapy'yairia ehaiḡte hap erohik haria ko'i (DSEIs) ehap, miria ti te'erupotpāp aimempuo tapy'yia tukup te'en hap upī, wentup sok yn tuwa'atunuḡ yt pyawuaria'i ko'i: "DSEIs" ko'i tum netap mowyro ĵum Tapy'yia muehaiḡte hamuat/ "CASAs" ko'i ehap Tawa wato ko'i upī, "Polos Base" ko'i mowyro ĵum tapy'yia e'yi piat hamuat, hawyi "postos de saúde" sio "Unidades Básicas de Atendimento/UBS" tawa ko'i upī. Mekewat motpāp hanpy nuḡ hanuaria ti "Conselhos Distritais de Saúde Indīḡena/ CONDIs" ehap ko'i.

"DSEI de Parintins (DSEI-PIN) ehap ti tuwepotpāp Satere-Mawe hawyi Hiskaryana ywania ehaiḡte ehap wywo. Mi'i pe mipaḡ y'y ihy kahu rakat, toiḡ wy ywysok eropat hap wemū'e hap puopyi tawa ko'i upī, torania sehaiḡte ky'esat wo. CONDISI DSEI PIN ehap ti tuwenuḡ predidente ehap, secretaria executiva ehap, hawyi 36 conselheiro motaḡ ko'i tuwepat'ok: 18 eḡam

divididos em: dezoito vagas para indígenas; nove vagas para trabalhadores da saúde; e nove vagas para gestores e prestadores de serviços.

As equipes de saúde multidisciplinares contam também com profissionais indígenas: os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e os Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN), que devem trabalhar em todas as aldeias. Mas na TI Andirá-Marau, em muitas comunidades não há profissionais indígenas contratados. Nessas comunidades, ou os AIS e AISAN são voluntários e não recebem salário para trabalhar, ou as pessoas têm que ser tratadas por agentes de saúde de outras comunidades.

São várias as fragilidades identificadas no atendimento à saúde praticado pelo DSEI Parintins. Como na educação escolar, a origem dos problemas são as interferências da política partidária dos municípios na sociedade sateré-mawé: a admissão e demissão dos profissionais de saúde (indígenas e não indígenas), o relacionamento com os conselheiros de saúde indígena, que muitas vezes não conseguem defender os interesses das comunidades.

Por outro lado, os Sateré-Mawé têm seu modo tradicional de atendimento à saúde, através dos *painis*, puxadores, parteiras e parteiros. Em muitas comunidades as pessoas preferem primeiro consultar esses especialistas tradicionais do que os profissionais do Sistema de Saúde. É importante que as equipes de saúde não só respeitem, como possibilitem o trabalho desses especialistas.

Principais problemas no atendimento à saúde

Sobre os profissionais

- Falta formação para os AIS e AISAN;
- Falta de organização das equipes de saúde junto com as lideranças, com os AIS e os conselheiros de cada Polo Base de Saúde, para planejar as atividades de percorrer as comunidades, realizando o atendimento dos idosos, das gestantes e das crianças, para cumprir as consultas médicas e efetuar a vacinação;

tapy'yiaria pe; 09 seĵam wepotpāp sehaiġte wyuwat haria pe; hawyi 09 seĵam sehaiġte hap erohik haria pe hawyi mowyro haria pe wy.

Wepotpāp sehaiġte etiat haria wy te'eruwepotpāp tapy'yiaria ġuap'a ko'i wywo: Tapy'yiaria mīt'īn ehaiġte wyuwat wepotpāp haria/ AIS ehap ko'i hawyi Tapy'yiaria y'y mihot etiat wemuehapap haria (AISAN) ehap ko'i, waku i'atupotpāp torania tawa ko'i upī. Ma'ato tapy'yiaria e'yi Andira-Marau pe, ho'okup te tawa ko'i puo mīt'īn yt miposo'opnuġ'i ko'i. memuewat tawa ko'i puo ti, mohaġ ĵum hat hawyi y'y mihot wyuwat wepotpāp haria teruwepuopyi ti ra'yn i'atupotpāp hawyi ma'ato yt kat'i sa'up i'atupotpāp hap upī, i'ewyte wy irania'īn tawa puat ne'i mohaġ ĵum haria hum wo'opowyro sehaiġte hap irania'īn tawa pe.

Ho'okup kahato mipuenti sehaiġte ky'esat nuat minuġ sa'aġ ko'i DSEI Parintins puopywiat minuġ ko'i. I'ewyte wy wo'omowe'eġ muetap puopywiat wy, mekewat seko yt wakuat'i tuwemoherep sa'awy po'oġ teke ahiaġ pot uria puopyi Satere-Mawe ywania pe: miso'opaġ hawyi miso'ohep sehaiġte ky'esat nuat ko'i wemopot'ok haria (Tapy'yiaria hawyi yt tapy'yiaria'i ko'i), wepusu nuġ waiġ eharia wywo tapy'ya ehaiġte hap ete, karampe yt ho'okawiano kuap'i tawa ko'i mikiyesat upī.

Wentup upī pote, Satere-Mawe ywania toiġ i'atuwat rī ra'yn ituwepohaġ nuġ hap, paini ko'i puopyi, wo'onuġkahu haria puopyi, wo'opotmomepyt kuap haria ko'i puopyi. Ho'okup kahato te tawa ko'i upī mīt ikāt rī meimuewat kuap haria ko'i sehaiġte hap etiat wepotpāp haria kāt hap e'yġam me te. Waku wepotpāp sehaiġte hap etiat haria imontypōt hap yn'i, ma'ato ta'atumuesaika ġuap'a ko'i misepāp.

Myhyp hap sēse ko'i sehaiġte hap etiat

Sehaiġte hap etiat wemomput'ok haria

- Yt kat'i AIS pe hawyi AISAN ko'i wemopot'ok hamuat wemū'e hap;
- Yt kat'i wentup ewy yn wanentup hap mohaġ ĵum haria puopyi motaġ ko'i wywo, AIS hawyi waiġ eharia wy "Polo Base de Saūde" piaria wywo, motpāp ehay nuġ tawa ko'i upiat hamo, mowyro ĵum naġ'i-naġ'i ko'i piat hamo, imempty'a rakaria piat hamo hawyi hirokaria piat hamo, torania mohaġ ĵum haria topotpowyro kuap hap etiat nuġ hamo hawyi te'erepot suk ko'i hamo.

- Tem muita troca de profissionais, muitos não criam vínculos com as pessoas, nem se comunicam com as lideranças;
- Raramente a equipe faz palestras educativas, e quando faz não convida os *painis* e puxadores;
- Falta reconhecimento e valorização do trabalho dos *painis* e puxadores;
- Falta transporte e combustível para que os pacientes possam consultar o *paini* ou o puxador se preferirem assim;
- As parteiras e parteiros não são reconhecidos nem valorizados pelos profissionais do DSEI-PIN; falta treinamento e material adequado para o trabalho deles.

Sobre os atendimentos nas aldeias

- A maioria das comunidades não tem transporte do DSEI (embarcação e/ou motor) para levar os pacientes para os Polos Base ou para as CASAs;
- Falta combustível para o transporte dos pacientes;
- Falta rádio de comunicação nas comunidades, para falar sobre o tratamento dos pacientes, avisar sobre emergências, organizar entrada e saída de equipes;
- Falta local adequado para os atendimentos nas comunidades;
- Faltam materiais para os atendimentos (curativos, equipamentos em geral);
- Faltam medicamentos em geral;
- Faltam medicamentos específicos para as pessoas com doenças crônicas;
- Falta manutenção dos equipamentos;
- As Unidades Básicas de Saúde/UBS ainda não foram inauguradas, não têm equipamentos nem materiais de trabalho;
- Estão dando injeção de anticoncepcional nas meninas e isso não foi falado e acordado entre todos;
- Falta respeito para com as mulheres que preferem ter o parto nas comunidades.

- Toiğ kahato wepotpāp haria saipepiat nuğ hap ko'i, ho'okup kahato yt wempowat'i mīt'in etiat haria, i'ewyte motağ ko'i kape tewy ti ra'yn te'eruwempowāt;
- Asūwe kahato wepotpāp haria inuğ sehay-sehay wo'omohot'ok-mohot'ok hap ete, karampe inuğ turan yt ta'atuso'owenka'i paininia hawyi wo'onuğkahu kuap haria.
- Yt kat'i te mekewat seko kuap hawyi imuesaika hap painiania hawyi wo'onuğkahu kuap haria kape meketā uruiky'esat;
- Yt kat'i yara hawyi arianty hy hatek rakaria erepō'ok kuap paini kape hamo i'ewyte wy wo'onuğkahu kuap haria kape mi'itā te'erenetup pote;
- Wo'omomemptyt kuap haria yt tokuap wua'i tukup te'en i'ewyte yt mimontypōt'i mohağ ĵum DSEI-PIN piaria puopyi, yt kat'i ho'omu'e po'oğ hap hawyi i'atuekara'en motpāp nuğ hamuat.

Tawa ko'i puat motpāp nuğ hap etiat

- Po'oğ ho'okup tawa ko'i yt he'yara DSEI puopywiat (yara wato) hatek rakaria ereto Polo Base kapait hamo i'ewyte wy CASAI ko'i ehap kapiat hamo;
- Yt kat'i arinty hy hatek rakat ereto hamo;
- Yt kat'i radio ehap sehay tawa ko'i puo, sehay enoi hamo i'ahū rakaria etiat hamo, wo'omowatetup satek haty puat turan nuat hamo, miporokpun waku karampe wepotpāp haria wehyt'ok hamuat i'ewyte wy i'atuweno'ē hamuat;
- Yt kat'i seĵam mohağ ĵum haria wepotpāp hamuat tī ra'yn tawa ko'i puo;
- Yt kat'i kare'en ko'i motpāp nuğ hamuat (pihi moğ hamuat, torania sekat ko'i);
- Yt kat'i torania mohağ ko'i;
- Yt kat'i mohağ mīt i'ahū po'oğ rakaria piat wuat;
- Yt kat'i kara'en ko'i nuğkahu tuereto hamuat;
- Mohağ ĵun haria wepotpāp hamuat netap ko'i yt mienoi ite "UBS" ehap ko'i, yt kat'i te sekat potpāt huğ hamuat i'ewyte motpāp hamuat kare'en.
- Ta'atu'ho'osuk haryporia'in yt mempyt'i hamuat mohağ wo torania yt ehay kuap rokinē'i;
- Yt mimontypot'i haryporia'in wememptyt teran tawa ko'i puat hamo.

Sobre o atendimento à saúde nas cidades

- Na CASAI os familiares que chegam das aldeias nem sempre têm condições de se adequar aos horários de visita;
- Muitas vezes os familiares são impedidos de permanecer na CASAI ajudando a cuidar do paciente;
- As mulheres estão sendo incentivadas a ter o parto nas cidades, mesmo quando é possível ter o parto nas comunidades, e isso está aumentando o número de cesarianas;
- Na CASAI não há condições para que as mulheres que têm filhos no hospital façam seu resguardo do jeito correto.

Acordos firmados para a boa alimentação

- Conversar sobre a importância dos puxiruns, incentivando o apoio entre as famílias e os vizinhos.
- Promover, continuamente, encontros de trocas de sementes para manter e aumentar a variedade dos alimentos.
- Convidar os jovens a participarem dos trabalhos, garantindo a eles a oportunidade de terem seu próprio roçado.
- Consumir menos comida industrializada, diminuindo assim a entrada na TI de produtos prejudiciais à saúde, como corantes, conservantes, etc.



Queixada e farinha de mandioca, rio Urupadi, 2019.



Aracu assado, rio Urupadi, 2019.



Sahai, saúva com sal e farinha de mandioca, igarapé Manjuru, 2019.

Motpāp mahaḡ ĵum tawa wato ko'i piat hap etiat

- CASAI pe ahū poria wyria'ĭn o'ě tawa kaipywiaria yt ikaup'i sepiok'e hamuat hap e'āt ko'i;
- Karampe wy i'ahū rakaria wyria'ĭn yt tukup te'en kuap'i CASAI pe ta'atuwyra'ĭn powyro hamo.
- Haryporia'ĭn mimompukuap te'eremempyt tawa wato ko'i piat hamo, te'eremempyt kuap tawa ko'i puo pykai, mi'i hap kaipyi mikyri ko'i po'oḡ ne'i ra'yn typy'i.
- CASAI pe yt aikotā me kuap'i "hospital" piat wemempyt hat tuwemosaptaḡ pywo pe tira'yn.

Aikotā me pote mi'u wakuat rakat toiḡ yn hamo

- Sehay-sehay waku motpāp nuḡ typy'i wywuat hamuat turan, mimuesaika waku motpāp hap torania wywo.
- Minuḡ yn waku wo'opuenti-puenti hap ywa ĵa'yiḡ ko'i wuat wo'opuepyk-puepyk hamo tuereto, i'ewyte wy mimontypy'i tuweupiat-weupiat mi'u wuat ko'i.
- Waku ywāpakuptiara miso'owenka motpāp nuḡ turan, teruwe weko nuḡ mono mi'iria wy ehawe.
- Hempypuat mi'u mono tuwemohīt po'oḡ ehawe, tuwemohīp mono tapy'yia e'yi pe mi'u satek erut hat, miapopyt nuḡ ko'i, mi'u mimuemōt po'oḡ ko'i, hawyi irania'ĭn.



Tacaca com molho de pimenta, rio Marau, 2017.



Tucumã, miriti, beiju, Alto Andirá, 2019.



Feira de sementes, rio Waicurapá, 2018.

Acordos firmados para o tratamento do lixo

- Os AIS, os AISAN, os professores das escolas e os funcionários da equipe de saúde devem conversar com os moradores das comunidades sobre a importância da separação e coleta do lixo, e também sobre como gerar menos lixo, através de reuniões, palestras e seminários.
- Nenhum tipo de lixo deve ser jogado nos rios.

Acordos firmados para impedir a entrada de bebidas alcóolicas e drogas na TI

- Rever o direito dos não indígenas (regatões, recreios, etc.) de entrarem na TI Andirá-Marau, selecionar quais serão as pessoas com autorização de entrada e barrar as que não forem autorizadas, com o apoio da FUNAI e da Capitania dos Portos.
- As comunidades devem criar comissões de fiscalização dos transportes fluviais.
- As comunidades, tuxauas, AIS e professores devem se organizar para impedir a entrada e disseminação de drogas e bebidas alcoólicas na TI.

Ações de responsabilidade do DSEI Parintins

Questões estruturais

- Todas as comunidades devem ter poço artesiano funcionando, com acesso à água encanada e limpa.
- O DSEI deve mobilizar as equipes de saúde para a retirada do lixo hospitalar, tóxico e não biodegradável da TI, sem custo para os moradores.
- O DSEI deve disponibilizar embarcações e combustível para o trabalho das equipes de saúde.
- O DSEI deve garantir toda a estrutura e equipamentos necessários para o bom atendimento nas comunidades: UBSs equipadas, materiais de enfermagem, medicamentos em geral, rádios de comunicação, manutenção dos equipamentos.

Aikotā me ywysok eropāt kuap hap etiat

- Mohaḡ ĵum haria, y'y mihot erohik haria wemū'e yat piat puruweiria hawyi miposa'up nuḡ wepotpāp sehaiḡte ky'esat haria waku henoi-henoi tawa piaria pe waku toiḡ ywysok atunuḡ turan iwat'i-wat'i ywysok ko'i eḡam, hawyi aikotā me minuḡ pote yt po'oḡ'i ywysok ko'i ahe'yi pe, wo'oatunuḡ hap puopyi, sehay-sehay hap puopyi hawyi wo'o'atunuḡ wato hap puopyi.
- Yt aḡuwat ywysok'i waku mipun y'y ko'i puo.

Aikotā me pote yt miaro kuat'i mahy hawyi irania'in ḡetmu'e ko'i Tapy'yia e'yi pe

- Miepiok yt tapy'yia'i wekawiano hap (weneru'e haria, mīt'in erepo'ok haria yara wato ko'i, hawyi irania'in) te'eruwehyt'ok Tapy'yia e'yi Andira-Marau piat hap, maira uwe'in te'eruwehyt'ok kuap hap hawyi mipyhyp yt miaro'i ko'i, FUNAI esaikāp wywo hawyi wā ko'i erohik haria esaikāp hap wywo.
- Tawa ko'i waku i'ama'am wehaponik yara ko'i upiat hanuaria,
- Tawa ko'i, Tuisaria, Mohaḡ ĵum haria hawyi Puruweiria waku wentup ewy yn te'eruanentup mekewat ḡetmū'e sa'aḡ yt tuwemowato'i hamo i'ewyte mahy ko'i ereke Tapy'yia e'yi piat hamo.

DSEI Parintins popuat motpāp minuḡ wuat ko'i

I'aḡkukaḡ ko'i

- Torania tawa ko'i waku toiḡ y'y yi piat mihok ko'i ipotpāp ti ra'yn, toiḡ mono y'y kyt'i netap ko'i puo.
- DSEI waku temīt'in sehaiḡte hap etiat ipotpāp rakaria pe eweihep'o ywysok hospitalar ehap ko'i mi'i yt wakuat'i ahe'yi pe toiḡne'en imo'ahu hamo ne'i pyno Tapy'yia e'yi pyi mihep tuereto meiwuewat ywysok ko'i, yt kat sa'up entup wywo'i meḡempiat ḡeiḡne'en haria pe.
- DSEI waku hum yara ko'i hawyi ihy ko'i mohaḡ ĵum haria wepotpāp kuap hamo.
- DSEI waku hum torania sekāt ko'i hawyi kare'en ko'i mohaḡ ĵum haria werepotpāp kuap tawa ko'i upiat hamo: UBSs ehap we waku toiḡ yne hekare'en sok, torania sekāt sekaiḡte hap etiat wemuehapāp haria wepotpāp kuap hamo, torania mohaḡ ko'i, rādio ko'i ehap wo'ehay kuap hamo, sekāt pīk-pīk'e potiat inuḡkahu hap wy.



Ambulancha da comunidade Nova Aldeia, Alto Marau, 2019.

Questões relativas à equipe de saúde

- O DSEI deve contratar AIS e AISAN para todas as comunidades.
- É importante contratar somente AIS e AISAN que tenham formação e capacidade técnica para exercerem suas funções.
- O DSEI deve contratar técnicos de enfermagem e motoristas sateré-mawé.
- O DSEI deve promover formação continuada para as equipes de saúde.
- O DSEI deve criar um programa de segurança alimentar, informando as comunidades sobre os efeitos dos alimentos industrializados na saúde (corantes, conservantes, estabilizantes, açúcar, gorduras, transgênicos, agrotóxicos, etc.) e as doenças diretamente relacionadas a esse consumo, como hipertensão, diabetes, colesterol alto, entre outras.



Agente de Saúde da comunidade Campo do Miriti, 2019.

Sehaiġte ehap etiat motpāp nuġ haria

- DSEI waku iposa'up nuġ torania MOHAĠ ĴUM HAT hawyi Y'Y wywuat wepotpāp haria torania tawa upiat.
- Waku miposa'up nuġ MOHAĠ ĴUM hanuat hawyi Y'Y wywuat wepotpāp hanuat wemomput'ok haria tira'yn meijmuewat motpāp ko'i huġ hanuat.
- DSEI waku iposa'up nuġ “técnicos de enfermaġem” ehap ko'i hawyi yara ko'i mohampyk hamo Satere-Mawe ko'i tira'yn.
- DSEI waku inuġ tuereto wemū'e ko'i hap sehaiġte hap etiat wepotpāp haria pe.
- DSEI waku inuġ aikotan ai'e pote ahehaiġte po'oġ mi'u puopywiat hap, ta'atuhenoi-henoi waku tawa ko'i upī aikotā hempypuat mi'u ko'i tuwepotpāp ehaiġte hap ete (kat mohup hap, mi'u po'oġ iheġ pōt'i hakat, mimoheġ ko'i,

- O DSEI deve mobilizar as equipes de saúde para a conscientização sobre o descarte e tratamento do lixo.
- O DSEI deve oficializar o uso de bebidas alcoólicas e drogas como um problema de saúde pública e se responsabilizar, junto com a comunidade, pela prevenção e pelo tratamento.
- As comunidades devem indicar somente Conselheiros Indígenas de Saúde com compromisso com o povo, sem influências das políticas partidárias. O DSEI deve acatar as indicações das comunidades, desde que sejam atendidos esses princípios.

Questões relativas ao respeito, à dignidade e à autodeterminação do povo Sateré-Mawé

- Os profissionais do DSEI não podem dar injeções de anticoncepcionais, nem fazer ligaduras de trompas, nem dar vacinas, sem a permissão dos pacientes ou dos seus responsáveis.
- Os profissionais da saúde devem reconhecer, respeitar e valorizar os especialistas tradicionais em saúde sateré-mawé (*painis*, puxadores, parteiros e parteiras).
- Quando os pacientes quiserem se tratar com os *painis*, puxadores, parteiros e parteiras, o DSEI deve disponibilizar condução e combustível para transportá-los.
- As mulheres que tiverem o parto nas comunidades devem ter assegurados os direitos de Certidão de Nascimento e de acesso aos programas de benefícios sociais.
- Para as mulheres que tiverem o parto nas cidades deve ser assegurada a condição de realizar o resguardo tradicional.
- As visitas na CASAI devem ser pensadas junto com os Sateré-Mawé, adaptando as regras às necessidades do povo.

imose'ẽ hap, imokap hap, mikoi ko'i ahu auka teran hap hempypuat miekowat ko'i hap kaipyi, hawyi irania'ĩn.) hawyi meimuewat watu'u mi'u pote ai'ahũ wo ne'i, ahe "pressão" ehap, aisũ se'ẽ hap, ahũ kap hap, hawyi irania'ĩn.

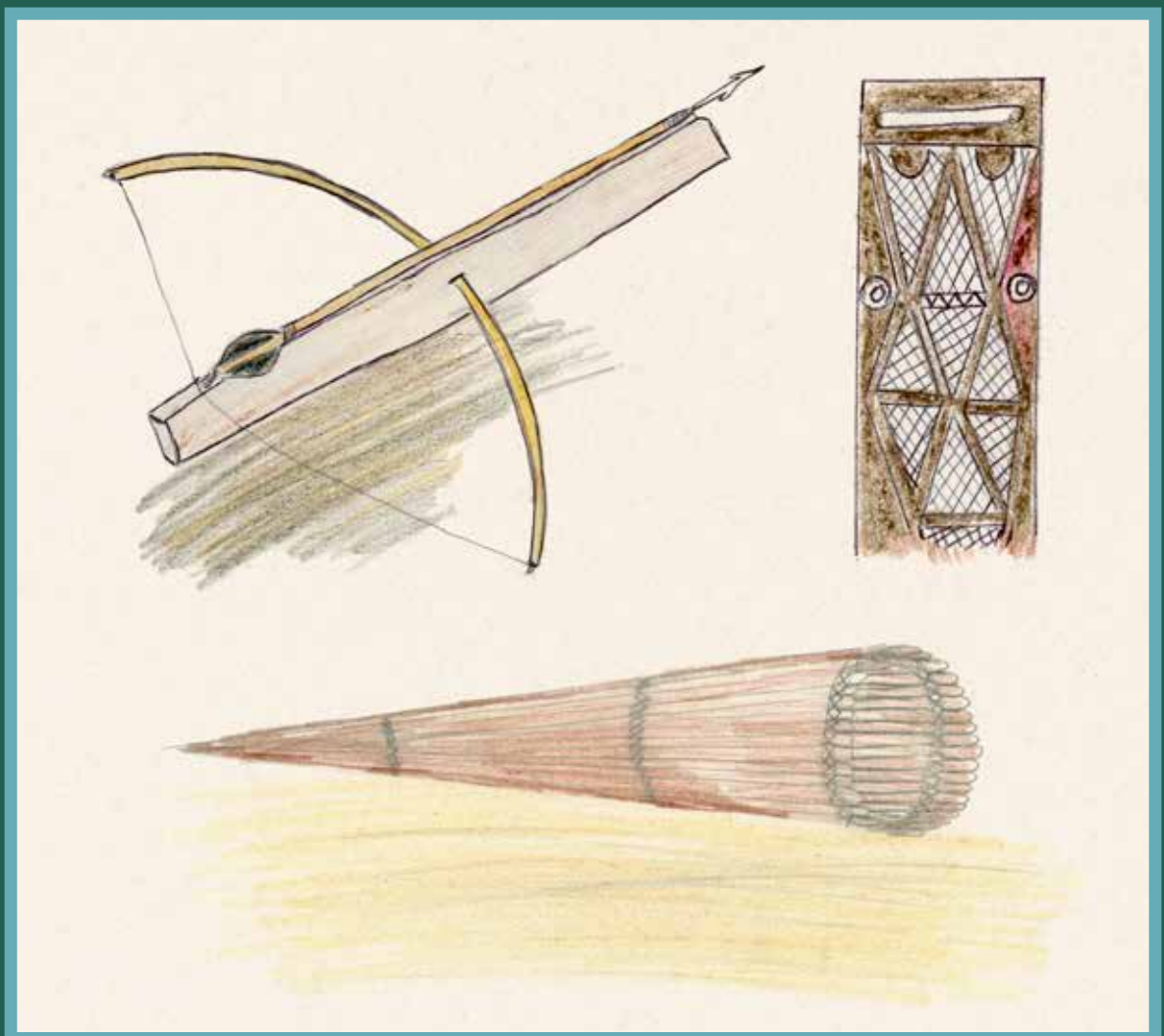
- DSEI waku henoi-henoi Sehaiĩte hap etiat wepotpāp haria puopyi aikotã me waku ywysok mipun hap hawyi ywysok ko'i eropāt hap.
- DSEI waku imohot'ok mahy ko'i u'hap hawyi irania'ĩn iken mũ'e rakaria sehaiĩte piat yt waku'i rakaria hawyi tuwepotpāp waku torania wywo, tawa ko'i wywo, yt tuwemo wato te'en-te'en'i hamo hawyi ipohaĩ nuĩ hap ete.
- Tawa ko'i waku ipaĩ "Conselheiros Indĩgenas de Saũde" we'ywania kũ'e hat, yt kat'i ahiaĩpot'uria potaĩ wanentup hap wywo rakat. DSEI Waku hewaku tawa ko'i miaira, wemũ'e sehaiĩte etiat rakat.

Wo'omontypōt hap etiat, Satere-Mawe Ywania wekawiatno waku rakat upiat hamuat

- DSEI piaria sehaiĩte etiat wepotpāp haria yt waku'i te'erepotsuk wo'omomemptyt'i hap mohaĩ wo, yt waku'i ta'atukyri haryporia yt imemptyt'i hamo, yt te'erepotsuk'i wy, i'ahũ rakaria yt i'apo rakine'i i'ewyte mowyro haria ehay kuap yt rokin'e'i.
- Sehaiĩte hap etiat wepotpāp haria waku ikuap, imontypōt hawyi hewaku Satere-Mawe misepāp ko'i sehaiĩte puenti hamuat (paininia, wo'opot hyrỹm kuap haria, wo'omomemptyt kuap haria).
- Karampe i'ahũ rakaria iky'esat turan waku tuwat paini ko'i kape, Hatek, wo'opot hyrỹm kuap haria kape, wo'omomemptyt kuap haria kape, DSEI waku hum ariantyhy i'atuereto hamo.
- Haryporia'ĩn wememptyt tawa ko'i puat haria pe waku toiĩ i'atukawiano hap hirokat e'popera hep hamo hawyi torania mowyro kuap hap nuĩ hamo.
- Haryporia'ĩn Tawa wato piat iwememptyt rakaria pe waku toiĩ saikap wemosỹat hap Satere Mawe wepokuap hap ewy.
- Sewyry CASAI kapiat hamuat ko'i ti waku minuĩ Satere-Mawe ko'i wywo, ywania wepokuap hap seko awy ran.

Educação escolar

Popera puopywiat wemū'e hap etiat



A interculturalidade significa aprender várias culturas, vários conhecimentos sem interferir na comunidade. De uma forma que os conhecimentos se complementem. Se aprendem de verdade as duas culturas eles não se prejudicam, se enriquecem, se fortalecem. Se trabalharmos dessa forma nós vamos nos fortalecer. (...)

É importante entendermos o que é importante da cultura do branco, mas precisamos discutir quais conteúdos da nossa cultura as nossas crianças precisam aprender na escola. Ontem por exemplo as crianças estavam estudando um pouco da nossa história e isso vai ficar para o resto da vida. É esse tipo de escola que queremos, que respeite os nossos conhecimentos. (...)

Hoje os professores brancos que trabalham na escola, os funcionários da SEMED e SEDUC têm dificuldade de entender esse direito, mas muitas vezes não querem respeitar, querem impor seus princípios e métodos. Temos como exemplo a educação tecnológica que não tem nada a ver com nossa realidade e foi implantada mesmo assim, sem ouvir nossa voz. E os professores sateré muitas vezes ficam com medo de falar porque ficam sofrendo ameaças. No Alto Andirá tem divisão por estados e também dividem as escolas. Está acontecendo entre nós esse comportamento, que existem pessoas do estado do Pará e Amazonas. Devemos procurar resolver essa questão, mas sabemos que essas pessoas precisam ser ajudadas e tudo o que estão fazendo precisam fazer com clareza. É preciso que busquem a solução e procurem esclarecer o seguinte: somos a Terra Indígena Andirá-Marau e não temos divisão geográfica. Temos apenas uma única terra e não estamos construindo o PGTA para confundir o povo.

José de Oliveira,

Professor da comunidade Simão, rio Andirá.

É através dos processos educativos que os povos difundem seus conhecimentos, suas histórias, seus valores, garantindo assim a sua sobrevivência. Os processos educativos dos povos tradicionais acontecem durante os rituais, nas roças, nas caçadas, nas pescarias, no preparo dos alimentos, etc.

Já o modelo de educação escolar, com sala de aula, carteira, livros, professores, disciplinas, calendário escolar, chegou para os povos indígenas através dos missionários da coroa portuguesa, desde os tempos do Brasil colônia, a partir da invasão no século XVI.

Durante séculos a educação escolar teve uma missão muito clara de integrar e cristianizar os povos indígenas. O objetivo era que os indígenas deixassem de falar suas próprias línguas, abandonassem suas culturas, seus costumes e suas terras.

Wemū'e iraniaʻtn seko ko'i etiat hap, waku mikuap iraniaʻtn eko ko'i tawa piat yt myhȳp hap erūt hamo'i. Mi'i hap kaipyi mikuap ko'i to'opowyro kuap. Mikuap hot'ok wo kahato typy seko pote yt to'opyhȳp kuap'i, po'oḡ to'opywyro, to'omuesaika wy. Meketā me aipotpāp pote aru watuwemuesaika wy.(...)

Waku hot'ok'e ahete ikytsiḡ rakaria eko piat ko'i, ma'ato waku wato'o'pusu kuap aimewat aheko piat ko'i hirokaria weremū'e popera puopywiat hamo. Ḡa'atpo hap ewy hirokaria teremū'e kurin me ahaipe ete mi'i ti'aru topyhuat myhu aheine'en hap oktan. Mi'itan wemū'e hap ti watikye'sat, aiwat aimikuap ko'i montypot hamo. (...)

Korā turan ni puruwei ko'i ikytsiḡ rakaria i'atupotpāp womū'e hawe, SEMED hawyi SEDUC piat ipotpāp rakaria yt hot'ok'e kahato'i mekewat saikap, ma'ato asuwe yt ta'atumontypōt'i, ma'ato ta'atuwat saikāp piat ewy ne'i a'atuky'esat. Toiḡ kotan ha'aḡ hap "Educação tecnológica" ehap yt kat'i aheko piat toiḡ ma'ato mi'i pykai mi'ypy tuk, yt ahehay kuap rokine wuat'i. Puruweiria satereria ti te'eremoḡken'e ta'atuporenoi hamo kat pote toiḡ i'atumoḡken'e hat. Andira hy'akaḡ me toiḡ wepāp'ok hap ipyhȳp hap ewy hawyi toiḡ wy wemū'e hap ko'i wepāp'ok hap. Ma'ato minuḡ tuwemoherep aitok pe seko, hawyi ma'ato toiḡ mīʻtn Parā piaria hawyi Amazonas piaria mi'i turan. Waku watikāt meimuewat ko'i nuḡkahu hamo, ma'ato watikuap wy meimuewaria mīʻtn iky'esat mowyro ko'i wy, torania i'atuminuḡ waku hot'ok pe kahato minuḡ. Waku ta'atukat inuḡkahu hap hawyi ta'atumohot'ok kahato hamo. Pyno waku mikāt inuḡkahu kahato hamo hawyi imohok'ok mewat hamo: aitoria Andira-Marau e'yi piaria mi'i tupono yt kat'i yi wepāt'ok hap. Toiḡ ahe'yi wentup yn hawyi ma'ato minuḡ "PḠTA" ehap yt ywania apo'i'a hamuat'i".

José de Oliveira

Puruwei da comunidade do Simão, Andirā hy pait.

Wemū'e hap puopyi ywania ko'i imoherep ta'atumisepāp ko'i, saipe ko'i etiat, ta'atumikuap ko'i, mi'i hap kaipyi ta'atumuesaika tukupte'en hamuat. Tapy'yiaria wemū'e hap ti tuwemoherep wepowera turan, ḡo ko'i upī, miat kāt turan, pira kāt turan, mi'u ko'i nuḡ turan, hawyi iraniaʻtn.

Kotā ma'ato wo'omū'e popera puopywiat hap, okipy wemū'e hap, amyap, popera ko'i, puruwei ko'i, wemū'e hamuat ko'i pat'ok-pat'ok hap, aḡjumpe ha'awy nuḡ hamuat hawyi imompytu'u hamuat āt kype ehap, put'ok tapy'yiaria kape tupana ehay enoi haria puopyi "Coroa Portuguesa" emīʻtn puopyi, te'erule'yat nuḡ Brasil ehap tote pyi te, tuwehyt'ok "século XVI" ehap tote pyi te.

Mekewat "séculos" turan wemū'e popera puopywiat hap tuwemoherep tuwekuap we kahato tēke tupana mohey haria wo tapy'yiaria mū'e hap. I'atuwanentup hap ti tapy'yiaria mowaure ta'atuehay ko'i su'āt hap etiat, ta'atueko ahyt ko'i ta'atuwaure hap, iatuwepukuap hap hawyi ta'atue'yi ko'i.

Essa situação só começou a ser modificada na década de 1970, quando indígenas, indigenistas e defensores dos direitos humanos apresentaram propostas de uma educação escolar indígena intercultural, bilíngue e diferenciada, respeitando as características de cada povo e valorizando seus conhecimentos.

Bases legais

Foi a partir da **Constituição Federal de 1988** que finalmente direitos básicos dos povos indígenas foram reconhecidos, inclusive os que dizem respeito à educação intercultural:

Artigo 210 – Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

(...)

2 – O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 – Lei n. 9.394

Artigo 32 – IV – § 3º – O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Artigo 78 – O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I – proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

Mekewat seko tuwe ywyk tuerūt “década 1970” ehawe, tapy’yia ko’i, ma’ato karampe ti tapy’iaria, tapy’iaria wywuwat ipotpāp rakaria hawyi mīt’īn kawiano haria imoherep wentup seko wemū’e popera puopywiat hamuat irania’īn seko montypōt hap wywuwat, typy seḡku hap hawyi tuweupiat wemū’e hap, mimontypōt tuweupiat-weupiat seko ko’i ywania ko’i wat, hawyi mimontypōt mikuap ko’i hamuat.

Wekawiano hap ypy ko’i

Saikāp koro ahyt “CF 1988” pyi ti tuwesa’awy nuḡ tapy’yia ko’i Ywania kawiano hamuat hap tuwekuap we minuḡ ra’yn, pyno mipaḡ mekewat pe wemū’e popera puopywiat irania’īn seko ko’i montypōt wywuwat hamuat.

Artigo 210 – Pe tukupte’en motpāt hamuat kurin me kahato wemū’e sa’awy haria pe, meketan me toimuesaika wemū’e hap ypy ko’i hawyi mimontypōt seko minuḡ ko’i hawyi misepāp ko’i, i’ewyte wy supepiat po’oḡ hawyi mesuwiat yn po’oḡ hap wy.

(...)

2 – Wemū’e sa’awy nuḡ hap minuḡ karaiwa pusu puo, tapy’iaria etawa ko’i upī waku misat i’atupusu ti ra’yn i’atuwemū’e hamo.

Saikāp kopuo ehap hawyi wemū’e sa’awynuḡ hap etiat 1996 e’akaiu pe – saikāp 9.394 ehap we.

Artigo 32 – IV – § 3° – Wemū’e sa’awy nuḡ hap minuḡ karaiwa pusu puo, tapy’iaria etawa ko’i upī waku misat i’atupusu ti ra’yn i’atuwemū’e hamo.

Artigo 78 – Seko wato piat wentup ewywuwat yn wemū’e hap, mowyro wo’erohik akoro ko’i puopyi tapy’iaria eko muesaika hamuat wemū’e hap ikāt’i-kat’i ekuap hap etiat hamo, wemū’e typy sehay kuap hamo hawyi irania’īn seko ko’i kuap tapy’iaria piat hamo, kotan ky’esat haypiat:

I – Minuḡ tapy’iaria piat wuat, i’atuetawa piat wuat hawyi ywania piat wuat, ta’athemeikowo tuerūt ta’atumikuap nimuat ko’i; pywo piat seko ko’i muesaika hamuat; i’atuehay ko’i muesaika hamo hawyi i’atumikuap ko’i muesaika hamuat;

II – garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias.

Artigo 79 – A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º – Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º – Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I – fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II – manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III – desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV – elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

Atualmente há um retrocesso na política indigenista nacional, inclusive nas conquistas da educação escolar indígena. É fundamental que os professores, alunos, mães, pais e lideranças mantenham a reflexão sobre qual é o papel das escolas nas Terras Indígenas, e sigam lutando por seus direitos adquiridos.

II – Pywo ehap tapy'yiaria piat wuat, i'atuetawa piat wuat hawyi ywania ko'i piat wuat, put'ok'e kuap mono mikuap ko'i, mikuap minuḡ ko'i puopywiat hawyi mikuap wemū'e puopywiat minuḡ ko'i torania typy'i rakaria wemū'e hap hawyi irania'ŋn tapy'yiaria ywania pe hawyi yt tapy'ya'i ywania pe.

Art. 79. Saikap akoro aru mowyro hum taiuwa wo wemū'e hap irania'ŋn seko etiat hamo tapy'yiaria etawa ko'i puo, minuḡ wemū'e hap i'okhik pe yn hawyi kāt'i-k-at'i ehap puopyi.

§ 1º. Motpāp minuḡ wuat aru Tapy'yiaria etawa ehay kuap rokune yn minuḡ.

§ 2º. Motpāp minuḡ wuat ti mesuwat piat mienoi ewy waku, mipaḡ torania wemū'e hamuat ko'i ra'yn, pyno kotan minuḡ wuat ko'i:

I – mimuesaika waku torania seko minuḡ ko'i hawyi sehay misuat tapy'yiaria etawa puat ko'i;

II – minuḡ yn waku wemū'e hap wemomput'ok kahato hamaut, tapy'yiaria etawa puat wo'opotmū'e hanuat hap ete tira'yn;

III – miamak wemū'e hamuat aḡkukaḡ ko'i hawyi motpāp hamuat ko'i tī ra'yn, mi'i pe mipaḡ wo'omū'e seko ko'i etiat hamuat ko'i tawa puat miky'esat ko'i tira'yn;

IV – minuḡ hawyi mipūwa waku wo'omū'e hamuat kare'en ko'i tī ra'yn hawyi tuweupiat rikat.

Korā turan ni ta'aipok ne'i tapy'yiaria wesaika wato hap, tuwe kaup we Kahato tapy'yiaria wemū'e popera puopywiat hap ete. Waku pyno wo'omū'e haria, wemū'e haria, ny'ŋn, ywot'ŋn hawyi morekuaria waku tukup te'en teruwatup we aikowat eopera Tapy'yiaria e'yi ko'i puo wuat, pyno te'eruwekawiano tuerūt-tuerūt ta'atumipuenti ta'atuesaikāp ko'i ete.

Como está nossa Educação Escolar Indígena hoje

No caso da TI Andirá-Marau, que se sobrepõe aos estados do Amazonas e do Pará, o atendimento à educação escolar nas comunidades fica suscetível à divisão entre quatro municípios: Maués (AM), Barreirinha (AM), Parintins (AM) e Aveiro (PA). Essa divisão dificulta o alinhamento dos Sateré-Mawé na criação de uma escola unificada, específica para a realidade do povo e de qualidade.

Todas as escolas da Terra Indígena com Ensino Fundamental são de responsabilidade das SEMEDs. As escolas com Ensino Médio, EJA e Tecnológico são de responsabilidade da SEDUC. Essa responsabilidade inclui a construção do prédio, a contratação dos professores e outros funcionários e o fornecimento de todos os materiais necessários. Na comunidade Ilha Michiles, o IFAM é responsável por um curso técnico em agroecologia no Ensino Médio. A maioria dos professores sateré-mawé têm formação superior, seja pelo Pirayawara, seja pela LAW, ou mesmo em cursos não específicos da UFAM.

LAW – Um bom exemplo de educação intercultural

O curso de graduação em Licenciatura Indígena – Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável foi criado pelo MEC em 2009 e batizado pelos Sateré-Mawé como Livre Academia do Wará/LAW. A turma Sateré-Mawé iniciou sua formação em janeiro de 2015, pela UFAM. O curso foi realizado em quatro etapas anuais presenciais.

Em março de 2019, 38 alunos receberam o título de “licenciados em educação indígena”. A língua indígena foi valorizada, sendo estudadas áreas de Pesquisa, Práticas Investigativas, Prática Profissional e Projetos Especiais. O currículo do curso foi sendo construído juntamente com os estudantes, de acordo com seus interesses. Os trabalhos de conclusão de curso tiveram incentivo para serem realizados nas mais diversas áreas do conhecimento, como por exemplo:

- “O povo Satere-Mawé está usando a metodologia de aprendizagem própria nas escolas?”

Aikotã korã turan aiwemũ'e Popera puopywiat hap etiat

Andirá Marau e'yi pe ti, tuwenuḡ "Amazonas" hawyi "Pará", puopyi mowyro hap ḡum Wemũ'e popera puopywiat tawa ko'i puat hamo tuwepāt'ok tukawa rania "quatro" "município" ko'i: "Maués" (AM), Barreirinha (AM), "Parintins" (AM), Hawyi "Aveiro" (PA). Meijewat wepāk'ok hap kaipyi niatpo kahato Satere Mawe pe wepotpāp hampyk hamo wentup ewy wuat yn wemũ'e hap nuḡ hamo, ywania miky'esat ewy wuat hawyi waku rakat wuat yn.

Torania tapy'yiaria e'yi piat wemũ'e hap sa'awy nuḡ hap ti "SEMEDs" ko'i popuat wuat. Mi'i pykai ti "Ensino" ehap, "EJA" ehap hawyi "Tecnológico" ehap ti SEDUC popuat ko'i wemũ'e hap. Meimewat motpāp Wemu'e hap yat nuḡ hamuat ko'i, wo'omũ'e haria posa'up nuḡ hap hawyi irania'ĩn ioptpāp rakaria, hawyi torania iatuwepotpāp hamuat kare'en miky'esat ko'i SEMEDs hawyi SEDUC popuat ko'i. Tawa Ilha Michiles pe, "IFAM" popuo pyi wemũ'e hap tuwenuḡ "Curso Técnico em Agroecologia Ensino Médio" ehap. Po'oḡ typy'i ti Satereria wemomput'ok ywaitĩ po'oḡ wemũ'e rakaria ra'yn, i'ewyte Pirayawara piaria wy, i'ewyte wy LAW ehap piaria wy, i'ewyte wyti wemũ'e UFAM puopywiat yt tapy'yiaria wywuat wepotpāp hap pykawiat'i ra'yn wy.

LAW- Waku kahato mimoherep wemũ'e hamuat irania'ĩn seko ko'i etiat hap

Tapy'yiaria wemũ'e po'oḡ ywaitiat hamuat - wemũ'e ko'i hap erohik kuap hamuat hawyi tuwepuopywiat motpāp nuḡ hamuat mi'i ti minuḡ "MEC" puopyi 2009 e'ekaiu pe hawyi Satere Mawe het'ok "Livre Academia Wara /LAW" ehap. Wentup sok Satere Mawe wemũ'e sa'awy nuḡ haria ha'awy nuḡ wemũ'e hap "Janeiro" ewaty pe 2015 e'ekaiu pe, UFAM puopyi. Wemũ'e hamuat mipat'ok tukawarania "quatro" wentup e'ekaiu pe tuereto wepit'ok wo tira'yn.

"Março" 2019 e'ekaiu pe, 38 ok wemũ'e haria te'erepopera sat imomput'ok hap upĩ "Wemũ'e Tapy'ya eko etiat hap". Tapy'ya pusu mimontypot kahato, ikat'i'kat'i puopyi te'eruwemũ'e hap, inuḡ popuat kāt'i-kāt'i ehap, wemũ'e puopyi imoherep hap hawyi motpāp i'atuminuḡ wuat tira'yn. I'aḡkukaḡ minuḡ wemu'e haria wywo tira'yn, iatumikyesat ewy. Wemũ'e hamuat aḡkukaḡ minuḡ wemũ'e haria wywo tira'yn, i'atumiky'esat ewy tira'yn. Motpāp wemũ'e momã hap toiḡ i'atumo'okpipok'i kahato aikotan-aikotan ḡuap ko'i etiat hap, kotã hap ewy:

- “Quais são as plantas medicinais usadas na comunidade Nova Esperança?”
- “Quais são os produtos plantados nas roças?”
- “Quais os conflitos que a religião do branco traz para a cultura sateré-mawé?”

A LAW tem grande importância para nosso povo, e foi uma conquista das nossas lideranças. Desejamos que este curso de graduação da LAW continue na TI Andirá-Marau.



Alunos da Livre Academia do Wará – LAW, comunidade Simão, Médio Andirá, 2018.

As escolas sateré-mawé, em geral, encontram muitas dificuldades:

- falta estrutura, faltam prédios adequados para as salas de aula, cadeiras e carteiras;
- faltam materiais em geral para o trabalho dos professores: lousa, livros, cadernos, lápis, borracha, etc.;
- falta material didático específico para a realidade sateré-mawé;
- falta formação para todos os professores e acompanhamento pedagógico do trabalho deles;
- falta concluir o Projeto Político Pedagógico Sateré-Mawé.

- “Satere Mawe ywania apo i’ekowat ta’atumisepāp ewywuāt wemū’e hap yat pe wo’omū’e hap?”
- “Aimeweāt ko’i som mikoi wakuāt mohaḡ wuat miekowat Tawa Pakup Hekatup hawe?”
- “Aimewat som miweneru wuat ko’i “gênero” mikoi ḡo ko’i piat?”
- “Aimewat ko’i som pyno “ikytsiḡ rakaria terūt myhyp hap tupana ehay puopywiat “religião” Satere Mawe eseko pyhyp hamo?”

LAW ehawe toiḡ iwato kahato wakuāt ai’ywania piat rakat, pyno wentup aiporekuaria mipuenti mi’i. Aimiky’esat meikowat ywaitiat po’oḡ wemū’e hap LAW ehap toiḡ te’en-te’en yi Andira/Marau ehawe.

Professor Zacarias de Souza Ferreira,
Professor José de Oliveira, Obadias
Garcia, Presidente do CGTSM na Livre
Academia do Wará, 2018.



Satere Mawe wemū’e hap ko’i, torania puo, mipuenti sēse myhyp hap ko’i:

- Yt kat’i wepotpāp hamuat, yt kat’i’i netap waku wo’omū’e hamuat rakat, amyap ko’i hawyi amyap wemū’e haria apyk hamaut;
- Yt kat’i’i torania kara’en ko’i wo’omū’e haria wepotpāp hamuat; aria’yp pēp kytsiḡ “lousa” ehap, popera ko’i, popera miwa’an wuat, iwan hamuat ko’i, hesep hamuat ko’i, hawyi iarania’ṭn;
- Yt kat’i wemū’e hamuat kara’en ko’i Satere Mawe eko kapiat rakat tī ra’yn;
- Yt kat’i wemū’e hap torania wo’omū’e haria pe hawyi iatuwepotpāp hap epiok hanuat;
- Yt mimompyty’u ite Satere Mawe Wemū’e hamuat Motpāp Ahyt ko’i. “Projeto Político Pedagógico Satere Mawe.”



Alto Marau, 2019.

Projeto Político Pedagógico Indígena (PPPI)

Um **Projeto Político Pedagógico Indígena (PPPI)** é uma ferramenta de planejamento e avaliação de tudo o que é importante para o bom funcionamento de uma escola:

- É **projeto** porque reúne planos de ação a serem executados durante determinado período de tempo.
- É **político** por considerar a escola como um espaço de formação de pessoas críticas e conscientes.
- É **pedagógico** porque define e organiza as atividades e os projetos educativos necessários ao processo de ensino e aprendizagem.

A Resolução n. 3 do Conselho Nacional de Educação de 1999, no Art. 4º, orienta que as escolas Indígenas desenvolverão suas atividades de acordo com o proposto nos projetos pedagógicos e regimentos escolares com os seguintes direitos:



Alto Andirá, 2019.

Tapy'yia Wemū'e hamuat Motpāp Ahyt ko'i – PPPI

Wentup Tapy'itaria Wemū'e hamuat Motpāp Ahyt ko'i/PPPI wentup motpāp nuḡ hamuat mi'okhik hawyi sepiok hap wyti torania wakuat wemū'e hap yat piat wepotpap hamuat:

- Motpāp ahyt ehap kat pote mi'atunḡu motpāp waut ko'i meikopuo yn aru motpāp ehap kape minuḡ wuat.
- Popera puopywiat wenampin hap kat pote mipywo sejam minuḡ kuap mit'in wemomput'ok hamuat wo'okawiano hanuat hawyi iwanentup po'oḡ rakat wuat haria.
- Wemū'e hamuat ko'i kat pote tutunuḡ hawyi wakuapuo motpāp wuat ko'i tutunuḡ hawyi torania wemū'e hamuat motpāp miky'esat ko'i ikuap hamuat tira'yn.

Wentup saikap "n° 3 Conselho Nacional de Educação 1999 piat Art. 4° wo'omohot'ok Tapy'yia wemū'e hap etiat minuḡ aru motpāp ko'i kotā aru ehap motpāp hamuat ahyt piat ewy hawyi kotā aru ehap ewy wemū'e hap kotā wekawiano hamuat mi'l turan:

I – organização das atividades escolares, independentemente do ano civil, respeitando o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas;

II – duração diversificada dos períodos escolares, ajustando-as às condições e às especificidades próprias de cada comunidade.

No Art. 5º da mesma Resolução está indicado que a formulação do projeto político pedagógico próprio, por escola ou por povo indígena, terá por base:

I – as Diretrizes Curriculares Nacionais referentes a cada etapa da Educação Básica;

II – as características próprias das escolas indígenas, em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade;

III – as realidades sociolinguísticas, em cada situação;

IV – os conteúdos curriculares especificamente indígenas e os modos próprios de constituição do saber e da cultura indígena;

V – a participação da respectiva comunidade ou povo indígena.

O Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, de 2012, orienta no Art. 14 § 2º que o projeto político pedagógico da escola indígena deve ser construído de forma autônoma e coletiva, valorizando os saberes, a oralidade e a história de cada povo em diálogo com os demais saberes produzidos por outras sociedades.

Uma vez que o PPPI estiver pronto, ele deve ser protocolado na Secretaria Municipal de Educação, que o enviará para a Secretaria Estadual de Educação, para que o Conselho Estadual de Educação Escolar (CEE) faça a análise e o aprove.

De todo modo, o PPPI nunca é um documento final; é um documento vivo, que pode e deve ser revisto periodicamente, acompanhando as transformações e necessidades do povo.

I – Waku puo minuḡ wemū’e hamuat ko’i, tuweupī ra’yn wemū’e hap minḡu aikaiu pe, mimontypōt motpāp aheine’en hamuat ko’i, wo’o’wehik hap ko’i, seko ahyt ko’i hawyi imohey hap ko’i;

II – mōt’i wemū’e tuweupi-weupi rakat etiar hamuat, minuḡ waku ipotput’ok’e hap ewy tawa puat wepokuap hap ewy tira’yn.

Art. 5° pe ti mi’i saikāp te toimoherep motpāp nuḡ hamuat ko’i Wemu’e hamuat ahyt yn tira’yn, Wemū’e hap netap ko’i upī i’ewyte tapy’yiaria ywania ko’i upī, l’ypy koro ko’i wo:

I – Mo’yha wemū’e hamuat ypy koro wuat’i miekowāt wuat wemū’e hap sa’awy nuḡ hamuat ypy koro sēse;

II – Tapy’yiaria wemū’e hap i’atumiky’esat wy tira’yn waku, mimontypot ri waku i’atueko ko’i torania ywania wat i’ewyte tawa ko’i puat;

III – Tuweupiat-weupiat sehay ko’i wy, temoherep hap ewy-ewy;

IV – Wepotpāp hamuat ko’i tapy’yiaria wat tī ra’yn hawyi iatuwat tira’yn minuḡ tapy’yiaria wepokuat hap ewy tira’yn hawyi Tapy’yiaria eko ewy tira’yn;

V – Waku tawa ko’i wywo minuḡ motpāp hamuat i’ewyte tapy’yiaria ywania ko’i wywo.

Saikāp wemū’e hap etiat nampīn ehap akoro mi’i pe ti kopuo mu’ap ehap tohenoi tapy’yiaria wemū’e hamuat hap etiat, 2012 piat ewy, tohenoi Z Art. 14 § 2° pe ti to’e minuḡ waku Motpāp ahyt tapy’yiaria wo’omū’e hap etiat waku minuḡ te’eruwepuopyi tira’yn hawyi to’osem me- sem me, mimuesaiika mikuap ko’i, mienoi sehay wuat hawyi ywania saipe upiat ko’i ywania ko’i mikuap ewy sehay-sehay irania’īn ikuap haria wywo hap kaipyi wy.

Wentup e’āt pe waku ra’yn PPPI hawyi, waku mi’i toine’em “Secretaria Municipal de Educação” tikuap we, mi’i hawyi waku ipo’oro “Secretaria Estadual de Educação” kape wy, waku wy “Conselho Estadual de Educação Escolar (CEE)” kape waku mipo’oro wy hepiok hamo hawyi hewaku mi’i piat hamo.

Torania PPPI, yt karampe kuap’i popera puopywiat saikāp wemū’e hamuat mi’apyhik pe sēse yt kuap’i toiḡne’en, saikāp mi’i ihaiḡte rakat, waku miepiok tuereto tira’yn iky’esat hap ewy-ewy yn, i’awyte minuḡ wehaponik hapi’ywyk tuereto hamo hawyi ywania miky’esat ewy-ewey hamaut tupono.

As Secretarias de Educação devem respeitar as propostas para a educação escolar construídas a partir da autonomia dos povos, e formalizadas no Projeto Político Pedagógico Indígena (PPPI).

Mas muitas vezes as Secretarias de Educação municipais e estaduais usam as escolas indígenas para interesses próprios: para acessar os recursos destinados às escolas, para interferir na merenda escolar; para estabelecer alianças na política partidária, controlando a escolha dos professores e a permanência deles no cargo.

Os professores sateré-mawé, juntamente com os tuxauas, as famílias e os alunos, querem construir uma escola intercultural, que fortaleça o nosso modo de viver, valorizando nossa cultura, nossos saberes específicos, nosso calendário e nosso próprio jeito de ensinar as crianças e jovens.

E na escola, além de valorizar e apoiar nossa própria cultura, queremos também acessar os conhecimentos dos brancos que façam sentido e nos sejam úteis para a gestão do nosso território e para nossa autonomia no diálogo com os brancos, suas leis e suas instituições.

Acordos firmados para a língua sateré

- As escolas na TI Andirá-Marau devem valorizar e fortalecer a língua sateré.
- Muitos conhecimentos tradicionais são transmitidos através da nossa língua, e a escola deve apoiar a transmissão desses conhecimentos.
- Todos os professores devem falar a língua sateré.
- Os professores devem aprofundar os conhecimentos na escrita da nossa língua.
- As escolas devem apoiar os tuxauas e todos os interessados em escrever, em língua sateré, os documentos internos e os convites para assembleias, para futebol, para reuniões da saúde, eventos das igrejas, etc.

“Secretaria de Educação” ko’i waku imontypōt wemū’e hamuat aru ehap sehay ko’i ywania ko’i minuḡ te’eruwantup hap kaipywiat tira’yn tupono, hawyi miwan mipaḡ Tapy’iaria Wemū’e hamuat saikāp we ra’yn (PPPI).

Ma’ato karampe ti “Secretarias de Educação municipais” ko’i hawyi “estaduais” ko’i i’ekowāt tapy’iaria wemu’e hap ko’i ta’atumiky’esat upī ne’i: taiuwa ko’i kāt kaup wemū’e hap yat ko’i kapiat hamo, i’ewyte piru’i-piru’i ehap pyh̄p hamo ne’i; wo’o’ muesaike karaiwaria wemopukuap hap ete hamo ne’i, wo’omū’e haria aira ta’atumi’ysat ko’i ewywaut hamo ne’i hawyi i’atumoḡeine’en i’atupotpāp hap piat hamo tira’yn.

Wo’omū’e haria ko’i Satere Mawe ko’i, Tu’isaria wywo, wyria’In wywo hawyi wemū’e haria wywo, ta’atunuḡ teran wentup wemū’e hap tuweupiat seko ko’i wywo, aheine’em hap muesaike hamo, aheko montypōt hamo, aimikuap koi tī ra’yn, aheat pype hawyi aiwepukuap hap ewy hirokaria mū’e hawyi kurum iwasuria.

Wemū’e hawe, mimontypōt hawyi mimuesaike aheko, uruikuap wy mikāp ikytsiḡ rakaria mikuap ko’i hawyi mi’iky’esat wakuat ko’i i’ewyte wakuat urue’yi piat hakat wuat hawyi urutuwepuopyi tira’yn uruehay kuap ikytsiḡ rakaria wywo hamo, i’atumuesaike kuap hap ko’i hawyi i’ewyte wyti i’atuesaikāp ko’i wy.

Minuḡ waku ehap Satere pusu etiat wuat

- Wemū’e hap ko’i Tapy’yia e’yi Andira Marau piat waku imontypōt hawyi imuesaike satere pusu.
- Ho’okup kahato aimikuap ko’i tī ra’yn mi’i ti miporerokosāp aipusu puo tir’yn mi’i pykai wemū’e hap waku hewaku meimewat mienoi mikuap ko’i .
- Torania wo’omū’e haria waku i’atuehay kuap satere pusu puo hakaria.
- Wo’omū’e haria waku ikuap po’oḡ aipusu wan hap.
- Wemū’e hap ko’i waku hewaku tu’isaria hawyi torania iwan kuap teran haria, satere pusu puo hamo, popera nuḡ wo’ewowiat turan hamo hawyi wenka ehap wo’atunuḡ wato turan, webola petek hamuat turan, Sehaiḡte hap etiat wo’atunuḡ hamuat turan, Tupana ehay enoi hamuat wo’atunuḡ hamuat turan, hawyi irania’In.

Acordos firmados sobre a interculturalidade

- A escola deve respeitar e valorizar nossos conhecimentos, nossas histórias, nossa cultura.
- Nem toda informação que chega do branco é boa para o nosso povo. Tem vídeos e materiais acessados pela internet que têm violência, sexo, vícios, etc., conteúdos que não são bons para o crescimento de nossas crianças e jovens. Os professores devem trabalhar junto com as famílias na educação das crianças, sabendo selecionar o que é bom e o que não é, e controlar o acesso dos alunos.
- Muitos conhecimentos da vida sateré-mawé são repassados no cotidiano, nas casas, nas caçadas, pescarias, roças, puxiruns, etc. Esses conhecimentos são fundamentais para o nosso povo e a escola deve reconhecer e respeitar esses momentos, valendo como aula também.
- O PPPI das escolas na TI Andirá-Marau deve ser construído pelos professores sateré, juntamente com a comunidade escolar (mães, pais, alunos, lideranças, mais velhos e demais interessados).
- O PPPI Sateré-Mawé deve ser único, valendo para toda a TI Andirá-Marau.
- Vamos criar um calendário próprio, que atenda as nossas necessidades, os nossos ciclos de plantio, colheitas, rituais, etc.
- Os professores devem trazer os conhecimentos das famílias e dos mais velhos para dentro das escolas, valorizando nossos saberes e nossas formas de ensinar, dando notas também para as atividades tradicionais feitas nas comunidades.

Acordos firmados sobre os professores

- A escolha dos professores deve ser feita pela comunidade, levando em consideração os conhecimentos do professor sobre a cultura sateré-mawé e o compromisso com o trabalho realizado na escola.
- Os professores devem ter autonomia da política partidária regional, não podendo ter seus cargos ameaçados por questões políticas.

Minuḡ wuat waku ehap seko ko’i etiat hamuat

- Wemū’e hap waku imontypōt hawyi imuesaika aimikuap ko’i, ahaipe ko’i, aheko aiminuḡ ko’i.
- Yt torania’i ti sehay ikytsiḡ rakaria kaipywiat tūt waku ai’ywania piat rakat wuat. Toiḡ ḡa’aḡkap ko’i hawyi kara’en mikāt kuap “internet” puopywiat toiḡ wo’omikyry’i hap ne’i, sewaire hap ne’i, wemoḡku’uro’i hamuat ne’i, irania’Īn., wepotpāp hamuat yt wakuat’i hirokaria piat hakaria hawyi kurum iwasuria piat hamaut ko’i. Wo’omū’e haria waku aitupotpāp torania ywot’Īn ko’i wywo hirokaria wemū’e hamo, maira waku rakat hawyi yt waku rakat’i, hawyi yt waku hap ewy yn’i wemū’e haria pe watunuḡ.
- Ho’okup kahato setere-Mawe mikuap ko’i tukup te’en hamuat tī tira’yn mī’i ti mienoi ihot’ok ewy-ewy hamuat, netap ko’i upī, mīat kāt turan, pīra kāt turan, ḡo ko’i upī, wenka’e piat motpāp nuḡ turan, hawyi irania’Īn. Meimuewat mikuap ko’i ti sēse wakuat ai’ywania piat rakaria hawyi wemū’e waku ikuap hawyi imontypōt meke turan, miewaku wemū’e hamo tira’yn wy.
- Wemū’e hap PPPI ko’i Tapy’yia e’yi Andira Marau piat ko’i waku Satere wo’omū’e haria mia’ma’am ko’i tira’yn, tawa wemū’e hap piaria wywo (ny’Īn, ywot’Īn, wemū’e haria, morekuaria, naḡnia po’oḡ ko’i hawyi iky’esat haria).
- Satere Mawe PPPI waku wentup yn, torania piat waku rakat wuat Tapy’yia e’Yi Andira Marau ehawe.
- Watunuḡ ro wentyp āt pype aiwat tira’yn, a’imikyesat rote a’iwepotpāp hamuat, koi wato’e pore hamuat rote, ipurūk hamuat ko’i, wepowera hamuat ko’i, irania’Īn.
- Wo’omū’eria waku herūt ywot’Īn mikuap ko’i hawyi naḡ’Īn po’oḡ ko’i mikuap wemū’e hap ko’i kape, mimuesaika aimikuap ko’i hawyi aiwo’omū’e kuap hap, waku mījum wo’oḡa’aḡ hap motpāp minuḡ tawa puat ko’i turan.

Minuḡ wuat waku ehap wo’omū’e haria etiat wuat

- Wo’omū’e haria aira hap ti waku Tawa popyi, i’ewy te wy wo’omū’e hat tikuap waku Satere Mawe eko etiat hawyi iwepotpāp waku wo’omū’e hap totia upī.
- Wo’omū’e haria waku toiḡ i’atuwanetup hap tira’yn “política partidária regional” ehap turan, yt waku’i i’atupotpāp hap ete ta’atuso’omoḡyt-moḡyt ne’i “política” ko’i kaipyi.

- Os professores devem ser responsáveis, participativos e dinâmicos.
- Todos os professores, incluindo os que se formaram no ensino superior, também devem ser pesquisadores, aprendendo constantemente os conhecimentos da nossa própria cultura para repassar para os alunos.
- Os professores devem ser um exemplo para os seus alunos, não usando bebidas alcoólicas e drogas.



Escola na comunidade Marau Novo, Alto Marau, 2019, .

Acordos firmados sobre as responsabilidades das Secretarias de Educação

- Devem ser contratados professores sateré-mawé para todas as escolas da TI.
- De acordo com o PPPI, a quantidade máxima de alunos por sala de aula é quinze (15), entre crianças e jovens.
- Também para o Ensino Tecnológico devem ser contratados professores sateré-mawé.

- Wo'omū'e haria waku herohik kahato ta'atupotpāp nuḡ hap todo, mowyro ĵum hamo hawyi aikotan-aikotan ehap nuḡ hamo.
- Torania wo'omū'e haria, waku wemoput'ok kahato haria wy, waku ikat'i'kat'i ekuap haria wy, aheko etiat wemū'e pe tira'yn haria wemū'e haria piat iporerokosap kuap hamuat tupono.
- Wo'omū'e haria waku imoherep seko wakuat ko'i tomimū'eria puo hanuat, yt waku'i ta'atuekowāt mahy ko'i ne'i hawyi hawyi irania'tn ḡetmu'e ko'i ne'i.



Escola na comunidade Nova Esperança, Baixo Marau, 2017.

Miewaku “Secretaria de Educação” puopywiat minuḡ wuat ko'i

- Waku wo'omū'e hanuaria Satere Mawe torania miposaupnuḡ ko'i torania wo'omū' hap upī tapy'yia e'yi pe.
- PPPI piat waku minuḡ (15) hap wy i'atu hap wemū'e haria wentup e'okipy wemū'e hawe, hirokaria hawyi kurum iwasuria wywo.
- I'ewyte wy waku “Ensino Tecnológico ehawe waku miposaupnuḡ wo wo'omū'e hanuaria Satere Mawe ko'i tira'yn.

- O Ensino Tecnológico deve ser presencial, para viabilizar que os alunos tirem as dúvidas com os professores.
- A SEDUC deve oferecer cursos de formação continuada para todos os professores da TI.
- Devem ser elaborados materiais didáticos de acordo com a nossa realidade. É preciso que nossas histórias e nossos conhecimentos tradicionais estejam registrados em cartilhas e livros.
- A estrutura das escolas deve ser melhorada.
- Os materiais escolares (cadernos, lápis, borracha, etc.) devem chegar a todas as comunidades da TI, de acordo com o número de alunos.
- As SEMEDs, SEDUCs, IFAM, Universidades e MEC devem respeitar nosso PPPI, fazendo valer as regras dele, que são diferenciadas em relação às escolas das cidades.
- Queremos que o ensino superior aconteça dentro da TI Andirá-Marau.
- Nossos produtos da roça e do extrativismo devem ser comprados para a merenda escolar dos alunos, nossos filhos. Assim eles terão uma alimentação de qualidade, com menos alimentos industrializados e embalagens que geram lixo, e os produtores terão uma fonte de renda garantida.

- “Ensino Tecnológico” waku wepīt’ok wuat rakat tira’yn, wemū’e haria mono apo’iatu’e kuap wo’omū’e haria pe yt ta’atumikuap’i hap tote.
- SEDUC waku iporokpun wemu’e hap ywoporo hap torania wo’omū’e haria tapy’yia e’yi piaria pe.
- Waku minuḡ wemū’e hamuat popera ko’i pe aiwepokuap hap ewy tira’yn. Waku mipaḡ iwan puopyi ahaipe etiat hawyi aimikuap tuerut-tuerut popera hīt pe i’ewyte popera wato ko’i pe.
- Wemū’e hap yat ko’i waku po’oḡ minuḡ kahato.
- Wemū’e hamuat kara’en ko’i (popera miwan wuat, iwan hamuat, hasep hamuat hawyi toiḡ ne.) waku put’ok torania tawa ko’i upī Tapy’yia e’yi piaria pe, wemū’e haria i’atu hap ewy.
- SEMED Ko’i, SEDUC Ko’i, IFAM, Universidades ko’i hawyi MEC waku imontypōt aiwat ahe PPPI, ta’atumontypōt aru ehap ko’i kat pote tuweupī ra’yn wemū’e tawa wato piat hap ko’i kai.
- Uruikyesat wemū’e ywoporo iwato rakat “ensino superior” Tapy’yia e’yi Andira Marau ehawe tira’yn minuḡ.
- Koi ehap ḡo piat ko’i hawyi ḡa’apypuat mipuhūk ko’i waku mikiyi’at wemū’e haria wepiru’i-piru’i ehamo, aimemptyt’īn me. Mi’itā pote wakuat mi’u toiḡ iatumi’u wuat ko’i, mi’i hap kaipyi tuwemohīt po’oḡ hemptywiat mi’u piru’i-piru’i ehawuat ko’i hawyi tuwemohīt hekasap ywysok wuat ko’i, hawyi mono ipotpāp haria pe toiḡ tira’yn i’atuposa’up wuat ehawe wy.



Apresentação dos resultados de um grupo de trabalho,
comunidade Vila Nova II, Médio Marau, 2019.



Comunidade Nova Esperança, Baixo Marau, 2018.

Como vamos implementar o PGTA

A partir dos acordos que resultaram do trabalho de construção do PGTA, entendemos que sua implementação e seu monitoramento é um processo **contínuo e vivo**.

É contínuo porque sempre devemos refletir sobre as questões que foram descritas neste documento, analisando as conquistas e os desafios da implantação do PGTA, discutindo, avaliando e fazendo os ajustes necessários para recriar estratégias de ação.

É um processo vivo porque os contextos mudam, tanto internamente na TI Andirá-Marau entre os Sateré-Mawé, quanto externamente, na relação com os não indígenas: podem aparecer novos desafios ou ainda novas oportunidades.

Para lidar com as mudanças e para nos mantermos alertas se estamos cumprindo bem os nossos acordos, é fundamental estarmos bem articulados, bem informados e mobilizados.

Este documento é um passo muito importante, mas a caminhada de verdade acontece quando colocamos em prática o que está escrito aqui. Ou seja, para implementar e monitorar este PGTA precisamos da nossa organização política interna, bem forte e atuante.

Vamos precisar manter a nossa organização em todos os níveis:

- desde as comunidades, em que cada tuxaua cuida do seu território específico, com o apoio dos agentes ambientais, dos professores, dos AIS e da população em geral;
- nas regiões em que os tuxauas de cada região são apoiados pelos demais tuxauas daquela região (Waicurapá; Baixo, Médio e Alto Andirá; Baixo, Médio e Alto Marau; Miriti; Urupadi; Manjuru);
- na Terra Indígena Andirá-Marau como um todo, em que os tuxauas gerais do Marau, Andirá e Waicurapá são apoiados por todas as lideranças.

Então, a partir da nossa organização, garantimos a nossa autonomia, fortalecendo nosso jeito de fazer a gestão e de viver bem. Durante a implementação deste PGTA, iremos transformando nossa realidade, e ao longo do tempo vamos precisar atualizar este documento de acordo com os novos contextos. O ideal é que essa revisão detalhada seja feita a cada cinco anos, ou sempre que for necessário.

Com os acordos feitos, são muitos os caminhos a serem percorridos. Em muitos deles caminhamos com os nossos próprios pés, não dependemos de ninguém para caminhar. Mas em outros, existem desafios que vão além da nossa abrangência de ação, sendo necessários apoios e parcerias estratégicas na caminhada.

Caminhos dos Sateré-Mawé com os próprios pés

São todas as estratégias e ações que podemos implementar com autonomia, a partir de nossa organização e mobilização interna, seja em reuniões, mutirões, expedições, seja fazendo alianças internas, etc.

Esses caminhos dependem da participação ativa dos tuxauas, lideranças, agentes ambientais, professores, AIS e população em geral. A partir dos acordos descritos neste PGTA, podemos ver exemplos desses caminhos que dependem basicamente de nossa articulação interna.



Comunidade São Francisco, rio Waicurapá, 2018.



Comunidade Santa Maria, rio Urupadi, 2017.

CAMINHO DE AUTONOMIA	Tuxauas, lideranças, agentes ambientais, professores, AIS, AISAN e comunitários.
	O fortalecimento da política interna sateré-mawé, com autonomia e liberdade.
	O fortalecimento das associações representadas por lideranças comprometidas com o nosso povo, independentes da política partidária e dos órgãos públicos.
	A valorização e o fortalecimento da língua sateré, oral e escrita.
	A valorização e o fortalecimento da cultura, incluindo os mitos, as histórias, rituais, objetos e formas tradicionais de transmissão dos conhecimentos. Assim como a inclusão desses temas dentro da educação escolar indígena.
	O respeito aos mais velhos e às lideranças, por todas as famílias, dentro e fora das casas, dando a oportunidade de ensinarem a cultura e nossos princípios para os mais jovens, inclusive nas escolas.
	A valorização do jeito sateré-mawé de cuidar da saúde e das doenças. Assim como a soberania alimentar, o tratamento do lixo, e as formas de evitar o consumo de bebidas alcoólicas e entorpecentes.
	Acordos sobre a gestão das escolas e sobre o fortalecimento cultural dentro da educação escolar indígena.
	Observar e questionar a relação com as igrejas e seus representantes.
	Avaliar a entrada e permanência de não indígenas no território, assim como a relação com moradores não indígenas dentro da TI Andirá-Marau.
	Observar a biodiversidade na TI Andirá-Marau, cuidando das sementes, das roças, das abelhas, das matas, das cabeceiras de rios, das beiradas dos rios, igarapés e lagos, observando o manejo do fogo.
	Cuidados com o manejo de caça e de pesca, assim como a formação de bons caçadores e pescadores.
	A ocupação de lugares estratégicos para a proteção contra invasores, assim como o monitoramento e vigilância cotidiana do território.
	As decisões internas sobre a comercialização dos produtos, assim como a relação com o CPSM.

Caminhos dos Sateré-Mawé com parcerias

Em seguida estão os caminhos nos quais precisamos de apoio externo para alcançar nossos objetivos. Essas parcerias e apoios podem ser com organizações indígenas e indigenistas, governamentais e não governamentais, nacionais e internacionais.



Comunidade Santa Maria, rio Urupadi, 2017.



Rio Marau, 2019.

CAMINHOS	PARCERIAS
Respeito às decisões tomadas pelo povo, representado por seus tuxauas.	Todas as instituições.
Respeito às indicações comunitárias para os cargos públicos ocupados por indígenas (professores, AIS, AISAN, conselheiros, motorista, merendeira, etc.)	Todas as instituições.
Fiscalização das ameaças ao território e de possíveis invasões na TI Andirá-Marau.	FUNAI, IBAMA, MPF, PF.
Controle da entrada e permanência de embarcações na TI.	Capitania dos Portos, FUNAI, SESAI, PF.
Controle das entradas de regatões e dos preços praticados por eles dentro do território.	Capitania dos Portos, FUNAI
Atendimento às demandas estruturais específicas das escolas sateré-mawé.	SEMEDs, SEDUCs, MEC.
Respeito à elaboração interna do Projeto Político Pedagógico Indígena/PPPI do povo e seu conteúdo específico (da gestão das escolas ao currículo sateré-mawé, incluindo metodologia, calendário, etc.).	SEMEDs, SEDUCs, MEC, Conselhos, IFAM.
Atendimento às demandas estruturais e melhorias no atendimento à saúde, tanto nas comunidades como nas cidades.	DSEI, SESAI, FUNAI, MPF.
Respeito e valorização da medicina tradicional sateré-mawé e seus especialistas.	Gestores públicos e todos os profissionais de saúde que atendem os indígenas, nas comunidades e nas cidades.
Comercialização de produtos fora da TI Andirá-Marau: ponto de venda nas cidades, precificação, organização de feiras, plataformas virtuais, etc.	CPSM, FUNAI, UFAM, IFAM, organizações indigenistas com experiência no tema.
Participação no Programa de Capacitação em Proteção Territorial da FUNAI com o Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo) do IBAMA.	FUNAI, IBAMA.
Participação dos agentes ambientais indígenas no Conselho Gestor da FLONA do Pau-Rosa e no Conselho Gestor do PARNA Amazônia.	FUNAI, IBAMA, ICMBio.

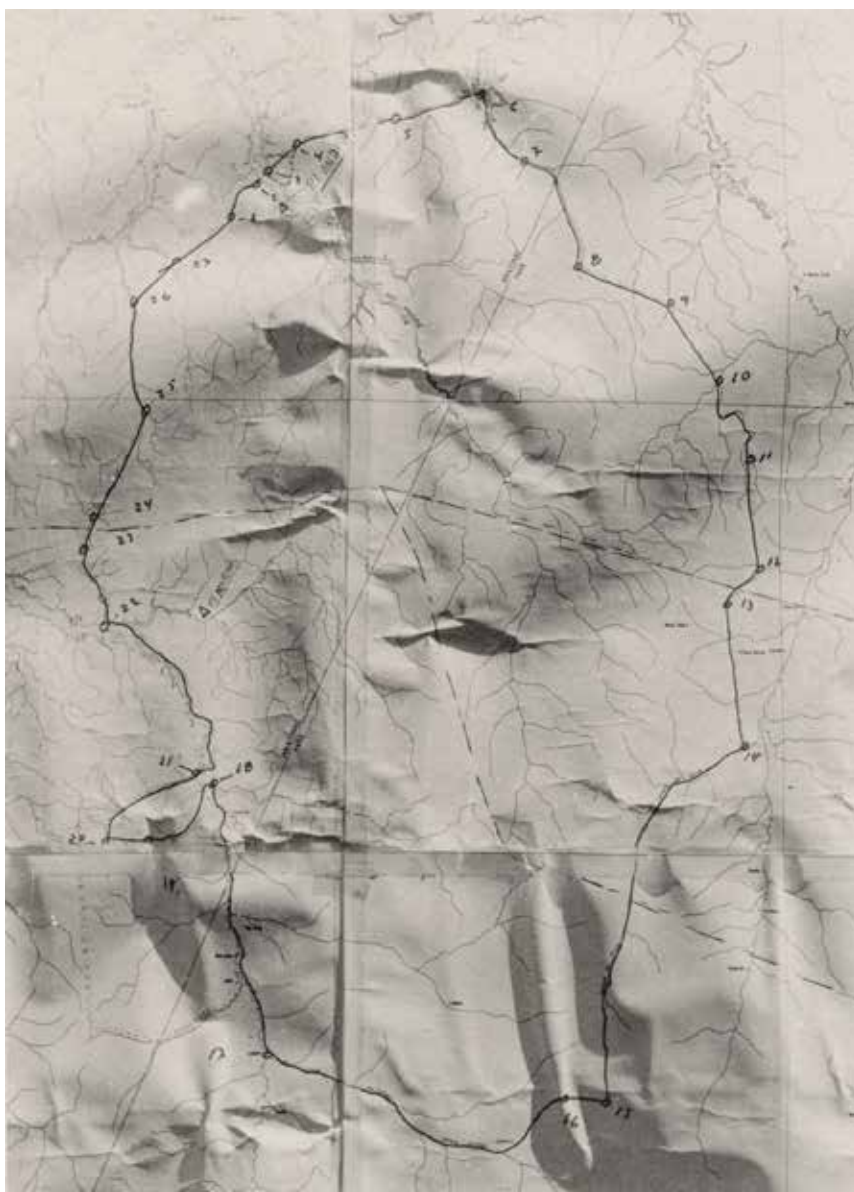
Anexo 1 – Histórico da demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau

As primeiras referências do território habitado por antepassados dos Sateré-Mawé foram registradas por jesuítas portugueses em 1669.

Trecho de apostila do Padre Henrique Uggé de 10 de dezembro de 1978:

“Em julho de 1978 houve uma reunião geral dos tuxauas em Simão. Dois representantes foram em Brasília para pedir a demarcação das terras indígenas dos Sateré. Desde outubro estão demarcando as terras parece conforme pedido”.

Um dos representantes foi Donato Lopes da Paz, nessa época Tuxaua Geral do rio Andirá.



Mapa fornecido pela FUNAI, entre 1979 e início de 1980, com delimitação da TI incompleta.

Após análise deste mapa, a antropóloga do CTI, Sônia Lorenz, entrou em contato com Ezequias Paulo Heringer Filho, antropólogo da FUNAI, informando que os limites constantes no mapa não contemplavam todas as reivindicações dos tuxauas. Em março de 1980, uma equipe da Funai esteve no Andirá e no Marau para ouvir os tuxauas e redefinir a delimitação da TI. A seguir, o resumo dos resultados dessa expedição da equipe da FUNAI:

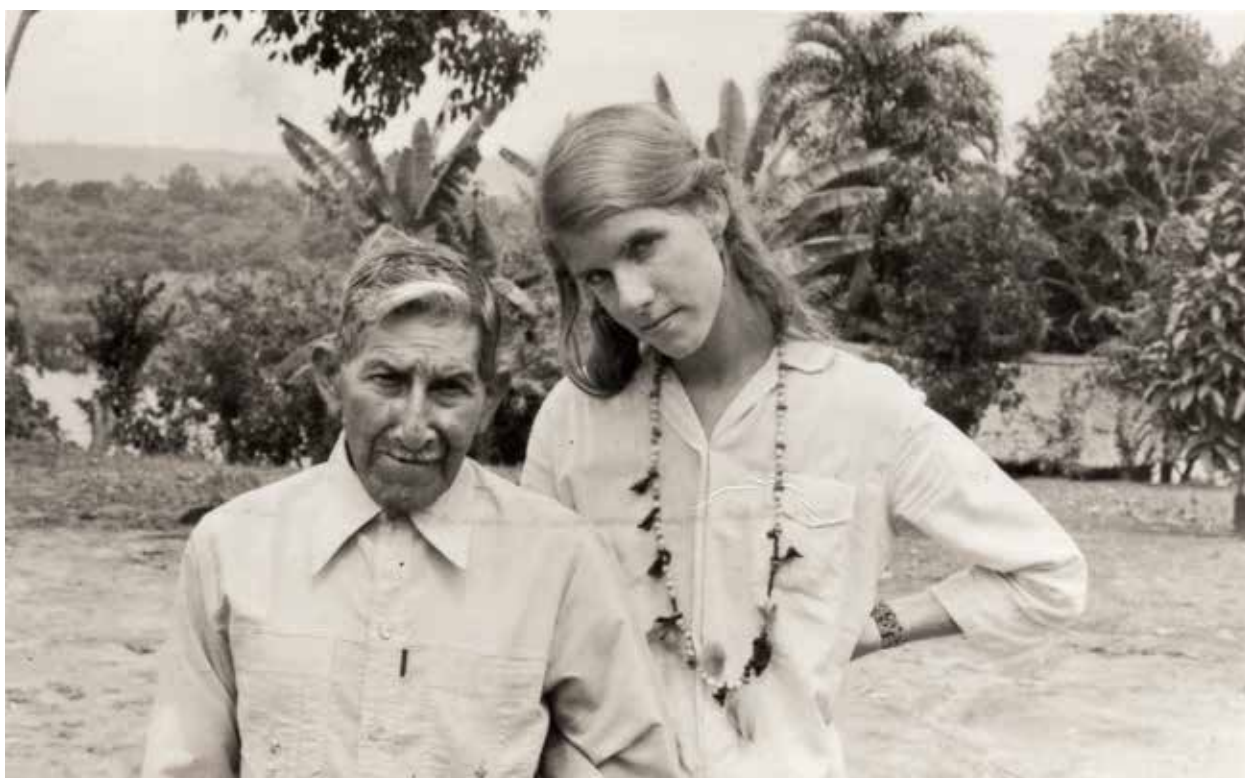
Marcos 18 a 20 – “Área compreendida pelos rios Manjuru, Igarapés São Roque, Curuaí, e afluentes da margem esquerda do rio Urupadí, do Igarapé Desertor ao Igarapé Arara, é ocupada pelos descendentes do falecido Tuxaua Manoel Silva (...). Inicialmente era composto pelas Aldeias Campo, Bom Jesus, Pucui, Santa Maria, São Paulo e Marau, quando em 1960 foi acometida por um surto de sarampo, o que causou forte depopulação. Essas aldeias foram desocupadas na mesma época, o que se comprova pelo mesmo porte dos capoeirões de recomposição florística”.

Parte dos sobreviventes se dirigiram para o vale do rio Marau; outros estabeleceram-se na atual Aldeia Kuruatuba, iniciando uma fase de recomposição populacional.” Estavam presentes os Tuxauas Luiz e Alexandre.

Marcos 3 e 4 – “Decidiu-se que o acréscimo se limitaria à união dos marcos 3 e 4 por uma linha seca; as três famílias (presentes na reunião) que se encontram fora da área proposta retornariam para dentro dos limites da mesma.” Estavam presentes os Tuxauas Donato Lopes da Paz e José Michiles.

Marcos 21 a 22 – “No contato com ITERAM soubemos que moradores da margem direita do rio Urupadi, dentro da área indígena, requereram titulação definitiva de seus lotes, estando os processos em tramitação: Argemiro Leite Esteves, Raimundo Vidinho, Nelson Dias de Oliveira, Elias Miranda de Souza, Valdir Feiras Nunes.”

Nesse mesmo ano, o Tuxaua Manoelzinho Michiles, do rio Marau, solicitou que Sônia Lorenz acompanhasse o processo de demarcação da TI Andirá-Marau, reportando para os tuxauas sateré-mawé o andamento do processo administrativo até sua conclusão.



Tuxaua Manoelzinho Michiles e Sônia Lorenz,
aldeia Nova Esperança, rio Marau, 1980.

Em agosto de 1981, aconteceu a primeira invasão da Elf-Aquitaine, companhia estatal francesa de petróleo, no território sateré-mawé, com contrato de risco da Petrobras. Nesta primeira invasão foram abertos cerca de 200 km em picadas e clareiras para pouso de helicópteros. Além das explosões com cargas de dinamite enterradas nas picadas causando pânico nas aldeias, matando e afugentando a caça, levaram bebida alcoólica e filmes pornográficos para entreter os trabalhadores. Os Sateré-Mawé se organizaram rapidamente fazendo assembleias dos tuxauas do Marau e do Andirá. Nessa época os prejuízos causados pela invasão foram calculados pela FUNAI em 50 milhões, e a Elf-Aquitaine pagou 5 milhões.



Acampamento na 1ª invasão da Elf-Aquitaine, 1981.



Acampamento na 1ª invasão da Elf-Aquitaine, ao fundo Raimundo Ferreira da Silva (Dico) 1981.



Reunião em 1981, Tuxaua Geral do Andirá Donato Lopes da Paz; Tuxaua Geral do Marau, Emílio Tibúrcio; Lúcio Menezes e José Michiles.

Em 1982 aconteceu a Assembleia de Tuxauas do Marau e do Andirá no Simão, para resolver sobre o valor da indenização da Elf-Aquitaine. Nessa época já estava em curso uma campanha na sociedade civil a favor da demarcação da TI Andirá-Marau e contra a invasão da Elf-Aquitaine.



Reunião no rio Andirá devido à invasão da Elf Aquitaine, 1982.



Tuxauas na mesma reunião, 1982.

Lista das comunidades que existiam no território sateré-mawé em 1982,
fornecida pelo padre Henrique Uggé:

Comunidades Indigenas Sateré-Maué do Rio Andirá ----- 1982

Município de Barreirinha - Am

- 1 Guaranatuba (Uto)
- 2 Ponta Alegre (Deuclides)
- 3 Castanhal (Amado)
- 4 Juma (Quintino)
- 5 Molongotuba (Manuel)
- 6 Simão (Donato)
- 7 Mirituba (Josi)
- 8 Nova America (Antonio)
- 10 Torrado (Leonidas)
- 11 Marapatá (Erminio)
- 12 Kukuí (Leonidas)
- 14 Campo (Amado)
- 15 Santa Cruz (Timaco)
- 16 Vila Nova (Siro)
- 17 Fortaleza (Geraldo)
- 18 Terra Preta (Franquillino)
- 19 São Raimundo (Candido)
- 20 Livramento (Antonio Prudente)
- 21 São Paulo (Paulino)
- 22 Santo Antonio (Odilon)
- 23 Conceição. (Dario)

Comunidades Indigenas Sateré-maué do rio Marau ----- 1982

Município de Maués - Am

- 1 Boa Esperança (Manuel)
- 2 São José (Carminolo)
- 3 Nazaré (Zezinho)
- 4 Cinco Kilo (Petro)
- 5 Marau Novo - São Marcos (Girardo)
- 6 Campo do rio Mirití - São Bonifacio - Wassaituba (Arminolo)
- 7 Kuruatuba (rio Majurú). (Alexandre)
- 8 Santa Maria (boca do Majurú) (Luis)
- 9 MANGA (Emílio)

No dia 6 de maio de 1982 foi emitida a portaria n. 1210/E, na qual o presidente da FUNAI, Paulo Moreira Leal, declarou como posse permanente dos Sateré-Mawé a área compreendida pelos limites constantes no memorial descritivo e planta.

Em setembro de 1982, houve a segunda invasão da Elf-Aquitaine, que abriu mais 144 km de picadas e 82 clareiras, derrubando guaranazais e deixando enterradas inúmeras cargas de dinamite que não haviam sido detonadas. O manuseio dessas cargas causou a morte por intoxicação de quatro sateré-mawé: Maria Faustina Batista, Calvino Batista, Dacinho Michiles e Lauro Freitas.



2ª invasão da Elf Aquitaine, 1982.



No dia 27 de outubro de 1982, o Tuxaua Donato Lopes da Paz e Raimundo Ferreira da Silva (Dico) estiveram na Embaixada da França, em Brasília, para entregar um documento sobre os prejuízos da Elf-Aquitaine em seu território, solicitando a intervenção do presidente da França no sentido de preservar a Terra Indígena, com população na época de 5.800 habitantes.

Jornalista, Donato Lopes da Paz e Raimundo Ferreira da Silva (Dico) na frente da Embaixada da França em Brasília, 1982.

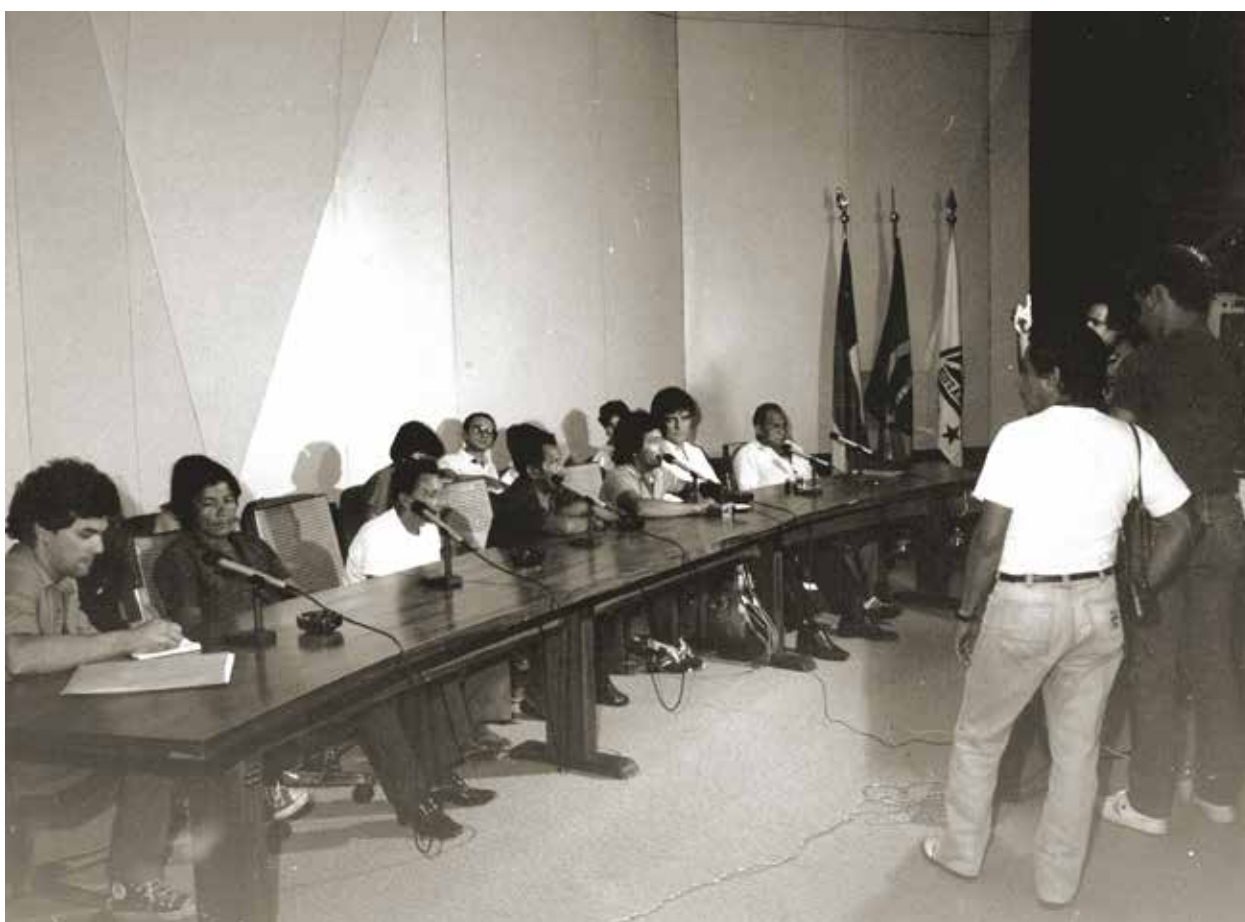


Em março de 1983, os Sateré-Mawé, juntamente com seus advogados, Edson de Oliveira (AM) e Dalmo Dallari (SP), entraram na Justiça Federal com ação de Interdito Proibitório contra Elf-Aquitaine e Petrobras, auxiliados pelo CTI, pela antropóloga francesa Simone Dreyfus-Gamelon, pelo deputado Mario Juruna, pelo antropólogo da FUNAI Ezequias Heringer e pelo indigenista Porfírio Carvalho. O deputado Mario Juruna esteve em Manaus na sede do CIMI, onde concedeu entrevistas para a imprensa na defesa dos Sateré-Mawé.

Porfírio Carvalho e o Deputado Mario Juruna com dinamites usadas pela Elf Aquitaine, 1983.

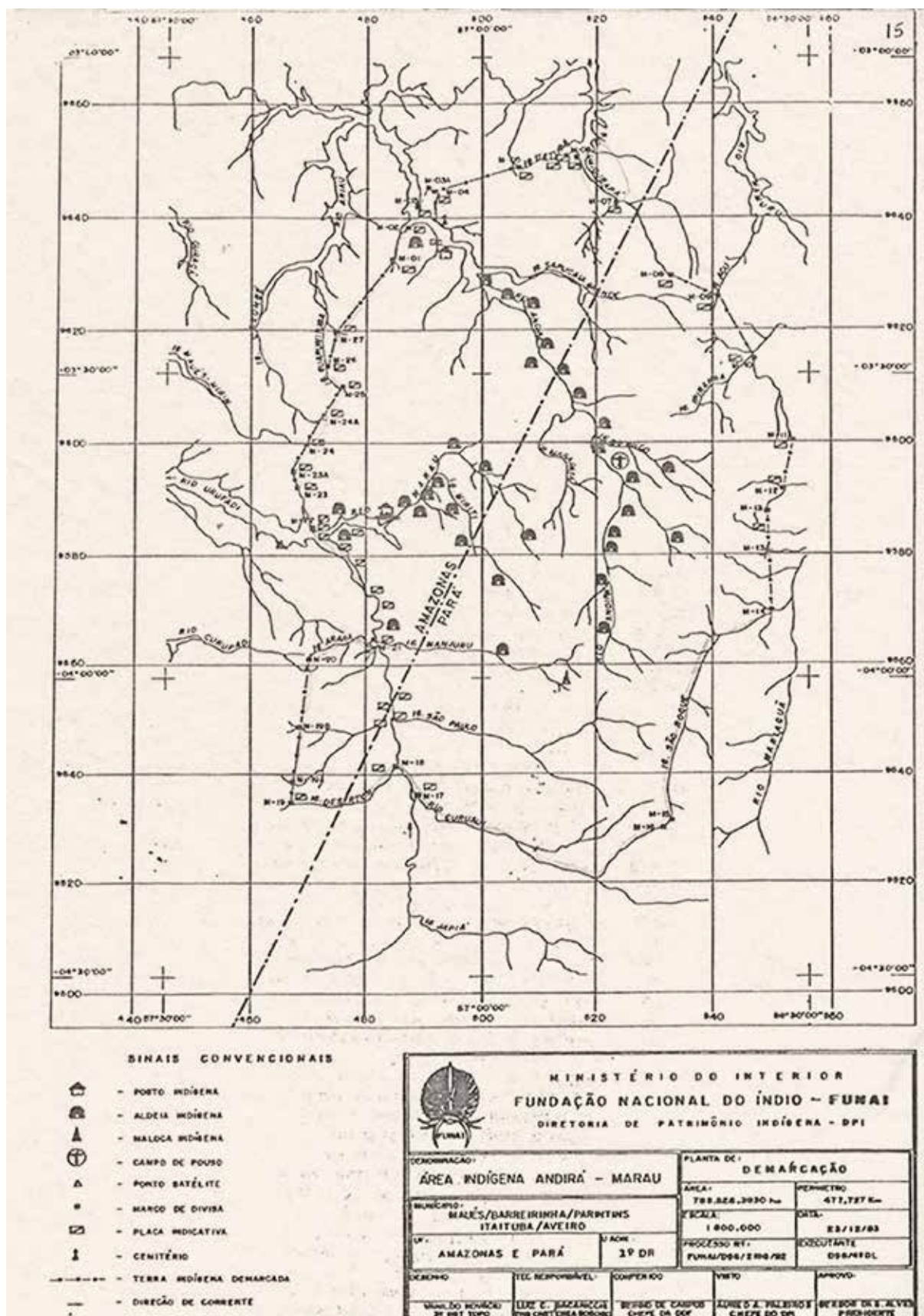
Em dezembro de 1983, os trabalhos demarcatórios, a cargo da Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército, apresentaram uma proposta de superfície de 788.528 ha. A diferença de 5.918 ha, verificada entre a delimitação e a demarcação, deve-se exclusivamente aos ajustamentos de limites, mais precisos nos trabalhos da DSG.

O montante do prejuízo da invasão da Elf-Aquitaine foi avaliado pelos Sateré-Mawé em 320 milhões. Em 21 de agosto de 1984, a empresa pagou 150 milhões em cerimônia em Manaus.



Reunião Manaus em 21-08-1984, da esquerda para direita: Aurélio Michiles do Centro de Trabalho Indigenista, Lucio Menezes, Tuxaua Geral do Marau Emílio Tibúrcio, Tuxaua Geral do Andirá Donato Lopes da Paz, Manoelzinho Munduruku, o advogado Edson de Oliveira e Raimundo Ferreira da Silva (Dico).

Em 30 de agosto de 1984, a FUNAI emitiu Memorial Descritivo da demarcação da TI Andirá-Marau, com área total de 788.528,393 ha, com descrição dos limites norte, sul, leste e oeste.



Mapa definitivo da demarcação da Terra Indígena-Andirá Marau, 1984.

No dia 4 de agosto de 1986, saiu o Parecer Interministerial n. 031, endereçado ao Presidente da República, assinado pelo Ministro do Interior e pelo Ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário. O documento repassa as etapas do processo histórico e administrativo da Área Indígena, declarada como de posse indígena pela Portaria n. 1216/E/82. Em sua conclusão está escrito: “Os Sateré-Mawé, também conhecidos como os introdutores da cultura do guaraná naquela região, desenvolvem um eficiente controle sobre a área, daí não se observar nenhuma ocupação de não índios, a qualquer título, sendo seus limites reconhecidos e respeitados pelos demais habitantes da região. A área em apreço, *habitat* imemorial dos índios Sateré-Mawé, é constituída de terras do domínio da União, cuja posse lhes é assegurada pelo artigo 198 da Constituição Federal. Essas, Senhor Presidente, são as razões da presente Exposição de Motivos e do projeto de Decreto que ora submetemos à decisão final de Vossa Excelência”.

No dia 6 de agosto de 1986, o presidente José Sarney assinou a homologação da TI Andirá-Marau com limites aprovados no Memorial Descritivo de 30/08/1984. Em seu artigo 1º decreta: “Fica homologada, para efeitos legais, a demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), da área indígena denominada Andirá-Marau, de posse imemorial do Grupo Indígena Sateré-Mawé, localizada nos municípios de Maués, Barreirinha, Parintins, Itaituba e Aveiro, estados do Amazonas e Pará, respectivamente”.

Anexo 2 – Lista de agentes ambientais sateré-mawé

NOME	FUNÇÃO	COMUNIDADE	QTD.
Waicurapá			
Carlitos Miquiles de Araújo	Agente Ambiental	São Francisco	3
Daniel Ferreira	Agente Ambiental	Vila Batista	
Otede Vieira da Silva	Agente Ambiental	Monte Betel	
Baixo Andirá			
Alcimar Costa de Souza	Agente Ambiental	Ponta Alegre	7
Ismael de Oliveira da Silva	Agente Ambiental	Praia Dourada	
Jadilson Miquiles de Souza	Agente Ambiental	Molongotuba	
José de Araujo Pereira	Agente Ambiental	Guaranatuba	
Lizaías Menezes de Batista	Agente Ambiental	Nova União	
Osmar de Oliveira Batista Filho	Agente Ambiental	Nova Sateré	
Sergio Romero Brito Calixto	Agente Ambiental	Vinte Quilos	
Médio Andirá			
Efraim Michiles Alencar	Agente Ambiental	Simão	6
Erison Michiles de Souza	Tradutor	Nova América	
Lucivaldo Miquiles	Agente Ambiental	Umirituba	
Nelson Assis Pereira	Caçador	Simão I	
Nilton Batista de Oliveira	Agente Ambiental	Simão I	
Sebastião de Castro Oliveira	Agente Ambiental	Nova América	
Walmir Cristiano Menezes	Agente Ambiental	Umirituba	
Zenilton José da Silva	Agente Ambiental	Limoal	
Alto Andirá			
Adriano Miquiles de Oliveira	Agente Ambiental	Torrado	3
Franciel Cecilio Batista	Tradutor	Fortaleza	
Gidelmim Ferreira Batista	Agente Ambiental	Conceição	
Juca Miquiles da Paz	Agente Ambiental	Vila Nova I	

NOME	FUNÇÃO	COMUNIDADE	QTD.
Baixo Marau			
Aderson Manoel Viana de Oliveira	Agente Ambiental	São Pedro	7
Adinaldo Guimarães de Almeida	Agente Ambiental	Ilha Michiles	
Bruno Batista de Oliveira	Agente Ambiental	São Pedro	
Cenila Santos dos Santos	Tradutora	Nova Esperança	
Edinaldo Pereira Michiles	Agente Ambiental	Nova Esperança	
Efraim Michiles Alencar	Agente Ambiental	Monte Horebe	
Jeferson Santos dos Santos	Tradutor	Nova Esperança	
Laidson Batista	Agente Ambiental	Monte Horebe	
Otávio Batista dos Santos Filho	Agente Ambiental	São Benedito	
Samuel Lopes	Tradutor	Nova Esperança	
Médio Marau			
Bernardo Alves	Tradutor	Terra Nova	4
Cristina Santos de Souza	Tradutora	Terra Nova	
Denivaldo Alves de Souza	Agente Ambiental	Antioquia	
Deodete Alves	Agente Ambiental	Terra Nova	
Natanael Santos de Souza	Agente Ambiental	Lírio do Vale	
Nemuel Michiles de Souza	Agente Ambiental	Vila Nova II	
Toniel de Oliveira	Caçador	Boas Novas	
Alto Marau			
Cleidiomar Cunha	Agente Ambiental	Nova Aldeia	3
Cleude Cunha Pereira	Caçador	Nova Aldeia	
Ronaldo de Oliveira Gastão	Agente Ambiental	Novo Remanso	
Sebastião de Castro Oliveira	Agente Ambiental	Nova Vida	

NOME	FUNÇÃO	COMUNIDADE	QTD.
Miriti			
Simaco Avelino dos Santos	Agente Ambiental	Campo do Miriti	3
Vitinho P. de Freitas	Caçador	Campo do Miriti	
Jonoso Cristino de Oliveira	Agente Ambiental	Campo do Miriti	
Luiz Hortencio de Oliveira	Agente Ambiental	São Bonifácio	
Urupadi			
Edvaldo dos Santos de Oliveira	Agente Ambiental	Santo Antônio de Pádua	4
Elinaldo Alves Riveiro	Caçador	Santa Maria	
Valdir Venâncio de Oliveira	Pescador	Monte Sinai	
Lucio da Silva Silva	Agente Ambiental	Santa Maria	
Marcio dos Santos Gastão	Agente Ambiental	Filadélfia	
Rogério Martins Pereira	Caçador	Santa Maria	
Zenildo Rodrigues da Silva	Agente Ambiental	Santa Maria	
Manjuru			
Adner de Oliveira Muniz	Caçador	Kuruatuba	3
Alberto Guilherme de Souza	Agente Ambiental	Divino Espirito Santo	
Benedito Soares	Agente Ambiental	São Bento	
Joel de Oliveira	Agente Ambiental	Kuruatuba	
Total de Agentes Ambientais			43

Anexo 3 – Lista de plantas e animais registrados no contexto de elaboração do PGTA

Nas entrevistas realizadas durante as expedições do PGTA, foram levantadas informações a respeito das variedades dos roçados e quintais da TI, assim como sobre os animais que os Sateré-Mawé criam. Os resultados aqui apresentados são apenas uma introdução ao tema, que possa valer como fonte de inspiração para os alunos, professores e pesquisadores indígenas.

No roçado foram encontradas 58 espécies de plantas cultivadas. Entre elas, 27 espécies foram consideradas inexistentes ou difíceis de encontrar, incluindo o tabaco, que foi deixando de ser cultivado devido à proibição pelas religiões. As variedades tradicionais foram encontradas com mais facilidade nas cabeceiras dos rios Marau e Andirá. Os tubérculos também podem ser encontrados em áreas de capoeiras, provenientes de roçados antigos.

Areiá	<i>Ururã</i>
Arroz	
Batata-doce branca	<i>Uriuru kyt`ĩ</i>
Café	
Cará-do-ar	<i>Awaia py`a</i>
Cará-grande	<i>Awaia wato</i>
Coração de jabuti	<i>Wawori py`a</i>
Fava	<i>Kumana Wato</i>
Feijão	<i>Kumana</i>
Feijão-de-corda	<i>Kumana lkyt`ĩ</i>
Feijão fava grande	<i>Muruĩ</i>
Feijão-vermelho	<i>Kumana Hup</i>
Juruá	<i>Kuiru</i>
Manikuera	<i>Manĩ`aky</i>

Melancia	
Milho	<i>Awaṭī</i>
Tabaco	<i>Suhu</i>
Tajá	<i>Harawy</i>
Taja (inhame)	<i>Sāi hup`ī</i>
Tajá gordura de jabuti	<i>Wawori kap</i>
Tajá redondinho	<i>Ururā</i>
Tajá vermelho	<i>Urekaḡ</i>
Tajaí	<i>Cupido ḡun</i>
Waiaçapei	<i>Awai`a py`a</i>

Já as quinze espécies citadas abaixo são encontradas tanto nos quintais quanto na floresta:

Açaí de touceira	<i>Wasa`i</i>
Bacaba	<i>Hawuhu`i</i>
Buriti	<i>Miriti</i>
Castanha	<i>We`eḡa</i>
Cumaru	<i>Kumaru</i>
Cupuí	<i>Kupu hit</i>
Inajá	<i>Puwi</i>
Maracujá do mato	<i>Murukui`a</i>
Muruci	
Pajurá	
Patawá	<i>Hawuhu`i wato</i>
Pau-rosa	
Pequiá	
Tucumã	<i>Tawara</i>
Tucumãpiranga	<i>Tawara hup`i</i>

Durante as entrevistas, foram citados 42 animais que os Sateré-Mawé criam, incluindo seis espécies domesticadas pelos não indígenas:

Anta	<i>Wewato ãa'apy piat</i>
Arara	<i>Hanun</i>
Cachorro	<i>Aware</i>
Capivara	<i>Kupido</i>
Caititu	<i>Hamaut siã</i>
Cotia	<i>Akuri</i>
Gado	<i>Wetato</i>
Galinha	<i>Waipaka</i>
Ganso	
Gato	<i>Pisanã</i>
Gato-do-mato	<i>Pisana ãa'apy piat</i>
Inambu	<i>Urit'i</i>
Irara	<i>Awyato asãp</i>
Jabuti	<i>Wawori</i>
Jacamim	<i>Ure</i>
Jacaré-açu	
Jacaré pedra	
Jacaretinga	
Jacu	<i>Wiawu</i>
Macaco	
Macaco caiarara	<i>Wahue</i>
Macaco guariba	<i>Awyky</i>
Macaco-prego	<i>Hanuan</i>
Macaco sauin	<i>Hami'i</i>
Macaco velho	<i>Wakiu'i wato</i>
Mutum	<i>Wiawu</i>

Onça vermelha	<i>Awyato hup</i>
Paca	<i>Pay</i>
Papagaio	<i>Ahut</i>
Pato	<i>Ypeka</i>
Periquito	
Peru	
Pomba-trocal	<i>Pykasu wato</i>
Porco	<i>Hamaut</i>
Porco-espinho	<i>Ĵu'i</i>
Preguiça	<i>Ariukere</i>
Preguiça-real	<i>Mau 'ā</i>
Quati	<i>Musi</i>
Queixada	<i>Hamaut wato</i>
Socó da beirada	<i>Soco ena 'ak</i>
Suçarana	<i>Wahue piran</i>
Tamanduá coleite	<i>Ariukere weġhit</i>
Tamanduá bandeira	<i>Himpa</i>
Tatu	<i>Sahu</i>
Tatu açu	<i>Sahu kyt'a</i>
Tatu bola	<i>Atyvy'i hit'i</i>
Tatu Canastra	<i>Atyvy'i wato</i>
Tracajá	<i>Wawori y'y puat</i>
Tracajá pitiú	<i>Wawori pyti'u</i>
Tracajá vermelho	<i>Wawori ahup</i>
Tucano	<i>Ĵuġkan</i>
Veado vermelho	<i>Yty wato</i>
Veado roxo	<i>Yty hit</i>



Crédito das imagens

Capa

- Açaizal, comunidade Conceição, 19-05-2019. Foto: Dalton do Valle
- Caranapaua, comunidade Fortaleza, 25-05-2019. Foto: Dalton do Valle

Página 7. Casal perto da comunidade Livramento, Alto Marau, 03-07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

Página 9. Mapa do território tradicional dos Sateré-Mawé segundo sua história oral e segundo os relatos dos viajantes do século XVIII, com a Terra Indígena Andirá-Marau assinalada. Sateré-Mawé – os filhos do guaraná. Sônia da Silva Lorenz, Coleção Projetos 1, Centro de Trabalho Indigenista, 1992.

Página 10. Retrato de Mauhé, entre 1817 e 1820. Mauhé, retrato no Atlas de Spix e Martius. Unter Indianern Brasilien, Sammlung Spix und Martius 1817-1820, Zerries, Otto. Editora Umschau-Verlag – Frankfurt/M.

Página 11. Tuxaua Manoelzinho Michiles com Porantim, Cristina e Colombo, aldeia Nova Esperança, rio Marau, início da década de 1980. Foto: Sônia Lorenz.

Página 12. Cachos de guaraná, rio Marau, 14-11-2017. Foto: Sônia Lorenz.

Página 16. Capa do Protocolo de produção do “Pão de Waraná Sateré-Mawé”. Protocolo de produção do “Pão de Waraná Sateré-Mawé” – Denominação de Origem Protegida. Slow Food, Regione del Veneto, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2010.

Página 17. Aula da Livre Academia do Wará (LAW), alunos Franciel Cecílio Batista, Raquel Pereira Michiles e Erison Michiles, comunidade Simão, Médio Andirá, 10/07/2018. Foto: Sônia Lorenz.

Página 19. Reunião em Maués, da esquerda para direita: Sidney Michiles, Josibias Alencar dos Santos, Aristides Michiles, Clara Vignoli, Tuxaua Geral do Marau Antônio Tibúrcio, 05-10-2017. Foto: Sônia Lorenz.

Página 22. Priscila Chianca/CTI e Tuxaua Bernardo Alves, comunidade Vila Nova II, 16-11-2017. Foto: Sônia Lorenz.

- Com o microfone Tuxaua Geral do Marau Antônio Tibúrcio, Tuxaua Paulino de Oliveira, Tuxaua Rubens dos Santos, Tuxaua Dadico Santana de Oliveira, o agente ambiental Bruno Batista de Oliveira, e o Capitão João Ferreira de Sousa, comunidade Simão, Médio Andirá, 05-12-2017. Foto: Sônia Lorenz.

Página 23. Reuniões de mobilização para elaboração do PGTA: Baixo e Médio Marau, comunidade Vila Nova II, 07-11-2017; Alto Marau, comunidade Nova Aldeia, 09-11-2017; Urupadi, comunidade Santa Maria, 13-11-2017; Alto Andirá, comunidade Vila Nova I, 30-11-2017; Médio e Baixo Andirá, comunidade de Simão, 05-12-2017; Waicurapá, comunidade Nova Alegria, 07-12-2017. Fotos: Sônia Lorenz.

Página 25. Agente ambiental Bruno Batista de Oliveira fotografando, Alto Marau, 02-07-2019. Foto: Jeferson Santos dos Santos.

- Curso de agentes ambientais do Andirá e Waicurapá, Tuxaua Donato Lopes da Paz e professores: André Lorenz Michiles, Paulo Adelino Medeiros, Carol Lara. Escola Indígena São Pedro, Médio Andirá, 25-04-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Agente ambiental do Médio Andirá, Tuxaua Zenilton José da Silva com mapa. Escola Indígena São Pedro, Médio Andirá, 25-04-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Alberto Guilherme de Souza e Tuxaua Joel Oliveira da Silva desenhando peixes, agentes ambientais do Manjuru, comunidade Nova Esperança, Baixo Marau, 07-04-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Mapa mental do igarapé Quiñha, Baixo Marau, elaborado pelo agente ambiental Bruno Batista de Oliveira, 04-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Professor Maurice Tomioka Nilsson explicando como usar o GPS, comunidade Nova Esperança, Baixo Marau, 03-04-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Agentes ambientais do Urupadi, Zenildo Rodrigues da Silva com GPS e Lucio da Silva Silva, Alto Urupadi, 19-03-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

Página 26. Reunião de abertura da expedição do Urupadi e Manjuru, agentes ambientais, Sônia Lorenz, Maurice Tomioka Nilsson, comunidade Santa Maria, rio Urupadi, 13-03-2019. Foto: Dalton do Valle.

- Expedição Alto Marau e Miriti, agentes ambientais e caçadores, 01-07-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 27. Família do Tuxaua Daniel de Oliveira Souza (Darico), consultores Dalton do Valle e Aloisio Otavio Ferreira, comunidade Conceição, Alto Andirá, 22-05-2019. Foto: Dalton do Valle, modo automático.

- Agentes ambientais, consultores e tuxauas, Campo de Miriti, 06-07-2019. Foto: Jeferson Santos dos Santos.

Página 28. Rio Marau perto da comunidade Santo Anjo, Alto Marau, 02-07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

- Campestre no varadouro da comunidade Campo do Miriti até a comunidade Kuruatuba no Manjuru, 04-07-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 29. Igarapé Ipiranga, Médio Andirá, 02-12-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Porto da comunidade Fé em Deus, igarapé Sapucaia Grande, 03-12-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Sr. Arcelindo nominando os igarapés no mapa com o agente ambiental Edvaldo dos Santos Oliveira, comunidade São Bento, igarapé Manjuru, 16-03-2019. Foto: Sônia Lorenz.

- Consultor de manejo de pesca Aloisio Otavio Ferreira anotando os peixes com família na comunidade Kuruatuba, Alto Andirá, 22-05-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 31. Tuxaua Geral do Marau Antônio Tibúrcio, Vila Nova II, Médio Marau, 06-10-2019. Foto: Dalton do Valle.

- Apresentação de diagnóstico pela professora Cris Santos Souza, Vila Nova II, Médio Andirá, 12-10-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 32. Aprovação do documento final do PGTA, Escola Indígena São Pedro (EISP), rio Andirá, 2021. Foto: autor desconhecido.

- Aprovação do documento final do PGTA, Sidney Michiles de máscara, comunidade Nova Aldeia, rio Marau, 2021. Foto: Sidney Michiles.

- Validação do documento final do PGTA, comunidade São Francisco, rio Waicurapá, 2021. Foto: autor desconhecido.

Páginas 34 e 35. Exemplos de cartazes dos grupos de estudo sobre os temas do PGTA, 2019. Fotos: Dalton Valle.

Página 37. Desenho de Francisquinho de Oliveira Santana, comunidade Santa Isabel, Médio Marau, 12-10-2019.

Página 40. Feira na escola da comunidade Simão. Médio Andirá, 23-11-2019. Foto: Sebastião de Castro Oliveira.

Página 41. Fábio da Silva no guaranazal, varadouro entre a comunidade Campo do Miriti e a comunidade Kuruatuba no Manjuru, 04-07-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 46. Bruno Batista de Oliveira explicando mapa do entorno da TI Andirá-Marau para o Tuxaua Fausto da comunidade Divino Espírito Santo, igarapé Manjuru, 03-2019. Foto: autor desconhecido.

Página 47. Marco da demarcação no rio Urupadi, 18-03-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

Página 71. Desenho de *sari ape* de Pedro de Souza, comunidade Nova Esperança, 1980.

Página 74. Raquel Pereira Michiles e o ritual do *Wará*, comunidade Simão, Médio Andirá, 09-07-2018. Foto: Sônia Lorenz.

Página 75. Raimundo Ferreira da Silva (Dico), Tuxaua Manoelzinho Michiles com o Porantim, Tuxaua Geral do Marau Emílio Tibúrcio, rio Andirá, 1982. Foto: Sônia Lorenz

Página 76. *Womat* (Festa da Tucandeira) na comunidade Nova Alegria, rio Waicurapá, 2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Tuxaua Jurimar Guilherme da Silva, cantador do *Womat*, comunidade Simão, Médio Andirá, 27-11-2019. Foto Dalton do Valle.

Página 77. *Womat* na comunidade Manga, Médio Marau, década de 1980. Foto: Sônia Lorenz.

- Gambá, rio Marau, 1980. Foto: Sônia Lorenz.

Página 82. Igreja católica comunidade Novo Remanso, igarapé Miriti, Alto Marau, 03-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

Página 83. Igreja Assembleia de Deus, comunidade Vila da Paz, rio Urupadi, 03-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

Página 84. Fio de algodão, comunidade Simão, Médio Andirá, 23-04-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Palha de caranã, comunidade Kuruatuba, igarapé Manjuru, 15-03-2019. Foto: Sônia Lorenz.

- *Ĵã'ampe*, chocalho usado amarrado na perna no *Womat*, comunidade Kuruatuba, igarapé Manjuru, 15-03-2019. Foto: Sônia Lorenz.

- Rede de algodão, comunidade Cristo Redentor, igarapé Miriti, sem data. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

Página 85. Forno de barro, comunidade São Jorge, Médio Marau, 14-09-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Colares, comunidade Santa Maria, rio Urupadi, 13-03-2019. Foto: Sônia Lorenz.

- Tecendo paneiro com cipó açu, comunidade Lírio do Vale, Médio Marau, 16-09-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- *Tessumi*, bolsas de arumã tecidas pelo Tuxaua Calixto Brás, Campo do Miriti, Alto Marau, 07-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

Página 90. *Sari ape* – luva do *Womat*, comunidade Campo do Miriti, 05-07-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 93. Desenho do Porantim. Moronguêta – Um Decameron Indígena. Pereira, Nunes, Volume 2. Editora Civilização Brasileira/INL – MEC, 1980.

Página 96. Tuxaua Donato Lopes da Paz, Tuxaua José Carlos de Oliveira, Tuxaua Plácido Dias de Oliveira, comunidade Simão, Médio Andirá, 06-12-2018. Foto: Sônia Lorenz.

Página 97. Tuxaua Geral do Andirá Amado Menezes e Tuxaua Daniel de Oliveira Souza (Darico), Tuxaua André de Araújo, Capitão Geral do Andirá João Ferreira de Sousa, comunidade Simão, Médio Andirá, 05-12-2017. Foto: Sônia Lorenz.

Página 98. Detalhe do Porantim, rio Andirá, 1982. Foto: Sônia Lorenz.

Página 99. Tuxaua Manoel Francisco do Nascimento com o Porantim, comunidade Terra Preta, Alto Andirá, 1942. Moronguêta – Um Decameron Indígena. Pereira, Nunes, Volume 2. Editora Civilização Brasileira/INL – MEC, 1980.

Página 104. Tuxaua Geral do Waicurapá Rosy da Silva Oliveira, comunidade Vila da Paz, 22/08/2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Euzébio Torquato e Tuxaua Maria de Lurdes Santana, comunidade Santa Isabel, Médio Marau, 14/09/2018. Foto: Sônia Lorenz.

Página 105. Tuxaua Paulino de Oliveira, comunidade São Pedro, igarapé do Quiínha, 20/09/2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Tuxaua Luiz Gomes da Silva e Tuxaua Junho dos Santos Silva, ao fundo agente ambiental Carlito Miquiles de Araújo, comunidade Nova Alegria, rio Waicurapá, 24-08-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Página 111.** Desenho de Pedro de Souza, comunidade Nova Esperança, rio Marau, 10-1078.
- Página 112.** Roça de mandioca consorciada, comunidade Nazaré, Alto Marau, 30-06-2019. Foto Dalton do Valle.
- Página 113.** Menino na roça de mandioca, rio Urupadi, 19-03-2019. Foto: Dalton do Valle.
- Página 120.** Algodão, comunidade Barreirinha, Baixo Marau, 18-09-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Mudanças de guaraná, pau rosa e outras, comunidade Campo do Miriti, 05-07-2019. Foto: Dalton do Valle.
 - Benedito Soares com biribá, comunidade São Bento, igarapé Manjuru, 16-03-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
 - Aderson Manoel Viana de Oliveira (Mura) com *tawari*, casa de árvore para enrolar tabaco, sem data. Foto: autor desconhecido.
- Página 121.** Variedades de milho, Campo do Miriti, igarapé Miriti, 05-07-2019. Foto: Dalton do Valle.
- Arroz do Tuxaua Ferdinando Nazario Ribeiro, comunidade Nazaré, Alto Marau, 30-06-2019. Foto: Dalton do Valle.
 - Tuxaua Pedro da Silva Oliveira com rolo de tabaco, comunidade Barreirinha, Baixo Marau, 18-09-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Página 130.** Florada do guaraná, comunidade Santa Fé, Médio Marau, 17-09-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Página 131.** Pães de guaraná descansando na tala da bananeira. Rio Marau, 1980. Foto: Sônia Lorenz.
- Pedra para ralar guaraná e pedaço de bastão de guaraná, comunidade Monte Sinai, rio Urupadi, 20-03-2019, Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
- Página 134.** Proximidade da comunidade Santo Anjo, Alto Marau, 02-07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
- Página 135.** Nelson Assis Pereira atravessando roça nova de mandioca após queimada, perto da comunidade Simão, Médio Andirá, 24-11-2018. Foto: Dalton do Valle.
- Página 157.** Desenho de animais do centro da mata elaborado pelos agentes ambientais do rio Waicura-pá, 08-2018.
- Página 158.** Alberto Guilherme de Souza fumando tabaco enrolado no *tawari*, região da comunidade Kuruatuba, igarapé Manjuru, 20-03-2019. Foto: Dalton do Valle.
- Página 159.** *Womat* na comunidade Manga, Médio Marau, 1980. Foto: Sônia Lorenz.
- Alinaldo Alves Ribeiro e Rogério Martins Pereira, caçadores da comunidade Santa Maria, rio Urupadi, 20-03-2019. Foto: Dalton do Valle.
- Página 160.** Imagem do satélite Landsat 5TM do Baixo Marau em 1985, capturada por Maurice Tomioka Nilsson, 04-2018.
- Página 161.** Imagem do satélite Landsat 8 do Baixo Marau em 2017, capturada por Maurice Tomioka Nilsson, 04-2018.
- Página 162.** Assando caça, rio Urupadi, 19-03-2019. Foto: Dalton do Valle.
- Página 163.** Móquem com caça e peixe, 2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
- Página 164.** Acampamento próximo da comunidade Conceição, Alto Andirá, 20-05-2019. Foto: Dalton do Valle.
- Página 165.** Barraca de caça Antiokia, Tuxaua Zenilton José da Silva, Lucivaldo Miquiles, Maurice Tomioka Nilsson, Walmir Cristiano Menezes, Sebastião de Castro de Oliveira e Dalton do Valle, Médio Andirá, 12-2018. Foto: Dalton do Valle, modo automático.
- Página 171.** Desenho dos peixes do Alto Marau de Cleudimar Cunha, comunidade Nova Aldeia, Alto Marau, 07-04-2018.

Página 172. Zagaia, igarapé Miriti, 05-07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ribeiro.

- Lanças de mão para pesca e caça, rio Urupadi, 20-03-2019. Foto: autor desconhecido.

Página 173. Pesca com malhadeira, comunidade Nova Aldeia, Alto Marau, 29-06-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

- Menino pescando próximo da comunidade Livramento, Alto Marau, 03-07-2019, Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

Página 176. Rio Marau de água preta, comunidade Nova América, Baixo Marau, 18-09-2018. Foto: Sônia Lorenz.

- Águas vermelhas de nascentes próximas da comunidade Fortaleza, Alto Andirá, 25-05-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 177. Agentes ambientais na confluência do rio Urupadi com o igarapé Desertor, rios de água branca (água barrenta), 18-03-2019. Foto: autor desconhecido.

- Igapó na foz do igarapé Manjuru com o rio Urupadi, 03-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

Página 180. Erivaldo da Silva Oliveira pescando no rio Urupadi, comunidade Monte Sinai, 20-03-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

Página 181. Pescador no igarapé Juma, próximo comunidade Terra Nova, Baixo Andirá. Foto: Sônia Lorenz.

Página 187. Desenho de Pedro de Souza, comunidade Nova Esperança, rio Marau, 10-10-2018.

Página 188. Mel, Alto Marau, 06-2019. Foto: Aderson Manoel Viana de Oliveira (Mura).

- Pães de guaraná, Simão, Médio Andirá, 18-11-2019. Foto: Sebastião de Castro Oliveira.

- Tuxaua Joel Oliveira da Silva com mandioca, comunidade Kuruatuba, igarapé Manjuru, 03-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

Página 189. Sebastião de Castro Oliveira retirando óleo de copaíba com trado, rio Andirá, 28-11-2018. Foto: Dalton do Valle.

- Vanda Michiles, Alvarista Terulino de Oliveira, Simaco Avelino dos Santos, comunidade Campo do Miriti, 05-07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

Página 194. Mandioca de molho, comunidade Nova Aldeia, Alto Marau, 29-06-2019. Foto: Dalton do Valle.

- Tipiti, comunidade Terra Preta, Alto Andirá, 24-05-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 195. Família de Lauro Silva Sebastião torrando farinha na cozinha, igarapé Taracuá, Alto Andirá, 24-05-2019. Foto: Dalton do Valle.

Página 198. Sacas de guaraná torrado, Consórcio Produtores Sateré-Mawe/CPSM, Parintins, 21-04-2018. Foto: Sônia Lorenz.

Página 199. Guaraná em pó da marca NUSOKEN, CPSM, Parintins, 11-12-2017. Foto: Sônia Lorenz.

Página 207. Desenho de Edinaldo Pereira Michiles, comunidade Nova Esperança, Baixo Marau, 07-04-2018.

Página 210. Banheiro sem água corrente, comunidade Cristo Redentor, igarapé Miriti, 06-07-2019. Foto: Jeferson Santos dos Santos.

- Edvaldo dos Santos Oliveira tirando água do poço, comunidade Santo Antônio de Pádua, rio Urupadi, 03-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

Página 211. Torneiras de água de poço na comunidade Santo Anjo, Alto Marau, 02-07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

- Banheiros com água corrente, comunidade Santo Antônio de Pádua, rio Urupadi, 03-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

- Placas solares para acionar o poço na comunidade Novo Remanso, igarapé Miriti, 07-07-2019. Foto: Jeferson Santos dos Santos

- Página 212.** Buraco para descarte de lixo, comunidade Santo Antônio, Alto Marau, 01-07-2019. Foto: Jefferson Santos dos Santos.
- Página 220.** Queixada e farinha de mandioca, rio Urupadi, 18-03-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
- Aracu assado, rio Urupadi, 18-03-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
- *Sahai*, saúva com sal e farinha de mandioca, comunidade Kuruatuba, igarapé Manjuru, 03-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.
- Página 221.** Tacaca com molho de pimenta, rio Marau, 14-11-2017. Foto: Sônia Lorenz.
- Tucumã, miriti, beiju, Alto Andirá, 22-05-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
- Professor Zacarias de Souza Ferreira na feira de sementes, rio Waicurapá, 2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Página 224.** Ambulancha da comunidade Nova Aldeia, Alto Marau, 28-06-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
- Página 225.** Agente de Saúde Simaco Avelino dos Santos, comunidade Campo do Miriti, igarapé Miriti, 06-07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.
- Página 229.** Desenhos de Francisquinho de Oliveira Santana, comunidade Santa Isabel, 12-10-2019.
- Página 238.** Alunos da Livre Academia do *Wará* – LAW, comunidade Simão, Médio Andirá, 09-07-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Página 239.** Professor Zacarias de Souza Ferreira, Professor José de Oliveira, Presidente do CGTSM Obadias Garcia na Livre Academia do *Wará* – LAW, comunidade Simão, Médio Andirá, 08-07-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Página 240.** Lição de casa, Alto Marau, 06-07-2019. Foto: autor desconhecido.
- Página 241.** Lição de casa, comunidade Fortaleza, Alto Andirá, 25-05-2019. Foto: Dalton do Valle.
- Página 248.** Escola na comunidade Marau Novo, Alto Andirá, 2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.
- Página 249.** Escola na comunidade Nova Esperança, Baixo Marau, 09-11-2017. Foto: Sônia Lorenz.
- Página 252.** Apresentação diagnóstico por agentes ambientais, tuxauas e comunitários na comunidade Vila Nova II, Médio Marau, 12-10-2019. Foto: autor desconhecido.
- Jefferson, Cenila, Geraldo, Plácido, Celina, Edium, comunidade Nova Esperança, Baixo Marau, 08-04-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Página 254.** Meninos na comunidade São Francisco, rio Waicurapá, 24-08-2018. Foto: Sônia Lorenz.
- Meninas na comunidade Santa Maria, rio Urupadi, 13-11-2017. Foto: Sônia Lorenz.
- Página 256.** Elaine assinando lista de presença, reunião na comunidade Santa Maria, rio Urupadi, 14-11-2017. Foto: Sônia Lorenz.
- Jacó com nenê, Nova Aldeia, rio Marau, 29-06-2019. Foto: Aloísio Otávio Ferreira.
- Página 258.** Mapa fornecido pela FUNAI, entre 1979 e início de 1980, com delimitação da TI incompleta.
- Página 260.** Mapa fornecido pela FUNAI, com áreas propostas para ampliação dos limites da TI.
- Página 261.** Tuxaua Manoelzinho Michiles e Sônia Lorenz, aldeia Nova Esperança, rio Marau, 1980. Foto: Aurélio Michiles.
- Página 262.** Acampamento na 1ª invasão da Elf-Aquitaine, 1981. Foto: autor desconhecido.
- Acampamento na 1ª invasão da Elf-Aquitaine, ao fundo Raimundo Ferreira da Silva (Dico) 1981. Foto: autor desconhecido.

Página 263. Reunião em 1981, Tuxaua Geral do Andirá Donato Lopes da Paz com Porantim, Tuxaua Geral do Marau Emílio Tibúrcio, Lúcio Menezes e José Michiles. Foto: autor desconhecido.

- Reunião no rio Andirá devido à invasão da Elf Aquitaine, Raimundo Ferreira da Silva (Dico) lendo documento, a sua esquerda Tuxaua Geral do Marau Emílio Tibúrcio, a sua direita Tuxaua Geral do Andirá Donato Lopes da Paz, de costas Tuxaua Manoelzinho Michiles do rio Marau, 1982. Foto: autor desconhecido.

- Tuxauas na mesma reunião, 1982. Foto: autor desconhecido.

Página 264. Lista das comunidades que existiam no território Sateré-Mawé em 1982, Fonte Padre Henrique Uggé.

Página 265. Fotos da 2ª invasão da Elf Aquitaine, 1982. Fotos: autor desconhecido.

Página 266. Jornalista, Donato Lopes da Paz e Raimundo Ferreira da Silva (Dico) na frente da Embaixada da França em Brasília, 27-10-1982. Foto: autor desconhecido.

- Porfírio Carvalho e o Deputado Mario Juruna com as dinamites usadas pela Elf Aquitaine, 1983. Foto: autor desconhecido.

Página 267. Reunião Manaus em 21-08-1984, da esquerda para direita: Aurélio Michiles do Centro de Trabalho Indigenista, Lucio Menezes, Tuxaua Geral do Marau Emílio Tibúrcio, Tuxaua Geral do Andirá Donato Lopes da Paz, Manoelzinho Munduruku, o advogado Edson de Oliveira e Raimundo Ferreira da Silva (Dico). Foto: autor desconhecido.

Página 268. Mapa definitivo da demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau, 1984.

Página 277. Macaco, comunidade Santo Anjo, Alto Marau, 07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

- Pato, Vila da Paz, rio Urupadi, 03-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

- Periquito, comunidade Novo Remanso, igarapé Miriti, 07-2019. Foto: Bruno Batista de Oliveira.

- Filhote de anta, sítio próximo da comunidade Umirituba, Médio Andirá, 26-11-2018. Foto: Maurice Tomioka Nilsson.

- Macacos, comunidade Santo Anjo, Alto Marau, 01-07-2019. Foto: Aloisio Otavio Ferreira.

- Preguiça, comunidade Nazaré, Alto Marau, 30-06-2019. Foto: Dalton do Valle.

Lista de siglas

ACOPIAMA – Associação de Consultoria Indianista da Amazônia

AIS – Agente Indígena de Saúde

AISAN – Agente Indígena de Saneamento

AMISM – Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé

APP – Área de Preservação Permanente

ASAMAV – Associação de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável Social e à Preservação da Cultura Sateré-Mawé do Rio Andirá

CASAI – Casa de Apoio à Saúde Indígena

CCE – Conselho Estadual de Educação Escolar

CFOC – Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental

CGTSM – Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

CONDISI – Conselho Distrital de Saúde Indígena

CP – Capitania dos Portos

CPSM – Consórcio de Produtores Sateré-Mawé

CR-FUNAI – Coordenação Regional da FUNAI

CRI – Cartório de Registro de Imóveis

CTI – Centro de Trabalho Indigenista

CTL – Coordenação Técnica Local da FUNAI

DER-AM – Departamento de Estrada e Rodagens do Amazonas

DSEI – Distrito de Saúde Especial Indígena

DSEI-PIN – Distrito Sanitário Especial Indígena de Parintins

DSG – Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAM – Fundo Amazônia

FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

GATI – Projeto de Gestão Ambiental e Territorial Indígena

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação de Biodiversidade

IDESAM – Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas

IFAM – Instituto Federal do Amazonas

IG – Indicação Geográfica

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

INPI – Instituto Nacional de Proteção Industrial

ITERAM – Instituto de Terras e Colonização do Amazonas

LAW – Livre Academia do Wará

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEC – Ministério da Educação

MJ – Ministério da Justiça

MME – Ministério de Minas e Energia

MOMUPE – Associação dos Agentes de Saúde dos Rios Marau e Urupadi

MPF – Ministério Público Federal

MS – Ministério da Saúde

OIT – Organização Internacional do Trabalho

OPISMA – Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos Rios Andirá e Waikupará

PF – Polícia Federal

PGTA – Plano de Gestão Territorial e Ambiental

PIRAYAWARA – Programa de Formação de Professores Indígenas

PPP-GATI – Programa de Pequenos Projetos

PPPI – Projeto Político Pedagógico Indígena

PREVFOGO – Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais

PROJETO WARANÁ – Projeto Integrado de Etnodesenvolvimento do Povo Sateré-Mawé

SCI DO CPSM – Sistema de Controle Interno do Consórcio de Produtores Sateré-Mawé

SEDUC-AM – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SEPROR – Secretaria de Produção Rural

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SISCOMEX – Sistema de Comércio Exterior

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SPU – Secretaria de Patrimônio da União

TI – Terra Indígena

TUMUPE – Associação dos Tuxauas dos Rios Marau, Urupadi, Miriti e Manjuru

UBS – Unidade Básica de Saúde

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Cristina. LARREULA, Enric. LORENZ, Sônia da Silva. *Cartilha dos cuidados de combate à pandemia do Covid-19 – Povo Sateré-Mawé da Terra Indígena Andirá Marau (AM/PA)*. Centro de Trabalho Indigenista – CTI. Abril de 2020.
- _____. *Meiko Popera Wyti Ahú-Pusi (Covid-19) Etia Wo'Onampín Hap Satere Ywania Haki'i/Marau hy Totiaria (AM/PA)*. Centro de Trabalho Indigenista – CTI. Abril de 2020.
- ALVAREZ, Gabriel O. *Satereria – Tradição e política Sateré-Mawé*. Manaus, Editora Valer/Capes/Prodoc, 2009.
- ALVES, Bernardo. SANTOS, Jefferson Santos dos, Centro de Trabalho Indigenista – CTI. *Gestão Territorial e Ambiental. Yi Esaikap, Cartilha de apoio para professores e jovens pesquisadores Sateré-Mawé*. Parintins, 2018.
- BETENDORF, João Felipe. *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Rio de Janeiro, separata da 1ª RIHG. 1910.
- Centro de Trabalho Indigenista – CTI. *Resumos Temáticos: Expedição nos Rios Marau, Miriti, Urupadi e Manjuru*. CTI, Fundo Amazônia. Parintins, 2019.
- _____. *Resumos Temáticos: Expedição nos Rios Uaicurupá e Andirá*. CTI, Fundo Amazônia. Parintins, novembro de 2019.
- Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé – CGTSM. *Protocolo de Produção do “Pão de Waraná Sateré-Mawé” – Denominação de Origem Protegida*. Parintins, 2010.
- FERREIRA, Igor M. Richwin. NASCIMENTO, Hilton S. MOLINA, Luisa. *Plano de Gestão Territorial e Ambiental Volta Grande do Xingu – Terras Indígenas Paquicamba, Arara da Volta Grande do Xingu e Área Indígena Juruna do Km 17*. Verthic, Norte Energia, 2018.
- GARCIA, Obadias Batista. *Projeto Integrado de Etnodesenvolvimento do Povo Sateré-Mawé da Terra Indígena Andirá/Marau – Projeto Waraná*. Parintins, s.d.
- GOULART, Alexandre et al. *A Experiência do Projeto GATI em Terras Indígenas*. Brasília, 2016.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.) *Em Busca do Bem Viver: Experiências de Elaboração de Planos de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas*. São Paulo, Rede de Cooperação Amazônica – RCA, 2020.
- LORENZ, Sônia da Silva. *Sateré-Mawé, os filhos do guaraná*. São Paulo, Centro de Trabalho Indigenista, Coleção Projetos 1, 1992.
- MELLO, Octaviano. *Topônimos amazonenses*. Manaus. Ed. Governo do Estado do Amazonas, série Torquato Tapajós, v. XIII, 1967.
- MORAIS, Bruno M. e CASTILLA, Eliza (coord.) *Plano de Gestão Territorial e Ambiental Terra Indígena Salto do Jacuí*. Centro de Trabalho Indigenista, Comissão Guarani – YVYRUPA, Associação de Estudos e Projetos com Povos Indígenas e Minoritários – AEPIM. Porto Alegre, agosto de 2017.
- NIMUENDAJU, Curt. *Zur Sprache der Mawé-Indians*. Paris, Journal de la Société des Américanistes, 1929.
- _____. *The Maue and Arapium*. Washington. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, from Bulletin 143, Handbook of South American Indians, v. 3, United States Government Printing Office, 1948.
- PEREIRA, Nunes. *Os Índios Maués*. Rio de Janeiro, Editora Simões, 1954.
- _____. *Moronguetá – Um Decameron Indígena*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira/ INL-MEC, Coleção Retratos do Brasil, 1º e 2º volumes, 1980.

Plano de Gestão Socioambiental Terra Indígena Wajãpi. Conselho das Aldeias Wajãpi (APINA), Associação Wajãpi Terra, Ambiente e Cultura – AWATAC, Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – IEPÉ. Macapá, 2017.

Plano de Gestão das Terras Indígenas Parque Tumucumaque e Rio Paru d' Este. Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana – APITIKATXI, Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai – APIWA, Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – IEPÉ, Macapá, 2018.

Povo Huni Kuin do Igarapé do Caucho. *Nuku Mae, Nu Atitu – Nossa Terra, Nosso Futuro*, Associação dos Produtores e Agroextrativistas Huni Kuin do Caucho – APAHC, Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SEMA/AC, Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit – GIZ. S.d.

REIS, Arthur C. F. *As origens de Parintins*. Manaus, Governo do Estado do Amazonas, 1967.

RODRIGUES, J. Barbosa. *A emancipação dos Mauhes*. Revista da Exposição Antropológica, 1882.

VIANNA, Fernando et al. *Gestão Ambiental e Territorial Indígena no Brasil: Contribuições do Projeto Gati*. Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena, s.d.

CONSOLIDANDO EXPERIÊNCIAS DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL EM TERRAS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA (Guarani, Javari, Sateré-Mawé, Timbira)

Realização

Centro de Trabalho Indigenista – CTI

Apoio

Fundo Amazônia FAM

Coordenação do projeto

Priscila Chianca

Coordenação adjunta do projeto

Helena Ladeira

Assistente administrativo do projeto

Fabício Camargo

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA – CTI

O Centro de Trabalho Indigenista (CTI), fundado em 1979, é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída por profissionais comprometidos com o presente e o futuro dos povos indígenas. Tem como finalidades: contribuir para que os povos indígenas exerçam o controle e a conservação ambiental de suas Terras, garantir o cumprimento de seus direitos constitucionais e apoiar sua afirmação étnica e cultural.

Atua em Terras Indígenas situadas nos Biomas Amazônia, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa. Para saber mais: <https://trabalhoindigenista.org.br>

Presidência

Andréia Bavaresco

Conselho Estratégico

Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão, Maria Elisa Ladeira, Maria Inês Ladeira, Eliza Castilla, Jaime Siqueira e Juliana Noletto

Coordenação Executiva

Jaime Siqueira

Endereços

Sede: CTI Brasília-DF
SCLN 213 Bloco C
Salas 101/104
Bairro: Asa Norte,
Brasília-DF
CEP: 70.872-539

CTI Amazonas-AM
Travessa da Ajuricaba,
n° 05 Bairro:
Comunicações,
Tabatinga-AM
CEP: 69640-000

CTI Maranhão-MA
Palmério de Souza, 485 B.
Bairro: Centro, Carolina-MA
CEP: 65980-000

CTI São Paulo-SP
Rua General Jardim
660, sala 71
Bairro: Vila Buarque,
São Paulo-SP
CEP: 01223-010

Realização



Apoio financeiro



Apoio institucional



Embaixada da Noruega

COMPONENTE SATERÉ-MAWÉ
ELABORAÇÃO DE PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL NA TERRA INDÍGENA
ANDIRÁ-MARAU

Realização

Centro de Trabalho Indigenista – CTI / Ações Estratégicas Sateré-Mawé

Coordenação

Sônia Lorenz

Assessoria Técnica

Clara Vignoli

Assessorias Específicas

Aloísio Otávio Ferreira, Aluísio Azanha, André Michiles, Anndson Brelaz de Oliveira, Carlos Alexandre Demeterco, Caroline Schmaedeck Lara, Dalton Freitas do Valle, Immaculada Oliveras Menor, Maria Francisca Roncero Siles, Maurice S. Tomioka Nilsson, Paulo Adelino de Medeiros, Pollyana Mendonça, Priscila Chianca.

Produção cartográfica

Diogo Azanha

Tradutores

Titular – Bernardo Alves

Artur Batista de Oliveira, Cenila Santos dos Santos, Cris Santos Souza, Cristina Santos de Souza, Franciel Cecilio Batista, Erison Michiles de Souza, Joabson Michiles, Jeferson Santos dos Santos, Jesiel Santos dos Santos, Samuel Lopes, Sidney Michiles.

Agentes Ambientais Indígenas

Aderson Manoel Viana de Oliveira, Adinaldo Guimarães de Almeida, Adriano Miquiles de Oliveira, Alberto Guilherme de Souza, Alcimar Costa de Souza, Benedito Soares, Bruno Batista de Oliveira, Carlitos Miquiles de Araújo, Cleidiomar Cunha, Daniel Ferreira, Denivaldo Alves de Souza, Edinaldo Pereira Michiles, Edvaldo dos Santos de Oliveira, Efraim Michiles Alencar, Gidelmim Ferreira Batista, Ismael de Oliveira da Silva, Jadilson Miquiles de Souza, Joel de Oliveira, Jonoso Cristino de Oliveira, José de Araujo Pereira, Juca Miquiles da Paz, Laidson Batista, Lizaías Menezes de Batista, Lucio da Silva Silva, Lucivaldo Miquiles, Luiz Hortencio de Oliveira, Marcio dos Santos Gastão, Natanael Santos de Souza, Nelson Assis Pereira, Nemuel Michiles de Souza, Nilton Batista de Oliveira, Osmar de Oliveira Batista Filho, Otávio Batista dos Santos Filho, Otede Vieira da Silva, Ronaldo de Oliveira Gastão, Sebastião de Castro Oliveira, Sergio Romero Brito Calixto, Simaco Avelino dos Santos, Waldir Cristiano Menezes, Zenilton José da Silva, Zenildo Rodrigues da Silva.

Apoio especial

Tuxaua Donato Lopes da Paz (*in memorian*) e Tuxaua Geral do Marau Antônio Tibúrcio

Organização parceira



Conselho Geral da Tribo
Sateré-Mawé – CGTSM

EDIÇÃO
PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TERRA INDÍGENA ANDIRÁ-MARAU
Yi Esaikap
2023

Organização

Sônia Lorenz e Pollyana Mendonça

Sistematização de conteúdos

Pollyana Mendonça

Edição final

Sônia Lorenz e Pollyana Mendonça

Tradução para a língua sateré

Edinelson Monteiro, Jeferson Santos dos Santos, Leonardo Miquiles

Assessoria para a língua sateré

José de Oliveira

Revisão

Clara Altenfelder, Pollyana Mendonça e Priscila Chianca

Geoprocessamento e mapas

Diogo Azanha

Projeto gráfico e capa

Antonio Kehl e Sônia Lorenz

Diagramação

Antonio Kehl

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yi Esaikap : plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena Andirá-Marau, povo Sateré-Mawé / organização Pollyana Mendonça, Sônia Lorenz ; coordenação Sônia Lorenz. -- Brasília, DF : Centro de Trabalho Indigenista, 2023.

Vários organizadores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-60028-21-4

1. Cultura indígena 2. Gestão ambiental 3. Povos indígenas (Sateré-Mawé) - Identidade étnica 4. Povos indígenas (Sateré-Mawé) - História 5. Povos indígenas (Sateré-Mawé) - Usos e costumes 6. Povos indígenas - Territórios I. Mendonça, Pollyana. II. Lorenz, Sônia. III. Lorenz, Sônia.

23-168196

CDD-306.089981

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Sateré-Mawé : Terras indígenas :
Planos de gestão ambiental e territorial :
Sociologia 306.089981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



ISBN 978-85-60028-21-4



9 788560 028214